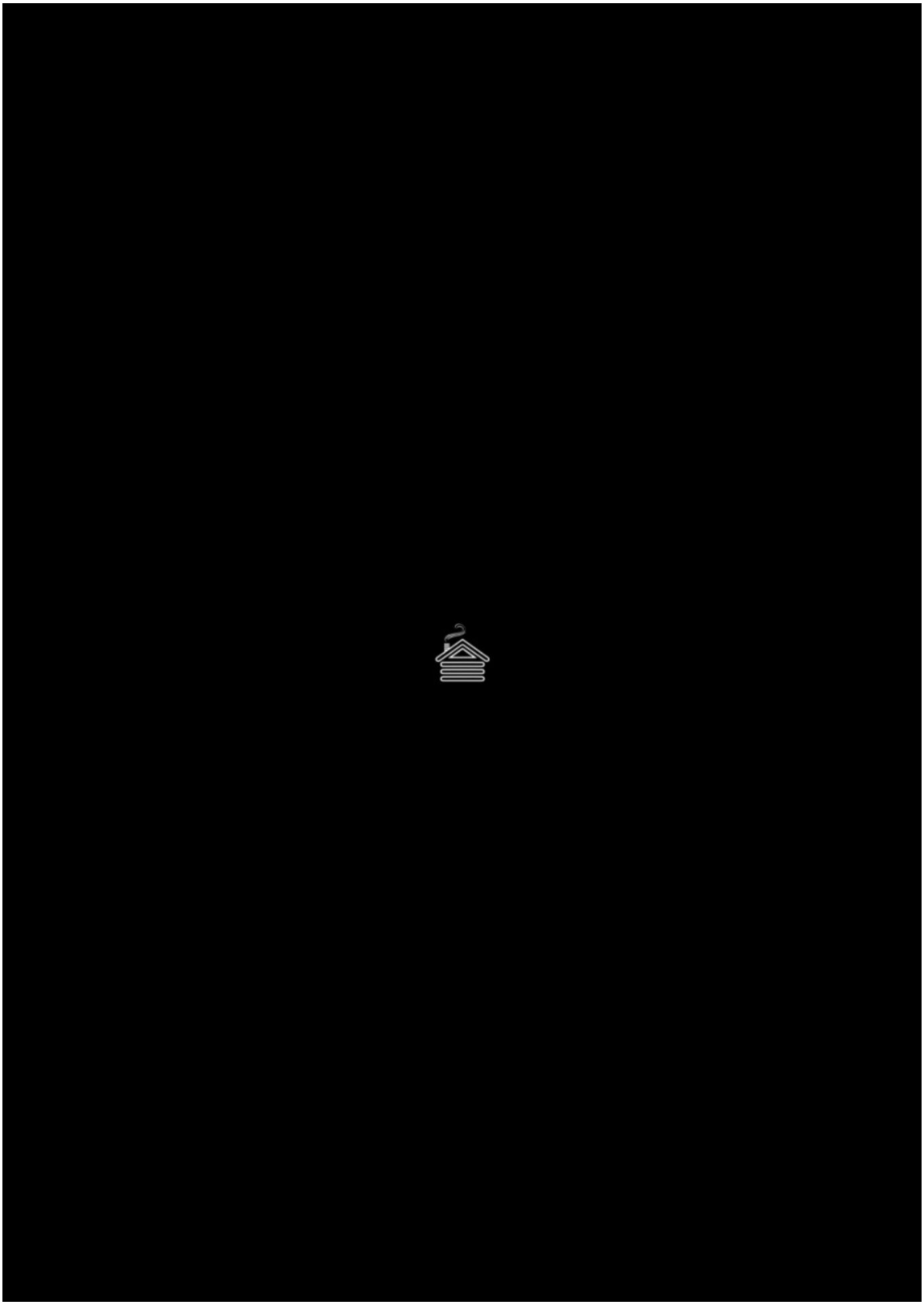

DARK MAJI
LIVRO
I
A SORTE FAVORECE OS CRUÉIS
AUTORA BEST-SELLER USA TODAY
KEL CARPENTER



DARK MAJI
LIVRO
I

A SORTE FAVORECE OS CRUÉIS

AUTORA BEST-SELLER *USA TODAY*

KEL CARPENTER

Sumário

Título
Sinopse
Epígrafe
Capítulo 01
Capítulo 02
Capítulo 03
Capítulo 04
Capítulo 05
Capítulo 06
Capítulo 07
Capítulo 08
Capítulo 09
Capítulo 10
Capítulo 11
Capítulo 12
Capítulo 13
Capítulo 14
Capítulo 15
Capítulo 16
Capítulo 17
Capítulo 18
Capítulo 19
Capítulo 20
Capítulo 21
Capítulo 22
Capítulo 23
Capítulo 24

Capítulo 25
Capítulo 26
Capítulo 27
Capítulo 28
Capítulo 29
Capítulo 30
Capítulo 31
Capítulo 32
Capítulo 33
Capítulo 34
Capítulo 35
Capítulo 36
Capítulo 37
Capítulo 38

Título Original:

Fortune Favors the Cruel: An Epic Fantasy Adventure (Dark Maji Book 1)

A sorte favorece os cruéis Copyright © 2019 Kel Carpenter
A sorte favorece os cruéis Copyright © 2024 Kel Carpenter

Diretora Editorial: Elaine Cardoso
Assistente Editorial: Tiago Toy
Tradução: Elaine Lima
Preparação: Tiago Toy
Revisão: Patrini Viero
Capa: Trif Book Design
Diagramação digital: I A N D R A D E

Todos os direitos reservados.



Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte dessa obra pode ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma e/ou quaisquer meios ou arquivada em qualquer sistema ou banco de dados sem permissão escrita do autor.

Violação de direitos autorais é crime estabelecido pela lei 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

Esta é uma obra de ficção, qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

Sinopse

A sorte favorece os cruéis é um romance de fantasia dark fascinante repleto de crueldade. Perfeito para todos os fãs de The Witcher e da Trilogia das Joias Negras.

Após se libertar das correntes da escravidão, a única coisa que Quinn Darkova quer é vingança contra aqueles que a venderam. Mas com seus poderes sombrios surgindo e sua ascensão se aproximando, a retribuição de sangue terá que esperar, antes, ela precisa encontrar um jeito de permanecer viva.

Lazarus Fierté é um nobre sem igual. É tão controlador quanto teimoso e, nos últimos seis anos, está esperando que uma mulher apareça..., mas não uma mulher qualquer. Uma Maji de grande poder, capaz de coisas terríveis e que pode ser a chave para tudo o que ele mais ama.

Sua salvadora... ou sua ruína.

A única coisa que não previu foi que ela se tornaria ambos.

Atenção: esta é uma série de fantasia dark. Há um enredo secundário de romance e sexo explícito com consentimento entre os protagonistas, mas o tema é de natureza sombria. Os personagens não são heróis. Esta não é uma história em que todos salvam o dia.

Epígrafe

Algumas pessoas trazem à tona o pior em você; outras, o melhor. No entanto, há aquelas notavelmente raras e viciantes que despertam em você o máximo… de *tudo*. Fazem você se sentir tão vivo a ponto de querer segui-las até mesmo para o inferno, apenas para continuar recebendo a sua dose diária delas.



Karen Marie Moning, *Shadowfever*

Capítulo 01

O encontro no mercado

“Se a sorte fosse deixada ao destino, então seria de fato uma coisa cruel.”
– Quinn Darkova, ex-escrava.

Fios de prata chicoteavam seu rosto enquanto um vento errante roçava os antebraços nus, provocando arrepios em seu rastro.

Quinn estremeceu, depois fez uma pausa.

O mercado no sul de Dumas estava animado, cheio de rostos felizes e crianças brincando. O sol brilhava e a brisa carregava a areia. Era o mesmo de sempre e, no entanto, não era.

O cheiro de carnes defumadas e água salgada encheu suas narinas, mas havia algo mais no ar. Algo mais sutil. Uma escuridão em meio àquela cena pacífica. Quinn olhou para a fileira de tendas bem iluminadas, parando por apenas um momento até que alguém esbarrou nela.

— Desculpe — sussurrou. Um estranho passou apressado por ela, murmurando um xingamento.

Deixando de lado a sensação estranha, virou-se e abaixou para entrar na tenda à sua direita.

— Quinn — disse a mulher de meia-idade em saudação. — Já chegou a hora de novo? — A mulher se levantou e as faixas coloridas de seu vestido de retalhos caíram soltas aos seus pés.

Quinn pressionou os lábios em um sorriso apertado e estendeu a mão para a parte de trás do pescoço, levantando o cordão de couro.

— Parece que sim, Jada — respondeu, seus dedos roçando a pedra de opala negra que pendia da ponta. A coisa brilhou por um breve segundo e Jada franziu a testa.

— Renovei a barreira há apenas duas semanas… — começou Jada, seus olhos castanhos se enchendo de preocupação e receio.

Os dedos de Quinn se apertaram ao redor do amuleto, sua expressão neutra ficando fria enquanto tentáculos de medo emanavam da pele cor de ferrugem da outra. Afundava nos poros de Quinn como se atraído por seu próprio poder. Era nauseante.

— Não está funcionando.

Jada engoliu em seco por um momento, os olhos passando da pedra pulsante para o rosto de Quinn.

— Se não está funcionando, não é porque o feitiço enfraqueceu — disse Jada, cautelosa. — A renovação deveria ter durado, pelo menos, mais duas semanas…

Quinn mordeu o interior da bochecha quando as sombras sob a pele de Jada se agitaram mais. Para piorar seu incômodo, o cheiro de ervas daninhas da meia-noite e pétalas úmidas ficou mais forte.

Por que sempre a temiam?

Seriam as marcas na pele dela, de todos os seus mestres anteriores? Talvez fosse o tom calmo que usava ao falar: com sotaque, mas sem emoção. Ou talvez, apenas talvez… fossem aqueles seus olhos azuis como gelo… a cor cristalina tingida de escuridão.

— O amuleto não está funcionando e você é a única boticária que aceita me atender. — Quinn deu um passo à frente enquanto Jada dava um para trás.

A aba da lona branca atrás dela se moveu quando uma criança entrou e correu ao redor da mesa de madeira frágil. Ela parou no instante em que viu a expressão no rosto da mãe. Jada a puxou de lado e sussurrou uma pequena advertência sobre perturbá-la enquanto havia clientes ali. Quinn fingiu não notar a maneira como protegia a menina com o corpo, ou como mandou a criança ir para os fundos da loja em vez de voltar para as ruas.

— Minhas sinceras desculpas — disse Jada. — Como estava dizendo, quero ajudá-la, Quinn. De verdade…

Jada abriu a boca para continuar, mas Quinn desviou o olhar, um formigamento familiar se espalhando por seus membros enquanto cerrava a mandíbula para se manter sob controle.

— Está me dizendo que não há nada que possa fazer para que isso volte a funcionar direito? — perguntou, envolvendo os nós dos dedos na corda de couro e segurando-a. As veias coloridas que corriam através da opala negra se acenderam, raios brilhando através das rachaduras na tenda.

— Magia não é algo fácil, Quinn. É difícil até mesmo para aqueles de nós que têm pergaminhos antigos e poções para auxiliar. Não se sabe muito sobre o seu tipo, e…

— Consegue fazer *qualquer coisa*? — perguntou Quinn. Era a última vez que o faria. Não foi até lá atrás de desculpas, e sim de algo que desse um jeito naquilo. Uma solução para o seu problema, mesmo que temporária. Uma barreira.

— Não… eu… talvez… — disse Jada, juntando as mãos. — O melhor que posso fazer é renovar o feitiço, mas se o atual não durou, não sei se adiantará de algo.

Quinn deixou cair a pedra sobre a mesa com um baque pesado.

— Faça.

— Ainda serão quinze moedas de prata…

— Eu sei — retrucou Quinn.

O serviço era caro e drenaria a maioria da pequena quantia que economizou, mas estava desesperada. Se não fosse capaz de manter sua magia sob controle, seria apenas questão de tempo até que outro acidente acontecesse, e não podia se dar ao luxo disso ou haveria um laço em volta do pescoço antes que a semana terminasse.

Quinn contou as quinze moedas solicitadas e nem um cobre a mais. Jada passou a mão sobre a mesa e as empurrou para uma bolsa de couro, então começou a trabalhar. Seus dedos finos apanharam algumas ervas que moeu num pó fino. Quinn ficou de lado, os braços cruzados e a expressão franzida de preocupação, ouvindo o movimentado mercado do outro lado da barraca.

— Sangue — pediu Jada.

Quinn puxou a adaga que mantinha embainhada sob a camisa larga feita

de juta e se aproximou até pairar a mão acima da tigela feita de barro escuro como ônix. Teve apenas um registro breve da lâmina passando por sua pele antes que gotículas vermelhas caíssem na solução. Quando o sangue tocou a mistura, ela se moldou em um fluido claro, ficando mais translúcida a cada momento que passava. Quinn se afastou, limpando a lâmina ensanguentada na perna da calça antes de guardá-la, enquanto Jada murmurava um encantamento em uma língua estrangeira e mergulhava três vezes a opala preta.

O verniz endureceu e depois se rompeu, deixando as veias de cor da pedra brilhando.

Jada estendeu a mão e Quinn pegou o amuleto de volta, franzindo um pouco a testa quando o habitual silêncio feliz da magia não caiu de imediato sobre ela.

— Fez o feitiço?

— Sim — respondeu Jada, menos entusiasmada do que o normal. — Mas posso dizer pelo seu rosto que não foi o resultado que esperava. — Despejou a mistura estranha em um frasco sem identificação e voltou a se sentar diante de Quinn. — Você está chegando ao seu pleno poder, e em breve, até mesmo este feitiço não a ajudará.

— Quando? — perguntou Quinn, baixinho. — Quanto tempo tenho?

— É difícil dizer — murmurou Jada. — Mas nesse ritmo, se fosse você, não me incomodaria em voltar a me ver. Terá que aprender a controlar seus poderes e os… — Fez uma pausa, uma pontada de simpatia em sua expressão ao completar: — Efeitos colaterais.

Quinn apertou os lábios e desviou o olhar enquanto deslizava o cordão de volta ao pescoço e enfiava o amuleto na camisa. A opala negra se aconchegou entre os seios pequenos, a pedra fria contra a pele e muito menos opressiva quanto deveria estar.

— Obrigada — sussurrou Quinn. — Pode não me salvar da forca — engoliu em seco e olhou para o teto da tenda —, mas você me fez ganhar tempo nesses últimos meses.

Não olhou para Jada quando partiu; não queria ver a pena nos olhos dela. Apenas abaixou a cabeça e estendeu o braço, atravessando a abertura. A aba se fechou atrás dela e, com isso, estava sozinha mais uma vez em meio a uma multidão de pessoas.

O sol estava alto no céu, seus raios aquecendo o mercado movimentado. Flores frescas murchavam no calor escaldante de Dumas, uma miragem dançando no horizonte. Quinn desviou o olhar da ilusão sedutora e virou no beco mais próximo. Suas botas gastas estavam quase silenciosas enquanto se mantinha nas sombras, mas nem tudo estava quieto.

O som agudo de um chicote encontrando a carne chegou aos seus ouvidos como um eco do passado.

Quinn parou no meio do caminho. Suas mãos ficaram frouxas ao lado do corpo ao olhar para o vazio adiante. Um segundo estalo cortou o ar e Quinn estremeceu.

Uma mulher gritou e um bebê começou a chorar. O tempo todo, os grunhidos abafados de um homem e os golpes duros do chicote inundaram os sentidos de Quinn.

Suas mãos ficaram ao lado do corpo enquanto tentava resistir ao chamado, fazendo de tudo para desafiar a compulsão. Lutou para fazer algo, qualquer coisa que não fosse aquilo do qual sabia que não podia resistir.

Sem perceber que sua escolha já havia sido feita, Quinn se virou e começou a atravessar o mercado, seguindo os sons da disparidade. Outro vento rebelde a atingiu, soprando os longos fios para longe do rosto. Seus dentes roçaram o lábio inferior, mordendo quando o estalo do chicote soou outra vez. O cheiro de cobre e o gosto metálico na boca fez Quinn parar diante do pátio. Estendeu a mão e pressionou um dedo nos lábios. Saiu vermelho.

Crack.

Olhou para além daquele dedo ensanguentado até o homem na rua. Ele usava uma camisa de juta esfarrapada, não muito diferente da dela. Cabelos castanhos escuros pendiam de sua cabeça em mechas suadas, e em sua bochecha, manchada, mas visível, estava a marca de um escravo.

O coração de Quinn começou a bater tão alto que era capaz de ouvir sua pulsação quando o chicote do mestre de escravos desceu de novo. Gavinhas negras que só Quinn podia ver serpenteavam pelos braços do escravo enquanto ele os usava para tentar proteger o rosto do ataque brutal.

— Estúpido. Patético. Fraco. — O mestre cuspiu cada palavra de insulto com um golpe.

Atrás dele, uma mulher gritava na fileira de escravos, lágrimas

escorrendo como rios e deixando listras prateadas pelo rosto. O bebê nos braços dela, envolto em trapos sujos, berrava a própria indignação.

Quinn não pensou quando seus pés se moveram em direção ao homem. Não registrou o que estava fazendo ao mesmo tempo que uma clareza calmante e fria se instalava em seus ossos. Ela não sabia o quanto o medo do homem, da mulher e do bebê a chamava.

As únicas coisas em sua mente eram um chicote, sangue e silêncio.

O mestre atacou mais uma vez, virando a cabeça para olhar para a multidão, a ponta da fina arma de couro caindo na rua coberta de areia. A bota de Quinn pisou no chicote, segurando-o no lugar enquanto o homem puxava o braço de novo. Ele se virou quando percebeu que a arma não se mexia. O suor manchava sua pele, as bochechas vermelhas de raiva e esforço, a pele bronzeada áspera e escurecida em manchas irregulares. Tinha uma barba aparada com esmero e olhos negros, mas esses detalhes eram triviais para Quinn. O olhar dela seguia o caminho desde a ponta do chicote sendo sacudido sob a bota até o cabo que ele segurava com força.

— Detesto chicotes — murmurou ela. Sua voz estava distante de um jeito estranho, o rugido na cabeça mais alto do que suas palavras. O som a consumindo de forma que a impedia de ouvir, sentir ou pensar em qualquer outra coisa. Foi isso que a impediu de ver a figura sombreada em sua visão periférica.

— Quem você acha que… — começou o mestre de escravos.

— Não importa — respondeu Quinn em voz baixa. Ajoelhou-se, os dedos alcançando o cabo de couro liso. Pegou a ponta fina do chicote, arrastando as unhas ao longo da extensão ensanguentada.

Sem nenhum aviso, a mão esquerda dela o envolveu e a direita estendeu para alcançar a adaga. Aquela que sempre mantinha consigo, sua bainha repousando sobre a marca de um mestre de muito tempo atrás. Um que tinha o mesmo impulso detestável que este homem: espancá-la até a beira da morte. Ela nunca mais foi a lugar nenhum desarmada depois disso. Mesmo quando se tornou ela própria uma arma tanto quanto o pedaço afiado de metal que carregava.

Com um movimento do pulso, a adaga disparou. Um som de tendões rompendo e ossos estilhaçando. Um grito angustiado quando o homem deixou cair o cabo do chicote.

A adaga se projetava da mão dele, saindo do outro lado. O vermelho manchou a ferida aberta, escorrendo pelo aço reluzente e pingando na rua coberta de areia.

Quinn nem sequer piscou para a confusão que tinha feito. A violência estava em seus ossos, a brutalidade em seu sangue. Balançou o chicote e a ponta grossa voou direto para o rosto do homem.

Um estalo ensurdecedor soou e sombras se reuniram sob a pele dele: medo. Aquilo que a chamava.

Ela lambeu o gosto de cobre dos lábios e lançou o chicote uma vez, e depois outra.

A ponta de couro golpeou o rosto do homem até transformá-lo em uma bagunça machucada e quebrada. Os vasinhos nos olhos estouraram, deixando-os em um tom grotesco de rosa. A pele sobre as maçãs do rosto se partiu e, quando ele cuspiu, um bolo de sangue e muco saiu, dois de seus dentes caindo na poça.

Mesmo assim, Quinn não parou.

Nem quando a respiração dele se tornou superficial ou o fedor de mijo se espalhou pela rua. Ou quando a ponta grossa do chicote se enrolou no pescoço do homem, sufocando-o.

Não parou quando arrancou a adaga da mão dele, apenas para erguê-la…

— Pare.

Quinn piscou. O rugido se aquietou. De uma só vez, a bolha de silêncio ao seu redor estalou e ela ouviu: os gritos, os soluços, os berros… o caos. O estalar do chicote era como uma canção, levando-a a um estado no qual havia apenas raiva, apenas dor.

O som da voz de um homem, tão tenebrosa quanto uma sombra, profunda como o oceano e poderosa o suficiente para reverberar por cada osso do seu corpo, foi o que a tirou do transe. Dedos quentes pararam a mão com a qual ela segurava a adaga. Quinn fez uma pausa e ergueu os olhos, observando o homem que a havia impedido.

Com o céu e a luz do sol atrás, uma criatura de selvageria e sensualidade a encarava de cima. Os olhos dele eram diferentes de qualquer outro que ela já tinha visto. Eram brasas, queimando por dentro, sem uma mancha de cor à vista. Seus lábios se separaram e sua respiração falhou, mas apenas por um instante.

Aqueles olhos eram tão… ferozes. Havia uma cólera naquele homem que Quinn não havia encontrado em outros, nunca. Ela recuou um passo e ele parou, esperando, antes de soltar o punho dela.

Então se recompôs, uma máscara de indiferença caindo sobre ela enquanto permitia que seus olhos percorressem o corpo do homem. Longos cabelos pretos, a cor do céu escuro, pendiam em fios grossos em torno de um rosto que tinha visto mais do que sua parcela de lutas. A pele era bronzeada, mas uma cicatriz esbranquiçada se estendia da sobrancelha esquerda até a bochecha. Outras manchas menores de feridas antigas e curadas pontilhavam seu rosto, tornando-o ainda mais impressionante.

Para Quinn, aquele era um tipo estranho de beleza.

Ele usava os tecidos finos de um nobre que valia o peso dela em ouro, e dois anéis adornavam sua mão esquerda, mas nenhum agraciava a direita, Quinn notou enquanto dava um passo para longe, voltando aos poucos a seus sentidos.

— Quem é você? — perguntou o homem a ela.

Os gritos ficaram mais altos quando uma multidão começou a se formar ao redor deles. Quinn não poupou um olhar ao senhor dos escravos. Nunca tinha matado antes, embora tivesse chegado perto. Apesar de seus deslizes com essa loucura indiferente e fervorosa que às vezes a dominava, a honra de sua primeira morte estava reservada para alguém que lhe devia reparação e, portanto, não queria ou se importava de saber se aquele mestre de escravos estava morto ou vivo.

Quinn deu um passo para longe, abaixando devagar a adaga para o lado. Não a guardou. Ainda não.

— Ninguém — deu a resposta, e voltou para a multidão.

Um toque soou na praça e os ocupantes do mercado se espalharam, confusos e com medo. Os sinos significavam apenas uma coisa: soldados. Guardas da cidade, para ser exato. Ela congelou.

— Não — disse o homem. Ele não se mexeu. Nenhum dos dois o fez, mesmo enquanto as pessoas nas ruas se espalhavam como ratos à sua volta. — Você é alguém.

Quinn começou a balançar a cabeça e ele a deteve com um olhar afiado.

— Você é alguém como eu — afirmou o estranho.

Isso a fez parar.

Ele quis dizer…

As ruas esvaziavam à medida que o bater dos cascos contra o morteiro trovejava pela cidade. Ela precisava dar o fora. Caso a pegassem com a evidência de suas ações ainda sangrando atrás dela, jamais descobriria se a última tentativa de Jada para manter sua magia sob controle havia funcionado. Seria enforcada antes do fim do dia.

Quinn se virou para partir, mas algo a impediu. Foi surpreendente: um sussurro de ar tocou seu rosto. O frio do inverno que não pertencia ali.

— Vou encontrá-la depois de cuidar disso — disse ele.

Quinn não precisava perguntar ao que se referia. Também não queria saber como ele cuidaria daquilo. Por mais que o estranho a intrigasse, havia acabado de se tornar uma mulher procurada, algo que não deveria ter feito. Ainda assim, olhou para trás.

— Improvável — respondeu com uma carranca.

Então desapareceu nas sombras, onde pessoas como ela pertenciam.

Onde deveria ter ficado.

Capítulo 02

O baile sombrio de máscaras

"Espelhos refletem os monstros que ninguém mais pode ver."

– Quinn Darkova, ex-escrava e possível assassina.

Quinn olhou para a superfície reflexiva e cintilante de seu espelho no camarim. Podia ouvir os barulhos distantes dos outros atos da noite se preparando do lado de fora. Levantando a pedra de opala que repousava entre os seios, examinou as rachaduras na superfície. Fazia pouco tempo, e mesmo assim a magia com a qual Jada havia encantado a pedra naquela manhã já tinha desaparecido. Suspirando, guardou-a de volta sob a gola do vestido.

Uma batida na porta ecoou por toda a pequena sala apenas um momento antes de a abrirem um pouco para dentro.

— Está pronta? — perguntou uma voz familiar. A parte superior de uma cabeça com cabelos loiros cor de areia espreitou por trás da madeira.

— Quase — disse Quinn. — Estarei em breve.

— Bom — respondeu Caine, seus olhos castanhos opacos a observando antes de deslizarem para longe. — Hastings está procurando por você.

Quinn estreitou o olhar para o jovem. Ele quase nunca a olhava nos olhos quando dava más notícias, o que significava que, fosse lá o que Hastings queria… não era algo bom.

— Tudo bem — retrucou. — Irei daqui a pouco.

Ele assentiu e recuou em silêncio, deixando a porta fechar atrás de si. Quinn voltou a encarar o espelho e pegou um frasco de pó branco. Se é que era possível, a mistura a fez parecer ainda mais pálida. Era disso que precisava hoje.

Nas noites em que era o ato principal do show, precisava parecer um fantasma – não que fosse difícil. Olhos frios e vítreos a encaravam de volta enquanto espalhava o pó sobre as bochechas, a testa e o nariz. Pouco antes de terminar, passou um pouco sobre os lábios, de modo que, mesmo ali, estivesse destituída de todas as cores.

Colocando o frasco de volta no lugar, ergueu a saia branca e se dirigiu para o corredor que levava ao palco principal. Vários assistentes de palco a viram se aproximar e se dispersaram. Podia ouvir Hastings gritando com alguém no palco principal quando entrou por trás de uma cortina alta e mofada.

O teatro estava quase desmoronando. O telhado vazava e as paredes eram finas, proporcionando quase nenhum alívio para o calor do verão eterno em que Dumas parecia estar, mas havia lhe dado santuário quando ela não teve nenhum. Podia não ser um lar, mas servia por enquanto.

— Precisava de mim? — perguntou Quinn.

Hastings, um homem de rosto avermelhado com uma barba ruiva encaracolada, virou-se e lhe deu um olhar irritado.

— Ouvi dizer que houve um incidente no mercado hoje.

— Houve? — Quinn olhou para ele, seu rosto impassível.

— Aham. — Acariciou a barba. — Por acaso sabe o que aconteceu?

— Por que eu saberia?

Hastings parou e afastou os dedos gordos parecidos com salsichas do rosto, semicerrando os olhos para ela com uma expressão cruel.

— Se eu descobrir que você fez algo para prejudicar o meu negócio, vou…

— Vai me expulsar — Quinn o cortou, seu tom seco. — Você já me informou disso. Muitas vezes, devo acrescentar.

— Apenas se certifique de estar pronta para o seu ato. As portas abrem em vinte minutos — resmungou Hastings, esbarrando nela ao passar.

E lá se foi ele, gritando com os assistentes de palco no caminho. Caine, seu secretário sempre presente, esgueirou-se por trás da cortina e o seguiu.

Quinn os observou ir antes de se virar para o salão aberto, onde várias fileiras de bancos estavam ancoradas nos pisos duros. Em pouco menos de meia

hora, o salão seria preenchido de parede a parede com pessoas de todas as formas, tamanhos e cores. Todos querendo ver um pouco de si mesmos que tão raramente vinha à tona. E ela estava mais do que disposta a dar isso a eles.

Por um preço.

Quando as luzes diminuíram, Quinn se retirou do palco. O eco dos sussurros começou a encher o ar quando Hastings, vestido com seu casaco esfarrapado, assumiu o centro do tablado. Sua voz estrondosa ricocheteou pelas paredes, silenciando a multidão.

— Bem-vindos, cidadãos fiéis, ao baile sombrio de máscaras. Se já nos agraciou antes, talvez tenha visto alguns dos nossos atos. Decerto a sua curiosidade o tenha trazido de volta. Se essa é a sua primeira vez e não têm certeza do que esperar, segurem-se em seus assentos, senhoras e senhores. O show que estão prestes a vivenciar é como nenhum outro…

Quando o aviso reverberou no silêncio do teatro e desvaneceu, Hastings ergueu o grosso punho e jogou um pequeno frasco no chão aos seus pés. O objeto se estilhaçou na madeira e uma grande nuvem de fumaça surgiu. Um momento depois, seu corpo maciço deslizou para trás das cortinas e ele apressou o primeiro ato para entrar no palco: um par de gêmeos cuspidores de fogo com máscaras pretas cobrindo seus rostos.

Quinn ficou de lado, segurando a própria máscara que trouxeram de sua penteadeira. Assistiu um ato após o outro pisar no palco, encantando as multidões com seus estranhos talentos. Perto do fim, Hastings se aproximou.

— Está quase na sua hora.

Ela assentiu, levantando as mãos e amarrando os fios macios de tecido ao redor da cabeça. A máscara não era para esconder suas feições, apenas para acentuar sua estranheza para a multidão ao desempenhar seu papel no baile sombrio de máscaras de Hastings. O homem olhou para ela enquanto Quinn espiava entre as cortinas, olhos fixos em um ponto distante além da multidão.

Com um gesto de cabeça, Hastings se dirigiu para o tablado, desviando por trás conforme o último ato se movia para os bastidores e depois para o corredor. Algo estava diferente na multidão esta noite. Todos caíram em silêncio quando ele acendeu uma única vela no meio do estrado. Sua voz se espalhava por toda a sala ao mesmo tempo em que figuras escuras moviam vários espelhos grandes para a frente das cortinas, abrangendo toda a extensão do palco. Os reflexos das pessoas as miravam de volta.

— Esta noite — disse Hastings — temos algo especial para vocês.

Quinn fechou os olhos enquanto ele falava, ouvindo o vento assobiando pelas fendas das portas na parte de trás do teatro e o zumbido da emoção ofegante da multidão.

— De uma terra distante, o baile sombrio de máscaras traz a vocês algo… —Hastings parou, suas palavras oscilando em um tom melodramático. — Único — terminou. — Um fantasma do entremundos. Por favor, deem boas-vindas ao palco… *Mirior*.

As cortinas se abriram numa brecha e a respiração da multidão quase parou quando Quinn contornou a parede de espelhos. O silêncio a saudou quando Hastings desapareceu nos fundos, afastando-se da luz da vela.

Movendo-se com beleza graciosa, Quinn deslizou pelo palco, seus passos não fazendo qualquer som. Foi então que os sussurros começaram. No início foi lento, como um arrepio sombrio na plateia, mas à medida que Quinn se aproximava da vela, permitindo que o brilho fraco do fogo cintilasse sobre suas feições, o barulho cresceu.

Gavinhas pretas ergueram-se de indivíduos na multidão como fumaça subindo. Quanto mais opacos os fios, mais temerosa era a pessoa. Quinn fechou os olhos, estendeu a mão e apagou a chama com o polegar e o indicador. Os fios de medo se transformaram em rios, fluindo para fora e ao redor dela quando a escuridão desceu sobre o lugar.

Os assistentes de palco se apressaram para acender as velas colocadas na extremidade superior de cada espelho. Quinn virou as costas para o público e levantou as mãos pálidas. Apontou as gavinhas para os espelhos e elas seguiram.

Os reflexos do público ondularam à sua frente e houve vários suspiros atrás dela. A expressão de Quinn não vacilou. Abaixou as mãos e avançou, passando por um espelho e depois por outro, até ficar do outro lado do palco. Olhou para o público, notando que as pessoas estavam encantadas com o que viam. Então ela se moveu, roçando as pontas dos dedos pelos vidros conforme passava por eles. Dentro dos espelhos, as gavinhas que controlava foram trazidas à vida.

Apareceram imagens. As pessoas começaram a gemer e chorar. Algumas respiravam fundo, mas não encontravam alívio. Várias viraram o rosto, cerrando as mandíbulas e rezando para que o que viram não fosse real.

Quando Quinn chegou à parada final na extremidade do palco, no último espelho, encontrou um par de olhos brilhantes em seu reflexo. Franzindo a testa, virou e seguiu aquele olhar até seu dono, e um choque de reconhecimento a tomou.

Era o homem do mercado. Ele a encontrara.

As velas acima dos espelhos foram apagadas antes que a multidão ficasse agitada demais, e Quinn desapareceu atrás das cortinas enquanto os espelhos eram removidos e Hastings corria para acalmá-los com o último ato da noite.

Quinn não tinha ideia de quais eram as imagens que as pessoas enxergavam nos reflexos, apenas que mostrava seus medos mais profundos e sombrios. O medo de cada pessoa era diferente, mas nos espelhos era exposto e trazido à vida.

Esta noite, porém, um dos seus próprios receios tinha tomado forma.

Não esperava vê-lo outra vez, muito menos ali. Mas lá estava ele, sentado na plateia com os olhos fixos nela, observando cada movimento. Perguntou-se se ele sabia, se a procuraria de novo, ou se contaria a Hastings o que acontecera naquele dia.

Quinn caminhou depressa pela área dos bastidores, arrancando a máscara do rosto. Caine correu atrás dela, tentando detê-la, mas ela o afastou com uma carranca irritada. Quinn entrou com tudo no camarim e fechou a porta na cara do rapaz, jogando o corpo contra a madeira e olhando para sua imagem pálida no espelho da penteadeira do outro lado da sala.

Por mais que estivesse preocupada com o estranho, não detectou medo em seus olhos. Não. Em vez disso, viu algo muito mais perigoso…

Curiosidade.

Capítulo 03

O estranho na noite

"Coincidências não existem. Apenas motivações desconhecidas."

– Quinn Darkova, ex-escrava, possível assassina e artista relutante.

O rugido abafado da multidão deu lugar a um silêncio confortável enquanto Quinn se despia de sua personagem e o anfiteatro esvaziava. Com um suspiro, pendurou o vestido branco com cuidado e limpou de sua pele todos os vestígios da pintura facial.

Vestida com nada além de roupas íntimas e uma camisa de juta folgada, pegou um dos três livros que possuía e uma maçã com a pele já começando a murchar. Estava um dia passada, mas ela e o pedaço de pão eram toda a refeição, além do alojamento, que Hastings estava disposto a fornecer aos seus artistas. Precisava deles vivos, mas bem alimentados não era um requisito.

Quinn se aproximou da frágil escada na parte de trás de seu camarim e subiu até o pequeno quarto onde havia uma cama desconfortável e um cobertor velho. Suspirou; não estava feliz, mas contente, por enquanto. Esta noite seria a sua última naquele lugar, depois da façanha que tinha aprontado no mercado. Era apenas questão de tempo até que os guardas viessem procurá-la, e embora Hastings não fosse de dedurar, não tinha tanta certeza quanto a Caine. O rapaz era um verdadeiro oportunista. Se houvesse qualquer trocado envolvido, não importava quem prejudicaria. Além disso, havia o fato de ela ter visto aquele homem na plateia esta noite. Mas não tinha a menor chance de permitirem que ele fosse ao camarim dela. Hastings jamais deixou que os membros da audiência conhecessem os artistas.

Entrou em sua área de dormir improvisada e riscou um fósforo, acendendo a lâmpada a óleo ao lado da cama. Pegando seu livro, o abriu na

página que havia parado e começou a recitar a história em voz alta em sua língua nativa. Aquela com a qual não falava com ninguém há mais de dez anos, mas que se recusou a esquecer. Um dia voltaria a precisar.

Uma batida veio e Quinn franziu a testa, seus olhos disparando até a porta. Quando não abriu de imediato, seus lábios se apertaram. Ninguém a incomodava depois de um espetáculo, não quando o medo ainda estava tão desenfreado em seu sistema. Não a afetava da mesma forma que fazia com eles – em vez disso, agia como uma droga, baixando as barreiras que continham seu poder sombrio à medida que a magia tentava emergir. As pessoas sabiam que não deveriam incomodá-la nesse momento.

Quinn fechou o livro e o deixou de lado, descendo a escada. Houve outra batida e ela se preparou, enrolando seus dedos em torno do cabo vacilante. Escondendo parte do corpo atrás da porta, girou a maçaneta e abriu uma brecha.

Uma mão parou diante da porta, obviamente pronta para bater outra vez, depois abaixou. O coração de Quinn disparou quando os olhos escuros do estranho do mercado pousaram nela.

— Quem é você? — perguntou, agarrando o batente ao mesmo tempo em que o homem colocava a bota no espaço apertado para impedi-la de fechar.

Como ele foi autorizado a vir aos bastidores?

— É algo que precisaremos descobrir — murmurou o estranho.

Quinn arqueou uma sobrancelha, inclinando a cabeça. Conheceu alguns homens determinados em sua vida. O cabelo prateado e a pele clara a tornavam uma raridade em Dumas, a ponto de ser considerada exótica, até mesmo bonita, se não fosse por suas marcas.

Porém, nunca houve um homem que pudesse achá-la quando não queria ser encontrada. Nem um que tivesse a audácia de a impedir de afastá-lo.

— Por que está me seguindo? — questionou baixinho, não tão incomodada quando deveria estar. Quinn era paranoica por natureza, mas partiria no dia seguinte. Ninguém conseguiria encontrá-la depois.

— Porque estou intrigado com você — respondeu, como se isso significasse algo para ela.

— Costuma seguir mulheres por aí e bater à porta delas no meio da noite se elas o intrigam… — Deixou sua frase morrer, buscando pelo nome que ele

claramente não iria dar. — Senhor?

— Você não é como a maioria das mulheres… — Deixou em aberto, esperando que ela oferecesse o nome primeiro.

— Mirior — cedeu, oferecendo-lhe o único nome pelo qual ele a conhecia no momento. — E se isso é o melhor que pode inventar, terei que dispensá-lo. Se está procurando uma foda rápida, o bordel fica a duas portas daqui.

Quinn recuou, preparada para forçar o pé dele para longe quando uma mão grande e enluvada se fechou ao redor da moldura. O homem empurrou e, por mais que tentasse, ela foi forçada a ceder com uma carranca.

— Não estou procurando o bordel — disse o estranho. Não houve hesitação na expressão dele, nenhum pedido de desculpas em seus lábios ao entrar.

Quinn cruzou os braços enquanto os olhos dele baixavam de seu rosto para as pernas nuas. Ela não corou, nem mesmo pegou o manto. A modéstia, afinal, era para os privilegiados.

— Se colocar um dedo em mim, farei com que aquilo que aconteceu na praça pareça um ato gentil — ameaçou com um olhar estreito. Seu quadril bateu contra a lateral da porta, que se fechou.

Ele arqueou uma sobrancelha, o fantasma de um sorriso ameaçando surgir.

— Você parece muito segura de si.

— Eu sou — respondeu sem hesitação. — Este mundo não é gentil com mulheres ou escravos, e a certa altura fui ambos. Não se sobrevive a essas coisas sem desenvolver algumas habilidades.

O estranho pareceu considerar as palavras dela ao se mover pelo camarim. Parou em frente ao espelho e se virou para encará-la. Suas mãos pousaram em ambos os lados da escrivaninha, os dedos se enrolando na madeira envelhecida enquanto se recostava contra o móvel, estudando o resto do aposento quase estéril antes de retornar seu olhar inquietante para o rosto dela.

— Foi o que te levou a fazer aquilo?

Não havia necessidade de lhe perguntar o que queria dizer. Quinn sabia. Ele a tinha visto espancar um homem com o próprio chicote naquele dia.

Deuses, ela podia ter espancado o senhor de escravos até à morte. Não fazia ideia, mas se tivesse… Bem, ainda assim, não sentia remorso.

— Não — respondeu com sinceridade. — Não inteiramente.

— Então por quê? — Não havia repreensão em seu tom. Nenhum julgamento ou condenação. Apenas curiosidade e outra coisa… *anseio*, mas pelo que, ela não saberia dizer.

Ela desviou o olhar para os outros dois livros em sua prateleira. Escritos na língua de sua terra natal, as lombadas estavam desgastadas e as letras desbotadas. Se o estranho notou seu olhar errante, não mencionou nada, esperando por uma resposta que ela não daria.

— Se veio para obter respostas do porquê fiz aquilo, ficará desapontado — disse Quinn. Havia algo estranho nele que a deixava desconfiada de suas motivações.

— Você não o matou, sabe? — falou o estranho, inclinando a cabeça e olhando para ela. — Caso esteja se perguntando.

— Não estava.

— Ele poderia mandar enforcá-la.

Quinn estreitou os olhos, descruzando os braços para estender a mão. Distraída, começou a puxar uma mecha de seu cabelo prateado. Inquietação não era um traço seu, mas as pessoas quase sempre ficavam incomodadas com sua quietude. Como resultado, aprendeu sozinha alguns truques para fazer seus hábitos parecerem mais normais, coisas que não denunciavam o que ela estava pensando ou sentindo de verdade.

— Ele precisaria me encontrar para isso acontecer — murmurou Quinn.

— Encontrei você com bastante facilidade — ele revidou, inclinando a cabeça para o lado.

Fazendo uma careta, Quinn afastou a mão do cabelo.

— Uma coincidência — respondeu entredentes. Quinn não acreditava em coincidências, mas não queria que o homem soubesse o quanto tinha ficado perturbada por *tê-la* encontrado… até rápido demais.

Os lábios carnudos do estranho se contraíram.

— Provável. — Falou isso de tal forma que ficou claro que era só para

agradar.

— Ele não vai me encontrar — afirmou Quinn.

— O que a faz pensar que eu não contaria a ele? — perguntou o estranho. O tom não era ameaçador… Era mais como se a estivesse testando. Aprendendo, como se catalogasse as respostas dela e tentasse solucionar o enigma diante de seus olhos.

— Se você quisesse que eu fosse presa, haveria guardas aqui agora. Teve tempo suficiente para chamá-los, se era esse o caminho que queria seguir. — Quinn fez uma pausa. — O que nos traz de volta à minha pergunta original: quem é você? — Pensando melhor, fez outra pergunta quase no mesmo instante. — Por que está aqui?

O estranho assentiu como se estivesse considerando suas palavras, mas não se apressou em responder. Quinn soltou uma pesada lufada de ar, olhando feio para ele. Contra a pintura descascada e os móveis esparsos de seu camarim, ele parecia destoar. O rico tecido de sua túnica de um vermelho vibrante, apenas um tom mais claro que o de sangue, era adornado com fios dourados que brilhavam na pouca luz, chamando a atenção de Quinn, que continuava esperando uma resposta.

— Estou aqui — começou ele — porque um amigo muito querido morreu há pouco tempo e me deixou uma carta. Infelizmente, eu estava fora do país no momento do falecimento e não a recebi até que fosse tarde demais. A carta falava de uma mulher… uma muito especial.

O estranho parou de examinar seus pertences e a encarou com um olhar poderoso. Com um empurrão para longe da penteadeira, que deixou o espelho estremecendo contra a parede, ele avançou.

— Estou aqui — continuou —, na hora do crepúsculo, neste anfiteatro sujo e repugnante, porque tenho quase certeza de que você é a tal mulher.

O coração de Quinn começou a palpitar, mas suas mãos não tremeram. Em vez disso, paralisaram. Todo o seu ser congelou. Em momentos em que a maioria das pessoas experimentava choque e tendiam a desmoronar, Quinn endurecia de determinação.

— Acho que você precisa ir embora — disse a ele, estendendo a mão para a porta.

Os dedos do estranho envolveram o antebraço dela.

Tão quente, ela pensou. *Muito… Não, quente não era a palavra certa.*

Ele não estava quente. Estava *queimando*.

— Olivier Illvain me contou…

— Olivier Illvain está morto — disse Quinn, sem emoção, arrancando o braço do aperto dele, enquanto enviava uma gavinha de medo em seu caminho. No entanto, para sua surpresa, ele não reagiu como ela esperava.

Não havia pânico em seu olhar. Nenhuma preocupação ou medo. Ele ficou parado, a mão ainda estendida e as narinas dilatadas enquanto as pálpebras fechavam. Quase como se soubesse o que ela tinha feito, mas isso não era possível.

— Você… — A mandíbula dele cerrou e o pescoço esticou, estalando, então abriu os olhos e poças escuras e brilhantes a encararam. — Não deveria ter feito isso.

A pouca cor que Quinn possuía esvaiu de seu rosto, e ela parecia um fantasma de verdade naquele momento: incolor e etérea. Um mero reflexo no espelho. Apertou a maçaneta da porta com força, abrindo-a. Deu um passo para o lado e apontou.

— Está na hora de você sair — declarou, sem dar margem para discussões.

O estranho deu um único passo na direção dela e dois homens apareceram. Os gêmeos cuspidores de fogo: Nix e Nox. De todos os artistas de Hastings, os dois pegaram afeição por ela, mas optaram por respeitar os limites de Quinn melhor do que a maioria dos outros que viviam no anfiteatro.

— Algum problema, Q? — perguntou um deles, provável que fosse Nix.

— Nenhum — respondeu Quinn de maneira curta. — Meu convidado estava de saída, certo?

Todos os três pares de olhos pousaram sobre o homem que Quinn ainda não conseguia desvendar. Havia algo de errado nele. Não era apenas a maneira como se portava ou as nobres roupas que usava. Havia uma sensação de *alteridade* em relação a ele que todos os outros homens que ela conheceu, nobres ou não, não possuíam. Algo que não conseguia definir.

O estranho deu dois passos na direção dela, elevando-se como um deus imponente. Quinn não se encolheu quando seus lábios ficaram a apenas um fio

dos dela.

— Isso não acabou, *Quinn*. Até a próxima.

Quinn não deixou transparecer o quanto ficou abalada por ele saber seu nome. Sua presença era devastadora, parecendo roubar o próprio ar de seu peito até que ele se afastou. Os gêmeos se separaram para deixá-lo passar, e o homem avançou pelo estreito corredor. O estranho parou e virou, seu olhar parecendo emanar algo sombrio, perigoso e violento.

Quinn esperou até ele desaparecer por trás da cortina mofada antes de respirar fundo.

Os gêmeos a olharam com preocupação, mas Quinn os enxotou, fechando a porta com firmeza. Seus dedos se moveram para trancar a fechadura, não porque estava com medo que ele voltasse… mas por temer que ela própria fosse atrás dele.

Uma coisa era certa: era hora de sumir de Dumas. Mesmo que os soldados não a encontrassem, Quinn não tinha dúvidas de que o estranho voltaria.

E queria estar bem longe quando isso acontecesse.

Capítulo 04

Oportunidades Cruéis

“Todo mundo tem uma fraqueza. É sempre a mesma: poder.”

– Lazarus Fierté, nobre e mestre da manipulação.

Lazarus parou na calçada, a porta do anfiteatro decrépito se fechando atrás dele. O prédio deveria ter sido demolido há anos. O telhado vazava, o chão estava manchado e balançava sob os pés e o cheiro da pobreza estava tão entranhado nas paredes que a única maneira de se livrar dele era destruindo tudo. Ele sabia disso porque, há menos de três horas, Gulliver havia lhe dado um relatório sobre o estabelecimento que a garota chamava de lar.

A luz fraca de uma carruagem dobrando a esquina balançava para frente e para trás, até parar diante dele. Gulliver saiu, segurando a porta para seu mestre.

— Está atrasado — falou, usando o degrau inferior para entrar, depois se virou, sentando e descansando as costas contra as almofadas do assento.

— Peço desculpas, meu senhor — disse Gulliver. — Fomos detidos por… — Os olhos do homem dispararam para o condutor.

— Entre — ordenou Lazarus, com um suspiro pesado.

Gulliver assentiu. Assim que fechou a porta, o cocheiro estalou o chicote curto para os cavalos, que puxaram a carruagem.

— O que aconteceu?

— Chegou um bilhete para o senhor que foi entregue ao dono da estalagem. — Os olhos cinzentos de Gulliver encontraram os dele com

apreensão.

— Continue — Lazarus pressionou o jovem. — Quem enviou o bilhete?

— Esse é o problema, senhor — disse Gulliver. — Eu não sei. O dono da estalagem se recusou a me dar um nome. Fiquei discutindo com o homem por quase uma hora. Ele diz que foi instruído a entregá-lo apenas ao senhor. Presumo que tenha sido bem pago por sua promessa de garantir que fosse entregue como especificado.

— Está tudo bem — tranquilizou Lazarus, erguendo a mão quando o homem se inclinou, preparando-se para voltar a se desculpar. Gulliver se recostou, dando-lhe um olhar preocupado, mas não disse mais nada, o que foi bom. — Fez o que pedi? O garoto?

— Fiz, senhor.

— Que bom.

Lazarus desviou o olhar, deixando a carruagem ficar em silêncio enquanto observava a cidade. Dumas era antiga, seus prédios altos e desgastados, as ruas feitas de pedras afundando. O povo também era antiquado, tanto na vestimenta quanto na cultura. Mas a garota… era nova. Nesta cidade, ele presumiu, mas talvez não neste país. A voz dela tinha um toque quase imperceptível de sotaque estrangeiro. Se fosse adivinhar pelas feições, diria que era uma nativa de N’skara. Agora, como ela acabara com Olivier e depois foi parar no baile sombrio de máscaras… isso o intrigou.

A carruagem virou uma esquina e diminuiu a velocidade até parar em frente à taverna e estalagem Rainha de Ferro. Gulliver saiu primeiro, segurando a porta para ele. A bota de Lazarus afundou em uma pequena poça ao descer da carruagem em direção ao estabelecimento.

Dentro da taverna barulhenta, quase toda a conversa parou. Ele tinha a habilidade de silenciar uma sala sem dizer uma palavra. A madeira lisa do balcão rangeu alto quando o corpo maciço do dono da estalagem se afastou, o homem baixo e rotundo indo até Lazarus.

— Meu senhor… — começou o taverneiro.

— Você tem uma mensagem para mim — afirmou Lazarus, não o deixando continuar.

O taverneiro concordou com a cabeça profusamente, enfiando a mão no

avental manchado e desgastado para tirar uma carta. Lazarus a pegou e, sem olhar para o homem, saiu rumo às escadas, fazendo com que Gulliver precisasse correr para alcançá-lo.

Os quartos da estalagem Rainha de Ferro deixavam muito a desejar. As janelas eram finas, a cama mal era longa o suficiente para caber um homem do seu tamanho – não que fosse dormir muito neste lugar –, e o barulho no andar de baixo era um rugido constante e abafado no fundo de sua mente.

Após dispensar Gulliver, Lazarus se sentou e começou a tirar as botas. Recostou-se na cadeira de espaldar alto, pegando o decantador de destilado que havia comprado. Servindo-se de uma boa dose, levou o copo aos lábios e tomou um gole, sentindo a queimação da bebida escorrendo pela garganta e considerando suas opções.

Não havia dúvida em sua mente de que a garota, Quinn, era a pessoa da qual Olivier lhe havia escrito. Ela tinha a pele mais pálida que a lua e os olhos da cor de cristais de gelo. Viu mais marcas adornando o corpo dela esta noite do que quando a encontrou no mercado no início do dia. As marcas de muitos mestres, e ainda assim nenhum a domou. Algo nisso o divertiu – aparentemente, nenhum mestre humano seria capaz de fazê-lo. Não, seria preciso alguém com um toque mais refinado e um poder próprio. Alguém que ela não poderia derrubar em um ataque de raiva, quando a magia a dominasse.

Quinn era mais do que apenas um rosto bonito, embora tentasse esconder isso. Havia uma escuridão que não somente se agarrava a ela, mas que *vinha* dela, que a garota abraçava… até certo ponto.

Lazarus pensou na opala negra que ela usava no pescoço. Uma bugiganga barata criada por aqueles sem magia própria na tentativa de controlar a torrente que causava estragos por dentro. A pedra não duraria muito se ela perdesse o controle de novo. Tomou um gole da bebida à medida que os pensamentos da mulher de branco o rodeavam.

Uma batida suave pôs Lazarus de pé. Diminuiu a distância entre a cadeira e a porta em passos largos. Com um clique da trava e uma torção da maçaneta, a peça de madeira se abriu.

— O senhor m-me chamou?

Lazarus estudou o homem magro que esteve seguindo o mestre de palco a noite toda, esperando nos bastidores. Assentiu e deu um passo para o lado, permitindo sua entrada. O olhar de Caine percorreu o quarto antes de ele

adentrar, hesitante, sua perna esquerda se arrastando um pouco.

— Sente-se — disse Lazarus, apontando para a cadeira que havia acabado de desocupar ao lado da lareira.

Tremendo como se fosse um bezerro recém-nascido, o homem obedeceu. Seus olhos continuaram a se mover, um deles não tão rápido quanto o outro, conferindo-lhe uma aparência bem sem graça.

— Gostaria de tomar algo? — Lazarus não esperou por uma resposta, serviu outro copo e o entregou.

Sem muita escolha, Caine pegou o líquido âmbar e o olhou com uma apreensão cautelosa, depois tomou um gole e se engasgou.

Lazarus escondeu um sorriso malicioso atrás da borda do copo e tomou um longo gole.

— Chamei você aqui, Caine, porque sei que é um homem inteligente.

— Senhor…?

— Por acaso, sabia que tinha um criminoso vivendo no anfiteatro?

Os olhos de Caine pararam de observar o quarto e Lazarus assentiu.

— Sim — continuou —, hoje mesmo vi uma garota que quase espancou um homem até a morte no mercado.

Os tremores de Caine diminuíam quanto mais goles tomava da bebida.

— Verdade? — perguntou, mais tranquilo desta vez.

— Fiquei bastante surpreso ao ver essa mesma mulher no *seu* show hoje à noite. — Lazarus enfatizou a palavra “seu”, observando a reação do outro. — Estão oferecendo uma grande soma para quem der qualquer informação sobre o paradeiro dela.

— Não é m… — Caine parou de falar, fazendo uma pausa ao pensar em algo. Então perguntou: — Estão mesmo?

Lazarus concordou com a cabeça.

— Presumi que não soubesse — disse devagar. — Que não tivesse ouvido por aí. — Lazarus sabia que tinha. Todos ouviram falar do pequeno surto de Quinn.

— Não, eu não fazia ideia — Caine mentiu. — Quem você falou que era

mesmo?

Lazarus não conseguiu impedir o sorriso cruel que enfeitou seus lábios por um instante. Mas não precisava se preocupar; Caine estava ocupado demais pensando na oportunidade monetária da qual Lazarus sabia que ele tiraria vantagem.

— Acredito que ela foi apresentada como Mirior. — Preparou o terreno para ver se a cadeia certa de eventos acontecia. Para fazer o que ele via como o melhor para todas as partes envolvidas.

Caine assentiu, sorvendo o último gole da bebida e oscilando sobre os pés quando se levantou rápido demais.

— Agradeço pela informação, senhor. Vou me certificar de passar adiante.

Lazarus também se levantou e levou o homem até a porta.

— Tenho certeza de que irá — falou, girando a maçaneta e gesticulando para o homem sair. — Certeza absoluta.

A porta se fechou e os olhos de Lazarus foram para o envelope pousado em sua mesa de cabeceira. Carregava o selo de um dos únicos homens que ele ainda respeitava neste mundo, mas não tinha tempo para responder a Claudius no momento. Sabia o que aquela carta continha e, se a abrisse, solidificando suas suspeitas, precisaria partir antes que pudesse obter o que viera buscar em Dumas.

E Lazarus não estava disposto a sair sem a garota.

Capítulo 05

Céus Cimérios

“Nunca deixe nada ao acaso. Poucos Deuses são tão inconstantes quanto a Deusa da Sorte.”

– Quinn Darkova, ex-escrava e fugitiva procurada.

Quinn acordou com um susto. A luz da manhã atravessava a pequena claraboia sobre o sótão. Piscou duas vezes e alongou os membros cansados. Cair no sono não tinha sido fácil depois de seu encontro com o estranho do mercado. Sonhos de gavinhas pretas e desejos sombrios se misturaram em uma lembrança nebulosa da qual estava se esquecendo depressa enquanto permanecia deitada.

Sem perder tempo, saiu da cama desconfortável e meio que deslizou, meio que desceu as escadas até a área principal de seu camarim. Vestiu as calças de couro gastas, dobrando os joelhos para forçá-la até a cintura. Uma rápida olhada no espelho deixou claro que sua juba de cabelos brancos prateados precisava ser domada. Se os deixasse selvagens e indisciplinados, atrairia muita atenção. Trançando os fios o mais rápido possível, Quinn procurou as botas descartadas e começou a se preparar para a jornada que faria.

Três livros, uma opala negra, os papéis que provavam que era uma mulher livre, apesar de suas marcas, e dez moedas de prata eram todas as posses mundanas que possuía. Se não fosse chamar tanta atenção, Quinn poderia ter considerado pegar as roupas de palco nas quais se apresentava e vendê-las no mercado. Mas já estava atrasada, e o anfiteatro estaria lotado demais para contrabandear algo tão grande. Teria que se contentar com o que tinha.

Já com seus itens guardados na bolsa feita à mão, Quinn saiu do camarim e não olhou para trás. Tudo o que podia fazer era seguir em frente.

— Ela tem cabelos prateados e olhos azuis, não tem como confundir —

disse Caine a alguém.

Aproximando-se da cortina que se abria para o grande anfiteatro, Quinn parou.

— Disse que ela está no camarim no final do corredor? — perguntou outra voz, que ela não reconheceu.

— Sim, só ir por… — Caine fez um som de protesto. — Onde está meu pagamento?

O pavor se instalou no estômago de Quinn como um peso de chumbo.

Estava certa em partir, mas agiu tarde demais. *Pela ira de Myori!* Caine já havia dado com a língua nos dentes para os guardas da cidade.

O amuleto entre seus seios pulsava enquanto um fio de poder serpenteava por seus braços. *Medo*… escuro e potente. No entanto, não estava com medo, não mesmo. Sentia-se poderosa. *Forte*. Era uma coisa inebriante, essa emoção que motivava tantos. Para Quinn, era a droga perfeita. Aquilo que lhe trazia clareza… assim como tirava.

A barreira tentou contê-la, mas falhou, e a escuridão deslizou ao longo de seus braços.

Recuou dois passos e correu para a outra saída. Seu corpo já desaparecia na esquina quando a cortina atrás dela se afastou.

Gritos soaram e passos se apressaram em seu encalço. Ela se jogou contra a porta dos fundos, usando o impulso para abri-la. A madeira se partiu na fechadura e a porta escancarou, batendo na parede externa do antigo anfiteatro. O som reverberou pelo mercado ao sul de Dumas enquanto Quinn disparava pelas ruas, com guardas em seu rastro. Correu pelo beco estreito e virou à esquerda, fugindo da periferia e adentrando na aglomeração de pessoas.

Os sinos tocaram, vindos da praça, e a multidão ficou frenética. Olhares confusos a seguiam conforme Quinn corria pelas ruas de areia tão rápido quanto pôde.

Era mais rápida que os guardas. Mais motivada. Contudo, os guardas tinham uma coisa que Quinn não tinha: força em números.

O final da rua foi bloqueado com mais deles, vestidos com o uniforme norcastano branco e dourado. Não eram apenas os agentes da cidade a perseguindo, mas também o exército. Se conseguisse sair dessa, seria por um triz

e pela bênção da Deusa da Sorte.

— Pare! — Os gritos deles ecoaram por toda parte.

Em ambos os lados, tendas e muralhas da cidade a cercavam. Não havia como correr. A cada expiração que dava, fiapos pretos saíam de sua boca como fumaça dos pulmões de um dragão.

Enfiou a mão na camisa e puxou a pedra. As veias em seu interior pulsavam com um brilho insólito. Sabia que a resposta de seu corpo ao medo estava emergindo através do que restava da barreira destinada a ajudar na contenção de seus poderes.

— Quinn da Casa Illvain, também conhecida como Mirior, você está presa pelo assassinato intencional do Conde Houche da Casa… — O belo discurso dos guardas cessou quando Quinn começou a rir, gargalhando como uma *maruda*, o demônio que achavam que ela era.

Quinn ainda não era uma Maji sombria enlouquecida, mesmo que em seu coração ela dançasse com Mazzulah, o Deus do Reino das Trevas. Ser perverso e ser louco eram duas coisas diferentes, embora muitas vezes andassem de mãos dadas.

O céu escureceu com nuvens de cores como estanho e carvão tingido de vermelho. A histeria penetrou em seus pensamentos ao agarrar a opala negra.

Era demais… Estava tentando canalizar demais…

Quinn puxou a adaga da bainha e a segurou em uma mão, a pedra na outra. Seus braços não tremeram. Sua respiração não falhou. O indício de um sorriso perverso pairou em seus lábios, pois se sentia muito confiante e isso só significava uma coisa…

Os guardas avançaram sobre ela de todos os lados, espadas empunhadas e armaduras brilhando sob o céu de pesadelo. A apreensão engrossou o ar e Quinn respirou fundo o cheiro inebriante.

A opala negra rachou no meio e explodiu. Naquele instante, cada centelha de poder que estava retendo caiu sobre Quinn como uma onda silenciosa.

Ofegou, o ar deixando seu corpo, mas nenhum entrando. Os pedaços do inútil amuleto caíram aos seus pés.

Os guardas avançaram mais um passo, a ansiedade esmagadora deles se

derramando no ar e alimentando o cataclisma que afundava nos ossos de Quinn.

Sombras escuras engrossaram e giraram ao seu redor. Agarraram-se à sua pele como se atraídas pelo seu poder interior, que as alimentava. Um abismo doloroso de desespero e promessa se abriu dentro dela.

Muito poder. Muitas pessoas…

Eram tantos sentimentos ligados ao seu próprio ser. Assim que os guardas a cercaram, sua confiança vacilou e o poder a consumiu.

Amarras pretas serpentearam em torno de seus braços, então avançaram e envolveram os guardas. Gritos reverberaram pelo mercado quando, um por um, os homens começaram a cair, as lutas internas deles agora tão esmagadoras quanto as dela.

O pânico os atravessou conforme o terror envolvia o coração de cada um, afundando garras afiadas e vis em seus medos mais profundos e sombrios e apertando o órgão que batia ritmicamente, tentando mantê-los vivos. Ela não conseguia controlar o ataque. Não sabia como.

Durante a maior parte de sua vida usara algum tipo de barreira: correntes ou pedras destinadas a silenciar o poder, a enjaular aquela escuridão em seu âmago. O problema com as gaiolas é que, cedo ou tarde, a fera se liberta.

Aquelas correntes de silêncio que lhe permitiam controlá-lo em pequenas explosões haviam desaparecido por completo com a opala quebrada.

Deixada por conta própria, Quinn fez a única coisa que conhecia: atacou.

Em uma explosão de poder, ela detonou. Todo o mercado do sul caiu no caos total. Consumidas pelos seus pesadelos, as pessoas desabaram onde estavam: homens, mulheres, crianças. Ela não conseguia mais conter o poder apenas nos guardas. Alguns caíram de joelhos e soluçaram. Outros só ficaram parados no lugar, encarando… catatônicos.

E, no centro de tudo, estava Quinn. A garota com mais poder do que sabia o que fazer com ele.

Mais homens vieram e os sinos tocaram na praça. Uma buzina soou e, na confusão de Quinn, um soldado ainda não obliterado por seus poderes avançou. Brandindo a espada sem hesitar, ele desceu a empunhadura decorada sobre a cabeça dela.

Como o apagar de uma vela, o mercado caiu em um silêncio assustador

enquanto ela desabava na rua sem nenhuma barreira, mágica ou não, para protegê-la. Assim, finalmente, os pesadelos cessaram.

Capítulo 06

Contrato de Sangue

"O preço da liberdade é maior do que tudo, com exceção de uma coisa: a sobrevivência."

– Quinn Darkova, ex-escrava, prisioneira e possivelmente transtornada.

Quinn abriu os olhos e os fixou no teto que pingava devagar, bem quando outra gota caiu em sua testa e deslizou pela têmpora. Um silêncio ecoante a cumprimentou e um leve zumbido em seus ouvidos foi diminuindo aos poucos. Sua garganta estava seca e doía ao engolir. Passou o dorso da mão no rosto, que saiu escorregadia com suor, água e sujeira.

Onde no reino das trevas estou?, Quinn se perguntou.

Uma dobradiça rangendo por perto a alertou para a presença de pessoas e a colocou em ação. Lutou para se sentar assim que uma onda de náusea ameaçou enviar bile pela garganta. Gemendo, inclinou-se para frente, a cabeça nos joelhos e os braços em volta da barriga, esperando que passasse.

— Ela acordou — sussurrou alguém, a voz tão baixa que ela quase não a escutou acima do barulho do próprio coração acelerado. — Vá informar Fierté antes que a cabeça de alguém acabe desconectada dos ombros.

Quinn ficou atenta ao ouvir o nome. Não tinha certeza de quem era esse Fierté, mas uma pontada em seu estômago a fez suspeitar.

— Onde… — Ela se engasgou, a boca salivando. Engoliu em seco duas vezes, tentando umedecer um pouco a garganta antes de tentar outra vez. — Onde estou?! — gritou, piscando e virando a cabeça para o outro lado para ver o que havia ao redor.

Chão de terra e um balde para mijar. Barras de metal a cercavam em três

lados, apenas altas o suficiente para que ela ficasse de pé se quisesse. Mas não queria.

O guarda no final do corredor não respondeu. Ele não usava o uniforme branco e dourado da capital, nem o azul e prata dos guardas da cidade de Dumas. Usava vermelho e dourado. Ela franziu a testa.

— Quem…? — começou.

Seus lábios se separaram quando se deu conta do que estava acontecendo. *Sabia* muito bem de quem eram os passos que desciam o corredor. Sem dizer nada, o guarda não fez qualquer movimento para responder à sua pergunta inacabada. Os olhos dele estavam frios quando se fixaram nela.

— Obrigado, Dominicus — disse aquela voz. A do estranho do mercado e do camarim. Ele virou a esquina e Quinn inalou com força.

— Você — cuspiu, a voz rouca e seca. Ergueu a cabeça enquanto sua náusea enfim abrandava.

— Disse que não tinha acabado, Quinn — afirmou. Havia um tom duro em sua voz que denotava controle. Restrição. — Pensou mesmo que eu a deixaria ir depois de sua pequena ameaça?

Quinn permaneceu em silêncio ao encará-lo através das barras da cela. Os guardas atrás dele a observavam com um nervosismo que ela já esperava. Não conseguia se lembrar bem de como o sangue seco foi parar em suas mãos, mas, com certeza, não sairia dali tão cedo.

— Se me queria morta, então por que se preocupar em tentar conversar quando vão me enforcar de qualquer maneira? — perguntou Quinn, dando uma tosse rouca.

— Quem disse que quero você morta? — retrucou o homem.

— Não quer? — Quinn piscou, confusa.

— Não. Não quero que morra. — Parou por um segundo, dando a ela um momento para pensar. — Quero que trabalhe para mim.

Quinn respirou com dificuldade.

— T-trabalhar para você? — perguntou, sem ter certeza do que isso significava…

Trabalhar para ele fazendo o quê?

O estranho apenas assentiu.

— Por quê? — indagou Quinn, seu olhar estreitando quando um pensamento lhe ocorreu.

— Você tem dons que me interessam.

— Ah, entendi — falou, a compreensão brilhando em seus olhos.

— Você é uma dobradora de medo — disse ele com calma, caminhando até as barras.

Quinn ficou paralisada por um momento, mergulhando em pensamentos profundos. O silêncio se instalou quando os últimos vestígios das palavras dele ecoaram no bloco de prisão quase vazio.

Dobradora de medo.

Ela não ouvia esse termo há muito, *muito* tempo. Ainda mais falado com tanta segurança. Os dobradores de medo eram uma lenda. Embora teoricamente tenham surgido em todas as épocas, eram raros os Majis sombrios como esses que conseguiam não surtar durante a adolescência. Menos ainda na idade adulta.

Eram escassos, alguns dos mais raros Majis de todos, e ainda assim, aqui estava ele, bem seguro do que dizia, certo de que de fato encontrara uma Maji tão única e poderosa.

A risada de Quinn foi baixa quando deslizou por entre seus lábios rachados. Inclinou a cabeça para trás e deixou o som fluir, balançando o corpo e soltando uma gargalhada rouca.

Riu até que as lágrimas escorreram pelo rosto e seu estômago se contorceu de dor. O rugido dela desapareceu tão rápido quanto veio, deixando Quinn ofegante, ainda rindo baixinho. Observou o homem, notando o pulsar na mandíbula dele durante o descontrole dela.

— Quem te disse isso? — perguntou Quinn. — Porque não foi Olivier. — Tinha certeza disso. Embora o velho tivesse descoberto que ela era uma Maji, jamais questionou de que tipo, e ela nunca ofereceu a informação.

— O que a faz pensar que não?

— As pessoas não permitem que uma Maji sombria conviva com elas, nem mesmo Olivier. São muito instáveis. Voláteis demais. Muito… propensos a delírios de grandeza… — Sua voz foi sumindo quando olhou para ele.

— Suponho que você tenha sorte então, por eu não ser como a maioria das pessoas.

— Perdão se não confio em quem você é ou no que quer quando aparece procurando por mim, divulgando o nome de um nobre morto que não sabia metade das coisas que você parece pensar que sabe — respondeu Quinn com frieza.

Ela virou a cabeça para o outro lado, procurando por qualquer centímetro de uma possível saída nas lacunas entre as barras ou rachaduras na parede. O lugar era uma prisão, porém, feita para homens muito maiores e fisicamente mais fortes do que ela. Quinn soltou uma breve lufada de ar quando o homem falou outra vez.

— Olivier era um dos meus amigos mais antigos. Na verdade, um dos poucos que tenho.

Quinn estreitou os olhos, encarando-o. Esperou o homem continuar.

— Ele sabia que eu estava procurando… — recomeçou, depois parou, hesitando por apenas uma fração de segundo, mas foi suficiente para notar a mudança. — Alguém como você — completou.

— Alguém como eu? — Arqueou uma sobrancelha.

— Uma dobradora de medo — explicou, ou melhor, *proclamou*.

O homem tinha tanta certeza que a fez querer saber como foi capaz de identificar isso em menos de vinte e quatro horas, quando nenhuma alma havia descoberto nos últimos dez anos.

— Olivier foi meu mestre. Meu *último* mestre — enfatizou Quinn. — Ele me tirou de um poste, ainda sangrando de um chicote que poderia ter me matado se não tivesse chamado os curandeiros. Olivier me comprou do monstro que fez isso. Me deu comida, roupas e um lugar para ficar. — Seus lábios se apertaram enquanto respirava fundo para superar os breves lampejos de memórias tão debilitantes que mais pareciam pesadelos. — Sabe o que ele me pediu em troca da minha liberdade?

As sobrancelhas escuras do homem franziram quando estreitou os olhos de leve e negou com a cabeça. Quinn sorriu com amargura, mas continuou:

— Pediu que eu tomasse café com ele todas as manhãs e lesse para ele por uma hora todas as noites. Por vontade própria. Até que ele morresse. — Fez

uma pausa, engolindo em seco o ar empoeirado e rançoso. — Olivier Illvain era um homem gentil. Um dos únicos que conheci. Mesmo que tivesse de alguma forma descoberto o que eu sou e me deixado ficar, não tinha motivos para me trair.

Houve um breve silêncio antes que ele voltasse a falar.

— Sabia que Olivier teve uma filha?

Quinn apertou os olhos em confusão por um breve segundo e depois os estreitou em desconfiança.

— Muitos anos atrás. Por quê? O que uma coisa tem a ver com a outra?

— A filha dele era uma Maji sombria.

Quinn piscou, mordendo o interior de sua bochecha para não demonstrar surpresa.

— Ela morreu quando tinha treze anos — concluiu ele.

— Eu não sabia — declarou Quinn, com uma expressão indecifrável.

— Olivier não pôde ajudar a filha quando ela perdeu a cabeça e se enforcou — contou, assentindo uma vez. — Ele se culpava pela morte dela, mas também sabia que não tinha ideia de como ajudá-la. Como você apontou, era um homem gentil… e homens gentis não entendem de magia sombria. Não percebem o quão profunda está enraizada na alma de alguém, ou que apenas dizer a eles para serem diferentes não vai funcionar.

— E você sabe como ajudar? — Quinn ficou boquiaberta.

— Olivier sabia que eu estava procurando por você e que ficaria melhor comigo — afirmou com determinação. — É por isso que estou aqui.

Quinn o encarou, imaginando se isso parecia tão absurdo para ele quanto para ela. Perguntou-se se o estranho conseguia ver as próprias manipulações.

— Você não estava *me* procurando. Apenas por alguém como eu.

— Questão de semântica. — Ergueu as sobrancelhas quando ela olhou feio para ele.

— Isso não vai funcionar do jeito que você está pensando — desafiou Quinn. Havia um tremor de ira em sua inflexão, uma nota de aviso, mas acima de tudo, havia uma honestidade brutal.

— Posso tirar você da cela, isso não será um problema — falou com frieza. Seus olhos podiam estar como brasas vivas, mas sua voz soou com um controle completo e absoluto.

— Não estava me referindo à minha prisão — respondeu baixinho. — Dado que é difícil empregar aqueles que estão mortos, presumi que me tirar desta maldita cela era o mínimo.

Ele se aproximou das barras, parando apenas a apenas alguns centímetros fora do alcance de Quinn.

— Então o quê? — perguntou baixinho, mas firme.

Foi como se as palavras roçassem a pele dela, deixando um arrepio em seu rastro. Quinn balançou a cabeça e se levantou devagar, vacilando ao estender a mão para se firmar contra as barras.

— Suponhamos que eu seja uma dobradora de medo. — Fez uma pausa quando os olhos dele brilharam. — Você viu o que aconteceu no mercado. Provável que ouviu falar do que aconteceu quando vieram me prender. Tenho muito pouco controle.

— Posso treinar você.

Quinn piscou. Essa não era a resposta que esperava, mas agora ele tinha chamado ainda mais a sua atenção.

— O que o faz pensar isso?

— Você e eu somos… parecidos.

— Você é um dobrador de medo? — Ela nunca tinha conhecido outro antes.

— Não. — Foi tudo o que disse.

Entreolharam-se por mais um momento antes de Quinn deixar seu olhar vagar pelas roupas dele outra vez. Com certeza, era um nobre. Alguns comerciantes muitas vezes ganhavam o suficiente para comprar roupas luxuosas de segunda mão, mas este homem estava vestido com calça e túnica novas. Era rico, não havia dúvida.

— Por que está aqui? — perguntou Quinn, por fim.

— Já disse — respondeu. — Quero que trabalhe para mim.

— E se eu não quiser? — falou de maneira leviana, testando as respostas dele ao mesmo tempo que examinava suas opções. Imaginou se poderia escapar antes que planejassem executá-la. Porque não havia dúvida de que, depois do ocorrido no mercado, nas duas vezes, eles a matariam.

A verdade divina desse fato não lhe caía bem.

— Então suponho que a verei no enforcamento que planejam executar em algumas horas.

— Algumas horas? — repetiu, voltando a encarar o homem, seu pulso acelerando.

Por quanto tempo fiquei apagada? Não havia julgamentos para essas coisas? Ou sou perigosa demais para um? Bem, isso era mais do que provável.

O estranho poderia ser sua única opção real para escapar da forca, e embora estivesse curiosa em relação ao que ele quis dizer, não era suficiente para fazê-la querer trabalhar para este homem. Ele a intrigava até demais.

— Então, o que vai ser? Trabalhar para mim e viver, ou permanecer sem ocupação e morrer?

— Nem sei o seu nome — retrucou, um fio de suor escorrendo pelas costas.

— Lazarus Fierté — respondeu.

— Nenhum título de *lorde* acompanhando esse nome? — Arqueou uma sobrancelha, inclinando-se para frente e agarrando as barras.

A expressão dele não mudou. Lazarus permaneceu em silêncio, esperando. Ela zombou, virando o rosto.

— Temos um acordo?

— Não sou escrava — disse, fixando os olhos no rosto dele. — Vamos esclarecer isso agora. Prefiro morrer a voltar a ser uma, então se é isso que está querendo, vá embora. Ouvi dizer que os enforcamentos são agradáveis nesta época do ano.

Sua irreverência conseguiu provocar uma ligeira contração no lado direito da boca de Lazarus, mas não saberia dizer com certeza se era uma carranca ou um sorriso, ou talvez fosse apenas sua imaginação, porque sumiu antes que pudesse apreciar plenamente.

— Você não será uma escrava, garanto — respondeu. — Agora, temos um acordo?

— Claro. Tudo bem. Sim. Tire-me daqui e temos um acordo. — Lazarus não se moveu para abrir a porta da cela ou chamar um guarda. Ela deu um tapa nas barras. — O que está esperando? Você perguntou se tínhamos um acordo e eu concordei. Me tire daqui.

— Não pensou que seria tão fácil, pensou?

Quinn rosnou baixo em sua garganta ressecada.

— Um contrato — disse Lazarus, enfiando a mão no bolso e retirando uma pena.

— Um contrato? — repetiu, olhando para as estranhas bordas irregulares da pena.

Ele não pegou papel, nem tinta. Apenas estendeu a pena para ela examinar.

— Há uma inscrição nela — afirmou Lazarus.

Quinn notou isso, mas não conseguia ler o idioma.

— Quando assinar seu nome com isso, você se ligará a mim em um contrato de serviço de dez anos…

— Espere. — Quinn pressionou as mãos contra as barras e se inclinou para mais perto. — Dez anos?

— Sim.

— Não. Cinco — falou, balançando a cabeça.

— Estou salvando sua vida.

— E tenho certeza de que está fazendo isso pela bondade do seu coração. — Quinn arqueou uma sobrancelha, depois a baixou e continuou. — Está me oferecendo este acordo… este *contrato* — ela se corrigiu — porque precisa de mim, mesmo que ainda não me diga o porquê. Não ficarei presa por dez anos a alguém que nem conheço.

— Terá que viver com a decepção — propôs Lazarus com frieza —, ou poderá morrer com sua liberdade.

— Você precisa de mim — repetiu Quinn, enfatizando cada palavra. —

Nem se incomodaria em me salvar caso contrário, não é? — Não esperou que ele respondesse. Quinn afastou as mãos das barras e cruzou os braços. — Sou tradutora. Conheço idiomas e posso aprender mais, e bem rápido.

— Posso contratar outros tradutores — respondeu, mas não continuou falando, permitindo que ela continuasse.

— Claro que sim. Mas por que fazer isso quando você teria a mim? Tenho mais a oferecer. Você já deixou isso claro — apontou.

— Por cinco anos?

— Por cinco anos. — Ela assentiu.

— Ou eu poderia tê-la por dez — retrucou — e você poderia me agradecer por salvar sua vida.

— Nunca conheci outro dobrador de medo — disse Quinn, capturando seu olhar. — E você? — Quando ele não respondeu, Quinn sorriu. — Não conheceu — deduziu. — Majis sombrios não são tão comuns.

— Não com a sanidade intacta — aceitou, concordando.

Isso ela sabia. Deuses, como sabia.

— Cinco anos, então. — Ela pressionou uma gota de suor pontilhando sua testa.

O silêncio se instalou enquanto ele a observava. Não sabia o que estava procurando, mas quando os olhos dele encontraram os seus mais uma vez, ficou imóvel, recusando-se a desviar o olhar primeiro. Por fim, ele respirou fundo e lhe estendeu a pena.

— Cinco anos — declarou. Quando ela estendeu a mão para a pena, Lazarus a afastou um pouco. — Mas — advertiu —, se eu não ficar satisfeito ao final desses cinco anos, você continuará a meu serviço por mais dez anos ininterruptos, entendeu?

Seu tom era duro, seus olhos frios desprovidos de qualquer simpatia que ela pudesse ter tentado tirar vantagem. Não que fosse fazer isso. Quinn não era de aceitar a simpatia das pessoas. Como não tinha muitas opções, assentiu e concordou com os termos. Ele entregou a pena.

— Certo, o que faço com essa coisa?

— Você vai escrever seu nome no meu pulso. — Lazarus ergueu a manga

da túnica e os olhos dela se arregalaram.

Escamas escuras de algo espreitavam por baixo do tecido. Não dava para ver direito, mas tinha uma aparência estranha. Seus olhos foram atraídos para a borda de seja lá o que estava entranhado na carne dele, mas Lazarus se inclinou para frente e tocou na faixa de pele no pulso.

— Não há tinta — apontou, olhando da pena para o local.

— Não vai precisar. Escreva — ordenou.

Quinn ficou surpresa. Quando estendeu a mão para fazer o que ele pedia, não tremia. Estava entregando sua vida a um homem do qual sabia pouco ou nada, e não havia tremores. Foi então que percebeu: não estava com medo. Seu medo havia se dissipado. Escreveu depressa o nome na pele dele. Depois de um instante, seus olhos se arregalaram conforme gotas de sangue e arranhões surgiam onde a ponta da pena tinha pressionado. Ele sussurrou algo em uma língua que ela reconheceu vagamente, mas não conseguiu identificar, e a superfície bronzeada ao redor dos arranhões de seu nome começou a brilhar antes que as letras afundassem sob a pele, ficando pretas.

— Agora você — disse ele.

Quinn entregou a pena e ergueu a manga também, estendendo o braço. O olhar de Lazarus pousou em uma das muitas marcas de escravidão. Esse não seria o primeiro símbolo indesejado gravado em seu corpo.

Lazarus pegou a mão dela, torcendo-a para poder pressionar a ponta da pena em seu pulso. Quando escreveu, Quinn não sentiu nada. Foi só quando removeu a pena que ela arfou e puxou sua mão de volta, virando-a para poder assistir ao processo, um fogo brotando sob a pele e se espalhando.

— *Pela ira de Myori*! — sibilou baixinho quando chegou às suas veias. — Você não disse que doeria — disparou, limpando o sangue.

— Você não perguntou. — Lazarus inclinou a cabeça para o lado.

Quinn o encarava enquanto ele recitava o encantamento de novo. Uma vez que foi feito, os arranhões de seu nome, *Lazarus Fierté*, afundaram em sua pele e se levantaram mais uma vez em letras pretas curvas. Quinn olhou fixo para o nome. Uma coisa era ter o selo de um nobre marcado nela; outra bem diferente era ver o nome completo de outra pessoa lá. Era estranho, para dizer o mínimo.

— E agora? — perguntou, esfregando o pulso.

— Agora me certifico de que você entenda que, se tentar quebrar esse vínculo, morrerá.

— *Morrer*? — Quinn ergueu a cabeça e o encarou boquiaberta. — Se eu quebrasse nosso acordo, morreria? — Sua voz subiu uma oitava e sombras cintilaram. — Não deveria ter mencionado isso antes?

Os olhos dele rastrearam aqueles breves lampejos de sombras. Um sorriso lento se curvando com diversão em torno de seus lábios cheios e masculinos. A escuridão naquele sorriso a deixou em silêncio.

— O que está feito, está feito, Quinn — respondeu Lazarus. Levantou a mão e um dos guardas se aproximou com um molho de chaves. — No futuro, porém, se fosse você, me certificaria de entender as letras miúdas de um contrato antes de assiná-lo.

Quando a porta da cela se abriu, Quinn olhou em choque para o homem. Ele se virou e atravessou o corredor, em direção ao que presumiu ser a saída.

Em nome do reino das trevas, para quem acabei de entregar minha vida?

Capítulo 07

O olho que chora

“A dor é o corpo dizendo que você está vivo; que sobreviveu para fazer quem te machucou pagar.”

– Quinn Darkova, ex-escrava, ex-prisioneira e definitivamente transtornada.

A carruagem estremecia ao longo da estrada enquanto Quinn olhava para o homem diante dela. Quando embarcou, havia outra pessoa esperando. Lazarus não os apresentou antes de mandar o homem embora. O que a fez se perguntar se ele estava planejando mantê-la longe de seus outros vassalos.

— Para onde vamos? — perguntou Quinn, depois de vários minutos de um silêncio entorpecente.

Lazarus ergueu os olhos do livreto que havia tirado de debaixo das roupas mais cedo. Primeiro uma pena mágica, depois um livreto… Quinn se questionou se ele tinha bolsos secretos sob as roupas. Ele olhou para os braços nus dela e depois para o pescoço. Quinn enrijeceu, mas não cobriu as marcas de escravidão.

— Vamos removê-las — afirmou, antes de voltar às páginas de seu livreto.

Quinn franziu a testa. Não que não quisesse que suas marcas fossem removidas, mas era um processo caro pelo qual não tinha condições de pagar. Porém, o mais interessante era que removê-las fosse a primeira coisa que ele queria fazer. Imaginou se aquilo o incomodava.

— Por quê?

— Porque… — disse Lazarus, suspirando e fechando o livreto antes de guardá-lo mais uma vez. — Como minha vassala, você ficará diante de pessoas da nobreza. Não aprovo e nunca aprovarei o comércio de escravos em Norcasta,

nem em qualquer outro país. Espera-se que você participe de certos eventos comigo, e as roupas que receberá para isso as revelariam. Não posso ter uma vassala minha correndo por aí usando as marcas de escravidão de uma dúzia de mestres.

Seus olhos se arregalaram por um instante antes que uma risada breve escapasse. Quinn desviou o olhar, a diversão ainda repuxando os lábios.

Alguém aqui se acha muito, pensou.

— Na verdade, são dezessete — corrigiu. — Não uma dúzia.

— De qualquer forma, não posso ter você me representando assim. — A expressão dele não alterou. Quinn se perguntou se conheceria sua esposa, se o narcisismo era um traço de família.

A carruagem virou uma esquina e parou vacilante no canto da estrada. Quinn se levantou.

— Espere — ordenou Lazarus.

— Não chegamos?

Ele lhe lançou um olhar severo.

— Quando está em uma carruagem, você espera até que o condutor desça para abrir a porta.

— Não preciso que ninguém abra a porta para mim — desdenhou. — Caso seja muito delicado, posso cuidar disso para você.

Nem mesmo um músculo se moveu no rosto dele. Não respondeu. Quinn recostou-se soltando uma pesada lufada de ar, e esperou. A porta se abriu pouco depois e Lazarus gesticulou para ela sair. Ela fez isso com prazer, qualquer coisa para fugir de sua presença condescendente.

Quinn pisou na calçada de paralelepípedos e olhou de um lado para o outro no beco em que haviam parado. Havia uma placa acima deles, balançando para frente e para trás em dobradiças de ferro rangendo. Dizia OCULI FLERE. Do outro lado do caminho, um pedinte mancou até uma porta próxima e desabou, grunhindo e gemendo. Uma garrafa vazia de destilado rolou para longe dele.

Lazarus caminhou em direção à porta da loja e a abriu, segurando-a para ela. Em vez de entrar, Quinn apontou para a placa.

— O que está escrito?

— *Oculi Flere* — respondeu Lazarus, olhando. — Vamos.

— O que significa?

Ele suspirou.

— Significa “O olho que chora”. Agora, venha. Temos um cronograma a cumprir.

— Temos? — perguntou Quinn, entrando na loja pequena e estreita. Lazarus não respondeu.

O interior era tão degradado quanto o exterior. As tábuas de madeira rangiam sob seus pés, vários pontos apodreciam e caíam para dentro. As prateleiras ao redor da sala principal estavam empoeiradas e as bugigangas e garrafas que as alinhavam pareciam conter substâncias estranhas, como fígados e globos oculares de animais. Enquanto Quinn adentrava mais, as garrafas pareciam cada vez mais novas e mais leves.

Estendeu a mão para tocar uma delas quando Lazarus se aproximou e agarrou seu pulso.

— Não toque em nada — ordenou, soltando-a depressa como se sua pele o tivesse queimado.

Ela desejou que sim.

Quinn esfregou o pulso, observando o resto da sala. Uma mulher mais velha e rabugenta, com as costas curvadas e a mandíbula inferior saliente, entrou mancando de uma porta que levava mais fundo na loja.

— Milorde, tão bom vê-lo de novo. Veio para uma fórmula hoje? — perguntou a velha, educada, sua voz rouca pela idade e com um sotaque carregado.

— Estava me perguntando se você tinha algum *sanitatem* em sua loja, Driselda — indagou Lazarus, assentindo.

— Temos, milorde. Para remoção de marcas. — Os olhos da mulher se voltaram para Quinn e depois a percorreram.

Quinn não se moveu ou recuou enquanto a velha a examinava do outro lado da sala. Cruzando as tábuas rangendo, ela parou diante de Quinn e levantou suas mangas.

— Suspeito que tenha mais? — inquiriu, soltando-a.

— Sim — respondeu Quinn com os dentes cerrados, reajustando as mangas.

Driselda assentiu pensativa antes de se virar para Lazarus.

— Não será barato — afirmou.

— Não imaginei que seria — respondeu ele com frieza.

A velha assentiu de novo.

— Siga-me.

Lazarus encarou Quinn por um momento, aguardando a resposta dela. Ela não poupou um olhar em sua direção ao seguir a boticária para uma sala nos fundos. Era minúscula, a parede de trás composta inteira de prateleiras, cada uma preenchida com uma estranha variedade de garrafas que pareciam acumular poeira. No centro do pequeno espaço havia uma bacia de água usada para animais, com um banquinho baixo ao lado.

A porta de madeira se fechou e uma mão ossuda a tocou entre as omoplatas, a direcionando à banheira.

— Tire a roupa e entre, garota.

Quinn tirou a camisa marrom empoeirada, manchada de terra e sujeira. A calça de couro agarrada deu um pouco mais de trabalho para despir no pequeno espaço, mas com alguns movimentos desajeitados e bastante persistência, conseguiu. Tirando as roupas íntimas, Quinn entrou na banheira improvisada e se acomodou, abaixando e apoiando o queixo nos joelhos dobrados. Seus braços envolveram as pernas com firmeza enquanto esperava Driselda começar.

— Para tirar as marcas, o que a gente faz é esfregar a área da pele com *sanitatem,* mas… — A velha olhou para trás, puxando garrafas empoeiradas das prateleiras. — Você tem muitas. Precisa de um banho.

Quinn não disse nada quando Driselda começou a despejar o conteúdo das garrafas em um balde grande. O líquido sibilou e crepitou com cada novo ingrediente adicionado. Estava bastante certa de que havia um leve vapor vindo do líquido na banheira quando a mais velha estalou a língua e assentiu. Depois, sem qualquer explicação, saiu da sala dos fundos, fechando a porta com força. Quinn conseguiu distinguir a voz baixa de Lazarus do outro lado indagando sobre algo. A voz da mulher era mais difícil de discernir quando respondeu.

Houve um pouco de barulho e alguns minutos se passaram antes que a

porta se abrisse e a velha de rosto severo entrasse com as costas tensas e um enorme balde balançando nas mãos. Ela o ergueu até a borda da banheira e o virou, despejando a água gelada sobre Quinn.

Ela soltou um suspiro com o frescor abençoado. Arriscando um rápido gole, pegou um pouco nas mãos antes que Driselda batesse em sua palma.

— É um equilíbrio muito delicado. Pode derreter *você* por dentro se beber.

A mulher se virou para o segundo balde, menor e cheio de uma gosma verde-acinzentada. Levantou-o e despejou depressa o conteúdo. Quinn gritou com o calor ardente antes do líquido se misturar com a água da banheira, manchando-a de um verde menta suave.

— E agora? — perguntou Quinn.

— Agora esperamos. O *sanitatem* levará uma hora para remover as marcas, mas não vai tirar as cicatrizes — disse a mulher, desabando no banquinho baixo. — Afunde e deixe a água pegar o corpo todo, garota. Você tem bastante… Sim, por todo lado até a parte de trás do pescoço. Pronto, assim.

— Vai remover isso? — perguntou Quinn no silêncio da sala, levantando o braço onde o nome de Lazarus estava escrito em preto.

— É uma marca?

— Por assim dizer. Assinamos um contrato.

— Parece ser coisa de pena de dragão. — Driselda assentiu uma vez. — Não é marca de ferro quente, mas de magia. O *sanitatem* não funciona, nem nada vai. Só a vontade do negociante do contrato pode tirar isso.

Quinn olhou para as letras escuras no pulso. A mulher ficou em silêncio, recostando-se nos painéis de madeira. Cruzou os tornozelos e entrelaçou as mãos no colo enquanto Quinn afundava mais no banho de *sanitatem* e deixava a mão pender para o lado. No início, o material puro queimou como uma chama direto na pele, mas agora era um tipo de ardor mais sutil. Do tipo que devorava uma pessoa aos poucos, passando de morna e um pouco formigante até pinicar por toda parte.

Fechou os olhos contra as pequenas pontadas que a atravessavam à medida que a superfície da pele era devorada por completo.

— Está queimando? — perguntou Driselda algum tempo depois.

— Já tive dias melhores — falou Quinn, abrindo um olho.

A mais velha assentiu e passou as mãos sobre a saia amassada, pousando-as nos joelhos. Depois se inclinou para frente.

— Pessoas dez vezes maiores que você choram como crianças quando removo uma marca ou duas. Só tive que fazer um corpo inteiro uma vez.

Quinn não disse nada, e a mulher continuou:

— Ele era como você. Nem deu um piu.

— Há dores piores que um escravo sofre, em particular aqueles de nós que nunca pararam de lutar contra isso — disse Quinn, recordando de como soava o estalar de um chicote antes do início do retalhamento.

Ela foi espancada de maneira tão brutal por alguns de seus mestres que chegou à beira da morte mais vezes do que poderia contar. Não queria morrer. Não estava à procura de uma sentença de morte. Quinn aceitou a vida que levava e estava preparada para quando, ou se, chegasse o dia em que não pudesse escapar do fim. Parecia que, com Lazarus, aquele não seria esse dia… E, embora nunca fosse dizer a ele, estava grata, apesar do preço que ele havia pedido.

— Ninguém nunca é livre de verdade — respondeu a velha. — Somos todos escravos de alguma coisa. Seja uma pessoa, um passado, nossos próprios medos… — A mulher balançou para frente e suas articulações estalaram quando se levantou. — A liberdade é um mito, usado para manter todos nós na linha. Por vezes, surge alguém como você que vê essas barras invisíveis e busca uma maneira de quebrá-las. — Fez sinal para ela se levantar.

Quinn obedeceu, estendendo a mão e agarrando os dois lados da banheira ao se levantar.

— Um conselho de sábia, garota — continuou. — É impossível quebrar essas barreiras. Decidir quem detém a chave, no entanto… — Olhou de lado para a porta fechada que levava à loja, onde Lazarus esperava. — Lorde Fierté é conhecido por proteger o pessoal dele, desde que permaneçam leais. Apenas algo para considerar.

Os lábios de Quinn se separaram, tentando pensar em uma resposta enquanto a comerciante idosa secava o líquido cor de menta de sua pele.

Quando se vestiu de novo com suas roupas sujas, sentia-se fresca, mais limpa do que há muito tempo. Agora que estava recém-empregada, perguntaria

sobre o que exatamente isso implicava, e se um segundo par de calças seria pedir demais.

Lembrou-se da túnica feita sob medida dele com bordados dourados e zombou.

Pensando bem, ele tem dinheiro para isso. Vou pedir roupas íntimas também.

Driselda abriu a porta de madeira e a empurrou para fora, seguindo atrás. Quinn ergueu o olhar, esperando ver Lazarus sentado, mas, em vez disso, o encontrou parado a apenas alguns metros de distância com uma carranca. Em seu punho havia uma carta amassada escrita em pergaminho de alta qualidade.

— Está tudo bem? — perguntou Quinn, arqueando uma sobrancelha e testando o terreno.

Lazarus tirou um pequeno saco do bolso e o jogou para a mulher ao lado de Quinn. Driselda esticou os dedos nodosos, pegando a bolsa de moedas e guardando-a em um dos bolsos da capa.

— É um prazer fazer negócios com o senhor, lorde Fierté.

— Até a próxima. — Lazarus acenou com a cabeça e se virou para a saída.

Quinn o seguiu depressa, parando por um instante na porta que dava para o beco.

— Obrigada — disse sobre o ombro, feliz por estar livre de seu passado, ainda que incerta do que o futuro reservava. A julgar pelo humor de Lazarus, no mínimo, seria interessante.

Capítulo 08

Segredos e homens das sombras

“Se você vai puxar uma adaga, planeje usá-la.”

– Quinn Darkova, ex-escrava, ex-prisioneira, definitivamente transtornada e empregada.

Quinn estava enganada. *Muito* enganada.

Pelo visto, o futuro não reservava nada de interessante. A partir do momento em que pisaram na rua, voltaram para a carruagem e nela se deslocaram durante toda a noite e o dia seguinte, parando apenas para se aliviarem. Ao longo da viagem, Lazarus não disse uma palavra ou tomou qualquer iniciativa para se explicar, e quando ela perguntou, tudo o que obteve foram respostas vagas de que estavam em perigo ou olhares silenciosos de aborrecimento.

Quinn se recostou no assento e soltou outro bufo exasperado, irritada pelo torcicolo e pelo homem pensativo diante dela, o culpado por tudo isso.

— Então… — Quinn exalou forte. — Para onde vamos?

— Devo passar pela minha mansão em Shallowyn e de lá seguiremos nosso caminho — respondeu Lazarus, rude.

— Nosso caminho… para onde?

Ele não respondeu.

Rangendo os dentes, Quinn se virou e olhou a paisagem. Terra, terra e mais terra. Algumas galinhas. Vacas. Uma carroça cheia de mercadorias para venda cruzava pelo caminho de vez em quando, mas, na maioria das vezes, Quinn e Lazarus estavam sozinhos na estrada. Ela passou dois dias e duas noites presa com o homem, e só pararam uma vez para trocar de cavalos e condutor.

— Podemos falar sobre meu emprego? — perguntou Quinn, voltando a olhar para Lazarus.

— Você pode falar sobre o que quiser — afirmou. — É uma mulher livre.

— Se é para eu ser sua vassala — estreitou o olhar na direção dele —, presumo que em algum momento queira me informar sobre meu salário.

— Vida. Sobrevivência. Liberdade — respondeu Lazarus. — Nem precisa me agradecer.

— Roupas novas seria algo bom. Tecidos mais grossos para o inverno. Moeda para comida e provisões… — falou Quinn, ignorando os comentários secos.

— Tudo o que você precisar será fornecido. Isso inclui roupas e alimentos. Não te deixei morrer de fome ainda, não é? — Lazarus arqueou uma sobrancelha.

— Só se passaram dois dias. Não tenho ideia do que o futuro trará. — Fez uma pausa. — Ainda mais com suas recusas em responder minhas perguntas sobre nosso destino.

— Eu te disse…

— Sim, sim — interrompeu Quinn, balançando mão. — Você me disse que vamos para Shallowyn, mas quero dizer depois disso.

Lazarus fez uma careta. Não gostava de ser interrompido e ela sabia disso.

— Você saberá o que preciso que saiba e nada mais — afirmou, objetivo.

Quinn revirou os olhos, cruzando os braços e voltando a olhar pela janela. O sol ainda estava forte e sua visão ficou embaçada. Piscou, limpando a névoa. Encostada na lateral, concentrou-se no contorno da carruagem, traçando-a com os olhos quando sua visão caiu sobre um caroço estranho.

Levantando o olhar para Lazarus e depois de volta para a sombra esquisita, os olhos de Quinn se estreitaram quando a coisa se moveu. Ela abriu a boca.

— Laz…

A sombra pulou, saltando sobre a carruagem, e um baque seguiu quando algo grande e pesado atingiu a estrada. Levantando-se e olhando para fora,

Lazarus rosnou.

— Fique aqui — ordenou, pegando a maçaneta.

— Mas…

— Fique.

Ele se foi no momento seguinte.

Não importava se a carruagem continuava a andar, ele saltou para fora e ela ficou olhando para o assento vazio após sua rápida saída, imaginando como um nobre havia aprendido a se mover assim. Quinn tirou a capa em silêncio e se moveu em direção à porta quando a carruagem parou, estremecendo. Seu corpo deslizou para a frente, mas conseguiu evitar cair ao colocar os pés contra a borda do assento recém-desocupado diante dela.

Os cavalos soltaram um relinchar de consternação enquanto um homem gritava. Outro baque veio de fora quando algo atingiu o solo.

Um corpo, Quinn presumiu. Talvez todas as insinuações de perigo de Lazarus não fossem apenas paranoia, afinal. Enfiou a mão por baixo da camisa e puxou a adaga curta que havia tirado da mochila antes de partirem. Quinn deixou a mão cair para o lado e pressionou as costas contra a parede da carruagem.

Passos soaram do lado de fora… grandes, pesados. Passos de homens, ela concluiu. Homens *tentando* ser furtivos.

Os primeiros traços de medo sussurraram para ela, chamando-a de fora da carruagem. Manteve-se atenta aos seus sentidos, esperando que outro grito soasse. A porta se abriu e um homem vestido de preto espiou para dentro. Usava uma máscara de madeira opaca sobre a metade superior do rosto que cobria suas feições.

Quinn agiu sem hesitar. Um movimento de seu pulso foi tudo o que precisou, e a adaga voou.

Os lábios do homem se separaram sob a máscara quando a lâmina o atingiu no peito, afundando com precisão entre duas costelas. Por pouco não foi um golpe direto no coração.

Uma respiração chiada foi tudo o que escapou dele antes de Quinn levantar a bota e enfiá-la em seu rosto. A máscara de madeira rachou sob o impacto e os dedos dele soltaram as laterais da porta. O atacante balançou no ar por um segundo antes de um baque pesado soar quando pousou, uma nuvem de

partículas de poeira flutuando ao seu redor sob a luz noturna.

Sem perder tempo, Quinn pulou da carruagem e pousou sobre o corpo caído, imobilizando-o enquanto agarrava a adaga e a arrancava do peito dele. Os pedaços da máscara caíram de lado e homem lutou para respirar. Ela não se importou. Usando o punho de sua adaga, bateu no topo da cabeça do homem, deixando-o inconsciente e assistindo seus olhos rolarem nas órbitas.

Sombras se torceram e se entrelaçaram ao redor dela, obscurecendo-a conforme Quinn recuava contra a carruagem. Dois homens contornaram a lateral da diligência e as amarras da escuridão teceram uma barreira sobre ela. Quinn não notou os fios escuros se movendo para circundar seu corpo. Observou como os dois atacantes não pareciam perceber que ela estava lá quando voltaram sua atenção para o companheiro inconsciente.

— Você viu aquilo? — perguntou um deles.

Quinn só conseguia ver o contorno dos homens quando o primeiro se virou para o parceiro.

— Não há ninguém lá — respondeu o outro, também vestido com roupas escuras. Ambos usavam a mesma máscara do homem que ela esfaqueara.

Os cantos de seus lábios se ergueram com o menor dos sorrisos. O homem diante dela sangrava devagar e soltava gavinhas de medo. Havia apenas alguns deles, e no refúgio da fraca luz noturna, Quinn não estava tão afetada pela escuridão que a chamava.

Mais dois gritos abafados fizeram os homens entrarem em ação, afastando-se e virando para os sons de angústia.

Ambos se deslocaram para a frente da carruagem, onde Lazarus havia desaparecido. Embora não pudesse ver muito mais do que suas figuras, Quinn sentia a apreensão vindo deles, a maneira como envolvia seus corações.

— Você não acha… — começou o primeiro, um toque de nervosismo fazendo sua voz tremer.

— Não tem como ele vencer Krone… Aquele homem é uma fera. Ele é…

Um rugido quase desumano cortou o ar, cheio de uma fúria selvagem. Quinn tinha poucas dúvidas de sua origem.

A dupla na frente dela girou quando *ele* apareceu por trás, parecendo se

materializar das sombras.

— Quem os enviou? — perguntou Lazarus, um tipo implacável de maldade em sua voz, diferente de tudo que Quinn já tinha ouvido.

Ela esticou o pescoço para frente, atraída pelo profundo olhar predatório dele. Embora não fosse a única presa por aqueles olhos, podia sentir o poder por trás deles e isso a consumiu.

Os dois mascarados lançaram olhares aterrorizados um para o outro e deram passos apressados para trás.

— N-ninguém…

Quinn não sabia quem havia sussurrado a resposta, mas Lazarus sem dúvida não estava satisfeito com ela. Deu um passo à frente e, em sincronia, os dois homens deram um para trás, chegando ao alcance do braço de Quinn.

— Então vocês agiram por conta própria e sofrerão as consequências — rosnou Lazarus, soando mais fera do que humano.

O medo dos homens jorrava em riachos terríveis, mas tentadores. Quinn se inclinou e respirou fundo. Um rosto brilhou diante de seus olhos… a imagem de um homem com uma bengala. A impressão distinta de medo prévio a atingiu. Antes que algo mais pudesse acontecer, a imagem do homem desapareceu e em seu lugar estava a cena diante dela.

Um lampejo de metal brilhou na luz tênue quando uma adaga deslizou pela manga do segundo homem mascarado, projetando-se por baixo da cava da jaqueta.

Lazarus se moveu incrivelmente rápido, levantando um braço para atacar o primeiro, e o segundo se moveu para fazer o mesmo com Lazarus. O tempo todo, nenhum deles havia notado Quinn.

Ela cortou em um arco largo, passando a lâmina pelo fraco tendão e osso que ligavam a parte de trás do pé do segundo homem ao tornozelo. O sangue espirrou e o atacante armado vacilou. Lazarus derrubou o primeiro, segurando a cabeça entre duas mãos enormes. O mascarado nem teve tempo de implorar antes que uma rachadura soasse.

Lazarus o soltou e o corpo tombou, mole. Quinn piscou quando olhos arregalados e sem vida a encararam.

O homem com o tendão cortado desabou na estrada, balançando

cegamente a adaga na tentativa de se proteger, gavinhas de medo brotando de sua pele enquanto seu batimento cardíaco acelerava com selvageria no peito. Lazarus se moveu mais rápido do que os olhos dela podiam ver e, assim como naquele dia no camarim, agarrou o pulso do homem. Ambos ficaram imóveis.

Não houve últimas palavras. Sem avisos ou perguntas.

Lazarus Fierté, como Quinn estava percebendo bem rápido, era um homem de ação. Arrancou a lâmina dos dedos do homem prestes a morrer e a cravou na órbita ocular.

A boca do atacante se abriu, um grito tentando deixar seu corpo, mas, sem ter para onde ir, permaneceu em silêncio… preso enquanto seu cadáver tombava.

Lazarus se virou e encarou Quinn, apertando os olhos como se tentasse enxergar.

— Pensei ter dito para ficar na carruagem. — Sua voz estava áspera, mas não parecia zangado ou frustrado. Era mais como se tivesse algo na garganta.

Ele não olhou para os corpos espalhados ao redor. Nem Quinn. Ela deu de ombros.

— Não quis ficar.

Se ela pensou que Lazarus ficaria com raiva, enganou-se. Em vez disso, seu olhar se voltou para as sombras escuras agarradas à pele dela.

— Como você está fazendo isso?

— Fazendo o quê? — Franziu a testa.

— Camuflando-se — falou, gesticulando os dedos cobertos de sangue fresco na direção dela.

Quinn olhou para baixo pela primeira vez e notou a escuridão que cobria seu corpo. Não conseguiu ver muito de si, pois havia muitos fios de sombra se movendo ao seu redor.

— Eu não… — começou, sua voz falhando enquanto movia os braços e as sombras seguiam. — Não sei… — completou, o tom baixo.

Os primeiros filetes de seu próprio medo emergiram devagar do peito, subindo pela garganta. Lazarus deu dois passos poderosos e estendeu a mão. Quinn olhou para ele. Sombras ou não, ao estender sua mão para a dele e apertar,

tudo se dispersou e ele a colocou de pé.

— Você está bem? — perguntou, não com a preocupação usual que as pessoas em geral demonstravam, mas algo semelhante a isso.

— Sim.

— Que bom. Pegue suas coisas, precisamos ir.

Quinn se afastou e olhou para ele, depois para os homens caídos e, por fim, para a carruagem vazia com as portas entreabertas.

— Isso é tudo? — perguntou Quinn. — Nenhuma explicação sobre por que acabamos de ser atacados? *Nadinha*?

A raiva queimava em sua garganta, mas era do tipo fria. Aquela calma congelante que tomava conta sempre que ficava muito irritada. Enrijeceu-se, apática.

— Seis homens, Quinn. — O olhar afiado de Lazarus se voltou para o rosto dela. — Foram quantos nos atacaram esta noite. Quando não reportarem, será o triplo da próxima vez.

O tom foi direto e sem emoção. Embora as brasas em seus olhos pudessem ter queimado quando a encarou, Quinn continuou sem entender a situação tanto quanto os cadáveres a seus pés.

— Sim, e você ainda não me disse *por que* nos atacaram ou quem os enviou — respondeu Quinn de um jeito zombeteiro e indiferente.

Lazarus caminhou para algum ponto atrás dela. Houve uma respiração trêmula; em seguida, uma ofegante, e depois… nada. Silêncio.

Quinn se virou e o viu limpando a lâmina na bainha da túnica. O homem que ela esfaqueou no peito sangrava como um animal abatido.

— E não farei isso até você provar que é digna de alguma confiança — declarou, como se estivessem falando sobre o clima.

— Foi você quem pediu *minha* ajuda. — Ela o lembrou, inspirando forte com indignação e apertando mais a adaga. — *Você* veio até mim, não o contrário. Quem exatamente é você, Lazarus?

Ela quase matara um homem esta noite e o ajudou a despachar o outro, tudo isso para salvá-lo, não que achasse que suas ações lhe renderiam favores reais.

Conversar com um asno produziria melhores resultados, pensou.

— Alguém que você não quer como inimigo, Quinn — falou numa seriedade absoluta, encarando-a com olhos de obsidiana. — Se você não nos matar com suas delongas, talvez descubra.

Cansada, irritada, ainda com torcicolo e coberta de sangue, Quinn pegou a bolsa de dentro da carruagem e parou diante dele.

— Estou pronta — anunciou com grosseria.

Ajustando a sela nas costas de um dos cavalos, Lazarus olhou para ela. O garanhão preto relinchou, mas ficou em silêncio quando ele pousou a mão no flanco do animal.

— Você cavalga? — perguntou, impaciente.

Quinn negou enquanto mordia o interior da bochecha, pois uma resposta sarcástica não os levaria a lugar nenhum. Gostasse ou não, estava presa àquele bundão teimoso por contrato até cumpri-lo, ou até ele a libertar de seu dever. Nesse ritmo, não aconteceria nem um, nem outro, já que, pelo visto, estava mais propensa a morrer trabalhando para ele. Suspirou um som irritado.

— Da maneira que vejo… — Lazarus fez uma pausa, montando na sela. Estendeu a mão na direção dela, que olhou com desagrado. — Você não tem muita escolha nisso, Quinn. Ou vem comigo na sela, ou vem correndo atrás. A essa altura, não me importo como queira vir.

Quinn pegou a mão dele. Se havia uma coisa que odiava mais do que a situação em que se encontrava, era correr.

Lazarus sorriu como se, de alguma forma, soubesse disso.

Capítulo 09

Algemas do passado

“Pesadelos são alimentados pela realidade.”

– Quinn Darkova, ex-escrava, ex-prisioneira e quase uma assassina.

O traseiro dela doía. Seu corpo doía. Sua cabeça latejava forte pela privação do sono e exaustão mental de ter tantas coisas ruins acontecendo, sem pausa real. Se pensou que andar de carruagem por dois dias inteiros era difícil, estava mais uma vez muito enganada. Um dia e meio montada numa besta gigante, com as costas pressionadas contra outra besta gigante, estava pronta para esfaquear algo… qualquer coisa, se isso significasse que poderia ter um sono decente.

Lazarus cavalgou com determinação após o ataque. Não sabia se era para tentar compensar o tempo perdido ou escapar das consequências de suas ações. Estava claro: alguém o queria morto. Por causa disso, nenhum dos dois havia dormido.

Quinn deixou os olhos se fecharem quando o vento em seu rosto fez as bochechas pinicarem. Mas, quase no instante em que as pálpebras cerraram, o cavalo parou de maneira abrupta e ela as abriu.

— O que foi? — questionou, olhando em volta. — Qual é o problema?

— Nenhum — respondeu Lazarus. — Chegamos.

— Chegamos? — Quinn olhou ao redor da estrada rural. Haviam parado ao lado de uma parede alta de tijolos cinzentos, coberta de crosta pelo tempo e tomada por trepadeiras mortas e finas. — Não estou vendo nada.

Lazarus deu um toque nela para descer e, com um grunhido, ela obedeceu. Quinn ergueu a perna, passou-a sobre o pescoço do cavalo e deslizou pela lateral. O impacto a desequilibrou e ela cambaleou para se firmar. Se

Lazarus não tivesse desmontado em seguida e a agarrado pela cintura, teria caído na estrada de terra.

— Estou bem — disparou Quinn, com brusquidão e se afastando dele.

— Pare — ordenou Lazarus. — Sua túnica está presa nisso… — Quinn tentou se afastar e ele apertou mais a cintura dela. — O cavalo vai se assustar se você continuar puxando.

Lazarus rasgou o pedaço da camisa preso na fivela do alforje. Ela ficou boquiaberta com o buraco largo que ficou em sua túnica. Antes que pudesse dizer qualquer coisa, Lazarus agarrou seu antebraço e começou a puxá-la para a parede.

— Ei! — sibilou, batendo no bíceps dele. — E o cavalo?

Lazarus olhou para o grande garanhão preto enquanto Quinn se remexia, tentando aliviar a dor nas coxas.

— Mandarei alguém buscar.

Quinn ergueu uma sobrancelha, mas não respondeu. Ficou imaginando como seria ter pessoas que fariam as coisas mais estúpidas por você só porque tem dinheiro e não sente vontade de fazer isso por conta própria. No entanto, as chances eram de que nunca descobriria. Jamais teria dinheiro para tal luxo, nem a paciência para a vida que esse tipo de riqueza exigiria, e de alguma forma isso lhe convinha muito bem.

Lazarus a puxou para a parede, tateando ao longo da pedra escura à procura de algo. O bocejo de Quinn foi interrompido quando desviou o olhar para onde a mão dele havia desaparecido em um buraco no muro. Lazarus torceu o pulso e depois se afastou, recuando quando uma seção da parede se moveu para dentro e para o lado.

— O que pelo reino das trevas foi isso? — Quinn sussurrou em choque.

Lazarus a puxou pela abertura. Quase de imediato, a seção que havia sido removida deslizou de volta ao lugar.

Quinn ficou boquiaberta quando ele a conduziu por uma área arborizada imaculada. O silêncio, um verdadeiro, alertou-a de que não era apenas uma floresta. Não havia animais, nem excrementos, e a trilha não era irregular ou coberta de mato. Ele a puxou através das árvores até um gramado aberto com uma mansão de pedra adiante. Quinn piscou e a estudou, mesmo com Lazarus a

empurrando, incitando-a a se apressar.

Chegaram a uma escada preta que levava à ampla varanda.

— Você mora aqui? — Quinn sussurrou, ainda boquiaberta. Nenhum de seus mestres vivia num lugar tão opulento. O olhar dela se voltou para Lazarus, que se movia para a entrada dos fundos.

Quão rico é esse homem?

Lazarus e Quinn não haviam adentrado mais do que um metro quando uma mulher alta e esbelta apareceu na esquina. Em seu cabelo castanho começavam a nascer alguns fios brancos e, embora fosse bonita, havia uma dureza em seu rosto que só a idade poderia dar.

— Meu senhor — disse ela, segurando o topo da capa para cobrir a camisola. — Não esperávamos a sua vinda por mais um dia.

— Os planos mudaram, Lorraine. — Lazarus estendeu a mão para trás, agarrando o braço de Quinn mais uma vez. Empurrou-a em direção à mulher. — Esta é Quinn. É minha mais nova vassala. Cuide para que ela receba roupas novas, comida e um quarto para descansar. Draeven está?

Lorraine assentiu com firmeza, ainda chocada. Então, com uma sensação de familiaridade e robustez, respirou fundo e se endireitou.

— Sim, meu senhor, ele está dormindo. Como todos os outros. Estamos no meio da noite. Como acabou de chegar, permita-me preparar um banho. O senhor deve estar cansado de suas viagens.

— Não há tempo, Lorraine. Preciso falar com Draeven. Cuide de Quinn. — Virou-se para se afastar, mas parou, retrocedendo e fixando o olhar em Quinn. — Comporte-se — ordenou. Apenas uma palavra, depois desapareceu por um longo corredor escuro.

Quinn permaneceu parada olhando feio para ele, exausta e sem humor para sua atitude.

Lorraine se recompôs de maneira visível e se virou para a jovem exausta com olhos avermelhados.

— Vamos te limpar — disse Lorraine. — Siga-me.

Quinn a seguiu, olhando desde os enormes tetos arqueados e pinturas ornamentadas nas paredes até as esculturas nos corrimões das escadas. Tudo na

mansão exalava luxo, riqueza… extravagância, mas de um jeito agradável. Lorraine a conduziu por uma cozinha gigante e depois para o segundo andar.

— Aqui, este quarto está livre — anunciou Lorraine, parando no final do corredor e girando a maçaneta. — A câmara de banho para criados fica do outro lado do corredor, à esquerda. Você tem algum pertence?

Quinn puxou a bolsa e deu um tapinha nela, abrindo-a para mostrar dois livros.

— O que você vê é tudo o que tenho — respondeu, fechando-a e empurrando de volta.

— Humm. — Lorraine franziu a testa. — Bem, vou te levar para o banho e, enquanto estiver se limpando, trarei um vestido para você dormir.

— Não se preocupe. — Negou com a cabeça. — Não uso vestidos. Algo como o que estou usando já está bom. Posso dormir com um par de calças com tanta facilidade quanto posso lutar com elas.

— Lutar? — Lorraine pareceu surpresa por um momento, mas logo mascarou. — Entendo. Bem, então vamos para a câmara de banho, suponho.

Quinn assentiu e a seguiu até uma sala separada no final do corredor. Dentro, havia uma piscina larga de água turva com colunas subindo pelas laterais.

— Está fria — avisou Lorraine. — Lorde Fierté quase sempre providencia cristais de fogo para colocar na base das colunas e aquecer a água nesta época do ano, mas ainda não foram substituídos.

— Um banho frio é melhor do que nenhum — respondeu Quinn, começando a remover suas roupas empoeiradas.

Deixou-as cair no chão de azulejos lisos e se virou para as escadas que desciam para a piscina principal quando ouviu Lorraine arfar baixinho. Quinn enrijeceu, sabendo serem as cicatrizes cruzadas em suas costas que lhe arrancaram tal reação.

Ignorando sua expectadora, Quinn se dirigiu para a piscina e desceu para as profundezas geladas. Fechando os olhos, mergulhou, deixando a água engolfá-la por completo. Submersa o suficiente para poder lavar o corpo inteiro pela primeira vez em anos, chutou o fundo da piscina e nadou alguns metros. Quando o ardor em seus pulmões se intensificou para um crescendo

desconfortável, emergiu em busca de ar com um suspiro alto. Afastando o cabelo do rosto, Quinn voltou o olhar para Lorraine, que a encarava… cheia de curiosidade e cautela.

— Voltarei com roupas novas e alguma comida.

Quinn assentiu e observou a mulher sair da câmara, depois se recostou e olhou para o teto. Flutuou na água turva por vários minutos silenciosos antes de avistar um pedaço de sabão esquecido. Quinn nadou em direção a ele, apoiando os braços na borda quando parou. Agarrou o sabonete entre os dedos molhados, cheirando a barra grossa e dura. Fazia muito tempo desde a última vez que usou um para tomar banho. Mais de dez anos, para ser exata. Levou-o ao nariz de novo e respirou fundo. Cheirava a alecrim e sálvia.

Ensaboando os dedos, Quinn lavou do corpo a sujeira de suas viagens e depois o cabelo. Ao terminar e enxaguar toda a espuma, havia restado apenas um pequeno pedaço. Colocou-o de volta na beira da piscina e olhou para trás, para o eco de uma porta se fechando. De volta, Lorraine segurava uma bandeja de comida em uma mão e um conjunto de roupas na outra, além de uma toalha limpa sobre um dos braços.

— Lorde Fierté pediu para você comer e descansar enquanto pode. Voltará a partir em algumas horas.

Quinn duvidava muito disso. O homem não pedia nada a ninguém. Ele exigia, mesmo quando não tinha direito. Optou por não expressar nenhuma opinião em particular ao se afastar da borda e nadar de volta para os degraus.

Gemeu contra a dor intensa e a rigidez de seus músculos ao subir as escadas, a água escorrendo de sua pele em torrentes, o cabelo grosso e indisciplinado grudando em suas costas. Lorraine pousou a bandeja e entregou a toalha. Quinn se secou depressa e pegou as roupas, vestindo o novo tecido. As calças eram um pouco apertadas nos quadris, mas o resto se encaixava relativamente bem. Não tinha do que reclamar.

— Onde conseguiu essas roupas em tão pouco tempo?

— Yan, o responsável pelas terras, tem um filho adolescente. Ele foi muito gentil e as emprestou para mim — respondeu Lorraine.

— Bem, então o filho de Yan tem a minha gratidão — disse, inclinando a cabeça.

— Por favor, coma. — Lorraine gesticulou para a bandeja. — Quando

terminar, pode ficar no quarto que mostrei. Alguém vai despertá-la quando for a hora de partir.

Quinn ponderou quanto a renunciar de vez à comida em favor de mais sono, mas sabia que precisaria ter energia mais tarde. Além disso, o que viu na bandeja a fez salivar: pão dormido, um pedaço de queijo e geleia com frutas fatiadas. Quinn atacou tudo sem delicadeza, devorando a deliciosa refeição em poucos minutos. Lorraine ficou parada e quando Quinn levantou a cabeça, limpando a boca com a manga da nova túnica, fez uma pausa, notando seu olhar horrorizado.

— O quê?

— Teremos que melhorar seus modos — disse Lorraine, piscando. — São terríveis.

— Quase não como há três dias. — Quinn deu de ombros.

Lorraine balançou a cabeça e pegou a bandeja vazia.

— Vá descansar. Voltará para a estrada em breve — ordenou.

Quinn não precisava que falasse duas vezes. Quando Lorraine saiu da área de banho, ela também deixou o lugar, pegando a mochila ao lado da piscina e refazendo seus passos até o quarto que a mulher havia lhe mostrado. Girou a maçaneta e a porta se abriu, as dobradiças rangendo. No canto, havia uma cama grande o bastante para caber um corpo… e um bem pequeno. Quinn não se importou. Bastava que fosse uma cama. Caiu de cara no colchão e adormeceu em instantes.

Já o descanso, no entanto, estava muito além de seu alcance.

O barulho das correntes ecoou a curta distância. O gotejamento suave e constante de algum líquido trouxe a consciência de Quinn à superfície. Abrindo os olhos, sentou-se e congelou.

Pilares de pedra a cercavam. Gelo embaixo dela. Uma rajada de ar congelante tocou de leve ao longo de suas costas nuas. Lenta e mecanicamente, Quinn levantou e se virou em um círculo, observando o templo familiar. Era um lugar que não via há anos, não desde antes de ser vendida.

Rosnados suaves a fizeram franzir a testa e, sem pensar, virou. A visão que a cumprimentou a atingiu direto no peito, agarrando seu coração frio e sombrio e apertando. Por fora, Quinn não esboçou reação. Seus olhos

permaneceram fixos na garota acorrentada e nua. O sangue encharcava suas unhas e escorria de seus cabelos prateados, agora manchados de vermelho.

A garota reclinou a cabeça. Dois pequenos chifres pretos se projetavam do topo.

Alguém, um homem, avançou, deitando-se sobre a garota, e ela rosnou outra vez. As correntes sacudiram e Quinn virou a cabeça. Uma pessoa jazia morta, não muito além da pequena luz que iluminava a cena. Na verdade, havia muitas pessoas… todos homens. Todos mortos.

— Pare. — A garota forçou a palavra. Sua voz estava rouca, áspera… despedaçada de tanto gritar.

Quinn sentiu uma onda de algo violento a percorrer. Um desejo, uma necessidade de ajudar, embora não conseguisse entender o porquê.

O homem que pairava acima dela tinha pele pálida e cabelos prateados. Mas a garota… era diferente. Enquanto seu cabelo era como o luar, sua pele era de um cinza profundo e esfumaçado. O homem se moveu contra ela, mas a garota não chorou, nem gritou.

Quinn estava congelada no lugar, incapaz de se mover. Podia sentir, de onde estava parada, o frenesi áspero de sua fúria aumentando. O medo que atravessava o homem em cima da garota era tão palpável, tão denso, que Quinn quase podia provar o gosto asqueroso dele em sua língua, como suor e mofo.

Porém, mesmo com medo, algo estava errado.

Algo estava diferente.

As correntes sacudiram de novo e o homem congelou. De repente, começou a se afastar da garota, tropeçando. Despido, sangrando… quebrado. Ele se engasgou, os lábios se separando, sangue escorrendo do pescoço. A boca da garota estava pintada de vermelho. A cor sujou seus lábios, pingando em fluxos grossos e pegajosos do queixo para o meio dos seios.

O homem asfixiando caiu morto. No mesmo instante, um dos cadáveres se levantou das sombras e avançou.

Correntes sacudiram.

— Pare — implorou a garota, mas o cadáver reanimado não cedeu.

Ele avançou, posicionando-se sobre ela, situando-se entre suas coxas. A

jovem lutou tanto quanto as correntes permitiam, mas isso não o impediu.

Sem sequer uma resposta, ele a penetrou.

— Pare.

Então, Quinn sentiu. Um novo medo… um mais agudo, mais profundo e mais arraigado do que qualquer outro vindo dos cadáveres, como ser banhado em gelo e sangue. Aquilo atingiu Quinn com força, deixando-a de joelhos.

Ela manteve os olhos abertos e a garota olhou para cima, enfim encontrando o olhar de Quinn, que foi tomada por uma sensação familiar.

O quê… Quem?

— Pare — implorou a garota. — Pare.

Eles não pararam.

Nunca paravam.

Era disso que a garota tinha medo.

Temia que, não importava quantas vezes os matasse, esses homens se reanimariam. Viriam atrás dela de novo e de novo, forçando-se entre suas pernas várias vezes, até que o prazer doentio os encontrasse… apenas para voltar à vida momentos depois.

Para cada um que ela matava, outro tomava seu lugar.

Nunca se cansando.

Nunca morrendo de verdade.

Nunca parando.

Quando Quinn foi acordada, quase deu um soco em Lorraine, que pairava sobre ela. Assustada, a mulher recuou antes que o punho de Quinn pudesse fazer contato. Ofegante, suando e pestanejando com furor para o pequeno quarto, Quinn tentou recuperar o fôlego. O suor encharcou sua nova túnica, umedecendo a pele e fazendo o tecido se agarrar aos músculos doloridos.

— É hora de ir — disse Lorraine, recuando e a olhando com cautela.

Quinn esfregou o rosto e assentiu. Lorraine deu mais um passo em direção à porta e, com um último olhar, apressou-se pelo corredor, deixando a porta entreaberta. Quinn jogou as pernas para a beirada da cama e descansou a cabeça nas mãos.

Demorou vários minutos para perceber que gavinhas negras de medo estavam se entrelaçando em torno de seus pulsos como as algemas da garota, movendo-se e zumbindo contra sua pele como se estivessem se preparando para consumir tudo num frenesi. Qualquer que tenha sido aquele sonho – aquele pesadelo –, havia despertado algo dentro dela.

Algo que não voltaria a dormir.

Capítulo 10

Doces tormentos

"Nem toda dor é dolorosa, assim como nem toda tortura é física. Às vezes, o verdadeiro tormento vem embrulhado em um pacote tão delicioso que sua mera presença é uma doce agonia."

– Lazarus Fierté, nobre, mestre manipulador e assassino declarado.

Lazarus não dormia bem há anos, mas desde que encontrou Quinn, estar acordado era tão inquietante quanto. A magia sombria que espreitava dela o chamava, sussurrando a mais doce e mortal das promessas. A viagem para Shallowyn tinha sido uma forma particular de tortura por tê-la tão perto a ponto de poder tocá-la, de *precisar* tocá-la… e ainda assim tão longe, pois não iria além. Recusava-se a isso, embora ela o fascinasse.

Quinn ainda detinha sua sanidade – *na maioria das vezes*. Quando as emoções se agitavam, tinha deslizes, assim como ele. Os dela eram menos controlados e ocorriam com mais frequência, mas não eram tão mortais quanto os dele. Pelo menos, não para alguém como ele. *Ainda* não. Lazarus era capaz de lidar com os poderes dela no nível em que estavam. Jovem, Quinn ainda os estava despertando, então teria tempo até ela ascender ao que um dia se tornaria.

Lazarus conseguia enxergar isso agora, observando-a olhar para o sol que descia no horizonte, o cavalo sob ele trotando na estrada irregular.

Ela seria gloriosa quando atingisse todo o seu potencial, e Lazarus tinha toda a intenção de ser o único a guiá-la até lá. Planejava ser o único a manipular aquele fogo sombrio que, ele sabia, não parava de crescer dentro dela.

Se ao menos sua crescente necessidade se acalmasse. O desejo de foder ou matar estava se tornando um tanto quanto… avassalador. Eliminar os assassinos aliviara a tensão, mas depois de cavalgar dia e noite com o corpo

pressionado contra o dela… Balançou a cabeça. Lazarus estava de volta ao ponto em que começou, a constante percepção da presença de Quinn zumbindo através dele, uma sensação da qual não conseguia se aliviar.

A maldita garota, por mais útil que fosse, era fascinante demais para seu próprio bem. Porém, quando as pessoas o interessavam, acabavam mortas ou acorrentadas à sua casa por toda a vida.

Quinn não tinha vontade de ficar e possuía uma desconfiança inerente. Não era tão ingênua para ter sua lealdade comprada com facilidade.

Seus dedos apertaram as rédeas e o cavalo parou de súbito.

— Está tudo bem? — perguntou Draeven.

— Deveríamos acampar. — Lazarus olhou para o homem que era seu terceiro em comando, seu braço *esquerdo* e amigo mais próximo.

Draeven assentiu uma vez, seus cabelos cor de areia ficando cinza sob a luz que se extinguia no céu.

— Então acamparemos.

Afastaram-se do caminho trilhado e levaram sua pequena comitiva para a floresta, indo longe o suficiente para que não fossem vistos por ninguém que pudesse passar por eles nas estradas. Lazarus desmontou, ignorando a forte onda de consciência que o percorreu quando Quinn deslizou do cavalo e gemeu alto.

O som agitou algo nele, e Lazarus não gostou.

— Quem é ela? — indagou Draeven, tirando-o de seus pensamentos.

— Ninguém — respondeu Lazarus.

Tirou a esteira de dormir da sela. Estavam com pressa quando saíram de Shallowyn para se preocupar com tendas. De qualquer maneira, todo o trabalho de montar e desmontar não valeriam a pena nesta época do ano. O fardo do equipamento só os atrasaria. Em algumas semanas, quando estivessem nas montanhas ciseanas, para depois partir ainda mais para o norte, talvez precisassem de mais, mas não agora. Não quando Quinn não conseguia nem andar a cavalo sozinha.

— Certo, Lazarus — suspirou Draeven. — Então *o que* ela é?

— Uma vassala.

— Você recebe uma carta de um velho e fica um mês em Dumas procurando por essa garota, que nunca vi antes, e quando a encontra recebe notícias de Claudius e é atacado no caminho de casa. — Draeven fez uma pausa, a desconfiança que não queria mostrar evidente. — Não estou gostando disso.

— Você não precisa gostar — respondeu Lazarus.

— Pelo menos me conte por que ela é tão importante a ponto de você a trazer nesta viagem — pediu Draeven, amarrando seu próprio cavalo a uma árvore. — Sem treino e despreparada — acrescentou, seus olhos violetas se estreitando para Lazarus antes de voltar para Quinn.

— Ela pode traduzir n'skarano. Precisarei disso em breve. — Não era mentira, precisaria mesmo.

Quinn conhecia a língua e, considerando o quão reclusas as tribos N'skari eram, teria dificuldade em encontrar outro n'skarano em Norcasta que pudesse fazer o trabalho que Lazarus gostaria que ela fizesse. No entanto, aquela não era a verdadeira razão pela qual a trouxera. Nem de perto.

— Isso é tudo? — questionou Draeven, sua mandíbula tensa quando voltou a olhar para Lazarus.

— Aonde quer chegar?

— Ela mal sabe andar a cavalo e vai nos atrasar. Lorraine contou que ela tem cicatrizes de chicotadas nas costas, o que significa que, pelo que sabemos, também pode ser uma escrava fugitiva. — Draeven baixou a voz uma fração quando Quinn se virou e olhou de forma bem incisiva para eles como se soubesse que estavam falando a seu respeito.

Era tão estranha essa maneira atrevida como ela se movia pelo mundo. Em nenhum momento baixou os olhos em submissão a ele, como muitos outros teriam feito por instinto. Mesmo agora o encarava, com Lorraine a repreendendo. Quinn dispensou o comentário dela com um murmúrio, o que só serviu para frustrar a mais velha.

— Ela não é uma escrava — respondeu Lazarus, alto o suficiente para Quinn ouvir, antes de se virar para a floresta para continuar essa conversa em particular.

Draeven o seguiu, ainda insistindo no assunto.

— Tem certeza? — perguntou seu terceiro em comando.

— Sim — respondeu Lazarus. — Precisei levá-la a Driselda para remover dezessete marcas.

— Pela ira de Myori — xingou Draeven. — De qualquer forma, N'skara é uma das últimas paradas e, embora sejam raros, não são tanto assim a ponto de você não conseguir encontrar alguém até lá. Então, o que ela é? Porque, desde que voltou com ela, algo está errado com você. — Fez uma pausa, os olhos voltados para a garota atrás dele.

Lazarus estava começando a se perguntar se não era o único atraído pela escuridão dela.

— Ela é o que eu acho que é? — insistiu Draeven.

— E o que seria? — indagou Lazarus, uma nota mais sombria preenchendo seu tom.

Olhou de volta para Quinn, que, não o observando mais, começou a preparar sua própria esteira, ignorando Lorraine de propósito enquanto ela tentava explicar algo.

— Ela é como você? — perguntou Draeven, por fim.

Os dois ficaram ali assistindo a jovem terminar o que estava fazendo. Apenas breves sussurros da escuridão dentro dela se agitavam no ar ao seu redor, mas era o suficiente para enlouquecer Lazarus. Apenas um gostinho de seu poder, nada mais.

— Não — respondeu. — Não exatamente.

Draeven piscou, voltando-se para Lazarus.

— *Não exatamente*?

— Ela é uma dobradora de medo.

— Deuses nos ajudem — proferiu Draeven, segurando a cabeça e respirando fundo. — Agora entendo tamanha cautela.

Lazarus sabia que Draeven acreditava em suas palavras e que tinha conhecimento do quão rara ela de fato era.

— Ela é uma das Majis mais fortes que já encontrei, e nem sequer alcançou sua ascensão — disse Lazarus. — Tenho que testá-la, claro, e ela precisa começar a treinar. Eu a vi conjurar uma ilusão sobre toda Dumas e colocar um quarto da cidade em um frenesi de pânico.

Draeven balançou a cabeça, apertando a ponte do nariz.

— Então acredita que com ela treinada e ao seu lado, as casas nobres de Norcasta não se levantarão contra você quando Claudius morrer — supôs Draeven, e Lazarus assentiu. — Não está errado. Se ela é mesmo tão forte, então você consolidaria seu lugar sem dissolução… mas há problemas com este plano, Laz…

— Ela assinou um contrato — interrompeu Lazarus. — Será minha por cinco anos.

— E depois que o tempo dela acabar? — perguntou Draeven. — Se você a treinar, supondo que seja capaz, como sabe que ela não ficará viciada no poder e se voltará contra você?

Seus argumentos eram lógicos e válidos. Lazarus já os havia considerado.

— Não sei — respondeu. — Não tenho garantias de que não mudará de ideia no final, mas, se isso acontecer, lidarei com ela quando chegarmos a esse ponto. Cinco anos é muito tempo, Draeven. Tempo suficiente para ganhar sua lealdade e discernir se ela será um problema.

De qualquer maneira, era isso que ele esperava, não que fosse contar a Draeven sobre suas dúvidas. O homem ainda estava se acostumando com a ideia. Lazarus precisava conduzir a situação com calma, com cada parte dela, se quisesse alcançar o resultado que desejava.

Mesmo assim, com Draeven aprovando ou não, não a deixaria ir. As palavras de Claudius ainda eram tão frescas em sua mente quanto naquele dia, seis anos atrás, quando lhe deu uma dica sobre seu futuro. Não, Quinn não ia a lugar algum.

— Se treiná-la e ela alcançar sua ascensão, não há garantias de que será capaz de detê-la caso seja tão poderosa quanto pensa que ela é — disse Draeven, levantando a cabeça.

Havia velhos fantasmas em seus olhos. As coisas que fizeram até alcançarem aquele ponto não foram gentis, mas Draeven sempre se manteve fiel a cada fim que encontraram. Seu lugar ao lado de Lazarus, um de onde poderia mudar o mundo para melhor… valia tudo isso. Ainda assim, Quinn era uma variável que Draeven não havia considerado. Lazarus sim. Esperou todo esse tempo pelo dia em que a encontraria.

Agora precisava descobrir o que exatamente deveria fazer com ela.

— Conseguirei domá-la, Draeven — disse Lazarus com os dentes cerrados e, em seguida, olhando para trás, acrescentou: — Sempre consigo.

— Pelo bem de todos os envolvidos, espero que sim — murmurou seu braço esquerdo, a voz tão baixa que Lazarus quase não escutou.

Capítulo 11

Pousada Luz do Luar

“Se algo é importante para alguém, descubra o porquê. Importar-se com algo é uma fraqueza.”

– Quinn Darkova, ex-escrava, ex-prisioneira, aspirante a assassina e vassala relutante da Casa Fierté.

— Como membros da Casa do mestre Lazarus, temos o dever de resguardar sua graciosidade. Somos extensões de sua vontade e…

Quinn não tinha permissão para matar a mulher, isso era óbvio, mas com todas essas tentativas de ensiná-la sobre a importância da decência e dos modos de servidão, pensava nisso cada vez mais. Se alguma vez tivesse a chance, faria dessa mulher a primeira a sumir.

Lorraine era muito importante para Lazarus. Observou a mulher reclamar com ele em muitas ocasiões, quase sempre em relação à atitude de Quinn, em especial quando Quinn falava com e referente a Lazarus como se ele fosse um mortal comum e não um deus entre os homens. As reclamações não eram a parte estranha, mas o fato de ele permitir que ela as fizesse.

Quando Lorraine falava, ele parecia ouvir… ou pelo menos fingia. Muitas vezes, balançava a cabeça e apenas dizia que ela lidasse com o assunto, mas nunca a repreendia por reclamar. Não como fazia com Quinn. Por outro lado, todos pareciam ter algum tipo de problema com Quinn, ou talvez fosse o contrário. Não que ela jamais fosse admitir. Não era sua culpa ter sido forçada a fazer essa maldita jornada. Estavam na estrada há mais de uma semana, comendo nada além de peixe cozido demais e frutas silvestres. Quinn estava começando a ficar inquieta e a Senhora da Sorte nunca sorria para ela quando ficava inquieta.

Ainda assim, fez uma rápida oração aos deuses para que algum tivesse pena dela. Foi quando levantou a cabeça e piscou ao avistar os telhados à distância.

— Bem, isso é novidade — murmurou para si, interrompendo o discurso mais recente de Lorraine. A verdade era que já havia parado de prestar atenção vários minutos antes.

— O quê? — perguntou Lorraine.

— É uma cidade — disse Quinn, deslocando-se sobre a grande besta que as carregava há dias.

— Humm. — Lorraine se inclinou para o lado e examinou os topos dos edifícios ao longe. — Seria bom dormir em uma cama esta noite — disse, distraída. — Também precisaremos reunir suprimentos e trocar os cavalos por outros descansados, que possam nos levar o resto do caminho.

Quinn não se importava com nada disso, nem com a cama, os suprimentos ou os novos cavalos. Chegar a uma cidade significava sair dessa maldita besta e se afastar do falatório constante de Lorraine. Quase chutou o cavalo na esperança de estimulá-lo a ir mais rápido, mas conseguiu se controlar.

— Meu senhor! — Lorraine chamou Lazarus e os outros homens que estavam na estrada com eles. — Vamos parar para passar a noite?

O cavalo de Lazarus desacelerou devagar e ele se virou enquanto o das duas trotava ao lado.

— Ficaremos por duas noites — anunciou. — Os cavalos vão descansar. Suprimentos serão reunidos e então partiremos outra vez.

— Excelentes notícias — disse Lorraine.

Quinn resistiu ao desejo de revirar os olhos. Ignorando a mulher enquanto ela voltava a explicar as boas maneiras condizentes com uma vassala do mestre Lazarus, Quinn examinou os edifícios e as ruas malcuidadas quando chegaram à periferia. Os edifícios passavam longe de um estado conservado, a maioria deles sujos e com camadas de lodo. Os telhados de palha não mostravam mais desgaste do que os de seu setor em Dumas, mas várias das casas e estabelecimentos não tinham cobertura onde deveriam ter.

Não pararam. Em vez disso, adentraram ainda mais na cidade. Dominicus liderou o caminho com Lazarus logo atrás. Lorraine e Quinn seguiam

na frente de Draeven, que havia recuado para proteger a retaguarda do grupo. As pessoas os observavam das ruas, seus olhos acompanhando Quinn em especial. Sua aparência era uma estranheza no mar de peles bronzeadas e cabelos castanhos. Algumas crianças até apontaram admiradas, com seus pais as arrastando para longe.

— Humm.

— O quê? — perguntou Lazarus à interjeição de Quinn.

— Nada — respondeu. — Só não parece que recebam muitos visitantes por aqui.

Lazarus olhou para um menino que fitava, sem disfarçar, os cabelos prateados de Quinn. Draeven riu e Quinn se virou para encará-lo. Balançando a cabeça, o soldado sorriu para ela.

— Ele não consegue evitar — disse Draeven, acenando com a cabeça para o menino cuja mãe escolheu aquele momento para agarrá-lo e marchar para longe. — Mesmo os meninos que ainda não atingiram a idade adulta ficam paralisados com sua beleza.

— Se está procurando diversão, sugiro que procure em outro lugar — avisou Quinn, estreitando os olhos para Draeven, os lábios retesando.

— Que sensível — disse ele, levantando as mãos em uma rendição fingida e com um sorriso ainda nos lábios. — Juro que não estava zombando de você.

Ela se virou e olhou para frente, notando que Lazarus olhava entre os dois com uma carranca antes de enfim se voltar para frente também.

Quando chegaram à pousada Luz do Luar, Quinn se apressou para desmontar. Deu um passo em direção à porta e logo escorregou, quase caindo de cara na lama.

— *Potes* — murmurou, o xingamento n’skarano rolando de sua língua enquanto estendia a mão e segurava o freio do cavalo para se manter ereta.

O animal teve a coragem de bufar de irritação e ela lhe lançou um olhar fulminante. Suas coxas estavam em carne viva, suas pernas moles como algas. Enquanto ela esperava um momento para permitir que suas pernas se ajustassem à nova condição em solo firme, Draeven passou, jogando a cabeça para trás e gargalhando de sua difícil situação.

Quinn mudou de ideia. Se tivesse a chance, ele seria a primeira pessoa que mataria.

Como se sentisse seus pensamentos, Draeven voltou o olhar para ela. O desgraçado teve a audácia de sorrir quando se virou e atravessou a porta da frente da pousada, seu cabelo loiro brilhando na fraca luz da tarde enquanto o sol começava a descer por trás dos prédios.

Afastou-se do cavalo e deu vários passos em direção à pousada, com a intenção de matá-lo, ou pelo menos esfaqueá-lo, quando Lazarus se interpôs no caminho. Ela parou antes que pudesse bater em seu peito largo e voltou seu olhar estreito para cima.

— Eu agradeceria se você não planejasse os assassinatos dos meus camaradas — disse com um tom severo. — Essa será uma regra permanente do seu contrato pelos próximos cinco anos.

Rangendo os dentes, Quinn o encarou.

— Tudo bem — concordou, movendo-se ao redor dele. — Mas no futuro, se não quiser que seu lorde Raio de Sol acabe com uma adaga no olho, sugiro avisá-lo para manter seus comentários para si.

— Entendido — disse Lazarus, e ela se moveu para contorná-lo.

Quinn poderia jurar que viu um brilho de diversão em seus olhos, mas não se virou para confirmar. Lazarus era uma “estátua” de complicações indescritíveis, com as quais não queria se entrelaçar ainda mais.

Alongando as pernas ao caminhar, Quinn tropeçou através da porta que rangia e entrou na pousada, parando para procurar lorde Raio de Sol e madame Etiqueta.

O interior não parecia muito melhor do que o resto da cidade. Uma escada desgastada levava ao segundo e terceiro andares, faltando alguns pedacinhos aqui e ali por anos de uso. A mobília na sala da frente tinha uma camada de poeira como se não fosse usada há algum tempo. O velho magricela que veio cumprimentá-los, parecendo um esqueleto vivo com olhos fundos e dedos ossudos, pegou o dinheiro deles e os direcionou para as escadas onde encontrariam seus quartos.

— Sinto muito por não termos ninguém para cuidar de seus cavalos, senhor. — A voz do velho tremeu quando transmitiu a informação a Lazarus. — Não recebemos muitos visitantes em Ishvat, mas os estábulos nos fundos serão

capazes de mantê-los durante a noite para sua estadia.

— Sem problemas, não ficaremos muito tempo — falou, pegando as chaves.

Lazarus gesticulou com a cabeça na direção da porta da frente. Dominicus e Draeven assentiram e seguiram seu comando silencioso, voltando para os cavalos.

— Você vai ficar com Lorraine — avisou Lazarus, entregando a Lorraine a chave e uma bolsa de moedas que havia tirado de baixo de sua capa. — Leve-a com você para comprar suprimentos. Estaremos nos estábulos quando voltar.

— Claro, meu… Lazarus. — Lorraine assentiu.

Quinn olhou de soslaio, captando o olhar que Lazarus deu ao dono da pousada, que parecia mais ocupado cantarolando para si do que prestando atenção ao deslize de Lorraine. Ele fez um gesto com dois dedos para saírem, e Quinn e Lorraine o seguiram.

— Vamos precisar de provisões de comida por mais uma semana e… — Lazarus tirou um pergaminho amarelado do bolso e o entregou. — Veja se consegue encontrar isso — terminou, encarando a mulher de maneira intensa.

Lorraine assentiu e colocou o pergaminho nas dobras do vestido antes que Quinn pudesse ver o que estava escrito.

— E, Lorraine — Lazarus estendeu a mão para Quinn e a arrastou para mais perto, empurrando-a para a mulher —, mantenha esta aqui longe de problemas.

Capítulo 12

Crimes da meia-noite

"O jogo é o mau hábito de um homem pobre e a armadilha, de uma mulher inteligente."

– Quinn Darkova, ex-escrava, prisioneira não-oficial, aspirante a assassina e vassala relutante da Casa Fierté.

O quarto cheirava a ranço, como se o feno nas camas não tivesse sido trocado por muito tempo e os pisos de madeira estivessem úmidos e precisando arejar. Quinn torceu o nariz contra o odor desagradável, mas Lorraine não pareceu se importar, apressada com o restante de suas compras que não haviam sido armazenadas nas selas. Quinn examinou o quarto. Havia uma pequena cama de solteiro encostada na parede perto da janela solitária, e ela se dirigiu para lá.

Quando pousou de bruços no colchão de palha, tossiu, virando-se de lado para assistir Lorraine se preparar para dormir.

O jantar tinha sido um pedaço de queijo e carne de coelho curado ao redor de uma mesa rachada manca de uma perna, seguido de uma conversa sussurrada que Quinn não tinha permissão para ouvir, então Lorraine pediu licença para as duas se retirarem. Se estivesse em Dumas, estaria se preparando para seu ato agora, mas desde que assinou aquele contrato com Lazarus, todos os dias eram consumidos por cavalgadas e sono curto e inquieto, com o ocasional sonho de esfaquear alguém.

Sentia cansaço, mas não físico. Estava cansada de ser observada e controlada a cada momento desde que negociou os cinco anos vindouros de sua vida. Não que tivesse uma escolha melhor após a façanha no mercado. Culpava-se por aquele deslize de sanidade todos os malditos dias. Ainda assim, já tinha começado a se familiarizar com a rotina noturna de Lorraine e sabia que os

outros também se retirariam para dormir em breve.

Virando-se de costas, Quinn colocou as mãos atrás da cabeça, entrelaçando os dedos para apoiá-la enquanto olhava pensativa para o teto de madeira.

— Não vai se arrumar? — perguntou Lorraine, soltando o cabelo e começando a trançá-lo de lado.

— Humm — respondeu Quinn com desdém.

Lorraine abriu a boca para dar outro sermão, sem dúvida em relação às suas maneiras, mas houve uma batida abrupta na porta. Quinn não moveu um músculo para atender. Vestida em sua camisola e com o cabelo desgrenhado, Lorraine abriu a porta para espiar. Deu um passo rápido para trás e terminou de abri-la. Lá estava Lazarus, sua grande estrutura ocupando quase toda extensão da entrada. Quinn se sentou.

— Você ainda tem aquele pergaminho que lhe dei? — perguntou, direcionando a questão para Lorraine sem nem olhar para Quinn.

— Sim. Desculpe, milorde. — Lorraine se virou e vasculhou sua capa, encontrando o papel amarelado e o entregando. — Não consegui encontrar o que o senhor precisava.

Lazarus balançou a cabeça.

— Imaginei que não encontraria nesta pequena cidade, só queria ter certeza.

Quinn ouviu com atenção, seus olhos deslizando para o bolso de Lazarus assim que ele voltou seu olhar sombrio para ela. Ergueu a cabeça e encontrou os olhos dele.

— Espero que não saia esta noite — disse ele, com severidade.

Quinn deu de ombros.

— Estou falando — reafirmou. — Não saia desta hospedaria.

— Entendi — respondeu Quinn, deitando-se no colchão de palha e acenando para ele.

Lazarus manteve o olhar nela por um bom tempo antes de suspirar e agradecer a Lorraine uma última vez antes de sair.

— Seus modos são atrozes — disse Lorraine, arrastando-se para a cama ao lado de Quinn.

Não demorou muito para que ela adormecesse e Quinn ficasse encarando o teto em paz. Mais ou menos uma hora depois, o som de gargalhadas estridentes no beco abaixo a tirou de suas reflexões. Quinn se sentou, deslizou em silêncio da cama e se levantou, caminhando até a janela. Olhou para baixo e rastreou os movimentos de três figuras caminhando em direção à estrada principal.

Deveriam ser apenas bêbados de cidade pequena, supôs. Mas não importava. Tinha certeza de que aqueles homens poderiam levá-la a algum lugar divertido ou, pelo menos, a um que não fedesse mofo e fosse bem longe de onde cada movimento seu estivesse sendo observado.

Quinn olhou para Lorraine, certificando-se de que ainda estava dormindo. Não tinha como sair pela porta da frente sem Lazarus saber. Havia muito risco de alguém vê-la. Precisaria sair pela janela… e depressa, se quisesse seguir os homens. Deslizou os dedos sob a base da janela e a ergueu. Cada rangido e ruído da moldura a fazia voltar o olhar para Lorraine, porém, apesar de tudo, ela roncava baixinho. Os primeiros sinais de um sorriso repuxaram os cantos de sua boca quando Quinn se virou e deslizou os pés primeiro antes de passar o resto de seu corpo através da pequena abertura.

Seus músculos se contraíram ao se segurar contra a parede da pousada com uma mão no peitoril. Lambendo o lábio inferior, equilibrou-se na fina borda de madeira antes de estender a mão e fechar a janela atrás de si. Então, com ambas as mãos agarradas ao parapeito, Quinn balançou as pernas e soltou, pousando com força em uma pilha de feno a poucos metros à direita.

Rindo de sua engenhosidade, levantou-se e bateu o pó antes de seguir em direção à rua. Os homens que caminhavam ao longo dela não tinham ideia de que estavam sendo seguidos. No que lhes dizia respeito, tudo não passava de sombras e sujeira, nada mais.

Para Quinn, era um sopro de liberdade. O medo poderia ser sua droga preferida, mas era a liberdade que afugentava os pesadelos. Um sonho que ela alcançou, agarrando-o através das barras invisíveis que outros não podiam ver. Uma ilusão por esta noite, mas não para sempre.

Bem, teria que ser o suficiente.

Seguiu-os pela cidade tranquila, sem nem sequer precisar despistar, pois em nenhum momento pensaram em se virar ou olhar em volta. Avançaram como

idiotas desajeitados, cheios de ânimo e sem inteligência. Não olharam porque estavam confiantes, seguros de si. Não sabiam observar as sombras mais de perto ou ficar atentos aos sons dos terrores soltos à noite. Isso facilitou a vida de Quinn, porque não a perceberam enquanto os acompanhava até uma pequena taverna nos arredores da cidade.

A moldura de madeira sacudiu atrás dela quando a porta se fechou e os cheiros de fumaça e suor encheram suas narinas. Ela recebeu alguns olhares desconfiados ao passar pelo bar e entrar na sala baixa à luz de velas, onde os homens eram entretidos de uma forma ou de outra.

Os três que a conduziram até o local tinham acabado de se sentar em uma mesa no canto, onde um homem mais velho desfrutava da companhia de uma prostituta e outro bem mais jovem deleitava-se com sua garrafa de destilado. Quinn se aproximou, estampando um sorrisinho perverso no rosto ao ocupar o último assento vazio. A mesa ficou em silêncio quando todos os olhos se voltaram para ela, e depois, de modo não tão sutil, para o crupiê.

Um homem sóbrio com uma barba bem-feita e túnica simples a olhou de cima a baixo.

— Vai jogar? — perguntou, embaralhando as cartas desgastadas entre dedos hábeis.

Quinn se inclinou para frente, batendo as pontas das unhas de leve na mesa redonda puída.

— Depende do jogo — respondeu no mesmo tom, notando a cadência rápida das palavras dele.

Lazarus ainda não tinha dito para onde estavam indo, mas, pelo visto, era para o Norte. Se o frio rastejante não tivesse deixado isso claro, os sotaques desta cidade o fariam. Já os tinha ouvido antes, não desses homens em específico, mas de outros como eles. Mestres cruéis e memórias fragmentadas.

— Rikkers — disse o crupiê.

Quinn inclinou a cabeça, sem nada revelar.

— Vou jogar.

— Tem algo a apostar? — Dividiu as cartas e continuou embaralhando.

Ele arqueou uma sobrancelha e apertou os olhos, examinando-a. Quinn suspirou impaciente e puxou uma bolsa de couro desbotada do bolso, cheia de

seixos de vidro em formato quase exato de moedas. Jogou-a no centro da mesa e se recostou na cadeira, cruzando os braços.

— Serve isso? — Ergueu as sobrancelhas, mantendo a expressão neutra para que não pudessem ver a condescendência em seu semblante.

O crupiê olhou por um momento para a bolsa do que acreditava serem moedas e pareceu considerar verificar o conteúdo, mas apenas assentiu.

— Serve.

Quinn soltou um suspiro. Então o jogo começou.

Oito cartas foram colocadas diante de cada um, viradas para baixo. Quinn passou a mão pela mesa, pegando as dela. O velho tirou uma carta da pilha e a prostituta começou a rir, depois lhe sussurrou algo no ouvido e a garota corou. Quinn revirou os olhos. Ele colocou uma carta da mão na mesa, virada para cima, e chegou a vez do beberrão.

O rapaz não devia ser muito mais velho que Quinn, mas seus olhos avermelhados e tosse rouca diziam o contrário. Seu cabelo fino caiu na testa quando ele se inclinou, puxou uma carta e descartou outra na pilha. Era a vez dela.

Até que Quinn tinha uma mão bastante decente para começar, dado como a Senhora da Sorte sorriu para ela quando implorou para sair da estrada, mas não tinha certeza se seria abusar se puxasse uma carta da pilha. Uma das duas cartas descartadas era a que ela precisava, mas pegá-la tão cedo poderia revelar muito. Inclinando-se, puxou uma da pilha virada para baixo e rezou mais uma vez para que sua sorte não tivesse acabado.

O canto da carta mal virou para cima quando soube que fez a escolha certa. Com o rosto totalmente estoico, jogou uma carta descartável na pilha virada para cima e se voltou para o homem ao lado. O jogo continuou.

Dentro de duas rodadas, já havia descoberto que dois dos três à sua esquerda não tinham uma mão boa, assim como o homem à sua direita. O terceiro, aquele com cabelos grisalhos e nariz em forma de gancho, tinha potencial. O único que não conseguiu decifrar foi o velho com a mulher seminua no colo. A prostituta soltou um som de miado e começou a se esfregar nele, que por sua vez sorriu para os outros ao redor da mesa, os dentes amarelados e faltando alguns.

Os três bêbados riram alto, olhando de soslaio para a mulher que Quinn

tinha plena certeza de estar fingindo ou que tinha tomado algo para encorajar a maneira como agia. De qualquer forma, isso a enojava.

A próxima rodada veio e se foi, e ainda faltavam duas cartas para Quinn, mas sabia que o jogo não percorreria a mesa mais duas vezes. Tamborilou as unhas na superfície da madeira, os cantos dos lábios se erguendo, sutis. Os homens notaram.

A tensão aumentou aos poucos conforme chegava a vez de cada jogador. O crupiê indicou que ela fizesse sua jogada. Duas cartas para baixo e apenas uma para comprar. Puxou o que precisava da pilha virada para cima e jogou uma das sobressalentes de lado. Com nada mais do que um piscar de olhos, a oitava carta mudou e, com ela, seu sorriso também.

O bêbado de nariz de gancho xingou quando ela apresentou a mão.

— Fim de jogo — o crupiê anunciou.

Quinn estendeu o braço para reunir seus ganhos. Guardou a maioria nos bolsos, incluindo as peças de vidro, deixando apenas moedas de bronze suficientes com uma única prata na mesa para jogar outra partida.

Desta vez, jogou com um sorriso malicioso, ficando mais ousada a cada mão. Mais quatro partidas e seus bolsos se encheram de prata e bronze. Sentiu os ânimos se agitarem e se levantou para sair. Uma multidão havia se reunido ao redor da mesa nos últimos dois jogos. Quinn precisou sair empurrando através do cheiro de odor corporal e bebida ao se dirigir para a porta.

Os homens a empurravam, as mãos roçando o tecido fino de sua túnica… um pouco demais para o seu gosto. Atrás dela, o arrastar de cadeiras no chão de madeira pegajoso deu a Quinn a urgência de ignorar aquilo por um momento conforme avançava pela multidão e saía pela porta caindo aos pedaços direto para a noite fria.

Tomando um longo gole de ar puro, Quinn partiu para a estrada principal que a levaria de volta à pousada Luz do Luar. O que faria quando chegasse lá para voltar para o quarto… essa era uma questão em aberto. Escalar de volta não seria uma opção e passar pelo saguão só atrairia a atenção, sem mencionar irritar Lorraine, que acabaria a dedurando para Lazarus. Quinn mordeu o lábio inferior e olhou para o céu noturno, perguntando-se se a noite traria mais daqueles sonhos terríveis quando voltasse ou se enfim teria um pouco de paz.

Poderia dormir nos estábulos por algumas horas e fingir que havia

acordado cedo para cuidar dos cavalos. Não era um plano infalível, mas era algo.

A porta da taverna bateu contra a moldura de madeira, chamando a atenção de Quinn. Não precisava olhar para trás para saber quem a havia seguido. A verdadeira questão era como escolheria lidar com eles.

Sua língua passou de leve pela borda dos dentes enquanto esfregava o polegar pelo lábio inferior. Cada um deles tomara várias bebidas, e isso depois de se sentarem na taverna… Quem sabia o que mais haviam tomado antes de chegarem. Não seria irracional acreditar que poderiam desmaiar em uma vala na estrada.

Não, pensou Quinn, *nem um pouco*.

Deslizou a mão sob a borda da túnica, puxando a adaga da bainha. Desacelerou, fingindo estar olhando para o beco escuro e não para eles, antes de virar para a rua estreita. Fez uma pausa, revirando os olhos quando passos desleixados vieram correndo pelo beco atrás dela.

Virou-se, encarando os três que pensaram ser uma boa ideia segui-la. Uma leve brisa soprou pelas ruas, balançando seu cabelo para trás. Os homens não notaram as gavinhas escuras se formando na ponta de seus dedos. Não quando tudo era apenas luar e sombra.

— Olá, meninos — ronronou Quinn, sua voz rouca e com a adorável sugestão de uma promessa sombria.

Os três diminuíram a velocidade até parar diante dela, o da direita semicerrando os olhos, confuso. Esperavam que ela corresse ou implorasse. Esperavam gritos… medo.

Essas crianças não tinham a menor ideia de quem ou com o que estavam lidando.

— Como fez aquilo? — perguntou o Nariz de Gancho, crueldade e más intenções tomando sua expressão. Quinn abriu um sorriso malicioso quando viu que ele não estava ali para uma conversa amigável – ela também não.

— Não sei do que está falando — mentiu, e que grande mentirosa era. Aquela última mão tinha apenas metade das cartas de que precisava quando ficou impaciente e criou uma ilusão para mudar as cartas que viam.

Talvez devesse ter deixado eles ganharem uma vez. Porém, não havia nada que pudesse ser feito agora. Eles a seguiram, não o contrário. Em sua

mente, isso significava que suas mãos estavam lavadas. Seus pecados foram absolvidos antes mesmo de serem cometidos.

Quinn vagou pela noite esperando por algo para entretê-la, ansiando por aquele breve gosto de liberdade. Problemas a encontraram como sempre e, no fundo, sabia que era isso que buscava. Era o que a magia inquieta que se contorcia em suas veias estava procurando.

— Você está mentindo — disse ele, avançando um passo. Seus olhos viajaram para cima e para baixo ao longo do corpo dela. — E sabe o que fazemos com os mentirosos aqui? — O homem lambeu os lábios.

O estômago de Quinn se revirou. Não de medo, mas de nojo. Franziu os lábios.

— Devíamos te ensinar algo melhor para fazer com essa sua boca bonita — disse o terceiro. — Algo muito melhor do que contar mentiras. — Ele era o mais baixo, mas de peito largo.

Quinn estreitou os olhos para eles enquanto os dois davam um passo à frente. Seu coração martelou no peito… lento, firme. O som de sangue bombeando encheu seus ouvidos. Medo e excitação a atravessaram, deslizando por suas veias. Naquela combinação potente, era tanto um veneno quanto uma cura. Não sentia medo como os demais. Em vez disso, absorvia o dos outros e o usava, manipulava-o para torná-la mais forte.

Nela, o medo era algo mais sombrio, algo *diferente*. Quinn não sentia vontade de correr ou fugir, implorar ou chorar. Em vez disso, sentia-se poderosa… invencível. Os cretinos bêbados pensaram em encurralá-la em um beco e nenhum deles tinha a menor ideia de que foi ela quem criou essa armadilha. Que eram apenas mosquitos zumbindo como presas caindo na teia da aranha. Mesmo quando ela sorriu, o trio não parecia compreender a situação precária em que estava.

— Posso fazer muitas coisas perversas com esta boca — concordou Quinn. Deu um passo à frente e o luar banhou seu rosto. — Mas vocês não descobrirão nenhuma delas esta noite.

O da direita foi o único que teve o bom senso de estremecer com a empolgação divertida em sua voz. O único que teve a presença de espírito de recuar um passo.

— Agarre-a, Beck — disparou entredentes o cretino de nariz de gancho.

— Quero ver o que ela esconde por baixo dessa túnica.

Beck se moveu e Quinn desviou, balançando o cotovelo em direção ao rosto dele. Houve um estalo quando a cartilagem rachou sob a pressão aguda de seu braço. Beck gritou, a mão indo para o rosto. Sangue jorrou entre seus dedos quando ele cambaleou para trás.

— Patético. — Quinn o olhou com uma careta irritada.

Seguindo em frente, ela afastou a mão dele e se preparou para socá-lo de novo, mas Beck recuou rápido, quase caindo na pressa para evitar outro golpe. Sangue e ranho escorriam do ferimento no meio do rosto.

— Sua vadia! — gemeu ele, as lágrimas refletindo a luz do luar.

Quinn fez uma pausa, batendo um dedo no canto da boca, dando-lhes um olhar frio e cruel.

— Não fui eu quem pensou que seria uma ideia inteligente encurralar uma mulher em um beco e tentar estuprá-la. Foi você quem começou isso, *Beckzinho*.

Os olhos dele se arregalaram e Beck berrou de indignação antes de se lançar contra ela. A raiva o consumiu, mas isso não era tudo. Quinn ainda podia sentir o medo dentro dele, apenas esperando que ela estendesse a mão e o agarrasse.

Ainda não, decidiu, evitando a tentativa dele de segurá-la e impulsionando o pé em um movimento rápido. Tendo ele visto e tentado parar ou não, foi tarde demais. Beck avançou com tudo, sua bota travando contra a dela. Sua raiva se dissipou por uma fração de segundo, o choque tomando seu lugar quando ele caiu.

Pow.

Sua cabeça chicoteou para trás e para frente, colidindo com o chão de terra. Beck gemeu, mas não se moveu para levantar. Quinn se virou e apontou a adaga para os outros dois.

— Quem é o próximo? — Seu sorriso era apenas dentes.

Nariz de Gancho avançou um passo quando o outro recuou um. Quinn voltou a atenção para ele e sorriu.

— Lars, acho que não devemos fazer isso — murmurou o da direita. Seu

medo era quase palpável.

Quinn o inalou como se fosse uma lufada de ar fresco.

— Pare de ser tão covarde, Finn, e me ajude a lidar com ela. — Lars avançou para ela sem se dar conta da sombra enorme que surgiu no final do beco.

Sentindo quem era, os lábios de Quinn se afinaram e ela mordeu o interior da bochecha. Esperava lidar com isso e se divertir um pouco… sem que *ele* soubesse de nada. Na verdade, esperava que ele nem soubesse que ela tinha saído. Parecia que nenhuma de suas esperanças seria realizada.

Quando Lazarus entrou no beco, a onda de raiva gélida de um vento rebelde atingiu o rosto dela. Seus olhos quase pretos eram muito mais tenebrosos do que a vasta extensão do céu noturno, sem estrelas para iluminar o abismo que os criou. Havia uma escuridão em seu olhar, tão primitiva e cruel que Quinn estremeceu.

Dizer que ele estava descontente era um eufemismo.

Lazarus olhou para ela sobre o ombro do cretino de nariz de gancho enquanto os dedos dele apertavam seus braços e suas costas se chocavam contra uma parede de tijolos. Quinn sibilou quando uma mão se fechou em seu pulso, o mesmo cuja mão segurava a adaga, e a outra em sua garganta. Lazarus apenas ficou lá parado, do outro lado do beco, observando a tentativa do homem de cabelo cinza, Lars, de arrancar a adaga dos dedos dormentes de Quinn. A respiração dele soprou em seu rosto enquanto ele falava, mas Quinn não estava ouvindo. Na verdade, não estava prestando atenção nele.

Olhava para Lazarus, esperando, observando. Ele fazia o mesmo com ela. Um instigando o outro a se mover apenas com o olhar. Ele balançou a cabeça uma vez e Quinn suspirou.

Lazarus não tinha intenção de salvá-la. Ela havia se metido nisso e ele ia forçá-la a sair dessa sozinha, e depois repreendê-la. Não se importava em lidar com a ralé, mas não queria fazê-lo se isso significasse enfrentar as consequências depois.

Quinn cerrou os dentes e virou o queixo bem de leve conforme a mão em sua garganta apertava. Algo duro começou a se esfregar em sua barriga, empurrando sua túnica para cima com fervor. Ainda assim, Quinn encarava Lazarus. Aguardando com curiosidade, tentando entender o que a leve vibração

em seu peito significava quando os olhos dele endureceram em gemas de obsidiana. As mãos dele cerraram em punhos e ela se perguntou se ele percebeu o movimento. Essa reação que teve ao ver alguém abusar dela… tocá-la.

Isso a intrigou mais do que queria admitir. A mão em sua garganta escorregou, baixando para as calças, e ainda assim Quinn o observou… esperou. Seus lábios se separaram quando dentes morderam a dobra de seu pescoço, onde encontrava o ombro. Dedos suados tocaram a pele de sua barriga e foi aí que Quinn traçou o limite. Tinha experiência suficiente com merdinhas como esse para saber que a incapacidade deles de usar magia os tornava muito ousados quando não faziam ideia do que estavam enfrentando. Não precisava da adaga na mão para cuidar dele, então a deixou cair e permitiu que a escuridão emergisse.

Filamentos sombrios deslizaram por suas veias, brotando de sua pele como vapor preto. O homem que a tocava não percebeu. Estava preocupado demais com os prazeres da carne que acreditava serem seu direito tomar, com consentimento ou não. Ele não sabia que a última coisa que deveria fazer ao encurralar um dobrador de medo era tocá-lo.

Ele lambeu a pele dela e depois congelou. Os músculos travaram quando o medo sobrecarregou seu corpo. Medo terrível, fascinante e paralisante. Aquilo se infiltrou na pele do homem, penetrando músculos, tendões e ossos, até que cada pedaço do corpo dele estava preso em seja lá o que via. Os olhos se arregalaram e Quinn virou a cabeça para trás, notando os olhos assustados e vidrados mirando através dela.

Quinn sorriu. Gavinhas grossas, fortes e restringentes envolveram os braços do homem, subindo pelo pescoço e peito. Os filamentos circularam a garganta dele. Ele ofegou uma vez e Quinn manobrou a mão livre entre os dois, empurrando o peito dele. Como uma estátua viva, ele não resistiu e caiu para trás no beco imundo.

Os lábios do homem se moveram, murmurando bobagens enquanto Quinn ajeitava a túnica. Tremia, envolvendo devagar os braços em torno de si, perdido por completo em sua própria mente quando Quinn deu um passo sobre ele.

O último homem, o único dos três que queria ir embora, virou-se para fugir dela. Quinn balançou a cabeça.

Garoto estúpido. Deveria ter corrido quando teve a chance.

Ele esbarrou no peito de Lazarus, mas o homem em posse do contrato

dela não se moveu um centímetro. Finn saltou para longe e, embora ela não pudesse ver seu rosto, conseguia sentir o medo do garoto se intensificar quando olhou para o homem que não tinha visto até que fosse tarde demais. A mão de Lazarus disparou, seus dedos cheios de cicatrizes envolvendo o pescoço do menino, segurando-o na posição vertical. Apenas um instante se passou antes que seus olhos brilhassem, não deixando os de Quinn por um único segundo enquanto o jogava de lado. Finn bateu na parede e caiu, completamente mole. Não morto, mas inconsciente.

O silêncio se assentou entre eles, abrangendo a distância e preenchendo o vazio onde as palavras não eram ditas.

Quinn soltou um suspiro impaciente e o leve som pareceu agitar algo em Lazarus. Ele reagiu de repente, as mãos trêmulas de raiva mal contida ao avançar. Quinn não recuou quando ele parou diante dela. Não fez nenhum movimento para detê-lo quando ele se inclinou e, com mais gentileza do que esperava, puxou o colarinho da túnica para o lado. Os lábios dela se separaram, mas Lazarus não a estava encarando agora. Olhava para as marcas de dentes que, sem dúvida, começavam a formar um hematoma. Ele roçou os dedos gentis, mas calejados, na marca.

— Sua garota estúpida — sussurrou. — Muito estúpida

Quinn inclinou a cabeça e a mão dele caiu. Ela baixou os olhos assim que uma sombra pareceu deslizar e desaparecer sob o punho da manga dele. Franzindo a testa, ela ergueu o olhar devagar até voltar a encarar aqueles olhos insondáveis.

— Você disse que não é um dobrador de medo — afirmou Quinn. Não era uma pergunta… e, ao mesmo tempo, era.

— Não sou.

Quinn cruzou os braços e arqueou uma sobrancelha.

— Então o que você é?

Lazarus deu a ela um olhar severo e se inclinou para perto.

— Semelhantes se atraem, Quinn. Por enquanto, é tudo que precisa saber.

A respiração dele soprou em seu rosto e ela inalou fundo. Madeira queimando sobre uma fogueira aberta. Fumaça e cinzas. Ele tinha gosto de calor, mas não do tipo confortável e gentil. Era intenso, capaz de incendiar até mesmo

a mais frígida das mulheres.

— E se isso não for suficiente? — perguntou, sua voz pouco mais que um sussurro.

De tão perto, podia ver a cicatriz que descia pelo lado esquerdo do rosto dele, estendendo-se da sobrancelha até a bochecha. Sem pensar, ergueu a mão para tocar…

— Não cabe a você decidir o que é suficiente aqui, Quinn — disse Lazarus. — Você é minha vassala. Pelos próximos cinco anos, *sou seu dono*. Se quer que eu confie em você, talvez devesse aprender a ficar no seu quarto como mandei.

Quinn piscou e se afastou. Balançando a cabeça, moveu-se para passar por ele, o ombro batendo em seu braço.

— Sou sua *vassala* — cuspiu ela, apertando o passo. Dando as costas para todos eles ao se virar para a estrada principal que levava de volta à pousada Luz do Luar, olhava para as ruas vazias e além. — Não sua escrava, Lazarus. Ou esqueceu os detalhes do contrato que assinamos?

Não esperou pela resposta, nem se importou se ele tinha uma. Afastou-se, indiferente se ele a seguia ou não.

Ser meu dono? Deu uma risada amarga e a escuridão dentro dela se agitou. *Homem estúpido e arrogante. Ninguém será meu dono. Nunca mais.*

— Eu te dei um comando: ficar em seu quarto. E o que você faz?

— Saí para dar uma volta porque estou cansada de ser vigiada noite e dia — rosnou.

O céu ficou preto, realmente preto, quando todas as estrelas existentes extinguiram e um dossel de escuridão se espalhou acima delas. Quinn fechou e abriu as mãos, porque de alguma forma, lá no fundo, sabia que era ela a responsável. Ela estava fazendo aquilo.

O vazio desceu, rastejando do céu para o horizonte à medida que o temperamento de Quinn saía de controle. Um vento escuro varreu a cidade adormecida e, embora nem um fio de cabelo seu se movesse, o frio aterrorizante que trazia foi suficiente para fazer Lazarus parar.

— Espere.

Detendo os próprios passos, Quinn virou a cabeça para o lado apenas um pouco enquanto dedos quentes a envolviam por cima da manga do antebraço.

— Quinn, espere.

O vazio parou de se expandir, aguardando para ouvir o que ele tinha a dizer da mesma forma que ela, ambos retendo julgamento.

— Você não trata Lorraine assim, e ela é uma vassala. Não trata Draeven dessa maneira, ou Dominicus. Apenas eu. Por quê?

— Porque você resolve dar um passeio e eu te encontro em um beco, encurralada por três homens…

— Eu lidei com eles.

— Eu sei.

Quinn fez uma pausa e franziu a testa. A aceitação dele era a última coisa que esperava depois do discurso de ser seu dono.

— Você fica encurralada, Quinn, e deixa uma série de corpos em seu rastro.

— Então é minha culpa que eles queriam me estuprar? — perguntou, sua raiva voltando a crescer.

— Não foi o que eu disse — respondeu Lazarus, com uma pitada de ira. — Embora eu não seja estúpido a ponto de pensar que eles apenas *esbarraram* em você. Você tem uma tendência a encontrar problemas e, nesta viagem, essa é a última coisa que precisamos. É por isso que pedi para ficar em seu quarto.

Quinn soltou uma pesada lufada de ar e o vazio começou a se desintegrar aos poucos.

— Se é isso que chama de pedido, odiaria ver o que considera uma ordem.

Diferente dela, Lazarus não pareceu achar graça.

— Não estou tentando tirar sua liberdade, mas preciso que siga meus comandos e entenda que há uma razão para tudo o que peço.

— Não sou uma seguidora cega — disse, girando para encará-lo. No alto, as estrelas voltavam devagar à existência. — Você disse que me queria porque sou uma dobradora de medo. Falou que me ajudaria a aprender a controlar meu

poder. Tudo o que fez até agora foi me arrastar por Norcasta e me colocar com Lorraine… e se eu tiver que ouvir lições sobre meus “modos” mais uma vez…

— Vou falar com Lorraine — declarou, calmo.

Havia uma contração em sua bochecha que podia ser tanto de aborrecimento quanto diversão. Ela não sabia dizer ao certo.

— Quero meu próprio cavalo — continuou.

Lazarus suspirou.

— Você mal consegue cavalgar acompanhada — apontou, erguendo uma sobrancelha.

— Não me importo. — Encolheu os ombros. — Estou cansada de ouvir a voz dela. Lorde Raio de sol me faz querer esfaqueá-lo. *Várias vezes*… E tenho certeza de que Dominicus tem medo de mim, o que seria uma viagem desconfortável para nós dois. Ou me dá um cavalo, ou me coloca no seu, mas não vou mais cavalgar com o resto deles.

Ele a observou, fazendo uma longa pausa antes de responder.

— *Se* eu fizer isso, o que ganho?

Quinn franziu as sobrancelhas. Não era a resposta que esperava.

— O que você quer?

— Quero que me escute. Quando eu pedir para ficar em algum lugar, você fica. Quando eu disser para ajudar Lorraine com alguma coisa, você ajuda…

Ela torceu o nariz.

— Pare de me contrariar por causa desse acordo e posso torná-lo muito mais prazeroso — finalizou.

— Isso é pedir muito em troca de um cavalo e um pouco de paz e sossego — apontou Quinn. — Precisa melhorar a oferta.

— O que mais você quer? — perguntou, permanecendo notavelmente paciente, embora ela pudesse ver que estava por um fio.

— Informação.

A mandíbula dele pulsou, e desta vez ela sabia que era porque estava forçando a sorte, mas naquela breve pausa ele não disse “não”, então insistiu.

— Não faço ideia do que estou fazendo aqui, Lazarus. Você me tirou da minha casa e me trouxe nesta viagem, não porque eu ou qualquer outra pessoa quisesse, mas apenas por sua vontade. Por quê?

Lazarus passou a mão pelo rosto, as pálpebras fechando ao beliscar a ponte do nariz entre o polegar e o indicador, respirando fundo. Quinn o esperou decidir o que dizer.

— É complicado — começou.

Quinn soltou uma bufada frustrada, quase se virando quando os dedos dele apertaram o braço que ela esqueceu que Lazarus segurava.

— Não se afaste. Deixe-me terminar — pediu ele.

A reprimenda a fez morder a língua para não dar uma resposta, mas ela ficou ali, virou-se e continuou ouvindo.

— Há muitas peças ainda em movimento e você é apenas uma delas. Um excesso de pequenos deslizes pode colocar todos nós em risco, e é por isso que tenho o cuidado de não contar a ninguém toda a extensão do que estamos fazendo aqui. Nem para Lorraine, ou Draeven, nem Dominicus. Ninguém, Quinn.

— Eles pelo menos sabem de algo…

— Possuem informações fragmentadas, mas é muito menos do que você acredita. A diferença é que Lorraine, Draeven e Dominicus confiam em mim. Sabem que há uma razão para o que estamos fazendo, mesmo que ainda não vejam qual. Você não tem a mesma confiança em mim… ainda. — Fez uma pausa e acrescentou: — Nem eu em você.

Bem, ela pensou, *ele não está errado.*

— Então o que faremos? Você não confia em mim e eu não confio em você.

Os dedos dele escorregaram do braço dela e o frio preencheu o espaço vazio no mesmo instante. Quinn nem percebeu que o calor havia se instalado antes de desaparecer.

— Damos tempo ao tempo — respondeu. — Aprendemos a trabalhar juntos… *confiar* um no outro.

— Não é suficiente…

— Já falamos disso. — Sua voz era profunda, misteriosa e sombria, e algo mais.

Enquanto Quinn se tornou o frio apático para o mundo, Lazarus queimava com uma selvageria que não podia ser contida. No fundo, ele estava certo de que não eram diferentes, mas da maneira que a escuridão se mostrava… estavam longe de serem iguais.

— Tenho uma ideia que pode ajudar nesta situação em que nos encontramos — propôs Lazarus.

— Mesmo? — perguntou ela, mordendo a bochecha para evitar ser tão atraída por seu olhar terrível e envolvente.

— Uma vez por semana, você pode me fazer uma pergunta e eu responderei.

— Com sinceridade? — Ergueu o queixo, apertando os braços ao redor de si quando um vento muito real varreu as ruas, agitando sujeira e poeira.

— Com sinceridade, *mas*… — Seus olhos brilharam com algo que ela não conseguiu desvendar. — Posso fazer uma pergunta também, e você terá que responder.

Quinn apertou os lábios porque… *Deuses que se danem*, ele a tinha nas mãos.

— Tudo bem, vou morder a isca — concordou. — Mas isso faz parte do nosso contrato agora, então você não pode mudar de ideia em uma semana depois que eu cumprir a minha parte.

Empolgação dançou no rosto de Lazarus quando a menor sugestão de um sorriso se instalou.

— Faz parte do nosso contrato agora — aceitou. — Junto à condição de você não esfaquear ou fazer mal aos meus outros vassalos. — Fez uma pausa, esperando que ela concordasse. — Certo?

— Aham — cantarolou.

Algo se estabeleceu no ar com aquele acordo, e o contrato mudou. Quinn não o viu, pois não era tangível, mas podia senti-lo através da assinatura estampada em sua pele.

O jogo estava virando. Suas cartas estavam mudando.

Quando se viraram e começaram a percorrer em silêncio o resto do caminho de volta para a pousada Luz do Luar, Quinn não conseguia parar de pensar no que tinha visto no beco naquela noite.

Semelhantes se atraem, ele disse. Mas o que exatamente isso quer dizer?

Não tinha certeza, mas descobriria em uma semana.

Capítulo 13

Campo de visão

"Há poder na escuridão, se você for forte o suficiente para tomá-lo."

– Quinn Darkova, ex-escrava, na esperança de ser assassina e vassala um tanto disposta da Casa Fierté.

Quinn olhou para frente, os braços cruzados e o queixo balançando com a batida constante dos cascos. Braços masculinos fortes roçavam os dela enquanto Lazarus guiava o cavalo, uma criatura temperamental. Dias se passaram e, ainda assim, toda vez que ela se aproximava, o maldito animal bufava em escárnio. Foi apenas o homem que estava sentado atrás dela e segurando as rédeas que o convenceu a não lutar toda vez que Quinn montava. Não muito tempo atrás, Lazarus havia dito a ela que poderia montar ou correr. Alguns dias se perguntava se correr era o menor dos males, então dava uma olhada para as colinas e guardava seus resmungos para si.

O que queria de verdade era seu próprio corcel.

— Você disse que cavalgar comigo seria uma concessão — disse Lazarus, como se lesse a sua mente.

Quinn continuou a ignorar suas sutis tentativas de falar. Quando ela queria conversar, ele ficava em silêncio, mas agora que ela preferia o silêncio a ter que ouvir Lorraine e Draeven, o homem queria bater papo. Não conseguia entender, Lazarus não fazia sentido.

— Estou montada no cavalo, não estou?

Não podia vê-lo, mas sentiu o balançar sutil de sua cabeça.

— Embora sem nenhum esforço próprio — comentou num tom casual.

— Não é minha culpa que essa fera me odeia — resmungou. — Além

disso, eu teria preferido um cavalo só meu.

— Você mal consegue cavalgar — suspirou, balançando a cabeça.

— Eu teria dado um jeito. — *Talvez*.

Estava ficando cada vez mais claro que, de modo geral, os cavalos não gostavam dela. Enquanto Bastian, o corcel de Lazarus, era o mais relutante, os outros três também mantinham distância. Quinn se perguntou se era sua magia. Se ela estava tão sem controle e não conseguisse dizer que estava vazando, mas se fosse esse o caso, não havia como Lorraine ou Draeven agirem daquela maneira perto dela.

Em algum ponto dos últimos dias, começou a se perguntar se exigir cavalgar com Lazarus havia sido um erro, mas toda vez que pensava em ser colocada de volta com madame Etiqueta ou lorde Raio de Sol, se lembrava no mesmo instante daquelas noites ao lado de Lorraine, sendo forçada a ouvir a mulher a "educando" sobre a maneira correta de se sentar em uma sela com o *mestre Lazarus*. Quinn sacudiu a cabeça. Estava aprendendo a lidar com a proximidade daquela mulher em pequenas doses, mas se passasse mais do que algumas horas, poderia alegremente cometer um assassinato.

Mais um tempo se passou e o sol se pôs além do horizonte. Lazarus guiou seu cavalo para fora da estrada e através do renque de árvores com Draeven, Dominicus e Lorraine o seguindo em silêncio. Pararam em uma clareira na floresta e Lazarus jogou uma perna para trás, deslizando pela sela e descendo do cavalo. Deixou Quinn desmontar sozinha.

Resmungando para si e lançando um olhar feio para as costas dele se afastando, ela balançou a perna e se moveu para desmontar com o máximo de orgulho que pôde, mantendo a postura mesmo quando as solas dos pés atingiram um chão escorregadio. Suas pernas travaram, ameaçando fazê-la deslizar na lama.

— *Potes* — xingou em um sussurro, dando um olhar alarmado aos demais.

Draeven e Dominicus lançaram olhares estranhos e Lorraine só balançou a cabeça, sem dúvidas adivinhando pelo seu tom que ela havia dito algo "vulgar". Estaria correta neste caso, não que Quinn tenha oferecido essa informação.

— Lorraine, Dominicus, montem acampamento. Quinn… — Lazarus se

virou assim que ela se endireitou.

Bastian bufou, estalando os dentes e a assustando. Quinn grunhiu de raiva, agarrando a sela em um aperto mortal.

— Você e Draeven, venham comigo — completou Lazarus, arqueando uma sobrancelha. Deu meia-volta, deixando que os dois o seguissem até a floresta.

Resmungando baixinho, Quinn bufou.

— Sim, *Vossa Alteza*.

— É quase isso mesmo — disse ele com uma risada, caminhando ao lado dela.

— O quê? — Quinn olhou para o outro homem com cautela.

— Você vai descobrir em breve. — Draeven balançou sua cabeça de cabelos claros.

Quinn suspirou de frustração, mas não respondeu. Seguindo Lazarus, todos adentraram mais fundo na floresta e para longe do acampamento. Ela estava começando a se perguntar se o homem planejava levá-los direto por um penhasco quando parou e se virou.

— Vamos treinar — anunciou Lazarus.

Draeven se moveu para o lado e murmurou algo que ela não conseguiu ouvir. Confusa, Quinn se virou para ele.

— O que está fazendo?

Draeven deu as costas e se livrou de sua espada e armadura leve, deslizando tudo com movimentos graciosos.

— Observando.

— Você não vai…

— Draeven observará — disse Lazarus, interrompendo-a.

Quinn fez uma careta para ele, mas mesmo assim se virou para encará-lo.

— Muito bem então. O que quer que eu faça?

— Defenda-se. — Fez uma pausa enquanto todo o corpo dela ficava tenso. — Usando apenas sua magia.

— O quê? — disparou. — Me defender do… — Quinn mal teve tempo de reagir quando Lazarus a atingiu com um golpe no peito.

Ela caiu com força. Suas costas tremeram ao colidir com o solo, arrancando seu fôlego. Sentiu gosto de cobre na boca ao se levantar, mais do que um pouco irritada. Quinn cuspiu, a saliva tingida de sangue, e não hesitou em evocar sua magia.

Nunca estava longe da superfície. Não naqueles dias.

A escuridão veio até ela como uma velha amiga, gavinhas de ônix brotando de sua pele. Enrolaram-se em seus pulsos e brincaram ao longo de seus ombros, passando pelo cabelo.

Seus olhos cristalinos se fixaram em Lazarus com uma quietude estranha.

— Não deixe suas emoções te controlarem — disse Lazarus, tomando distância e começando a circulá-la.

Quinn seguiu seus movimentos, imaginando se lhe daria uma abertura ou um aviso… uma pista antes do ataque. Ou talvez desse outro tipo de dica, um sinal que ela pudesse desvendar, algo indicando *o que* ele era de verdade.

Os olhos de Lazarus vagaram até a marca de mordida no ombro dela. Ou, na verdade, onde deveria estar, mas não estava. Quinn acordou na manhã seguinte e se deparou com a pele imaculada e soube, no fundo, que a ausência do hematoma deveria tê-la preocupado mais do que de fato se sentiu, porque não havia como esse homem diante dela ser um curandeiro. No entanto, de alguma forma, ele a curou.

Isso a fez se perguntar o que mais ele poderia fazer, que outros jogos Lazarus poderia jogar.

— Controle a escuridão, Quinn. Use o medo, não o contrário.

— Sei disso.

— Sabe mesmo? — Lazarus ergueu uma sobrancelha e gesticulou para cima.

Quinn inclinou a cabeça para trás, arregalando os olhos ao notar que os topos das árvores estavam todos dobrados para trás, mas não quebrados. Seus galhos finos se esticavam para cima e para fora, evitando que a escuridão de ébano vindo dela invadisse sua base.

— Pelos deuses…. — sussurrou Draeven, o queixo desabando e ficando boquiaberto por um momento.

Quinn engoliu em seco, odiando essa sensação, esse sentimento inegável, horrível… como se ela estivesse sendo exibida. Algo para deslumbrá-los. Uma "coisa". Era diferente do anfiteatro onde se apresentava, porque lá ela era Mirior, o fantasma sem rosto do entremundos. Mas aqui, ela era Quinn.

Sua atenção vacilou quando não deveria, e ele atacou outra vez, fazendo-a voar para trás. As costas de Quinn bateram no grande tronco de uma árvore e quando outro golpe veio logo depois, de algo que não conseguia ver, que não tinha como prever, ela ergueu as mãos. Filamentos de medo dispararam das pontas dos seus dedos, entrelaçando-se como fios tangíveis. Ficaram cada vez mais apertados, formando uma parede entre os dois.

Ficou de pé, uma batida forte e constante no peito. Algo passou pelo olhar de Lazarus ao parar antes de bater na barreira que ela achava que ele nem conseguia ver.

— Inteligente, mas mesmo que você tenha um inimigo à sua frente, deve sempre estar ciente dos seus arredores — afirmou Lazarus.

Naquele instante, algo a golpeou pelo lado. Draeven sorriu enquanto ela tossia de surpresa. Ele rolou para o lado e se levantou.

Quinn soltou um grunhido de indignação conforme Draeven caminhava de volta para onde estava deitado antes.

— Pensei que você tinha dito que estava apenas observando!

O gigante loiro encolheu os ombros, mas foi Lazarus quem respondeu.

— Draeven *está* observando — afirmou. — Ele está observando quando você baixa a guarda. Agora… — Lazarus cruzou os braços nas costas e apertou o pulso com uma mão. — Use essa magia. Empunhe-a como acabou de fazer. Expanda-a. Consegue sentir?

— Sentir o quê? — questionou entredentes, estalando o pescoço ao se levantar.

Seus músculos precisariam de pedras quentes quando isso acabasse, não que fosse conseguir alguma. Podia apenas imaginar o quão irritada Lorraine ficaria se ela fervesse pedras na mesma panela em que o jantar era feito.

— Tudo.

Quinn lançou a ele um olhar de incredulidade.

— Cada Maji é diferente — elaborou Lazarus —, mas há uma coisa que todos nós compartilhamos. A capacidade de sentir as pessoas ao nosso redor. Draeven pode encontrar outros através da raiva que sentem. Você pode encontrá-los através do medo. Todas as criaturas têm uma partícula de magia dentro delas. Em geral, é inutilizável, muitas vezes tão pequena que até mesmo o mais poderoso dos rastreadores de magia não consegue sentir. Mas você pode, eu posso, e Draeven pode. Você só tem que buscar. Não será capaz de sentir de que tipo, mas vai poder sentir a presença sutil da magia, assim como ouvir uma pulsação.

Quinn franziu a testa quando a parede que havia erguido caiu. Fechou os olhos e levantou as mãos, os dedos abertos, chamando o poder interior, deixando-o fluir através dela, invadindo todos os seus sentidos… intensificados por bloquear a visão. Os tentáculos se dividiram em minúsculos fios, não tangíveis aos outros, mas estavam lá. Sua testa franziu com mais força. Draeven e Lazarus esperavam para ver como sua magia se manifestaria desta vez.

Os filamentos caíram no chão, multiplicando-se em uma rede de fios entrecruzados. Rastejaram em silêncio sobre as folhas molhadas, alcançando as árvores e abrangendo o espaço entre as copas, indo de galho em galho. Moveram-se devagar, apenas fluindo através dela sem que Quinn os direcionasse, cercando toda a clareira. Draeven xingou e os olhos de Quinn se abriram.

Sua respiração ficou presa no peito quando Draeven pulou, tentando evitar sua teia de medo. Quinn não imaginou que os dois pudessem ver aquilo, assim como a parede, mas quando Draeven prendeu a mão em torno de um galho baixo para se içar e se afastar, ela começou a se perguntar.

— Vocês conseguem ver?

— Sim — Lazarus assentiu.

— Ninguém jamais conseguiu — sussurrou. O suor escorria pela testa, e seus olhos não sabiam para que lado olhar conforme a rede engrossava com fios pretos esfumaçados. — O que isso significa?

— A manifestação do seu poder é visível para nós. Todos os Majis podem ver a magia. Não é incomum — explicou Lazarus, levantando devagar a mão para as gavinhas. — A parte interessante é a forma que a sua escolheu tomar… — murmurou, embora não parecesse perceber que as palavras

escaparam. — Você tem muita magia.

— Coloca muita nisso… — Draeven entrou na conversa, seu rosto virado para trás ao examinar os fios logo abaixo da bota esquerda.

Lazarus avançou com um passo hesitante. Quinn respirou fundo.

— Posso *sentir* você.

Os fios não se esticaram ou tensionaram enquanto ele se movia através deles, mas ela sentiu como se o fizessem. Lazarus mudou de direção e os fios vibraram com o poder por onde ele passou, até parar atrás dela.

— Bom — sussurrou ao ouvido dela.

Quinn estremeceu e os fios começaram a se desfazer.

— Mantenha-os firme — ordenou Lazarus.

Ela enrijeceu quando os pelos na nuca se ergueram onde a respiração quente dele a tocou. A rede voltou ao lugar. Lazarus esperou um pouco e, quando os fios se estabilizaram mais uma vez, começou a direcioná-la. Ele a fez levantar a teia, provocando um grito de Draeven quando o homem lançou um olhar de reprovação e subiu mais alto na árvore para evitar os tentáculos sombrios de medo. Quinn não achava que os fios fariam nada com ele, mas a reação foi divertida o suficiente para que gostasse de senti-los deslizando devagar na direção dele e a onda de ansiedade que pulsava do homem.

Riu baixinho e Lazarus deu a ela um comando rápido para baixar os fios para o chão, onde desapareceram por completo.

— Draeven — chamou Lazarus, com calma. — Venha aqui.

Draeven franziu os lábios, não mais parecendo tão feliz por receber ordens. Mesmo assim, desceu de onde se dependurava. Pousou em um galho no meio da árvore e continuou balançando até ficar de pé no chão macio da floresta.

Quinn ofegou, o som chamando a atenção de Lazarus.

— Você o sente parado?

Quinn fez uma pausa e aquele pulso de ansiedade cintilou. Concordou com a cabeça.

— Bom. — Lazarus olhou de volta para Draeven. — Ande um pouco — ordenou.

Draeven começou a caminhar, circulando a área, apenas parando para verificar se ela conseguia sentir.

— Mais rápido — disse Lazarus quando se tornou fácil detectá-lo. Draeven correu de um lado para o outro.

— É mais difícil sentir a posição dele quando está se movendo — admitiu Quinn.

— Tudo bem — falou Lazarus. — Quero que você pratique isso o máximo possível. É chamado de campo de visão. Todos os Majis podem criar um. Logo será capaz de fazer isso sem pensar, e quando estiver bem treinada, talvez nem precise usar a manifestação física.

Suas mãos se afastaram enquanto ela tentava manter o campo erguido usando apenas a mente. Os fios começaram a se infiltrar de volta e Draeven saltou para trás quando um deslizou sobre seu pé, começando a subir pela perna. Quinn ergueu uma sobrancelha e guiou o fio para segui-lo. Ele o sacudiu e pisou nele, mas o fio apenas se contorceu sob seu pé e se afastou antes de dispersar.

— Essa é a sua primeira lição — disse Lazarus.

Quinn enrijeceu quando deixou a teia se dissolver por completo e parou de provocar Draeven.

— Você controla o poder, não o contrário. Quanto mais praticar, mais fácil se tornará — completou.

Quinn assentiu, mas ainda não se virou para encontrar seus olhos escuros.

— O que mais posso fazer?

Lazarus não respondeu de imediato, mas notou quando Draeven o olhou por cima da cabeça de Quinn, assentindo e pegando suas coisas, depois voltando para o acampamento. Então, num movimento lento e silencioso, Lazarus se inclinou para perto. Podia sentir o calor dele em suas costas quando ele virou a cabeça e sussurrou de um modo que fez arrepios subirem por sua espinha.

— Você pode destruir o mundo. Mas só se aprender a controlar o poder.

Quinn engoliu em seco, o coração disparando no peito.

— E se eu não conseguir?

— Você já sabe a resposta para isso.

— É isso que você quer fazer? — perguntou, após considerar suas palavras por um momento.

Lazarus soltou uma risada sombria, mas não havia diversão no som.

— Não. Eu não quero destruir o mundo.

Quinn ficou mais curiosa, mais ousada.

— Então, o que você quer fazer?

A respiração dele roçou sua têmpora.

— Reconstruí-lo.

Quinn se virou, mas ele tinha sumido. O único vestígio de sua presença era o pequeno farfalhar das folhas e o cheiro de madeira queimada fazendo cócegas em suas narinas.

Após um momento olhando através das árvores enquanto o último dos raios de sol desaparecia, começou a marchar de volta para o acampamento com a cabeça baixa e os pensamentos confusos.

— Aí está você. — A voz de Lorraine a arrancou dos devaneios quando retornou ao acampamento e viu que ela e Dominicus tinham preparado tudo.

Draeven estava deitado com uma tigela nas mãos, falando baixinho com Dominicus. Lazarus não estava em lugar nenhum. Draeven a pegou olhando para ele e balançou a cabeça sem dizer nada.

— O jantar está pronto — avisou Lorraine.

— Obrigada — disse Quinn, distraída, enquanto Lorraine a levava até um local perto da fogueira e lhe entregava uma tigela do que quer que estivesse cozinhando na panela.

Quinn se sentou, deixando a tigela aquecer as palmas das mãos por um longo tempo antes de começar a comer. A tigela estava cheia de ensopado de carne, Dominicus devia ter capturado alguma coisa. Embora estivesse um pouco insosso, Quinn não reclamou; tinha passado muitos dias com pouco ou nenhum alimento para recusar uma comida que parecia perfeitamente boa.

Quando a Lua subiu mais alto no céu noturno, o fogo começou a se apagar. Lorraine pegou suas tigelas e fazia a limpeza enquanto Quinn esperava pelo retorno de Lazarus. Quando Dominicus se acomodou para dormir, grunhindo ao se enrolar nos cobertores, Quinn desistiu e se virou para Draeven e

Lorraine.

Mordeu o lábio, imaginando se deveria expressar seus pensamentos. Não tinha certeza se eles poderiam ser confiáveis, mas também não sabia o que poderia acontecer se Lazarus soubesse que andava perguntando sobre ele. Provavelmente ele já esperava por isso.

Para sua surpresa, Lorraine foi quem a incentivou a falar.

— Se você pensar mais sobre o que quer que esteja passando em sua mente, garota, vai acabar com dor de cabeça.

Quinn suspirou e se aproximou, ficando de lado para o fogo, então se virou e olhou para a mulher.

— O que sugere que eu faça?

Lorraine encolheu os ombros, ainda trabalhando.

— Pergunte o que quer perguntar…

— Mas não prometemos responder — disse Draeven.

Quinn lançou um olhar feio na direção dele, que deu uma piscadela, ganhando com isso uma de suas carrancas características.

— Como posso confiar que você não vai correndo contar a Lazarus?

Lorraine parou o que estava fazendo e se virou para Quinn com um suspiro impaciente.

— É *mestre* Lazarus — retrucou. — Quantas vezes preciso…

— Você não precisa — interrompeu Draeven.

Quinn o encarou. Assim que a atenção dela focou nele, Draeven deu de ombros e se inclinou para trás, observando-a com curiosidade.

— Mas não contamos tudo a Lazarus. Apenas o deixaríamos irritado se fôssemos correndo até ele discutir cada detalhezinho — completou o homem.

— Isso é em relação a ele — disse Quinn.

— E daí? — Deu de ombros outra vez — Então, o que quer saber?

— Por que vocês o seguem?

Houve um instante de silêncio. No entanto, nenhum pareceu chocado com a pergunta. Lorraine foi a primeira a responder.

— Mestre Lazarus tem sido bom para mim. — Foi tudo o que declarou.

— Como assim? — perguntou Quinn.

— Ele me trouxe para sua casa quando não precisava. Pagou minhas dívidas. Paga os estudos do meu filho.

— Então ele comprou sua lealdade — declarou Quinn.

Os olhos de Lorraine brilharam com algo semelhante a raiva. Draeven não disse nada, mas seus ombros enrijeceram de leve.

— O dinheiro comprou meus serviços — disse Lorraine, baixinho. — Trabalho para ele por compensação, mas ele não precisava fazer tudo o que tem feito por mim. Não precisava ajudar minha família ou nos dar asilo.

— Asilo? — Quinn franziu a testa. — O quê…

— Todos nós temos nossos segredos — cortou Lorraine. — Sua curiosidade não lhe dá direito a respostas, assim como não temos direito às suas.

Ela estava certa. Quinn concordou com a cabeça.

— Lazarus é um lorde complicado — falou Draeven, chamando a atenção dela mais uma vez.

— Há quanto tempo você está com ele? — indagou, enquanto Lorraine se afastava.

Draeven suspirou, reclinando-se e olhando para a copa das árvores.

— Essa é uma boa pergunta. Gostaria de dizer desde sempre, mas sei que houve um momento em minha vida que eu não o conhecia. Já faz tanto tempo que não consigo me lembrar.

— Como se conheceram? — disparou Quinn.

Draeven riu.

— Eu estava dançando com Mazzulah quando Lazarus me encontrou — contou, seus olhos o levando para um lugar distante que Quinn não podia ver. — Ele me puxou pelos pés e me levou para longe do laço do carrasco. Entregou-me uma espada e, com ela, um propósito. Não fazia ideia do quanto precisava de um até mais tarde. — Fez uma pausa. — Continuo o seguindo porque ele ainda me dá isso. É o que nos faz continuar quando os tempos não estão bons.

— Propósito? — repetiu Quinn, franzindo a testa em confusão.

Draeven assentiu.

— Ele não é um bom homem, sei disso. Mas também não é mau. Lazarus é meu amigo e meu senhor. Ele é o portador, e eu sou sua arma.

— Você o segue para deixá-lo te usar?

— Todo mundo usa alguém, Quinn — declarou, seus olhos voltando a focar aos poucos, inclinando a cabeça para baixo e olhando para ela do outro lado do fogo. — Eu o sigo porque confio nele. Lorraine o segue porque confia nele. Lazarus provou ser um líder que vale a pena seguir. Não para você. Ao menos não ainda.

Quando Quinn esperou que continuasse, ele se levantou e deu um tapinha no ombro dela, fazendo-a saltar e se inclinar para longe do toque dele. Draeven suspirou de novo.

— Vá dormir, Quinn. Temos uma longa viagem pelas montanhas amanhã — falou e caminhou para longe, para seu próprio monte de cobertores.

Quinn permaneceu sentada ali, encarando as chamas enquanto o resto deles caía no sono.

Os pássaros estavam silenciosos. As criaturas noturnas da floresta, quietas. Por fim, desistiu de esperar que Lazarus voltasse de onde quer que tivesse desaparecido. Enfiou-se sob seus próprios cobertores ao lado de Lorraine e olhou para cima, desejando que sua mente se desligasse. Mas não conseguia fazer isso, pois continuava ponderando aquela única palavra: *confiança*.

Confie em Lazarus. Confie nele e o siga.

Como poderia se nem sabia quem ele era ou do que era capaz? Quando Quinn enfim se sentiu caindo no esquecimento, desejou poder usar aquele campo de visão para ver dentro de Lazarus… para saber se ele era alguém que merecia sua confiança.

Capítulo 14

A mão que alimenta

“A escuridão é muito mais poderosa do que a luz, e muito mais destrutiva se não for controlada.”

– Lazarus Fierté, nobre, assassino, Maji sombrio e guardião de segredos.

Lazarus acordou antes do amanhecer, embalado pelo doce tormento que era ela. A garota dormia na extremidade oposta do fogo, o lugar mais distante dele. No entanto, seu cheiro ainda o chamava, mesmo durante o sono.

Sentou-se, suas ações silenciosas quando se levantou e começou a se mover pelo acampamento até a floresta além, na vã esperança de escapar dela, de superar aquilo que, em seu sangue, sabia estar começando a se tornar uma obsessão. Uma necessidade bruta, um desejo perigoso.

Passou a mão pelo rosto, limpando o sono dos olhos e respirando o ar fresco. Mesmo naquele lugar, a magia dela tingia o ar. Sussurrava promessas doces, sonhos deliciosos e tantas coisas perversas. Hoje seria outro dia difícil, cavalgando tão perto de Quinn, mantendo a distância que ambos precisavam que ele mantivesse… Não que ela tivesse noção disso. Não *ainda*.

Por mais observadora que fosse, quanto a isso, estava completamente alheia.

Os galhos se moveram atrás dele quando os passos não tão silenciosos de seu braço esquerdo o seguiram.

— Tendo problemas para dormir? — perguntou Draeven, o tom baixo.

— Sempre.

Era a verdade. Em geral, os sussurros eram constantes quando estava longe de casa, mas nunca assim. Agora estavam agitados em um frenesi absoluto e a causa era uma mulher de cabelos prateados com muitos mistérios sob a pele.

— Está pior do que o normal — apontou Draeven, aproximando-se pelo lado esquerdo.

— Aonde quer chegar? — questionou, mais brusco do que costumava ser.

O outro balançou a cabeça e suspirou, cansado.

— É a garota, não é?

Lazarus não respondeu de imediato, e nem precisava. Draeven suspirou de novo e acenou com a cabeça para o cinza nebuloso.

— É a garota — afirmou Draeven.

— Ela é diferente — disse Lazarus depois de uma pesada pausa.

— Ela está insana — respondeu Draeven com desagrado. — Se não estiver, logo ficará. Sempre ficam.

Lazarus balançou a cabeça.

— Não — falou, olhando para o dossel das árvores e relembrando mais uma vez da teia de medo que ela havia criado. — É mais do que isso. Ela é como eu.

— Ela é uma Maji sombria…

— É *mais* do que isso — repetiu mais forte desta vez. Seu terceiro em comando esperou que continuasse. — Conheci outros Majis sombrios, Draeven. Aqueles com sanidade. Estou dizendo, há algo nela que chama por mim.

O homem de cabelo loiro pareceu pesar suas palavras.

— Você já considerou que é por ela ser a mais sombria que você já conheceu? Há apenas uma magia que é naturalmente mais sombria do que a de um dobrador de medo. Talvez ela te atraia porque a dela é a mais próxima que você encontrou, tanto em puro poder quanto na ausência de luz.

Ele havia considerado isso. Muitas vezes. Chegou ao ponto de presumir que era essa a razão. No entanto, essa resposta não explicava todas as coisas, apenas as perguntas superficiais que transbordavam de sua mente.

— Eu não desejo consumi-la — disse tão baixo que Draeven quase não ouviu. O olhar de resposta lhe disse muito e, ao mesmo tempo, tão pouco.

— Não acredito que você possa — respondeu Draeven. — Ela é inexperiente, mas as coisas que já é capaz de fazer… — Balançou a cabeça. — Creio que destruiria vocês dois se tentassem algo tão perigoso assim. Seria como tentar controlar uma tempestade. Uma perversa e de proporções inimagináveis.

Lazarus assentiu porque também suspeitava disso. Nunca em seu tempo se deparou com uma magia que não achasse que pudesse aguentar, mas esse não era mais o caso.

— A magia dela me levaria à beira da insanidade. Mesmo se eu quisesse, não faria isso — afirmou Lazarus, pensando de novo naquela teia.

Não mentiu quando disse que um Maji podia ver a magia dos outros, mas também não disse toda a verdade. A maioria da magia era invisível aos olhos, a menos que fosse manipulada a níveis perigosos.

As próprias pegadas de Quinn eram como fuligem enegrecida. A escuridão que ela mantinha dentro de si sangrava para o mundo tangível, porque mesmo agora, antes de sua ascensão, o poder absoluto que possuía não era destinado a ser contido. Era para ser livre, mas a liberação de algo tão indomável causaria muitos danos.

Não acreditava que Draeven ou outro Maji pudessem ver isso com tanta clareza ainda, mas se ela continuasse nesse ritmo, não demoraria muito.

— Ela não vê isso, mas um dia será uma força que o mundo vai temer — respondeu Draeven, tirando-o de seu devaneio. — Minha pergunta para você permanece, Lazarus: o que fará quando chegar a hora? Se não pode consumi-la, vai matá-la?

— Acho que não chegará a esse ponto — respondeu de maneira rígida.

Draeven riu, um som baixo de zombaria.

— Todos os governantes desta região vão querê-la assim que virem o que ela pode fazer. — Draeven manteve a voz baixa, mas a inflexão de urgência estava lá. — Você está levando a garota direto para eles.

— Não vamos a nenhum dos países que possam influenciar a lealdade dela — respondeu Lazarus, bastante seguro de si.

— No momento, você não tem a lealdade dela para isso acontecer —

respondeu Draeven, irritado.

Lazarus lançou um olhar na direção dele, um que transmitia as preocupações das quais não comentaria.

— Acho que você também sabe disso.

— O contrato que ela e eu temos não permitiria que ela me desobedecesse.

Draeven soltou uma pesada lufada de ar, seguida de um som de escárnio.

— O povo ciseano é antiquado e não vai se interessar por ela, e isso facilitará ganhar a confiança dela antes de chegarmos a Ilvas — respondeu Lazarus, como se fosse algo simples.

— É o que você espera — disse Draeven, sem ceder. — Thorne tem um fraco por coisas bonitas e garotas selvagens, ambas qualidades que ela possui.

— Não estou preocupado com Thorne — retrucou Lazarus.

— Então com o que está preocupado? — perguntou Draeven. O violeta de seus olhos brilhou num tom mais índigo quando uma onda de raiva o atravessou.

Apesar de todas as suas gentilezas e natureza descontraída, o braço esquerdo de Lazarus ainda estava tão ligado ao seu tipo de magia quanto ele e Quinn.

Não fazia ideia de como responder. Muito menos quando nem sequer conseguia colocar o que estava contemplando em palavras, ou entendia de fato.

— Nada — disse, por fim. — Nada que tenha a ver com o plano.

— Vamos lá, Laz — zombou Draeven. — Nem eu acredito nisso. Eu gostando ou não, essa garota faz parte do plano agora. Você se certificou disso. — O Sol começou a espreitar no horizonte, o cinza-escuro de uma neblina azulando. — Assim como cuido de você, ficarei de olho nela também. Não que deva ser difícil com o *quanto* ela reclama.

O vestígio de um sorriso surgiu nos lábios de Lazarus, ambos observando juntos o amanhecer.

— Obrigado, Draeven.

— Sempre, meu amigo. — Virou-se para sair, dando um tapinha no

ombro de Lazarus. — Quando estiver pronto para falar, estarei aqui.

Lazarus ficou ali mais um pouco antes de voltar ao acampamento. Todos estavam acordados, exceto Quinn. Como de costume, ela estava em um sono pesado, como uma pedra, uma camada de suor umedecendo sua pele enquanto dormia, fazendo-o imaginar se ele não era o único com dificuldade para dormir na presença do outro. Ou talvez o sono dela sempre fosse assim. Era difícil dizer.

Quando terminaram de levantar acampamento, Lorraine a acordou, saindo depressa do caminho quando Quinn se ergueu, os punhos levantados. Era a mesma rotina há mais de uma semana, e quando a mulher ficou de pé, ainda sonolenta, Lazarus olhou para seu terceiro em comando.

Draeven era gentil demais para ser seu braço direito. Mas Quinn… ela usava crueldade como uma coroa.

Sim, pensou. *Quando chegar a hora, ela será meu braço direito.*

Era apenas uma questão de levá-los até esse ponto sem ela matar alguém que não deveria, o que, certas vezes, era mais difícil do que parecia.

Capítulo 15

Pena de pássaro

"Sempre tome cuidado com sonhos sombrios, pois são janelas para lugares que você já foi, mas para os quais não deseja retornar."

– Quinn Darkova, ex-escrava, dobradora de medo e vassala da Casa Fierté.

Com os olhos fechados e a sensação dos passos bruscos de Bastian embaixo dela, Quinn enviou um pulso rápido e invisível de poder. O corpo masculino às suas costas enrijeceu. Pelo visto, não foi tão imperceptível quanto ela esperava, mas Lazarus não disse nada. Conseguia sentir os cavalos e apenas dois de seus cavaleiros. Quinn franziu a testa e olhou para trás. Talvez Lorraine estivesse muito longe. Dos dois homens, foi capaz de discernir que Dominicus tinha bem pouco poder e pouco medo, mas o outro…

Quinn abriu os olhos e observou Draeven quando ele se virou para o mestre de armas bem na frente deles e disse algo, mas foi baixo demais para ela entender. Observou-o em silêncio, examinando a maneira como ele se sentava em sua sela. Draeven era um homem alto, não tanto quanto Lazarus… e nem de perto tão imponente. Talvez fosse por ser mais leve, tanto na aparência quanto na disposição. Ou pela maneira como parecia se misturar com aqueles ao seu redor, ao contrário dela que, assim como Lazarus, se destacava. Eram diferentes. Lazarus era um homem das sombras; já Draeven caminhava à luz do dia. Embora às vezes fosse um idiota pomposo, sentia nele um ideal de honra, um que Lazarus não possuía. Perguntou-se como os dois acabaram se tornando tão próximos, apesar de suas diferenças óbvias em todos os sentidos.

Quando o corcel de Lazarus relinchou diante de algo, Quinn desviou o olhar, os pensamentos voltando para o presente. Lazarus guiou o cavalo por um caminho mais estreito até o sopé das montanhas ciseanas. Quinn inclinou a cabeça para trás e olhou para as árvores escuras, os topos quase pretos.

— Fiquem em alerta — Lazarus comandou, enquanto Draeven se movia para a vanguarda.

Lorraine entrou em fila logo atrás de Dominicus e Lazarus assumiu a retaguarda. Segundos se arrastaram em minutos, os minutos em horas. Quinn se ajeitou em seu assento quando a sensação de couro duro nas costas começou a causar dores fortes na coluna, pois cada mudança no peso do cavalo a fazia pular com força suficiente para machucar.

Cavalgaram até as montanhas, onde os barulhos suaves da vida selvagem desapareceram. Rochas maciças e árvores estéreis se inclinavam sobre ravinas íngremes. Um passo errado os faria cair. Quinn olhava para a borda conforme subiam mais alto, mas isso não fez seu coração acelerar, nem suas palmas suarem. Apenas encarou o abismo, pequenas pedras despencando da borda. Os sons dos cascos contra a rocha ecoavam pelo desfiladeiro.

Em pouco tempo, estavam de volta a um caminho mais amplo, com nada além de árvores desfolhadas e quilômetros de terra compacta. Quinn olhou para o caminho com cautela, ficando entediada até que o leve zumbido do medo dos outros atraiu sua atenção. Piscou e olhou para os três à sua frente, achando a apreensão deles divertida e adorável. Não havia nada aqui em cima, mas estavam preocupados. Olhou para as grandes mãos que seguravam as rédeas. Os três à sua frente estavam apreensivos; já Lazarus estava indiferente.

— Estão ouvindo isso? — perguntou Dominicus, quebrando o silêncio. Sua voz rouca soou baixa, como um estrondo de trovão em seu peito.

Todos os olhos se voltaram para ele.

— Ouvir o quê? — perguntou Lorraine, confusa.

— *Nada* — respondeu, os ombros tensos. — Não tem som nenhum aqui.

Adiante, Draeven desacelerou sua montaria e olhou para trás. Seu olhar encontrou o de Lazarus por um instante quando todos pararam aos poucos. Algo se passou entre os homens, uma espécie de compreensão.

— Vamos parar e acampar antes que a luz do dia suma por completo — anunciou Draeven.

Lazarus acenou com a cabeça em direção a uma seção onde as árvores se separavam apenas o suficiente para os cavalos passarem numa única fileira.

Desembainhando a espada em seu quadril, Draeven a passou pelos

galhos das árvores, facilitando o caminho para o resto deles enquanto se moviam para a escuridão da floresta. A natureza do lugar, no entanto, era diferente daquela em que haviam dormido na noite anterior. O ar era seco e as árvores estéreis. Não havia nenhum indício de umidade ou solo macio e folhas em decomposição, apenas o estalo ocasional de um galho seco.

O estranho silêncio que Dominicus havia apontado estava começando a irritá-la ao desmontarem e começarem a levantar acampamento. O silêncio significava corpos quebrados e segredos mortais. Era em meio a ele que os predadores espreitavam, e as regras sufocantes do decoro religioso nas quais ela havia sido criada escondiam as verdadeiras crueldades do mundo. A própria Quinn dominou a arte do silêncio. O fato de essa floresta também tê-lo feito a paralisou.

Aquilo não era natural, assim como ela também não. O bater de asas, o uivo do vento e o farfalhar das folhas… isso teria sido normal. Mas essa ausência … esse vazio… Algo estava errado.

Ali, os sons de seus pés se movendo sobre folhas secas, as ações silenciosas de Lorraine, Dominicus escovando os cavalos e o barulho de metal se arrastando um no outro enquanto Draeven embainhava sua espada… tudo parecia obscenamente alto, como um farol para qualquer coisa à espreita na obscuridade.

Esses sons começaram a diminuir aos poucos até voltarem ao silêncio quando se deitaram para dormir, o Sol baixando para dar espaço à Lua nascente. Ao contrário do dia anterior, não houve treino, nenhuma provocação jovial de Draeven, nenhuma conversa. Comeram um ensopado de legumes insosso e depois se arrastaram para suas camas improvisadas, tudo sem trocarem uma palavra. Como se o som do nada que ecoava em seus ouvidos fosse tão alto a ponto de impregnar neles.

Quinn mergulhou em um sono intermitente ao lado de Lorraine. Cada respiração, cada ronco, cada vez que um deles se virava e o lençol fazia barulho, ela se assustava, mesmo dormindo.

Uma chuva suave caía em seu rosto, fazendo seus olhos se abrirem. Uma gota atingiu sua bochecha e desceu até o meio dos cabelos. Outra pousou no queixo, e mais uma no peito. Derramou-se sobre ela como um ritual de purificação, lavando seus pensamentos, seus pecados.

Quinn se sentou devagar, sua mente desorientada. Seus movimentos

eram rígidos, como se seus membros estivessem amarrados a cordas e manipulados por outra pessoa. Levantou-se com os joelhos trêmulos, sentindo-se fraca e confusa. Essa confusão, em vez de se dispersar conforme continuava a se orientar, só piorava.

Um olhar ao redor fez Quinn parar. Não havia cavalos ou pessoas. Embora ainda estivesse na mesma floresta escura, Quinn não estava mais na mesma clareira em que havia adormecido. Estremeceu ao estender a mão, os dedos roçando as pesadas nuvens de névoa à medida que dissipava a densidade e se aprofundava na floresta.

Havia um vínculo ali que a puxava para a escuridão. As sombras se fecharam à sua volta, acolhendo-a em seus braços. As árvores se perderam em sua visão periférica quando seu olhar se fixou no que estava à sua frente, uma abertura envolta em hera negra. Estendeu a mão para afastá-la. A planta se desprendeu, caindo no chão da floresta e revelando uma porta. Quinn girou a maçaneta e avançou um passo enquanto ela se abria.

As solas de seus pés tocaram algo macio e escorregadio. Pequenos grânulos grudaram neles quando ela deu um passo lento. Quinn olhou para baixo, só então percebendo que suas botas haviam sido removidas, mas não conseguia se lembrar de tirá-las. Por outro lado, este não era o mundo real; era o mundo dos sonhos, dos pesadelos… e as leis aqui não seguiam nenhuma regra ditada pelos humanos. Nem mesmo por ela.

A areia deslizava para o lado a cada passo que dava, mas, ainda assim, Quinn avançava, escalando a duna e deixando a floresta para trás. Com as mãos estendidas, agarrou-se às rochas que se projetavam do monte de areia e o escalou.

Por fim, houve uma quebra no silêncio: um grasnado estridente. Vinha do topo da colina. Rangendo os dentes, apoiou o pé descalço em uma das rochas salientes e o usou para empurrar o corpo pelo último pedaço necessário para chegar ao ponto mais alto. A cabeça de Quinn espreitou pela borda e sua respiração ficou presa no peito quando o resto desta estranha terra entrou em seu campo de visão.

Quilômetros intermináveis de areia se estendiam em todas as direções e trechos varridos revelavam solo seco com rachaduras como teias de aranha que se afastavam umas das outras, espalhando-se como as veias negras da praga. A vista era tão estranha quanto devastadora. Não havia vegetação, nem floresta, nem vida.

Aquele barulho soou de novo, mais perto do que antes. Quinn virou o rosto e avistou a única coisa viva nas proximidades. Asas negras tremularam quando o pássaro tentou voar, levantando vários metros do chão, apenas para cair de volta com aquele grasnado aterrorizado e frustrado de dor. Sem saber ao certo o que era a criatura, Quinn escalou a duna e depois deslizou, evitando por pouco as rochas que espreitavam por baixo da areia.

Pousou do outro lado e, bem devagar, fez seu caminho até onde o pássaro caiu inútil contra o chão seco e rachado. Quando se aproximou, a criatura começou a bater as asas com mais força, os olhos escuros arregalados de terror, tentando fugir. Medo*, ela suspirou. Sempre voltava a isso. Em qualquer outra ocasião, poderia ter dado as costas e deixado o animal se virar sozinho, já que não queria sua ajuda, mas algo a manteve presa na decisão que havia tomado. Suas pernas se moveram sem permissão.*

Um lampejo de cor a pegou desprevenida e, quando Quinn se abaixou sobre a criatura trêmula e indignada, notou uma faixa prateada em suas penas. Um único fio de mercúrio entre o mar de obsidiana negra. Estendeu a mão e passou um dedo sobre a pena, arrancando uma grasnada do animal que se contorcia.

— Não vou te machucar — disparou Quinn, irritada.

O pássaro parou e a encarou com olhos incrédulos, mas inteligentes. Quinn piscou.

— Você consegue me entender?

O pássaro inclinou a pequena cabeça como resposta. Quinn não conseguiu determinar se ele havia respondido ou se imaginou aquilo.

Colocando as mãos sob o animal, Quinn o aninhou em suas palmas e o levou até o peito. Tremendo, a ave soltou um grito indignado que ela ignorou, procurando nas penas e membros o que a impedia de voar.

Quando não encontrou nada, soltou uma pesada lufada de ar e colocou o pássaro de volta no chão.

— Não há nada de errado com você.

Batendo as asas, o pássaro tentou voar mais uma vez, mas não conseguiu. Uma asa estava rígida, mal se movendo, como se fosse mais pesada que a outra, e ele desabou sem jeito a seus pés.

Com as mãos nos quadris, Quinn olhou para baixo com os lábios franzidos e se perguntou: O que há de errado com ele? *As asas estavam intactas. As pernas pareciam bem. Porém, quando a cabeça do pássaro se ergueu, notou que se inclinava em uma direção. Agachou-se e a criatura parecia menos propensa a gritar indignada desta vez. Em vez disso, permaneceu imóvel enquanto ela levantava as asas e as estendia, tocando-as de leve com os dedos.*

Concentrou-se na pena prateada brilhante. A bela faixa de cor em meio a todo aquele preto estava quente, mas o resto do animal era frio. Quinn não parou para pensar o que isso poderia significar, ou por que aquela única pena prateada era diferente. Estendeu a mão, prendendo dois dedos ao redor da base, e puxou.

No início, a pena resistiu, mas com um segundo puxão ela se libertou. O pássaro soltou um grito estridente e se lançou ao céu. Quinn olhou para a pena prateada em sua mão enquanto a ave circulava acima de sua cabeça, livre para enfim cavalgar os ventos. A pena era bem mais pesada do que deveria ser, mas nada além disso passava a impressão de ser algo mais do que parecia.

Com outro grasnado alto que chamou a atenção de Quinn, o pássaro subiu várias dezenas de metros e explodiu. Ofegando, ela caiu de costas e ficou boquiaberta quando uma criatura se ergueu daquela nuvem de penas que dançava na brisa. A coisa que saiu da pele do animal era imensa. Suas asas se espalharam pelo céu opaco, escurecendo tudo à vista por um mero piscar de olhos. Fumaça preta subiu de seus membros estendidos quando o bico do pássaro abriu e se ergueu em um grito silencioso ao vento.

Então, com um giro brusco da cabeça, os olhos do pássaro se fixaram em Quinn. Não eram mais tão escuros quanto o tom de suas asas. Em vez disso, eram carmesins: a cor de sangue recém-derramado. A criatura… não um pássaro, mas um animal do além, fechou as penas fumegantes e caiu… Não, Quinn percebeu: estava mergulhando.

Quinn tropeçou para trás, levantando-se uma fração de segundo antes que o chão abaixo dela desaparecesse, desmoronando sob os pés descalços conforme a escuridão poderosa que ela havia libertado a pegava por baixo, levantando-a ao vento. Aqueles olhos vermelhos aterrorizantes a espiaram enquanto as mãos de Quinn se agarravam à sua forma, tufos de escuridão se acumulando entre seus dedos.

O animal parecia estar tentando lhe dizer algo, embora ela não pudesse entender o quê. E nunca saberia a razão de, no instante seguinte, a criatura

girar e a jogar na vasta abertura abaixo. Quinn caiu no abismo do nada, ofegando e segurando a única coisa que podia: a pena prateada.

— Acorde.

A queda de Quinn foi interrompida pelo som de uma voz baixa e familiar pairando sobre ela. Ficou tensa, pronta para empurrar Draeven por chegar tão perto.

— Eu não faria isso —sussurrou ele, inclinando-se.

A indignação se agitou dentro dela, seguida por uma calma arrepiante quando mais uma vez o silêncio da floresta chamou sua atenção. Não era um silêncio total, porque algo estava errado. Algo estava *ali*. Os olhos de Draeven não estavam nela e Quinn desviou o olhar para o lado.

— Estão aqui — sussurrou de novo, levantando-se.

A mão de Draeven foi até o punho da espada assim que Dominicus se levantou da cama, movendo-se para acordar Lorraine de seu sono antes de se posicionar na frente dela.

— Preparem-se — comandou Draeven quando figuras sombrias começaram a sair da floresta, grandes e imponentes.

Algo caiu das mãos de Quinn quando ela pegou a adaga sob a capa. Ao olhar para baixo, uma mancha prateada brilhou em sua visão, surpreendendo-a. Uma única pena, tão prateada quanto o cabelo em sua cabeça.

Capítulo 16

Nas montanhas

"Se você virar as costas para aqueles que a esfaquearam, então merece a morte… pois foi ingênuo demais na vida."

– Quinn Darkova, ex-escrava, dobradora de medo e vassala da Casa Fierté.

Um zumbido baixo de vozes se ergueu no ar, cantando em uma linguagem inteligível, mas que Quinn nunca tinha ouvido antes à medida que as figuras escuras os rodeavam. Magia engrossou o ar quando eles saíram das árvores, deslizando para a névoa da manhã. Draeven se mexeu, virando as costas para ela e levantando a espada. Quinn ficou de pé, o breve lampejo de prata… a pena, agora deixada de lado para reagir ao perigo.

— Quem são? — perguntou, erguendo a voz para que a ouvissem acima do canto.

Virou-se, as costas tocando as de Draeven, ambos estudando os inimigos e se vendo em desvantagem numérica. As figuras eram corpos robustos e masculinos, cada um com estrutura suficiente para ser do tamanho de monstros. Quinn notou que eram da altura de Lazarus, senão maiores.

Tiras grossas feitas de pelos de animais cobriam peitorais e pernas musculosas. Cada um dos homens usava o que parecia ser uma máscara… *Não, aquilo não eram máscaras.* Usavam crânios com mandíbulas desencaixadas e arrastavam peles de animais mortos como capas.

— Os ciseanos — disse Draeven, quando o maior do grupo levou um chifre aos lábios e soprou.

Um chamado de batalha estrondoso ecoou e os homens entraram em formação, o primeiro círculo ao redor deles ficando de joelhos e estendendo suas

alabardas em sincronia. O próximo círculo se aproximou em seguida e a terceira fileira ficou um pouco atrás, esperando pelo comando.

O homem com a trompa a abaixou dos lábios, deixando o som ecoar no ar vazio. Seus olhos brilhavam em um verde pálido através do crânio de lobo que adornava sua cabeça. Quando a nota se estendeu por tanto tempo que se misturou com o silêncio da floresta, ele gritou:

— *Eum chaka riek faerr mar!*

— Hã? — Quinn olhou sobre o ombro para Draeven. — O que ele disse?

— Não sei — murmurou Draeven, xingando para si. — Não falo ciseano.

Quinn soltou um grunhido.

— Por favor, me diga que alguém aqui fala, porque o garoto lobo parece estar com fome e não estou a fim de ser o jantar de ninguém.

Assim que ela disse isso, uma segunda voz gritou. Vinha de além da clareira, à beira das árvores. Os homens da montanha se viraram como um só corpo em direção à voz que Quinn conhecia.

— *Hayr chaka vurd kaeverkn*!

Separaram-se diante *dele*, cada fileira de homens recuando um passo para abrir uma brecha grande o suficiente para Lazarus se aproximar e ficar diante do homem com o crânio de lobo. Frases foram trocadas entre os dois enquanto Quinn e os outros permaneceram parados, esperando tensos por um veredicto. Lorraine havia se levantado e se escondia atrás de Dominicus, que segurava sua espada, esperando o momento em que as coisas dariam errado. *Caso* dessem errado.

Lazarus falou, transmitindo informações sobre o grupo. Uma breve pausa se seguiu.

— Venham conosco — falou o homem em um barítono profundo.

Os que estavam ajoelhados se levantaram e ergueram as armas, recuando para permitir que Lorraine, Dominicus e Draeven juntassem seus pertences. Quinn soergueu uma sobrancelha para Lazarus, mas não abaixou a adaga mesmo quando os outros guardaram as próprias armas.

— Guarde isso — murmurou para ela, os dedos quentes envolvendo seu pulso para forçá-la a abaixar a lâmina.

Seu braço continuou travado, o metal ainda apontado para os homens com as alabardas, mesmo que tivessem parado de apontá-las para ela.

— E ser esfaqueada pelas costas? — perguntou, incrédula. — Não, obrigada.

— Quinn… — começou Lazarus, com um rosnado.

Seus olhos de meia-noite brilharam com algo aquecido que ela não conseguiu discernir, até que o homem com a pele e crânio de lobo deu um passo à frente.

— Pequena loba — interrompeu ele.

Quinn inclinou o queixo e voltou os olhos cristalinos para ele, deixando-o ver a escuridão que muitas vezes tentava esconder. Os olhos verdes pálidos dele continham mais calor do que ela esperava vindo de alguém que parecia pronto para matá-los momentos atrás.

— Você protege a matilha de maneira feroz — disse ele, inclinando a cabeça com respeito e aprovação antes de se virar e falar com os outros guerreiros ciseanos.

Quinn lançou um olhar para Lazarus e um músculo em sua mandíbula se contraiu. Sorriu para si, abaixando a adaga, mas não a guardou.

— O que aconteceu com nosso acordo de você se comportar? — perguntou Lazarus assim que Draeven se aproximou.

— Eles têm alabardas e usam os crânios de bestas maiores do que eu. Segui-los desarmada para qualquer lugar é pedir para ser assassinada, e eu mereceria morrer se fosse ingênua o suficiente para fazer isso — respondeu Quinn, virando-se para fazer uma contagem dos possíveis agressores.

Lazarus pode estar disposto a abaixar a arma, mas não serei convencida disso tão fácil. Quinn os ouviu sussurrando atrás dela.

— Ela vai matar todos nós — disse Draeven, a voz se elevando um pouco.

Quinn se afastou ainda mais, ignorando-os quando parou ao lado de Bastian. O cavalo relinchou e, para se afastar dela, se aproximou dos homens selvagens. Quinn envolveu a mão livre nas rédeas e o puxou para parar, o despertar repentino e a adrenalina que percorria suas veias piorando o seu temperamento já explosivo.

— Provável. — Ouviu a resposta de Lazarus, forçando o corcel a se submeter a ela.

Ela franziu a testa e encaixou a ponta da bota no estribo. Se as últimas duas semanas lhe ensinaram alguma coisa, foi a montar um cavalo, e assim o fez. Com a adaga em uma mão e as rédeas na outra, agarrou a borda da sela e se ergueu sobre a grande besta. O animal recuou uma vez e Quinn cravou o calcanhar na lateral, estalando a língua entre os dentes. Bastian, por mais que a odiasse, obedeceu.

Quinn virou num movimento mínimo para encarar Lazarus. Viu a sombra de um sorriso no rosto dele, mesmo que tentasse escondê-lo.

— Venham — repetiu o homem com o crânio de lobo.

Quinn não interrompeu o contato visual com Lazarus conforme ele avançava e montava atrás dela. O calor de seu corpo era como um incêndio florestal contido em carne, mesmo sob sua túnica e calças. Perguntou-se por um instante como seria encorajar aquele fogo a se libertar, ver que tipo de escuridão ele escondia…

Bastian se mexeu com desconforto quando os homens com alabardas começaram a se mover, arrancando Quinn de seus devaneios quanto ao corpo atrás dela.

Mergulharam mais fundo na floresta, fora do caminho trilhado, deixando-a sem escolha a não ser acompanhá-los.

Queixo erguido e adaga agarrada com força, Quinn segurou as rédeas com uma mão e guiou o animal pela floresta, sem saber se voltariam a sair.



Cavalgaram a manhã toda, até o sol estar alto no céu. Foi quando os homens da montanha diminuíram a velocidade. O barulho de água correndo soou à distância, crescendo para um rugido abafado ao virarem o canto da rocha ao longo da qual viajavam.

Um jato de água branca escorria entre duas grandes pedras, atingindo uma outra, plana, abaixo dela e fluindo para um riacho suave que descia a

montanha e atravessava as árvores mortas. Um por um, os guerreiros atravessaram a cachoeira e não voltaram.

— O que eles estão fazendo? — perguntou Quinn quando o homem que carregava o chifre se aproximou deles.

Mesmo após tantas horas, ela ainda segurava a adaga na palma da mão suada, e o homem notou. Seus olhos pálidos brilhavam com algo estranho que ela não entendia.

— Você vem — disse ele, gesticulando para que se abaixassem.

Lazarus se moveu primeiro, deslizando do cavalo e dando um passo em direção à cachoeira. O homem com a pele de lobo esperou, oferecendo-lhe a mão. Ela ignorou e balançou a perna, afrouxando o aperto nas rédeas e lançando ambos os pés, pousando no chão duro. Foi tão instável quanto todas as vezes que desmontou, mas não sentiu como se fosse cair a qualquer momento. Guiando Bastian com uma mão e segurando firme sua arma com a outra, seguiu atrás de Lazarus, que parecia irritado pelo guerreiro ciseano ter oferecido ajuda a ela.

Um canto de sua boca se curvou para cima quando ela avançou e parou ao lado dele. Os olhos de Lazarus passaram dela para o outro, aquele que a observava sem cautela ou medo.

— Vá lá — disse ele, apontando para a cachoeira.

Lazarus agarrou seu pulso que segurava a adaga e a puxou com ele até a borda, onde o chão era macio e uma leve névoa de água salpicou seu rosto. Quinn se inclinou para frente, estreitando os olhos para a escuridão atrás da queda-d’água.

A mão em seu pulso apertou quando Lazarus atravessou a cachoeira, puxando-a junto. Quinn soltou um grito com o frio repentino, olhando feio para Lazarus enquanto ele continuava a guiá-la, adentrando mais fundo na caverna.

— Poderia ter me dado um aviso — retrucou ela, puxando o pulso.

Lazarus parou, virando-se e pairando acima dela.

— Você os viu atravessar também — respondeu.

Quinn franziu os lábios.

— E quanto a me arrastar por aí como uma selvagem? — questionou, sua voz subindo uma oitava, fazendo com que os dois guerreiros adiante se virassem.

— Se você considera isso *arrastar*, continue brincando com o garoto atrás de nós e descubra o que acontece — respondeu, as palavras acentuadas com um leve rosnado.

Quinn semicerrou os olhos, os lábios se separando quando o xingamento vindo de trás deles sinalizou a chegada de Draeven.

Lazarus a soltou e fez sinal para que ela fosse primeiro.

Quinn murmurou um xingamento n'skarano antes de continuar adentrando a caverna. *Não… isso não é uma caverna*. Olhou para as paredes ao redor que, caso fosse mesmo uma caverna, estariam escuras demais para enxergar, e seguiu até o final, onde dois dos homens mascarados aguardavam.

A luz entrava por trás deles.

Estamos em um túnel…

Ambos deram um passo para o lado quando ela se aproximou e sua adaga subiu. Um aviso do que faria se tentassem alguma coisa, mas eles apenas ficaram parados lá, deixando que ela saísse para a luz do dia.

A respiração que estava segurando enfim escapou de seus pulmões quando viu todas as folhas espalhadas pelo chão da floresta, vindas das árvores mais altas. Eram enormes, tão altas que Quinn precisou esticar o pescoço para trás para ver as copas. As folhas verdes e rajadas de cor eram chocantes.

Seu queixo caiu ao olhar para as moradias construídas nas árvores.

Tinha ouvido histórias das montanhas ciseanas. Contos de homens selvagens que brutalizavam tudo e todos com quem se deparavam. Palavras sussurradas do que alguém poderia encontrar se entrasse nessas montanhas sem o consentimento da tribo.

Quinn não esperava encontrar tanta beleza dentro das montanhas. Absorveu o ambiente ao redor conforme a luz do sol se espalhava pelas frestas das folhas, brilhando sobre ela. Risos chamaram sua atenção quando dois meninos e uma jovem desceram as escadas de corda que ela não havia notado e correram descalços sem se importar com nada no mundo.

Isso foi até que uma mulher se inclinou logo acima sobre o corrimão. Seus cabelos vermelhos caíam sobre os ombros, emoldurando um rosto adorável corado de irritação e gritando em uma língua estrangeira. As crianças pararam e olharam para Quinn. Levaram apenas dois segundos para correrem pelas árvores,

fora de vista.

— Venha — disse a voz atrás dela.

O guerreiro de olhos pálidos não fez nenhum movimento para tocá-la ao caminhar ao seu lado. Outra presença, de escuridão e fogo ardente, surgiu adiante. Ela não precisava olhar para saber quem estava lá.

— A loba tem nome? — perguntou o homem.

Quinn sorriu para si e, só porque isso irritaria Lazarus, cedeu.

— Me chamo Quinn. Qual é o seu?

— Vaughn — respondeu com um aceno de cabeça, seus lábios carnudos se erguendo para sorrir de volta.

Mesmo com o crânio de um lobo na cabeça, ela o achou encantador. O suficiente para guardar a adaga, e depois caminharam por uma trilha sinuosa.

Pararam debaixo de uma árvore com a base tão larga quanto a altura.

— Vamos subir — disse Vaughn.

— E os cavalos? — perguntou Quinn, cautelosa.

Ele sorriu e quase pareceu brincalhão.

— Borsht e Hakt cuida deles.

— Certo — respondeu, soltando as rédeas.

Levantando a adaga até os dentes, mordeu a borda e pegou a corda. Não importava o quão gentil Vaughn pudesse parecer, não se arriscaria com seja lá o que a esperava no topo daquela escada.

Ignorando o descontentamento murmurado de Lorraine com suas maneiras, Quinn começou a escalar e não parou até que suas mãos agarraram a borda de uma tábua de madeira. Curvou os dedos e se arrastou por ela. Subiu a perna e, assim que sua bota firmou, se levantou.

Um par de olhos vermelhos como demônios raksasa a olharam de volta.

— Quem é você? — perguntou Quinn, pegando a adaga dos dentes e avançando para a grande sala.

Guerreiros estavam de cada lado do que só podia chamar de trono. Um tapete de safira cobria a maior parte da madeira. Uma mulher vestida com peles

de animais descansava no colo do homem sentado no trono, sem preocupação ou cuidado.

Quinn torceu o nariz em desgosto, concentrando-se no homem musculoso com longos cabelos ruivos alaranjados e uma barba trançada. Usava peles como o grupo que os cercava, mas sua máscara, se é que poderia ser chamada assim, não era a de qualquer criatura comum.

Era o crânio de um dragão, e não o usava na cabeça, mas pendurado na parede atrás. O homem estalou a língua.

— Eu sou Thorne, líder das tribos que guardam as montanhas ciseanas. — Deu um tapinha na coxa da garota e ela escorregou do colo dele, sem se ofender.

A jovem ficou de pé e atravessou a sala, saindo pela única porta aberta que Quinn podia ver e seguindo para o deque que dava para onde tinham acabado de vir. Thorne se levantou e parou diante de Quinn. Era duas cabeças mais alto e tinha punhos tão grandes quanto o rosto dela.

— Quem é você? — perguntou ele.

Quinn abriu a boca para responder quando outra voz a interrompeu.

— Essa é Quinn — disse Lazarus como forma de saudação. — Ela é membro da minha casa.

Não disse mais do que isso enquanto o homem de olhos vermelhos o observava. Pelo visto, não precisava.

— Lazarus Fierté — disse o homem em um tom estrondoso. — Meu velho amigo. — Deu um sorriso malicioso quando Lazarus avançou, entrando na frente de Quinn para que o rei pudesse dar um tapinha em suas costas.

Duas coisas surpreendentes ficaram claras para ela naquele momento. Primeiro, quem quer que Thorne fosse, era a razão pela qual estavam lá. E segundo, pelo olhar em seus olhos, Thorne e seus outros guerreiros se interessaram bastante por ela. Algo do qual, dava para ver, Lazarus não gostou, se seus dentes cerrados e ombros tensos fossem alguma indicação. A julgar pelo brilho no olhar de Thorne quando se voltou para Quinn, o homem ciseano também notou.

Embora tentasse disfarçar com sua distância ao dar um passo para longe de Quinn, Lazarus não estava enganando ninguém. Nem ele mesmo.

Capítulo 17

Amizades necessárias

"Não há amigos verdadeiros, apenas grandes aliados e inimigos ainda maiores."

– Quinn Darkova, ex-escrava, dobradora de medo e vassala da Casa Fierté.

— Deixem-nos!

O líder ciseano, Thorne, abandonou por completo o uso de sua língua e passou a falar em norcastano com um sotaque bem carregado ao voltar ao seu assento. Quer fosse em deferência aos seus convidados ou apenas porque lhe apetecia, não saberia dizer.

Os guerreiros assentiram em uníssono e saíram da sala de modo silencioso e eficiente.

— Você não, Vaughn — disse o líder, fazendo o guerreiro de olhos pálidos parar no limiar e olhar para trás. — Leve Joachim com você e, por favor, permita que os vassalos do meu amigo ajudem a preparar um lugar para ficarem.

Vaughn lançou um olhar para Quinn ao assentir, mas não foi Quinn que se moveu quando Thorne olhou para Lazarus com expectativa.

— Lorraine, Dominicus — disse Lazarus. — Sigam ele.

Os dois assentiram, seguindo Vaughn quando ele enfim deixou o que agora Quinn tinha certeza de ser a sala do trono do líder ciseano. Um silêncio pesado permaneceu ao redor deles. Draeven manteve o olhar afiado e treinado no grandalhão. Olhos vermelhos deslizaram sobre Quinn. Sem recuar, ela os encarou, o que pareceu divertir Thorne.

— Você me trouxe um entretenimento interessante, Lazarus. — Thorne

voltou seu olhar etéreo e demoníaco para Lazarus. — Nossa expectativa era a de recebê-lo daqui a várias semanas. Deixou meus homens em alvoroço.

— Nossos planos precisaram sofrer uma mudança — respondeu Lazarus, com rigidez. — Pedimos desculpas pelo inconveniente…

Thorne acenou com a mão, interrompendo Lazarus.

— Por favor, meu amigo. Não sou como os aristocráticos com quem você anda. Não há necessidade de pedir desculpas. — Um sorriso malicioso esticou seus lábios. — No entanto, se Vaughn não tivesse te reconhecido, as coisas poderiam ter ficado bem ruins para você. Tem sorte.

— Farei questão de agradecê-lo — respondeu Lazarus.

Quinn não acreditava que ele faria isso, nem por um segundo.

Thorne assentiu, ajeitando-se em seu assento enquanto examinava Draeven e depois Quinn.

— Reconheço seu braço esquerdo, mas a garota é nova.

— Como eu disse antes — Lazarus nivelou Thorne com um olhar —, ela é um membro da minha casa.

Thorne concordou com um aceno.

— Sim, você disse isso, mas me pergunto que tipo de membro ela é. — Seu sorriso se tornou malicioso. — Por acaso o grande herdeiro sombrio foi domado?

Quinn não pensou que fosse possível, mas Lazarus enrijeceu ainda mais. Ela franziu a testa ao observá-los, a curiosidade fazendo cócegas nas fronteiras de sua mente. Mas, em vez do comentário abrupto ou rude que ela esperava de Lazarus, ele respirou fundo, a rigidez em seus ombros se soltando de uma só vez, e com isso a tensão na sala também desapareceu.

— Sendo um canalha como sempre, Thorne. Ela é uma vassala nova. Nada mais.

Quinn arqueou uma sobrancelha, mas se manteve calada.

Thorne assentiu, o sorriso ainda no rosto ao se virar para Quinn.

— E essa nova vassala sabe falar?

— Falo bem o suficiente — disse Quinn —, quando tenho algo a dizer.

Lazarus lançou um olhar severo que ela ignorou, preferindo se concentrar no homem diante dela. Thorne se levantou do trono mais uma vez e avançou.

— Você é uma criatura interessante, não é? Dá para ver que não é de Norcasta. — Estendeu a mão para uma mecha de cabelo dela, os dedos à mera distância de um longo fio de prata quando uma mão escura e bronzeada segurou seu pulso.

Quinn piscou, desviando o olhar de Thorne para Lazarus quando ele invadiu seu espaço.

— Minha vassala não gosta de ser tocada, Thorne.

Do outro lado de Lazarus, a boca de Draeven se abriu por um instante antes que ele a fechasse e voltasse a controlar suas feições.

— Protetor, hein? — Thorne não parecia ofendido ao puxar a mão do aperto de Lazarus.

— Não é a mim que ele está protegendo, senhor — disse Quinn, direta e com um ligeiro sorriso.

— Mesmo? — Thorne a observou com curiosidade. — Acha que a intenção dele era me proteger?

Pelas costas do líder ciseano, os olhos de Draeven se arregalaram quando ele balançou a cabeça depressa para Quinn.

— Bem, ele não se refere a mim.

Thorne piscou, o sorriso malicioso desaparecendo para logo depois cair na gargalhada. Lazarus a encarou com uma promessa silenciosa de que a repreenderia mais tarde. Quinn não se importou. Preferia mil vezes receber uma bronca dele do que da madame Etiqueta.

— Se for esse o caso, então você terá que tomar cuidado, meu amigo. Sua vassala… Quinn, não é? — Voltou seus misteriosos olhos vermelhos para ela, que assentiu. — Quinn é uma mulher muito bonita, e você sabe como meus guerreiros se sentem perto de mulheres bonitas.

— Ah, é? — Quinn deu um passo à frente, mais uma vez ignorando Lazarus, mesmo quando, desta vez, ele colocou a mão no braço dela com a intenção de segurá-la. — E como eles se sentem em relação a mulheres bonitas?

Thorne riu de novo.

— São tão protetores com as mulheres quanto seu mestre parece ser com você, pequenina. Porque posso garantir que ele não está necessariamente usando seu pleno juízo e, portanto, não pode estar pensando em mim.

Quinn cerrou os dentes para sua arrogância e sacudiu os ombros para afastar a mão de Lazarus.

— Sei me proteger.

A risada de Thorne desapareceu, ainda a examinando, ao notar a maneira como ela se posicionava, distante dos homens, mas ainda perto o suficiente como se fosse uma igual. Quinn não se importava de ficar na frente ou ao lado deles. Com um olhar afiado para Lazarus, Thorne assentiu para ela.

— Posso ver a razão de você estar tão vigilante — disse ele.

— Quinn não é motivo de preocupação para seus homens, Thorne. Ela é apenas uma vassala em uma missão comigo. Caso esteja disposto, gostaria de começar nossas discussões quanto ao tratado.

Quinn olhou para Draeven, confusa, mas o gigante loiro apenas balançou a cabeça e gesticulou para que ela recuasse. Embora tenha se irritado por ser comandada, Quinn reconheceu que ficar em silêncio e não ser mais o ponto de interesse facilitaria estudar as interações dos dois. Deu um passo para trás e deixou Lazarus se aproximar de Thorne.

As sobrancelhas de Quinn franziram quando Lazarus se inclinou e falou com Thorne em um tom baixo para que ela não conseguisse entender. A cabeça de Thorne não se moveu, parando por um instante antes de começar a concordar.

— Claro, meu amigo, podemos falar disso com mais detalhes no banquete desta noite.

Lazarus balançou a cabeça.

— Eu gostaria de discutir isso agora, se possível.

Thorne olhou para Quinn e Draeven. Sem se virar, Lazarus falou com eles.

— Draeven, pegue Quinn e junte-se aos outros. Estarei com vocês em breve.

— Mas…

— Vá, Quinn — interrompeu Lazarus.

Draeven não perdeu tempo. Segurou Quinn pelo braço e a estava arrastando para fora da cabana na árvore antes que ela pudesse pensar em mais alguma coisa a dizer para que Lazarus permitisse que ficasse.

— Você é suicida, não é? — perguntou Draeven, exasperado.

— Claro que não — respondeu Quinn, o tom sério.

Caminharam ao longo das passagens, sobre as pontes que haviam sido penduradas entre as casas construídas nas laterais dos grandes carvalhos. Vários homens sem os crânios de animais andavam por elas. Não havia escapado à atenção de Draeven que muitos pararam ao longo do caminho e permitiram que Quinn passasse, o tempo todo lançando olhares curiosos.

Draeven soltou um som de escárnio.

— O que é? — perguntou Quinn.

Draeven balançou sua cabeça de cabelos claros.

— Lazarus vai ter muito trabalho pela frente, só isso.

Capítulo 18

Acordo fechado

"Em tempos de desespero, sacrifícios devem ser feitos para garantir que o pior não aconteça."

– Lazarus Fierté, nobre, Maji sombrio, colecionador de homens.

Thorne observou Quinn seguir com o braço esquerdo de Lazarus.

— Ela é selvagem, aquela mulher — disse assim que Quinn e Draeven estavam fora do alcance de sua voz. — A aura dela é bastante indomável.

Lazarus o encarou e Thorne encolheu os ombros com indiferença.

— Só estou avisando, meu amigo — continuou. — Eu a vigiaria bem de perto se fosse você. Está claro que ela desconhece os costumes ciseanos, em especial para as mulheres. Ela pode muito bem ser tirada de você antes que perceba.

— Apesar de todos os defeitos, duvido que Quinn seja alguém que volte atrás em sua palavra e, mesmo que quisesse me abandonar, fez um contrato de sangue comigo. Ainda assim levarei seu conselho em consideração — disse Lazarus, com o cuidado de manter suas palavras neutras e não deixar transparecer o quanto a própria ideia o afetava.

Thorne apontou para uma porta aberta ao lado da pequena sala do trono.

— Venha, tenho certeza de que está com sede depois de tão longas viagens. Vamos tomar uma bebida e depois conversar.

Lazarus assentiu, seguindo o líder ciseano para uma parte separada da cabana, uma pequena sala com uma mesa e duas cadeiras. A esposa de Thorne, Siva, entrou, ainda vestida com suas peles. Seus longos cabelos loiros caíam

sobre os seios volumosos cobertos por couro, algo que fazia parte das vestimentas típicas dos ciseanos. Lazarus não disse nada enquanto Thorne sorria de maneira calorosa.

— Traga algumas cervejas, meu amor, sim?

Ela assentiu, lançando um olhar curioso para Lazarus antes de desaparecer de novo. Thorne grunhiu, se acomodando em sua cadeira.

— Tudo bem, fale — disse ele. — Por qual razão queria me ver?

— Claudius não está bem — comunicou Lazarus, recostando-se e torcendo os dedos.

— Sim, e seus herdeiros de sangue não passam de crianças birrentas apesar da idade, com pouco ou nenhum conhecimento do que é preciso para liderar um povo — respondeu Thorne, pouco antes de Siva retornar com duas canecas grandes de um líquido âmbar.

Ela as colocou sobre a mesa e se inclinou para dar um beijo rápido nos lábios do líder ciseano. Cochichou algo em sua língua nativa e Thorne lançou um olhar rápido para Lazarus antes de assentir.

Lazarus arqueou uma sobrancelha quando Siva saiu e deixou Thorne com um sorriso na borda de sua caneca.

— Escutou, não é? — perguntou, tomando um longo gole. — Parece que já começou.

— Lidarei com Quinn — disse Lazarus, através de dentes cerrados. — Não se preocupe.

— Ah, não estou preocupado — disse Thorne, seu peito vibrando com uma risada mal reprimida. — Entretanto, ficou óbvio até mesmo para Siva que meus guerreiros estão bastante interessados na sua garota.

— Quinn e eu temos um contrato, independente de quem ou o que possa interessá-la. — Lazarus respirou fundo, impedindo-se de continuar, e lançou um olhar sombrio ao outro homem. — Retornando à questão… — disse, levando-os de volta ao assunto que queria.

Thorne ficou sóbrio.

— Sim, sobre seu rei. Continue.

— Claudius me nomeou como herdeiro de Norcasta.

— Isso é o que as pessoas me dizem hoje em dia. O que pensam os herdeiros de sangue dele?

— Estão bastante descontentes. — A expressão de Lazarus não mudou ao transmitir tal informação, o que só pareceu divertir Thorne ainda mais enquanto ele bebia outro gole de sua cerveja.

— Descontentes? — Thorne balançou a cabeça. — Só diz isso porque é o que você esperava.

— Homens como os herdeiros de sangue de Claudius são previsíveis.

— Pior que são. — Thorne se inclinou mais para trás em seu assento. — Mas ainda não explica a razão da sua visita. E por que tão cedo.

— Fui atacado a cerca de meio dia de viagem de Shallowyn há duas semanas.

— Mesmo? — Os olhos de Thorne se concentraram em Lazarus. — Você deixou alguém vivo?

Lazarus balançou a cabeça e desviou o olhar, fixando-o na porta aberta.

— Não.

— Humm… Então você não sabe ao certo quem os enviou — deduziu Thorne.

— Tenho minhas suspeitas — respondeu Lazarus —, mas isso confirma outra coisa.

Thorne concordou com a cabeça.

— Sua ascensão ao trono não será um processo simples e fácil.

— Não. — Lazarus afastou a caneca e se inclinou para frente. — Preciso de amigos me apoiando.

Thorne riu de novo, mas desta vez não foi uma risada sincera.

— Você coleciona muitas coisas, Lazarus, mas amigos não é uma delas.

Mesmo ficando tenso, Lazarus não desviou os olhos de Thorne.

— Eu não, mas você sim.

— Isso é bem verdade. — Thorne fez uma pausa por um momento antes de drenar de vez a caneca, depois a bateu na mesa e baixou a voz, apoiando os

antebraços no tampo de madeira áspera. — E eu seria um idiota se não me aliasse com o maior Maji sombrio da nossa geração, certo?

Lazarus enrijeceu, movendo os braços para trás.

— Eu não diria que sou isso.

Ainda mais porque não tinha certeza se uma certa mulher não era a detentora desse título.

— Não? — Thorne inclinou a cabeça, o olhar fixo e sério. — De qualquer forma, aceito sua oferta de amizade. Não se pode existir neste mundo sem amigos, não se você quiser continuar vivendo. Esteja ciente disso ou não, seus vassalos o veem como um amigo. São leais não a um futuro rei, mas a um amigo, e isso é muito mais poder do que qualquer merdinha nascido em berço de ouro poderia esperar alcançar.

Lazarus permaneceu em silêncio por vários segundos. Ergueu a cabeça, seus olhos escuros encontrando o olhar de Thorne.

— Os filhos de Claudius não são desprovidos de magia — afirmou, o tom calmo. — De um jeito ou de outro, possuem o sangue de um Maji correndo em suas veias. Possuem uma afinidade.

Thorne zombou, virando-se. Pegou a caneca intocada de Lazarus e a levou aos lábios num longo gole.

— Conheci os cretinos que Claudius chama de filhos. Vi suas auras. São praticamente não-Maji, de tão fracos.

— Eles terão muitos seguidores — disse Lazarus.

— Não-Maji como eles, eu prevejo. — Thorne olhou para o líquido âmbar rodopiando na caneca em sua mão, observando as bolhas circulando pelo centro.

Lazarus o encarou por um momento.

— Você entende o que estou pedindo, Thorne?

Com um suspiro, o líder ciseano devolveu a caneca à mesa.

— Vamos assinar um tratado entre nossos países *antes* de você ascender ao trono — respondeu. — Quando se tornar o próximo rei de Norcasta, anunciarei minha aliança e apoio ao seu governo. Isso deve ajudar a acalmar os pirralhos reais.

— Não, Thorne. — Balançou a cabeça. — Não estou pedindo que você se alie a Norcasta.

Thorne franziu a testa em confusão, mas suas feições logo suavizaram quando enfim se deu conta das verdadeiras intenções de Lazarus.

— O que está propondo, meu amigo? — questionou devagar.

— Estou pedindo que você se alie a *mim*. Se eu governar Norcasta, sua aliança envolve o país, mas, caso contrário, se as coisas correrem… mal, você me apoiará, como seu amigo.

Thorne esfregou a mão no rosto.

— Você não pede muito, não é? — falou, o sarcasmo evidente. — Você é forte, Lazarus, admito. Mas o que mais meu povo vai ganhar nessa? Não posso oferecer esse nível de *amizade* de graça.

Lazarus sorriu, um mostrar de dentes que, no fundo, parecia mais um aviso predatório do que uma expressão divertida.

— Eu não pediria nada de graça, Thorne.

Thorne, como se fosse incapaz de se conter, recostou-se. Um homem mais fraco poderia ter fugido. Lazarus sentiu a necessidade de parar e admirar aquele que escolhera como aliado. O líder ciseano seria um grande inimigo para qualquer homem e, portanto, um amigo formidável para ter em breve.

— Qual a sua oferta? — perguntou Thorne, de repente parecendo bem mais cansado.

— Minha própria lealdade ao seu povo. Cuidarei deles como se fossem meus. Isso, por si só, é um ótimo benefício. Se precisar de ajuda, eu venho. Se os invernos forem difíceis, enviarei provisões. Caso precise de algo, *quase* qualquer coisa para tornar essa amizade agradável, eu a suprirei.

Thorne coçou o queixo e balançou a cabeça.

— Deuses, espero que você se torne rei, Lazarus, ou então meu povo pensará que fui fraco em concordar tão prontamente com algo assim.

Com isso, Thorne estendeu a mão. Lazarus fez o mesmo com a dele sobre a mesa e a pegou.

— Seu povo perceberá que como aliado sou muito mais valioso do que como inimigo — disse Lazarus.

— Não duvido disso. — Thorne fez uma careta quando apertaram as mãos.

— Jurarei minha lealdade a você e você a mim — confirmou Lazarus. — Não seremos inimigos, mas… amigos. — O sorriso dele se desfez quando seus lábios se curvaram para trás em desconforto.

Lazarus não tinha amigos. Não de verdade. Tinha Draeven, que era como um irmão para ele. Seu braço esquerdo. Seu maior aliado. Tinha outros vassalos, servos e funcionários, mas não amigos. Porém, aquilo entre os dois era mais do que uma amizade: era uma aliança. Uma que poderia garantir seu império quando chegasse a hora.

A risada estrondosa de Thorne ecoou mais uma vez na pequena sala.

— Sua cara é de quem acabou de comer carne estragada, meu amigo. Não se preocupe, não vou pedir que repita isso. Não *muito*.

Lazarus afastou a mão.

— Você pode gritar dos telhados, se preferir. Não importa para mim como chama a nossa aliança, desde que cumpra sua parte do acordo.

Thorne se levantou e Lazarus o seguiu.

— O povo ciseano é uma raça orgulhosa. Sempre cumprimos nossas promessas.

Lazarus assentiu e, quando cruzaram a soleira de volta para a sala do trono, voltou a falar:

— Tem mais uma coisa.

— Mesmo? — Thorne olhou para trás por cima do ombro.

— Tenho outro propósito para vir tão cedo. Preciso usar suas nascentes.

— É para a garota?

— Sim.

Lazarus manteve sua expressão impassível quando entraram na sala do trono. Um guerreiro estava do lado de fora da porta principal. Lazarus lançou um olhar cuidadoso para ele, mas, se pretendia confiar em Thorne com seu país, precisava aprender a confiar também na intuição do homem sobre o próprio povo.

— Se possível, gostaria de solicitar o uso de uma pedra.

Thorne se virou e se acomodou em seu pesado trono, a conversa tendo completado um círculo.

— Vou exigir respostas para algo assim.

— Quais são suas perguntas? — Lazarus estreitou os olhos para o líder ciseano.

— A garota — declarou Thorne. — O que é ela? Qual seu poder?

— Ela é uma Maji sombria — respondeu Lazarus, sem mais.

Thorne franziu a testa, não satisfeito com a maneira dele de responder.

— Não sou estúpido, Lazarus. Qualquer ciseano pode notar que a magia dela é sombria. O poder vaza dos poros da garota, quase cegando em sua força. Estou perguntando *quais* são as habilidades dela. Se você não pode contar isso, eu não posso te dar uma pedra.

Lazarus cerrou os dentes, a mente trabalhando. No bolso da calça, o papel que ele havia dado a Lorraine se amassou contra o tecido. Colocou a mão lá e o puxou.

— Preciso de uma pedra específica. — Avançou e entregou o papel a Thorne.

Desdobrando o pergaminho amarelado com as sobrancelhas franzidas, Thorne leu a inscrição. Seus olhos dispararam de volta.

— Uma pedra Servalis? Ela deve realmente ser poderosa para você precisar disso.

— Você tem uma? — Lazarus não deixou seu olhar desviar, mantendo-o fixo no homem.

— Tenho.

— Se a entregar para mim, direi o que ela é.

— Meu povo corre risco por estar perto dela, Lazarus?

Lazarus enfim virou a cabeça, olhando para o guerreiro.

— Ela está sob meu controle. Temos um contrato. — Ele o lembrou.

Thorne examinou a postura de Lazarus por um momento antes de exalar

com uma respiração pesada.

— Não tenho certeza se é esse mesmo o caso — murmurou. — Ela, pelo menos, é mais fácil de ler do que você. Darei a pedra em troca de uma resposta. Ela é semelhante em poder a você. Rara, suponho.

Thorne estreitou os olhos e Lazarus pôde ver que ele estava se perguntando, mesmo que apenas por um instante, se ela era como ele.

Não, pensou. *E precisamos agradecer aos deuses por isso.*

Lazarus encarou os olhos vermelhos de Thorne.

— Quinn é rara — concordou. — Ela é uma sombra na mente de todos os homens. Um pesadelo, um pensamento que o segue até a velhice, sempre presente, sempre lá, vagando na periferia de sua consciência.

Thorne se inclinou para frente, a curiosidade o levando para mais perto quando Lazarus baixou a voz e, no menor dos sussurros, revelou:

— Ela é uma dobradora de medo.

Capítulo 19

Banquete dos loucos

"Emoções descontroladas são a ruína de um sobrevivente. Elas revelam suas fraquezas. Elas revelam seus desejos."

– Quinn Darkova, ex-escrava, dobradora de medo e vassala da Casa Fierté.

— Pelos deuses, eu poderia viver aqui. — Quinn gemeu, acomodando-se na água morna. Suas costas tocaram na borda rochosa ao repousar nela, descansando a cabeça na saliência.

— Estamos aqui a negócios — apontou Lorraine em uma repreensão sutil, mas não de maneira direta.

Como esse era o primeiro banho quente que tomava em anos, Quinn não se importou. Nem mesmo as queixas de madame Etiqueta poderiam arruinar isso para ela.

— Quem disse que não se pode misturar negócios com prazer? — perguntou Quinn, afundando um pouco mais na água e submergindo antes que Lorraine pudesse responder. Passou as mãos pelos cabelos, massageando o couro cabeludo, a água escaldante pinicando sua pele. Estava contente.

Um braço esguio envolveu sua cintura, puxando-a para cima.

Sua cabeça emergiu e ela tossiu um pouco, olhando para todos os lados para entender por que Lorraine estava gaguejando desesperada.

— Você está bem? — perguntou, tocando a cabeça de Quinn e a virando de um lado para o outro. Puxou-a de volta para a borda e Quinn permitiu.

— Estou. — Quinn franziu a testa. Não havia ninguém lá, apenas elas. Nem mesmo as ciseanas entrariam nas fontes termais enquanto Quinn e Lorraine

as usassem. Não sabia o que preocupava tanto a mulher. — Lorraine? — chamou, os dedos incessantes da mais velha não parando de cutucar.

— Você ficou debaixo d'água por vários minutos. Pensei que tinha batido a cabeça… — A voz dela falhou, de repente parecendo insegura.

Os lábios de Quinn se separaram e deles brotou o início de uma risada que logo se transformou em gargalhada. Quando o riso por fim cessou, respirava com dificuldade, segurando a lateral do corpo. Enxugando os olhos, encarou Lorraine, que não parecia achar a situação tão engraçada.

— Sou de N'skara — disse Quinn como resposta. Quando Lorraine ainda não parecia ter entendido, continuou: — Somos criados na água, Lorraine. As crianças são ensinadas a prender a respiração por minutos de cada vez desde muito pequenas.

— Ah… — A mais velha piscou, os lábios se separando. Olhou para Quinn e depois para seu próprio corpo nu, como se a proximidade tivesse acabado de lhe ocorrer. Cruzou os braços sobre os seios e deu um passo para trás. A água balançou para o lado, o barulho ecoando na caverna baixa.

— Está tudo bem — tranquilizou Quinn. Segurou na borda da fonte termal e se puxou para fora, deleitando-se no vapor quente, nua como no dia em que nasceu. — Você não sabia. — Quinn puxou o cabelo para o lado, torcendo a água.

— Você é muito desinibida com seu corpo — disse Lorraine, mudando a conversa para um tópico mais seguro em vez de se intrometer no passado de Quinn.

— A modéstia é para os privilegiados. Quando você é um escravo, nem mesmo seu corpo é mais seu. Roupas são presentes, não direitos. — Seus lábios se apertaram quando as memórias brotaram, aquelas das quais ainda não estava pronta para pensar ou enfrentar. — Minha pele é um mapa de onde estive e o que fiz para sobreviver. Não me envergonharei disso.

Naquele momento, Lorraine a olhou de uma maneira diferente. Não era um olhar de desaprovação ou impaciência, como costumava fazer, mas como se visse Quinn sob uma nova luz. Uma mais gentil do que ela mesma se colocaria.

Uma tosse vinda da entrada da caverna chamou sua atenção. Quinn se levantou e olhou quando a mulher de antes, a que estava sentada no colo de Thorne, parou lá, sozinha. Ela estremeceu sob o escrutínio dos olhos cruéis de

Quinn.

— Meu marido imaginou que você poderia gostar de roupas mais quentes! — gritou, seu norcastano bem mais fluente do que o dos guerreiros que encontraram, mas não tão bom quanto o do homem que governava como um rei. Acrescentou: — São presentes de amizade.

Quinn a observou dar alguns passos e colocar as roupas feitas de pele animal em uma parte seca do chão da caverna. Ela olhou para Quinn, admirando sua forma por um momento antes de sorrir e se afastar.

— O que você está fazendo? — perguntou Lorraine quando Quinn deu um passo em direção à pilha.

— Dando uma olhada em nossos *presentes* — respondeu, apontando o polegar para o local.

Da água morna da fonte, Lorraine olhou para a pilha enquanto Quinn se aproximava, levantando os pedaços de peles. Um era uma espécie de blusa fina feita de tiras de couro; outro, maior, era feito de pelos que cobririam seios, mas não sua barriga ou braços. Lorraine fez um som de desagrado, o que significava que ela não a usaria.

Quinn a ajeitou sobre os seios, deslizando a faixa de acabamento sobre a cabeça e enganchando as tiras de baixo nas costas com o fecho de metal inteligente que colocaram. Inclinou-se, soltando um “humm”, contente com a maneira como seus seios permaneciam firmes e quentes sem comprometer sua mobilidade.

Mexendo na pilha, encontrou roupas íntimas, uma segunda blusa curta e dois pares de calças forradas com pelo. Vestindo-se depressa, colocou a calça menor, puxando-a pelos tornozelos. O ajuste estava um pouco apertado, a peça ficando logo abaixo do umbigo e colada ao traseiro. Agachou-se, esticando o material para que pudesse se mover com mais facilidade.

— Mestre Lazarus não aprovará — disse Lorraine, ainda na fonte, balançando a cabeça. Seus lábios finos se apertaram com desgosto.

Quinn apenas sorriu quando estendeu a mão para uma das capas e a fechou em volta dos ombros.

— *Mestre* Lazarus — começou Quinn, enfatizando o título em um tom zombeteiro — é a razão pela qual estamos aqui. Não sei quanto a você, mas não quero vestir as mesmas roupas que tenho usado na última semana. Além disso,

seria rude não aceitar *presentes de amizade*. — Sorriu, e foi um sorriso cruel e perverso que fez com que Lorraine lançasse um olhar inexpressivo para mostrar sua falta de diversão. — O que as pessoas pensariam? — perguntou Quinn, incapaz de esconder a alegria em sua voz por usar as próprias palavras de Lorraine das últimas duas semanas contra ela.

— Alguns dias me pergunto o que ele vê em você — murmurou Lorraine, se levantando da fonte.

Apesar de sua idade avançada e temperamento, ainda tinha o corpo de uma mulher mais jovem. Sua pele era firme, saudável e relativamente sem marcas da malícia do mundo.

— Poder — constatou Quinn, fazendo Lorraine parar por um instante. — Poder sombrio, terrível e selvagem. É isso que ele vê.

A outra fez bem em tentar esconder seu tremor, mas Quinn sentiu aquele leve calafrio de medo. Aquilo deslizou sobre a pele de Quinn como um beijo apaixonado, implorando por mais. Lorraine torceu seus longos cabelos castanhos e vestiu o segundo conjunto de roupas que ofereceram. Sua estatura mais baixa tornou as calças mais soltas e chegando até a barra da blusa em vez de deixar alguns centímetros de pele expostos. Pegou a segunda capa e a fechou com força, juntando suas roupas sujas antes de se virar para Quinn, pronta para sair. Foi só então que respondeu:

— Isso não é tudo o que ele vê.

Quinn franziu a testa e abriu a boca para perguntar o que ela queria dizer com isso, mas Lorraine já estava se afastando. Pararam na beira da caverna para colocar as botas de volta antes de continuarem, subindo a pequena colina onde Draeven esperava.

— Até que enfim, vocês estão… — Virou-se e congelou, seus olhos se arregalando. — O que você está vestindo? — perguntou, mantendo a voz baixa para que os dois guardas ciseanos a poucos metros de distância não ouvissem.

— Roupas — disparou Quinn. — Que os ciseanos foram gentis o suficiente em nos dar. Deveria ficar feliz por eu não estar nua.

Ao lado dela, Lorraine se engasgou com uma tosse enquanto Draeven passava a mão pelo rosto, murmurando para si algo do tipo *“deuses, que seja rápido”*.

— Sabe de uma coisa? Não temos tempo para isso. Estamos atrasados

para o banquete e eles já começaram sem nós. Se Lazarus tiver problemas com isso, ele pode resolver com Thorne… ou com *você*. — Afastou-se e fez sinal para que as duas se apressassem.

— É melhor ele nem falar nada comigo — protestou Quinn, descendo a colina e seguindo até o caminho sinuoso de carvalhos gigantes.

— Oh, que os deuses tenham misericórdia — murmurou Draeven, redirecionando-a quando ela ergueu a mão para a escada de corda da cabana em que estavam hospedados.

— O quê? Para onde estamos…?

— Acabei de dizer. Estão dando um banquete em nossa honra, Quinn. — Cutucou-a nas costas. — Vamos.

Quinn surtou, virando-se e levantando o punho no mesmo instante, e em seguida acertou um soco na mandíbula dele.

— Ai!

— Pare de ficar pegando em mim, seu cretino — rosnou.

Os dois guerreiros ciseanos se aproximaram dela, olhando feio para Draeven.

— A loba não gosta de *você tocar* — disse o da esquerda.

Draeven esfregou a mandíbula, abrindo e fechando a boca.

— Quinn, pode explicar a eles que eu não estava tentando te machucar? — pediu Draeven, olhando-os com cautela.

— Ah, mas não vou mesmo — respondeu Quinn, dando meia-volta.

Draeven estendeu a mão para impedi-la e o mesmo que havia falado entrou na frente, enquanto o outro se aproximou para acompanhá-la.

Os dois ficaram assim, um caminhando ao lado dela e outro atrás, escoltando Quinn até o banquete, enquanto Draeven e Lorraine seguiam atrás.

— Ela tem razão, sabe? — Quinn ouviu Lorraine dizer a Draeven. — Você não deveria cutucá-la como gado. Ela faz parte desta casa agora.

A resposta de Draeven se perdeu no barulho quando se aproximaram de um conjunto de degraus de madeira que levavam a uma cabana sobre a árvore, bem maior do que as outras. Dois guardas estavam de cada lado do corrimão,

com alabardas ao lado do corpo e peles sobre os ombros. Acenaram com a cabeça para Quinn enquanto ela subia as escadas até o topo. Onde deveria haver uma porta existiam apenas três paredes e um telhado de palha. O lugar para a porta tinha sido deixado aberto para que os que estivessem sentados pudessem olhar para a floresta atrás.

Cinco mesas longas estavam cheias até a borda com frutas exóticas, ensopados e carnes assadas. A maioria dos lugares nas mesas estava ocupada, e apenas um punhado de assentos havia sido reservado no centro, os maiores sendo onde tanto o líder ciseano quanto Lazarus estavam sentados. A mulher de antes, que havia trazido as roupas, estava no colo de Thorne, arrancando nacos de carne suculenta da coxa cozida de uma ave e o alimentando com os dedos.

Ela não era a única, Quinn percebeu. A maioria das mulheres não tinha assentos próprios; em vez disso, descansavam todas no colo de seus homens. Também não havia uma criança à vista.

Thorne sentava-se à cabeceira da mesa, com Lazarus à direita e o guerreiro de olhos pálidos, Vaughn, à esquerda. Ao lado de Lazarus, os assentos haviam sido ocupados, o mais próximo tomado por uma beleza deslumbrante com cabelos da cor de rubi. Quinn estreitou os olhos para a mão esbelta que tocou o braço dele.

Deu um passo à frente, em direção a esse lado da mesa, mas se deteve. Um lampejo de raiva a percorreu quando seu estômago pesou, como se alguém tivesse derramado cimento em sua garganta e deixado assentar. O sangue correu para sua cabeça. A intensidade disso a deixou tonta com o poder. Foi aquele fio de escuridão que começou a girar ao seu redor e os tentáculos rastejantes de uma teia sendo tecida que a fizeram parar.

Tinha alcançado a borda da mesa quando Lazarus olhou para cima e ela vacilou. Ele desviou o olhar sombrio da beleza ao seu lado para os tentáculos de medo serpenteando ao longo da mesa, depois direto para Quinn quando ela estendeu a mão e desprendeu a capa. O tecido deslizou de seus ombros e ela o pegou antes que caísse no chão.

E aquele olhar, escuro como a meia-noite… *queimou*.

O menor dos sorrisos estava nos lábios de Quinn quando ela deu a volta e seguiu para o outro lado da mesa. Vaughn se levantou e puxou uma cadeira.

— Loba Quinn, sente-se ao meu lado — convidou com um tom sério.

— Tudo bem — ela aceitou, acomodando-se no lugar vago.

Vaughn se sentou à sua esquerda e Draeven, à sua direita. Ninguém o ajudou, embora um dos guerreiros que a escoltou tenha puxado a cadeira para Lorraine.

— Fico feliz em vê-la se juntando a nós, Quinn — disse Thorne.

Sua voz estrondosa chamou a atenção dela, aqueles olhos vermelhos passando uma sensação perturbadora. Quinn estendeu a mão, arrancando a coxa gigante da ave assada no centro da mesa e pegando um punhado de frutas vermelhas que ela esperou não estarem envenenadas.

— Sou uma vassala do lorde Fierté. Onde mais eu estaria? Hein? — Arqueou uma delicada sobrancelha prateada antes de abocanhar a carne.

Gemeu com o quanto aquilo estava delicioso e suculento, diferente das rações de escravos que comeu a maior parte da última década e que a mantiveram tão magra. Haviam defumado a carne para realçar seus sabores naturais, temperando-a com perfeição. Quinn deu outra grande mordida, depois outra… parando somente quando devorou tudo e limpou o osso. Lambeu os sucos dos dedos e fez uma pausa, sentindo vários olhos sobre si. Lorraine pigarreou, mas permaneceu a repreendendo de maneira passiva em vez de vocalizar sua desaprovação.

— A loba Quinn tem bom apetite — disse Vaughn, balançando a cabeça em apreciação.

Quinn não deixou de notar a maneira como os olhos dele se arrastaram dos dedos escorregadios até sua boca.

— Você não tem ideia — brincou Draeven.

Quinn se virou para encará-lo.

— *Black baac* — xingou e revirou os olhos para suas insinuações.

— Você já *reparou* no quanto come? — perguntou, o garfo batendo na bandeja com um estrondo.

— Você precisa ser sempre tão idiota? — rosnou Quinn.

— Pergunto o *mesmo* — disparou de volta, pegando o próprio pedaço de carne.

Quinn estreitou os olhos, enviando uma gavinha escura que deslizou de

sua pele e desceu pelo braço na direção dele.

Os olhos de Draeven se arregalaram uma fração antes que ele pulasse, batendo na cadeira com tanta força que ela arrastou pelo chão até colidir com a que estava a quase um metro atrás.

— Quinn — disparou Lazarus.

Ela congelou e redirecionou os tentáculos de volta, levantando a mão direita onde a envolveram de modo reconfortante, consolando-a.

— Lembra do que conversamos? — perguntou, um lembrete não tão sutil de que ela deveria se comportar.

Quinn se virou e seus olhos cristalinos o encararam com crueldade – ou melhor, mirou a mão pálida acariciando o antebraço dele.

Não fazia ideia do porquê a visão disso a incomodava. Sabia que não estava certo… entendia isso. Só não gostava do que significava. Lazarus nunca deixou ninguém o tocar, não por vontade própria. Fosse Draeven, Lorraine, nem mesmo ela.

Ah, ele podia tocar, empurrar e puxar o quanto quisesse, mas mantinha distância quando lhe convinha. Ficava sempre o mais longe possível dela, em todas as chances que tinha, mas *agora*… deixava essa garota que não era nada… que *não era ninguém*, tocá-lo.

Sabia que havia uma palavra para essa sensação cortante em seu peito e o calor que fervia em suas veias, como se *ele* estivesse lá, mesmo agora, tocando-a sem sua permissão. No entanto, não queria isso. Não queria sentir isso. Não queria dar a Lazarus mais do que ele já havia tomado.

Então, abafou o sentimento. Fechou-se para tudo e se voltou para a indiferença. Esse era um abraço que sempre aceitaria, junto com a clareza que ele trazia.

Uma mão se estendeu para tocá-la e ela se moveu. Reagindo por instinto, sua metade superior se torceu e seus dedos subiram, agarrando o pulso do ofensor em um aperto forte.

O medo brotou, como a mais agradável das flores, suas gavinhas escuras acariciando seus sentidos. Quinn inclinou a cabeça e inalou fundo.

Aah! *Isso. Isso é o que eu preciso para relaxar…*

— Loba Quinn? — perguntou uma voz suave, gentil e, sem dúvida, masculina.

A voz não compartilhava com ela aquela escuridão tão desejada… tão necessária. Mas bastaria. Por enquanto, seria suficiente.

— Sim, Vaughn? — Quinn piscou.

— Você está bem? — perguntou, e a expressão em seus olhos era nada menos que reconfortante.

Quinn não queria ser confortada. Não queria sentir nada esta noite, ou aquela emoção sorrateira retornaria para ela e para seu coração. Derrubaria todas as barreiras que mantinha, porque não se importava com nada e ninguém além de si.

Não queria isso, mas…

Seu olhar desviou para aquela mão pálida, ainda ao redor do antebraço de Lazarus. Seguiu por aquele bíceps grosso, subindo ao longo de seu peitoral definido até a mandíbula cerrada e, por fim, àqueles olhos. Poderiam tê-la deixado com queimaduras se ela não tivesse se fechado de vez e se esgueirado mais fundo em sua frieza.

Do jeito que estava, apenas sorriu.

— Sim, estou bem.

Capítulo 20

Demônios e portais

"A escuridão é um presente terrível… e uma deliciosa maldição."

– Lazarus Fierté, nobre e Maji sombrio.

Lazarus cerrou os dentes com tanta força que, se estivesse menos ciente disso, teriam rachado. Quinn se fechou, bem diante dos seus olhos, mostrando-se mais indiferente do que nunca.

Não gostou nada de como a magia dela permeava o ar e escurecia as veias sob sua pele. Deslizava para cima e para baixo nos braços dela como um animal protegendo seu mestre, implacável em sua missão de servir.

Quinn não estava enganando ninguém, acima de tudo ele, quando afrouxou o aperto no pulso do garoto. Sua reação havia sido tão repentina que a mesa ficou em silêncio, embora Quinn nem sequer tivesse notado. Lazarus chamou o nome dela duas vezes e ainda assim ela não respondeu. Contudo, respondeu a *ele*. O garoto que Thorne estava adorando colocar no caminho dela o tempo todo.

O canalha ruivo se inclinou, falando baixo o suficiente para que apenas Lazarus ouvisse.

— Só uma vassala, hein? — Inclinou o queixo, dando a Lazarus um olhar aguçado antes de sorrir para Quinn.

Ela ainda tinha aquele olhar, como uma criatura feroz pronta para atacar. Porém, soltou Vaughn e deu um tapinha na mão dele, como se nada tivesse acontecido, e todos na mesa respiraram aliviados. Nem se importaram com o terrível poder que ela invocou sem nem sequer pensar e que dissipou com a mesma facilidade.

— Ela e eu temos um contrato — lembrou a Thorne, com os dentes cerrados.

Suspeitou da causa da explosão de Quinn quando seu olhar pousou na mão pálida que pegava em seu braço e, pela primeira vez em muito, *muito* tempo, Lazarus sentiu algo quase como… desconforto.

Uma ansiedade inquieta se agitou nele quando o olhar frio e calculado de Quinn se fixou na mão que o tocava. Foi a mesma razão pela qual ele voltou para o beco na noite em que ela foi atacada em Ishvat. Ninguém sabia, nem Lorraine, nem Draeven e muito menos Quinn, que ele rasgou o menino que a havia tocado em pequenos pedaços, espalhando suas entranhas com uma satisfação sombria se contorcendo em seu interior. Ninguém percebeu o quão obscuro e profundo seu fascínio, sua obsessão por ela estava começando se tornar. Exceto talvez a própria Quinn.

Nenhum deles fazia ideia do porquê Lazarus tinha pressa de sair daquela cidade na manhã seguinte. Apenas se contentaram em partir, em especial Quinn.

Mas, agora… Olhou para baixo e seguiu a trilha até a bela mulher agarrada ao seu braço.

Quinn faria o mesmo?, Lazarus se perguntou, preocupado. Isso não era bom. Não era assim que deveria ser. Claudius disse que ela conquistaria para ele o maior império que este mundo já viu… *ou o destruiria*. Tinha ouvido a segunda metade do aviso todas aquelas luas atrás, e mesmo assim não havia cessado sua busca por ela. Nunca lhe ocorreu de parar para pensar nas razões de ela dar ou tirar isso dele, apenas que era capaz.

— E onde ela se encaixa neste contrato quando você se tornar rei? — ponderou Thorne, a voz só um pouco mais alta.

Lazarus viu no momento em que as palavras foram registradas. Ela estava se inclinando para o garoto, Vaughn, ouvindo o que ele lhe dizia quando congelou e ergueu devagar os olhos cruéis para os dele.

— Rei? — perguntou Quinn, olhando entre eles.

— De Norcasta — Thorne assentiu.

Para alguém que deveria ser seu *amigo,* ele estava fazendo um ótimo trabalho em criar discórdia entre ele e sua vassala.

— Rei de Norcasta — murmurou ela, balançando a cabeça para si. —

Suponho que tudo faça sentido agora.

— Ele não te contou? — Thorne se recostou, olhando entre os dois.

— Não. — Sua resposta foi direta e curta e, acima de tudo, indiferente.

— Entendo — disse Thorne, devagar, encarando Lazarus mais uma vez. — Presumi que seus vassalos já soubessem de suas intenções. Peço desculpas se falei demais.

Lazarus mordeu uma amora, mas não sentiu a acidez habitual seguida do doce, já que provava apenas cinzas.

— Ah, ele não me conta nada — disse Quinn. Pegou o cálice à sua frente e nem mesmo olhou para o conteúdo antes de tomá-lo de uma só vez.

Lazarus fez uma careta quando o rosto de Quinn se contorceu.

— Loba Quinn? — chamou Vaughn.

— Ah, pelo amor de… — murmurou Draeven, enfim voltando a se sentar.

— Água — murmurou Quinn, rouca.

O garoto, Vaughn, empurrou o copo do outro lado do prato na direção dela. Quinn o cheirou com desconfiança antes de provar um gole. Em seguida, esvaziou o conteúdo e bateu o copo na mesa.

— Graças aos deuses — grunhiu, fechando os olhos.

— O que foi? — perguntou Lazarus, afastando-se da ruiva ao seu lado.

— Não bebo destilados — respondeu ela, tão indiferente quanto uma pedra.

Aquilo o arrepiou até o âmago, que ela falasse com ele assim, mas fosse gentil com o garoto. Lazarus rangeu os dentes.

— Por que não? — perguntou Draeven.

— Você não tem direito a respostas — respondeu ela. — Nenhum de vocês. Exceto talvez Vaughn. — Deu um tapinha na mão dele de novo e permaneceu o tocando.

Lazarus cerrou a mandíbula. Os olhos de Quinn se fecharam mais uma vez e Thorne lançou um olhar curioso entre os dois.

A batida dos tambores encheu a noite enquanto as tochas eram acesas e as celebrações se moviam para o deque com vista para a floresta lá embaixo. Os homens erguiam as mulheres, carregando-as em direção aos tambores, e elas riam o tempo todo.

Como deve ser fácil ter uma dessas mulheres, pensou Lazarus. *Entediante*.

— …dançar?

Lazarus virou a cabeça, pegando o final da conversa entre Vaughn e Quinn.

— Eu não danço — disse Quinn, embora houvesse o esboço de um sorriso em seus lábios.

— Você dança — disse o garoto, sorrindo para Quinn como se ela fosse uma labareda no auge do inverno.

Entretanto, ele não sabia. Não a via como ela de fato era. Quinn não era do tipo raios de sol e flores. Ela era o luar e as sombras. Sangue e osso. A ponta de uma faca, tão bela e afiada que cortaria se você a tocasse sem saber como lidar com ela.

— Não sei dançar como eles — disse Quinn, apontando para os casais que pulavam, saltitavam e gritavam na noite. — A maneira como fui ensinada a dançar é diferente.

Os lábios de Lazarus se contraíram e seus olhos se estreitaram uma fração ao captar essas palavras. *Ensinada a dançar… Quem ensinaria uma escrava?* A menos que nem sempre tenha sido uma. Ocorreu-lhe então o quanto estava aprendendo sobre ela esta noite, esses pedaços de si que Quinn dava a Vaughn de maneira tão leviana, mas não se atreveria a deixar Lazarus vislumbrar.

Isso o enfureceu, quase tanto quanto quando o garoto se inclinou para ela e disse:

— Você me mostra?

Quinn deu a ele um sorriso preguiçoso que dizia que o desgraçado a havia ganhado.

— Tudo bem, eu te mostro.

As cadeiras arranharam contra madeira conforme as empurravam para trás. Vaughn se levantou primeiro, estendendo a mão. Quinn a pegou e, embora tivesse um sorriso no rosto, Lazarus conseguia ver através dele, o gelo ao redor de seu coração. Podia ver em seus olhos, a maneira como ela dançava com Mazzulah, o Deus do Reino das Trevas.

Seguiram para o deque, bem à vista, e o povo ciseano se moveu para abrir espaço. Os tambores mudaram, ficando mais rápido e mais forte do que antes. O tom grave se enraizando no ar e os incitando a acompanhá-lo.

Os ombros de Quinn tensionaram por um breve segundo, então ela se afastou, esticando o pescoço em uma pose elegante, mas rígida, enquanto levantava a mão esquerda e o circulava. Vaughn fez o mesmo, embora muito mais desleixado do que os movimentos precisos e até graciosos dela.

— Você disse que conseguia controlá-la — comentou Thorne, inclinando-se para tomar um gole de cerveja. — Mas, do meu ponto de vista, parece o contrário, meu amigo.

— Ainda estamos trabalhando na dinâmica do nosso acordo — retrucou com desdém. Deveria saber que Thorne não o deixaria em paz.

— Ela é jovem, provável que inexperiente, dado o nível de poder que está canalizando sem nem tentar. Como você encontrou tal tesouro, Lazarus? — perguntou, girando o cálice de cerveja.

— Eu não a encontrei. — Estava falando a verdade, tecnicamente. — Ela me encontrou.

Thorne fez uma pausa, tomou outro gole e grunhiu pensativo.

— É ainda mais curioso que o destino fosse unir vocês dois. No entanto, ela gostou do meu guerreiro.

Sim, ela tinha gostado, e Lazarus se ressentiu disso.

— Ele é uma criança.

— Ele é um homem e um dos melhores guerreiros que temos. Se não fosse pela escuridão nela, eu diria que os dois fariam uma boa combinação.

O aperto de Lazarus se tornou brutal em torno de sua própria cerveja quando o corpo de Quinn começou a se mover. Seus quadris balançaram e as malditas peles que usava não escondiam nada, nem dos olhos dele nem de qualquer outro. Ela se moveu com uma graça letal, em comparação com a

trapalhada do garoto tentando acompanhá-la.

A dança que ela escolheu não era uma que Lazarus conhecia, mas era uma formal. Isso era indiscutível.

Percebeu que Quinn estava se inspirando nas próprias raízes. Isso era algo que ela aprendeu, se não em N’skara, então com seu povo.

— Ela é uma combinação que não daria certo porque é uma Maji sombria que não apenas aceita a escuridão: ela a abraça. A escuridão se torna ela própria. — Lazarus tomou um gole da cerveja e depois começou a drenar o cálice.

Esta noite, os sussurros sombrios estavam piores do que o normal, e ele se voltou para seus vícios para afugentá-los.

— Para sua sorte, Lazarus — disse Thorne, jogando algumas frutas silvestres na boca enquanto observava Quinn —, esse é o caso. Quinn é uma mulher bonita com muito fogo interno. Ela se daria bem aqui nas montanhas, onde estaria livre.

Lazarus ficou tenso.

— Contudo, acho que o coração dela sempre ansiaria por outro — continuou —, um que pudesse entendê-la. Para uma pessoa manter tal poder, e tão sombrio… — Thorne balançou a cabeça. — Isso é um presente, mas também uma maldição.

Lazarus bebeu outro cálice de cerveja, e quanto mais bebia, mais altos ficavam os sussurros. Recostou na cadeira de madeira, observando os giros e rebolados tentadores do corpo de Quinn. Ele se perguntou se ela notou a maneira como todos a observavam.

Conhecendo-a, devia ter notado e se divertia com cada segundo.

Só de pensar nisso ficou furioso. Afastou a cadeira e se levantou, ignorando o melhor que pôde os sussurros que o seguiam, cutucando sua mente e sua alma em busca de um ponto fraco. Ficaram cada vez mais altos, perseguindo-o de onde estava até que não tinha certeza se eram sussurros, mas sim uma voz bastante real.

Parou de andar e sua mente clareou.

Quando os sons cessaram, estava olhando para Quinn. A música ainda tocava, mas ela não estava se movendo. Os outros dançavam ao redor deles,

fingindo não notar. Não ver. Mas não ela.

Não. Ela apenas sorriu, e foi um sorriso perverso.

Capítulo 21

Brincando com fogo

"Brincar com fogo não significa que você vai se queimar. Aqueles que entendem a chama sabem que ela não pode evitar ser o que é… e tomam cuidado."

– Quinn Darkova, ex-escrava, vassala da Casa Fierté e dobradora de medo.

Lazarus se levantou com tanta rapidez que atraiu vários olhares. Afastou-se da mesa e foi na direção dela, movendo-se depressa, mas vacilando, apenas para parar e encará-la como um tolo bêbado. Porém, após todas as mentiras e truques, Quinn não estava no clima. Nem um pouco.

— Precisa de algo, *mestre* Fierté? Ou devo chamá-lo de príncipe — disparou com grosseria —, já que vai ser rei? — Os títulos saíram de sua boca, um após o outro, sem consideração. Lazarus não tinha pensado nela quando mentiu, então achou conveniente retribuir o favor.

— Quinn, este não é o lugar…

— Tem razão, não é. Estou aproveitando uma dança agora, fazendo amigos, confraternizando, me *comportando*, como queria que eu fizesse. — Virou-se para continuar dançando com Vaughn, ignorando Lazarus por completo, mas deveria saber que ele não deixaria essa passar. Lazarus não era um homem que aceitava ser ignorado.

Dedos calejados agarraram seu pulso e a puxaram. Vaughn ficou parado ao lado a alguns metros de distância, franzindo a testa entre os dois, mas não se atreveu a interferir.

A respiração sibilou entre os dentes de Quinn. O destilado que consumiu se revirou em seu estômago, causando estragos em seu organismo intolerante. Fios de medo se ergueram quando ela os chamou, atirando-os na direção de onde

Lazarus mantinha um aperto firme em seu braço.

Ele adorava puxá-la de um lado para o outro como bem queria. Talvez fosse a hora de *ele* ver por que dobradores de medo eram chamados assim.

As gavinhas pretas rastejaram de sua pele nua para a de Lazarus, subindo pela mão, pulso e antebraço dele antes de se enrolarem com força. Em vez de estremecer e resistir, de cair de joelhos diante dela como se fosse apenas uma casca… ele permaneceu de pé.

Devagar, Quinn virou a cabeça para olhar para o homem que, de alguma forma, resistiu a ela.

Olhos turvos e sem profundidade a encararam de volta. Continuou injetando medo nele, observando como o corpo dele reagia minimamente a isso. Muito menos responsivo do que qualquer homem, mulher ou criança já havia sido. Lazarus se mexeu, seus olhos ostentando uma escuridão contida.

— Você não tem o direito de se afastar de mim — rosnou ele.

As sobrancelhas de Quinn se ergueram ao girar o corpo bem devagar até ficar mais uma vez de frente para ele. Havia algo na expressão dele. Algo que ela só tinha visto uma vez.

Uma selvageria que a extasiou. Um calor que queimou sua alma.

Quinn não queria isso. Não queria ver ou sentir nada disso… nada que viesse dele. Mas, se Lazarus estava tão empenhado em incendiá-la, talvez ela devesse apenas acender aquela chama e assistir a tudo queimar.

Ela moveu a mão na velocidade da luz e poderia jurar que um trovão soou quando o fez. Um estalo cortou ar e a música parou.

O rosto de Lazarus não se contorceu, nem mesmo quando o rubor da marca de dedos brotou em sua pele bronzeada.

— *Scortum* — disparou ela em n’skarano. — Oh, minhas desculpas, *meu príncipe*, esqueci que o senhor não fala essa língua. Permita-me traduzir: você está sendo um imbecil.

— E você está brincando com fogo — rosnou ele, aproximando-se dela e começando a puxá-la pela multidão. — Um que não sabe como controlar.

Alguns dos homens soltaram risadas e as mulheres deram gritinhos de alegria pouco antes da música recomeçar. A melodia não mais a embalou em

uma falsa sensação de calma; em vez disso, foi sumindo atrás dela quando as batidas se transformaram no vento brutal que chicoteava através das árvores.

Lazarus a puxou ao longo das altas passarelas de madeira, sem perceber ou sem se importar com a forma com que as tábuas balançavam sob seu peso. Depararam-se com uma cabana de árvore afastada da festa, onde os barulhos estavam a um mundo de distância. Ele abriu a pesada porta de madeira e a empurrou para dentro.

Em um dos lados da sala, havia uma mesa de madeira cinza acastanhada com duas cadeiras resistentes. Nela, uma vela já queimava, emitindo fracos traços de luz. Um corredor estreito à esquerda levava a um pequeno quarto.

Lazarus se deteve na porta e parou de arrastá-la – não que Quinn tenha parado de lutar.

— Solte-me, seu idiota pomposo…

— Por que ficou chateada esta noite? — perguntou em um tom tão sedoso e suave que a fez parar.

A razão pela qual ela estava se debatendo foi esquecida por um momento. Esperava raiva da parte dele, talvez alguns gritos. Mas isso? Estreitou os olhos, desconfiada.

— Por que *você* estava chateado?

Entreolharam-se, nenhum dos dois disposto a conversar ou a ceder.

— Você me fez de idiota. — O rosto dele se contorceu assim que as palavras saíram. Olhando para o teto e passando a mão pelo rosto, Lazarus beliscou a ponte do nariz. — Bajulando aquele garoto… vestindo essas roupas…

— Não fiz nada além de falar com ele, e Lorraine está usando o mesmo — interrompeu Quinn, arqueando uma sobrancelha prateada. — Aliás, se quer mesmo falar de constrangimento, que tal me dizer por que *você* nunca me contou que é o próximo na fila para se tornar rei, hein? Vamos falar disso?

— Não é tão simples, Quinn. — Largou o pulso dela e se virou.

— Ah, não é? — retrucou, implacável. — Então você não *mentiu* para mim sobre suas intenções? — Quinn o circulou, mesmo quando ele tentou se afastar.

— Nunca menti para você. Você assinou um contrato para fazer parte da

minha casa por cinco anos, não importa se é a de um nobre ou de um rei — falou, virando-se para o corredor.

— Então você pode apenas me ignorar quando lhe convier, mas se eu fizer isso porque você estava fazendo papel de idiota, de repente, estou brincando com fogo? — rosnou, seguindo-o. — *Black Baac*.

— Você está me enlouquecendo — grunhiu em resposta, caminhando para o quarto.

Quinn não hesitou em segui-lo.

— Você já está louco — disparou de volta, parando ao pé da cama dele.

Lazarus se virou para ela e a expressão em seu rosto a fez estacar. Seus olhos estavam desfocados, nebulosos. Quinn semicerrou os dela, avançando devagar.

— Você não faz ideia — murmurou Lazarus, as palavras quase inaudíveis no ar silencioso entre eles, as mãos fechadas em punhos ao lado do corpo.

— Do que você está falando? — Quinn piscou.

A constante mudança de humor dele estava lhe dando uma dor de cabeça… Ou seria a bebida fazendo efeito? Era difícil dizer quando as cores dançavam diante dela e brilhavam com tanta intensidade que doíam. O medo em suas veias lutava contra o pequeno controle que mantinha, querendo sair e brincar mais uma vez. Para testá-lo. Para *prová-lo*.

— Sua magia… — sussurrou, respirando fundo.

Havia uma faísca no olhar dele que ela não queria nomear. Queria apenas voltar para o espaço frio e seguro, para onde o mundo não oscilava tanto quanto naquele momento.

— Você a usou em mim — completou. — Tentou me machucar, e eu temo…

Quinn inclinou a cabeça para cima, a expressão intrigada e o coração batendo forte.

— O que você teme? — perguntou tão baixinho que não tinha certeza se ele a tinha ouvido. Mesmo assim, ele respondeu:

— Que vou perder o controle.

Suas palavras saíram sussurradas e tão cheias de promessas sombrias que a deixaram nervosa. Os lábios dela se separaram, porque foi o mais sincero que ele já tinha sido. Ainda havia tantas coisas não ditas e tantos segredos que Quinn não sabia qual canto escuro explorar. Quando chegasse a manhã, ambos poderiam se arrepender desta noite. Das coisas que foram ditas e da maneira como agiram. Mas, naquele momento…

— Ah, homem tão, *tão* estúpido. — Inclinou-se para Lazarus e, quando ele não se afastou, um pensamento veio à sua mente. Um que era um bocado perverso.

Ergueu-se na ponta dos pés. Sua respiração roçou a orelha dele, e ela sentiu o arrepio que o percorreu. Os dois tinham cavalgado juntos por semanas, pressionados um contra o outro, mas isso era diferente.

Esta noite, havia violência e magia sombria os guiando.

— Você já o perdeu. — Ela roçou os lábios na bochecha dele, movendo-se mais para o sul, deslizando pela mandíbula… e apenas por um instante, nem mesmo um segundo, pressionando sua boca rígida antes de se afastar. Inalou o cheiro de bebida, fumaça e chamas. Por baixo de tudo havia algo que a chamava, que a seduzia, puxando-a para perto.

Lazarus havia dito que semelhantes se atraíam. Estava apenas começando a entender isso quando se virou para a porta.

— Espere — ordenou ele, mais clareza em sua voz do que tinha tido apenas momentos antes.

— Você está bêbado, Lazarus. Vá dormir — disse, sem se virar para encará-lo.

— Já faz uma semana, Quinn. Você me deve uma resposta — cobrou, surpreendendo-a.

Esperava por tentativas de sedução fajutas, mas em vez disso pediu respostas. Ele sabia que sua cabeça não estava em seu melhor estado esta noite, e na escuridão silenciosa do quarto dele não tinha como Quinn o recusar.

Cretino inteligente, pensou consigo mesma.

— E minha pergunta?

— Você já fez. — Foi a resposta dele.

Quinn pensou por um segundo e depois assentiu. *Cretino inteligente, de fato*. Precisaria ter mais cuidado com o demônio de lábia sedutora que segurava sua coleira.

— Verdade. — Fez uma pausa. — Qual é a sua pergunta, Lazarus?

Pensou em todas as coisas que ele poderia perguntar. As respostas que talvez tentasse arrancar dela, e se perguntou se o contrato exigiria que o dissesse. Se suas únicas escolhas fossem falar toda a verdade ou morrer em silêncio. Suas unhas cravaram nas palmas das mãos enquanto mordia a bochecha.

Contudo, Lazarus era qualquer coisa, exceto previsível.

— Por que você não bebe destilados?

Uma pergunta tão simples. Uma resposta tão vulnerável.

Quinn olhou sobre o ombro para onde ele estava de pé na beira da cama, exatamente onde o havia deixado.

— Já tenho demônios o bastante. Sei bem que não devo abrir a porta para mais.

Com isso, saiu da cabana direto para o frio brutal da noite, sabendo lá no fundo que a sensação não mais a confortaria como antes. Havia algumas coisas que nem mesmo o mais severo dos invernos e ventos poderia enterrar.

Capítulo 22

Sonhos e pesadelos

"Não há como se livrar dos medos. Eles sempre te encontrarão, não importa o quão forte seja. Se escapar deles durante o dia, eles alcançarão você à noite."

– Quinn Darkova, ex-escrava, vassala da Casa Fierté e dobradora de medo.

Quinn esmagava folhas sob as botas conforme se afastava da cabana de Lazarus em direção à sua própria. Os tambores do banquete soavam à distância enquanto ela abria e fechava os punhos, deixando os fios de medo dançarem em sua pele. Os eventos da noite se repetiram em sua mente quando estendeu a mão para agarrar a escada de corda e começou a escalar.

O ar gelado da montanha sacudiu sua subida, mas havia algo mais persistente. Outra magia. Não a dela, ou a *dele*; era algo diferente. Algo sutil. Aquilo se instalou no ar ao seu redor como um estranho vindo de longe, curioso e observador, sem interagir diretamente. Balançou a cabeça em uma tentativa de afastar aquela sensação de sua mente, e a escada balançou. Mordendo o interior da bochecha, continuou se movendo, os dedos rígidos quando enfim agarrou o piso de madeira. Arrastou-se sobre a borda e ficou lá por um momento, aproveitando o alívio do vento e da noite e… outras coisas. Coisas que ela não queria pensar, pelo menos por enquanto.

Sentada, Quinn suspirou forte, seu olhar ansioso indo da cama para o chão onde estava. Pensou em tirar a roupa feita de pele, mas deixou para lá quando se levantou e tropeçou até se jogar na cama.

Seus olhos se fecharam quando o vento uivou e os galhos balançaram, arranhando a lateral da cabana. Rolou frustrada para o lado, soltando uma pesada lufada de ar e tentando se acomodar o suficiente para que o sono a levasse.

Rei, sua mente sussurrou. *Lazarus Fierté, futuro rei de Norcasta*.

Ficou chocada ao ouvir aquilo, mas, quanto mais pensava, tinha menos certeza do que imaginar. Trabalhar para um nobre era diferente de para um rei, mas não *tanto*. No entanto, beijar um nobre e beijar um rei… essas eram coisas *muito* diferentes.

Entretanto, havia algo mais importante para considerar: o que Lazarus queria que ela fizesse. Ele ainda não tinha falado muito, mas Quinn estava começando a se perguntar, começando a entender. Lazarus queria que ela fosse treinada, mas cooperasse. Queria que ela canalizasse seu poder, mas não o usasse *nele*.

Havia apenas uma razão para querer isso, e no fundo ela sabia. Assim como sabia que não era tão oposta à ideia. Não *de verdade*.

Os pensamentos de Quinn pararam quando sua mente, por fim, ficou confusa. Ao longe, ouviu as vozes de Lorraine e Dominicus enquanto os dois voltavam para a cabana. A exaustão a manteve enraizada em sua cama, as costas viradas e os olhos fechados. Estava à beira do sono quando sentiu uma mão fria tocar sua testa. Congelou, mas não sentiu nenhuma má intenção. A mão se moveu e sua respiração voltou ao normal.

— Ela está dormindo — sussurrou Lorraine.

Um segundo conjunto de passos parou mais longe.

— Você ficará bem aqui? — perguntou Dominicus.

— Com Quinn? Sim, claro. Ela pode ser impetuosa, mas nunca me machucaria, a menos que se sentisse ameaçada. Apesar de toda a bravata, ela ainda é apenas uma criança.

— Ela é uma mulher, Lorraine — corrigiu Dominicus —, e embora possa ser vários anos mais nova que você, eu não a chamaria de criança. Ela é muitas coisas, mas inocente não é uma delas.

Os lábios de Quinn se apertaram, mas manteve os olhos fechados enquanto ouvia com atenção, esperando a resposta de Lorraine.

— As pessoas são complicadas, Dom — disse, sua voz suave e compreensiva. — Incluindo Quinn. Ela pode ser uma jovem, mas, em muitos aspectos, tem a maturidade emocional de uma criança… Uma que foi forçada a suportar e sobreviver a coisas horríveis.

— Você não é a mãe dela.

— Não, eu não sou — concordou Lorraine. — Mesmo assim, fui encarregada de cuidar dela. Todos nós fomos. Não estou tentando assumir o lugar da mãe dela… Bem sabem os deuses que não sou adequada para isso, mas…

— Seu filho te ama, Raine. — Passos pesados se aproximaram de onde a voz de Lorraine soava.

A mulher ofegou e o corpo de Quinn ficou tenso. Cerrou os punhos, pronta para pular da cama, mas o suspiro suave que se seguiu mostrou que Lorraine não estava com dor.

— Sei que ama.

— Então pare de ser tão maternal com Quinn. Pare de tentar lhe ensinar boas maneiras. Apenas a deixe em paz.

A risada suave de Lorraine acalmou algo dentro de Quinn. A minúscula essência de algo sombrio a deixou tranquila.

— Isso eu não posso fazer. Acho que ela poderia se beneficiar em aprender a se comportar de maneira adequada.

Dominicus zombou baixinho.

— Se acha que vai ensiná-la a ser uma dama, mesmo com toda resistência da parte dela, você é mais louca do que Lazarus por trazê-la junto.

— Os deuses têm um plano para todos, Dominicus… Você, eu, Lazarus, até ela. Posso nunca conseguir ensiná-la a agir como uma dama, mas, ao tentar, mostrarei a ela que me importo.

Quinn sentiu aqueles olhos castanhos gentis pousarem em suas costas pouco antes que uma mão a tocasse, afastando o cabelo do rosto como sua mãe nunca fez.

— Eu a ensino porque vejo um futuro para ela ao lado de Lazarus — continuou Lorraine —, um no qual ela poderia fazer uso dessas lições. No começo, não entendi por que ele a trouxe conosco, mas… estou começando a entender. — Aqueles dedos gentis mal a tocavam enquanto afastavam os fios de cabelo soltos. — Há uma mudança chegando. Uma nova era se aproximando… e eu, pelo menos, estou feliz por estar do lado dela.

— Uma mudança chegando?

— Você não sente? — sussurrou. — O rei Claudius está em seu leito de morte e quando, não se, mas *quando* ele morrer, Lazarus será rei. Posso sentir nos meus ossos. A maré de relativa complacência que temos vivido vai mudar e ele vai precisar de nós. Os dois vão.

Dominicus soltou um suspiro, o som mais profundo do que qualquer coisa que Lorraine pudesse emitir.

— Se ela não nos matar antes disso.

— Ela não vai.

Lorraine parecia tão certa que deixou Quinn desconfortável por não sentir a mesma segurança em si.

— Se você diz, Raine. — Dominicus suspirou. Passos pesados se afastaram dela, de Lorraine, quando ele voltou para o alçapão. — Te vejo pela manhã. Traga a garota. Vaughn nos perguntou se ela poderia treinar com eles, e Lazarus deu seu consentimento.

— Contanto que você ou Draeven estejam lá a observando, suponho? — retrucou Lorraine, uma nota de tensão na voz.

— Claro — afirmou Dominicus. — Não gostaríamos que ela tivesse a ideia de ficar em Cisea e se casar com um dos homens da montanha. Deus nos ajude, nem quero imaginar como Lazarus poderia responder a isso. Tudo o que ele fez poderia ser em vão se ela fosse por esse caminho.

A risada abafada de Lorraine confundiu Quinn ainda mais.

Casar? Ela não era do tipo. Não precisavam se preocupar.

— Boa noite, Dom.

Quinn ouviu os sons suaves de Dominicus descendo a escada e Lorraine se preparando para dormir. Queria se sentar e dizer algo. Tinha tantas perguntas, mas, ao mesmo tempo, não fazia ideia de como colocá-las em palavras. Quanto mais tempo ficava deitada contemplando seus pensamentos e confusão, mais sombria sua mente se tornava. Quinn nem percebeu quando o sono abriu seus doces braços e a acolheu no reino de sonhos e pesadelos até que fosse tarde demais.

Estava na superfície de um oceano, mas era duro e estável. Sob seus pés, ondas agitadas e furiosas estavam enjauladas no mar azul profundo. Quinn piscou para os ciclones sob seus pés antes de levantar a cabeça para o céu e

quase xingar. Mais uma vez, havia parado em algum lugar distante que nunca tinha visto.

Nuvens cinzentas escuras se moviam no alto. Diante dela, uma escada flutuante era a única coisa que existia na vasta extensão. Sem outra escolha, Quinn caminhou em direção a ela e enganchou uma mão ao redor da meia parede de pedra, usando-a como corrimão. Os degraus de pedra se curvaram, circulando para o cinza-escuro no alto, onde a temperatura deveria ter caído, mas não parecia fazer nem calor, nem frio. Ainda assim, o vento ergueu seus cabelos e os afastou do rosto enquanto relâmpagos brilhavam nas nuvens… Perto, mas não o suficiente para tocá-la.

Trepadeiras negras brotavam pelas rachaduras na pedra, rastejando lentamente atrás dela enquanto Quinn passava. Fez uma pausa e os ramos finos pararam também, esperando seu próximo movimento. Quinn olhou por cima do ombro e decidiu que não eram uma ameaça, estavam apenas curiosos conforme seguiam atrás dela. Retomou a escalada, circulando a torre de degraus suspensa no ar até chegar a um arco aberto no centro de um campo feito de nuvens.

Uma figura à distância chamou sua atenção. Um homem de sombra iluminado por uma luz tão incandescente que nunca lhe ocorreu que deveria ser cautelosa. Não considerou a impossibilidade de andar sobre as nuvens ao avançar sem jeito. A chance de cair na superfície dura da água abaixo nunca passou por sua mente à medida que corria, diminuindo a distância.

Lazarus ficou tenso, as costas musculosas e os ombros rígidos enquanto gavinhas de sombras rastejavam sobre sua pele, as pontas se retraindo para afundar como dentes afiados em sua pele firme. Ele não grunhiu ou gemeu, e com certeza não gritou ou chorou. Não lutou conforme consumiam boa parte de sua carne, mordendo-o várias vezes. O sangue escorria como rios pelo peito nu. Lazarus segurou a cabeça nas mãos como se não pudesse detê-las, mesmo que quisesse.

Quinn congelou a alguns passos de distância, observando as marcas que cobriam quase cada centímetro de sua pele, do pescoço até o cós de suas calças. O frenesi de escuridão que o cercava não parou quando ele ergueu a cabeça e os olhos dos dois se encontraram… cristal contra carvão.

Lazarus ofegou, o sangue de suas feridas abertas fluindo livremente sem nenhum sinal de parar. Quinn piscou, olhando para ele e os cortes em seu corpo. Não entendia por que ele ficava apenas parado lá. Por que não tentava impedi-las? Deu um pequeno passo à frente, e Lazarus deu um para trás.

— O que está fazendo aqui? — Sua voz estava mais rouca do que o normal, cheia de dor e uma pontada de pânico.

Quinn o estudou, sem falar, seu olhar pousando no sangue que lhe escorria do peito, ombros e abdômen. Aqueles tentáculos de escuridão eram selvagens, implacáveis.

— O que você fez para merecer isso…? — A voz dela falhou quando levantou a mão, os dedos desejando tocar sua pele ensanguentada.

Havia sombras lá… movendo-se sob a pele assim que as gavinhas escuras saíam dela. A escuridão parecia tão viva dentro dele, mas algo a deteve. Obrigou-a a pensar. Reconhecia a magia sombria que se agarrava a ele, mas não era a mesma que a dela. Apenas… semelhante.

Semelhantes se atraem*, ele havia dito. Mas, pensando bem, isso era apenas um sonho… Certo?*

Quinn estendeu a mão para ele de novo, sentindo-se mais encorajada do que quando estava acordada. Tentou alcançar uma das gavinhas pretas.

— Não — avisou Lazarus, com rispidez, enquanto Quinn dava um passo em sua direção.

— Por que está sangrando? — perguntou Quinn.

Uma massa de energia sombria escapou dele, avançando para baixo e para longe… quase como se estivesse curiosa ao perseguir Quinn. Ela ergueu a mão, convidando-a, agarrando-a quando chegou perto o bastante. Os olhos de Lazarus se arregalaram por um segundo e ele recuou enquanto Quinn segurava a criatura que se alimentava dele.

A coisa, o que quer que fosse, não se separou de Lazarus quando ele se afastou, embora tenha se enrolado nos dedos dela. As sobrancelhas de Quinn franziram quando a pequena lasca de escuridão esfregou entre seus dedos, enrolando-se na palma da mão como um animal curioso que saboreava a sensação de seu toque contra a própria carne inexistente.

— O que é isso? — perguntou, erguendo os olhos para encontrar os de Lazarus mais uma vez.

O olhar que ele devolveu foi sinistro.

— Solte — exigiu, tremendo.

Nunca tinha visto Lazarus assim, tão perturbado. Tão… vulnerável.

Quinn abriu os dedos e deixou a coisa cair de sua mão. A sombra se esgueirou de volta para dentro da pele de Lazarus, desaparecendo de vista. Ela se perguntou o que poderia ser para parecer tão semelhante ao seu próprio poder; no entanto, sabia que não era o mesmo.

— Lazarus — chamou baixinho, uma pergunta não dita.

Ele desviou o olhar quando respondeu:

— Parece que não sou tão imune a você quanto pensei que seria.

— Como assim?

Lazarus suspirou, voltando o rosto para ela.

— Medo, Quinn.

— É isso que você teme? — concluiu, aproximando-se, e dessa vez ele não se afastou… embora tenha ficado tenso. — Este é o seu pesadelo?

Lazarus a encarou, e foi a primeira vez que sentiu que ele estava de fato com muita raiva dela. Não apenas frustrado ou irritado como sempre ficava, mas na defensiva… como um animal encurralado. O próprio medo da vulnerabilidade dele o deixou indiferente. Cruel.

— Você precisa ir embora — disse Lazarus.

No entanto, Quinn sabia uma coisa ou duas sobre crueldade e não seria dissuadida.

— Por quê? Afinal, é apenas um sonho.

Quinn ofegou e pôde se sentir escorregando. As nuvens escureceram e relâmpagos passaram por elas. Seus pés descalços afundaram e ela ergueu a mão na direção de Lazarus. Seus dedos se fechando ao redor do braço dele, mantendo-a firme enquanto o sonho tomava outro rumo.

— Não! — retrucou para ele… ou para aquilo, não tinha certeza. Outro relâmpago brilhou.

Os mares abaixo se tornaram selvagens e cruéis quando os ciclones se libertaram de sua prisão aquática.

Lazarus sacudiu o braço para afastar a mão de Quinn, e naquele breve segundo ela percebeu algo: ele estava quente. Sua proximidade era abrasadora.

Aqueles olhos já da cor de carvão escureceram ainda mais quando ele se inclinou para frente e rosnou:

— Você não me comanda, Quinn. Eu *sou seu mestre.*

— Aqui você não é — disparou de volta, agarrando-se a ele. — Aqui, você é igual a mim. Perdido e vagando. Indeciso. Confinado. — Seus dedos se curvaram e ela cravou as unhas com força suficiente para romper a pele dele.

— Você acha que me entende, pequena loba? — A pergunta de Lazarus foi feita em um tom perigoso, trazendo Quinn de volta à sua situação atual.

Ele se ergueu em toda a sua imponência, a mão disparando rápido ao envolvê-la na de Quinn e puxá-la para ainda mais perto, trazendo o corpo dela até que os seios se pressionassem contra ele.

— Semelhantes se atraem — sussurrou ela.

Algo pesado e estranho correu por suas veias, direto para o lugar aquecido entre suas coxas. Lazarus respirou fundo. Quinn podia jurar que ele notou aquilo… a maneira como seu corpo respondia a ele.

— Você ainda não tem ideia — disse ele, sua voz baixa e ardente.

Lazarus a soltou quase tão abruptamente quanto a agarrou, o movimento repentino o suficiente para seu aperto no antebraço dele se afrouxar. Quando suas mãos se afastaram, as pontas dos dedos manchadas de sangue se esfregaram na pele de Lazarus. Ele fez uma careta, o olhar caindo para o peito dela, onde o sangue dele havia manchado a camisa branca de algodão.

— Está certo disso? — perguntou em um desafio.

Lazarus não vacilou diante do olhar de Quinn, os olhos cerúleos fixos com toda intensidade nos dele.

—- Acorde agora, Quinn, e não me faça arrepender disso.

Ela piscou, um leve franzir se formando entre as sobrancelhas.

— Se arrepender do quê…? — começou, mas quase no mesmo instante em que a pergunta escapou dos seus lábios, as nuvens sob seus pés cederam e ela caiu.

Um raio brilhou. O mundo se dispersou – os redemoinhos de água, as nuvens, a escada… Tudo desapareceu e a deixou caindo no nada.

Quinn acordou assustada, erguendo as mãos para se defender.

Havia sangue nas pontas de seus dedos. Encarou aquilo, esperando que desaparecesse como se nunca tivesse acontecido, assim como o sonho, mas o sangue permaneceu. Sentada na cama, com a luz da manhã se infiltrando na cabana, um aperto começou a se formar em seu peito.

No fundo ela sabia… Aqueles não eram apenas sonhos ou pesadelos.

Eram *reais*.

Capítulo 23

A pedra Servalis

"Se algo sobrevive tempo suficiente para ser considerado antigo, sem dúvida tem um segredo que permite que isso aconteça."

– Lazarus Fierté, Maji sombrio, herdeiro de Norcasta, furioso ao extremo.

Uma brisa fresca roçou sua pele aquecida. Lazarus sentiu que a chama de sua raiva estava à flor da pele naquele dia, enquanto as vozes que, em geral, mantinha à distância, invadiam sua mente. Seu corpo intangível se enterrava sob sua pele, procurando o poder sombrio que delas escapava. Tiveram somente um gostinho na noite passada e foram ferozes em sua busca por *ela*.

A essência de Quinn ainda permanecia em sua mente, da caminhada que ela deu através de seu sonho… seu pesadelo contínuo. Lazarus havia se perdido nas vozes na noite passada, naqueles demônios que nunca mostrou a ninguém. Nas profundezas de seu sono eles vieram com uma vingança que lhes era devida, mas jamais obteriam de verdade. As sombras o devoraram de dentro para fora, assim como um dia ele as tinha consumido… e então ela apareceu.

Em um resplendor de glória sombria, a mulher de cabelos prateados caminhou direto para seus pesadelos, sem receio e com total consciência do que fazia. Ela interrompeu a refeição, caminhando até ele sem saber no que havia se metido e *eles* a viram, sentiram sua escuridão e foram até ela.

Ao contrário dele, o homem com quem se enfureciam, os demônios a *queriam*. Quase tanto quanto sua própria magia.

Teria se convencido de que foi apenas um sonho se não fosse pelas marcas ensanguentadas dos dedos dela em seu braço quando acordou. Não havia outra explicação para tê-las ou outro motivo para as vozes serem tão imprudentes em persegui-la. Quinn veio até ele em seu momento mais sombrio e

ele a deixou cair.

Foi o melhor para ambos.

Lazarus ignorou o chamado das vozes e caminhou depressa por Cisea. O lugar estava calmo no meio da manhã, as pessoas indo e voltando de suas tarefas. O povo ciseano era tão trabalhador quanto paranoico com pessoas de fora. Os olhos o seguiam para onde quer que fosse. Se não eram os guardas de Thorne o vigiando de longe, o suficiente para que ele não os avistasse, eram as mulheres e crianças acompanhando seu paradeiro e relatando a seus homens. Eles o observavam porque Lazarus era um estranho e um homem, apesar de ser um *amigo*.

Também era o único que detinha o controle de uma certa jovem Maji sombria que deixara metade dos guerreiros fascinados. Draeven já havia recusado três homens que se apresentaram com presentes para cortejá-la. Não que Quinn soubesse, e assim Lazarus queria que permanecesse.

Dirigiu-se para a cabana de Thorne com passos firmes e seguros. As pessoas o observavam, algumas mais curiosas que outras. Ouviu os sussurros de crianças perguntando às mães quanto a aura dele, notando como parecia com a de uma certa mulher de seu grupo. Sabiam o que ele era, mas não do que de fato era capaz de fazer se pressionado. Apenas um tinha suspeitas, e talvez fosse por esse motivo que Lazarus respeitava tanto o homem.

Quando Lazarus entrou na sala do trono após subir pela escada de corda, Thorne estava segurando vários maços de pergaminho e conversando em vozes abafadas com dois guerreiros ruivos quase idênticos. Olhos vermelhos se ergueram e Thorne assentiu em sua direção antes de devolver os papéis aos guerreiros e dizer que saíssem.

— Algo com que eu deveria me preocupar? — perguntou Lazarus, acenando com a cabeça para a saída que os dois guerreiros haviam cruzado.

— Não. — Thorne balançou a cabeça. — Apenas alguns relatórios de nossos batedores. Não deve ser nada importante, mas nossos homens estão sempre vigilantes. É assim que mantivemos nosso controle sobre as montanhas.

Lazarus abaixou o queixo em reconhecimento.

— Vim falar com você sobre a fonte.

— Presumi que sim. — Thorne se virou para o assento.

Em uma outra sala, com outro homem sentado, o trono poderia parecer ostensivo, mas Thorne o usava de maneira que se encaixava. Combinava bem com ele, não o contrário.

— Precisarei da pedra Servalis antes de levar Quinn até lá. Esperava partir esta tarde.

Thorne franziu a testa e o estudou, o olhar se demorando nas olheiras sob seus olhos.

— Você não deveria descansar um pouco primeiro? Está na estrada há um bom tempo, meu amigo. Outra noite de sono não fará mal a nenhum de vocês. A cerimônia exigirá muito do corpo dela se seu poder for tão forte quanto imagino que seja.

Lazarus meneou a cabeça, virando o queixo ao se aproximar de um Thorne sentado.

— Não temos tempo. Duvido que aqueles que nos seguem tenham cavaleiros inexperientes. Também é improvável que façam as mesmas pausas que nós.

Thorne considerou por um momento, as sobrancelhas franzindo ao examinar o rosto de Lazarus. Por fim, fechou os olhos com um suspiro e, levantando-se do trono, gesticulou para que o seguisse.

— O processo iniciará assim que ela entrar na água — começou Thorne, conduzindo-o para um deque com vista para toda Cisea.

Lazarus olhou para baixo, observando o povo circular. Nas centenas de anos desde que essas pessoas entraram e conquistaram as montanhas, sua tecnologia não avançou, mas o conhecimento sim. O povo ciseano sabia mais sobre os Majis e suas habilidades do que qualquer outro nas vastas terras do continente… exceto talvez os n’skaranos.

— Quando for entrar na caverna, deve fazê-lo quando o sol cair no horizonte. Leviatã presidirá apenas quando Levítico cair no sono.

— Sob o Deus da Lua e das Sombras. — Lazarus assentiu. — Sem problemas.

Com as mãos envolvendo o corrimão do deque e seus olhos distantes, Thorne continuou:

— Haverá luz, é claro. Faça com que ela tire toda a vestimenta. Nenhuma

roupa deve entrar na água, pois são impuras.

— Isso não será um problema. — Lazarus forçou a ideia de uma Quinn nua para fora de sua mente. Não era momento para tal imagem levá-lo à insanidade. Não quando os sussurros gostavam tanto dela.

— Entregue a ela a pedra Servalis e a faça entrar nas águas *sozinha*. Ela precisará subir até o ponto mais alto da fonte, onde os olhos de Leviatã possam vê-la.

— Onde a lua pode vê-la? — Lazarus se aproximou do homem, virando-se e descansando a parte inferior das costas contra o corrimão que qualquer um pensaria ser fraco à primeira vista, mas parecia aguentar bem o peso de Thorne.

Thorne concordou com um aceno.

— Há uma abertura no topo do teto da caverna para ele observar. Assim que ela entrar na fonte, a água ativará a magia da pedra. Isso a drenará por completo da própria magia e depois a devolverá a ela. Dessa forma, você será capaz de dimensionar tudo o que ela é e se tornará.

Lazarus assentiu.

— Mas esteja avisado — continuou Thorne. — Ela estará fraca quando sair. Tente trazê-la de volta o mais rápido possível. Ela precisará dormir um pouco para se recuperar.

— Quanto tempo? — Lazarus lançou um olhar para o homem antes de desviá-lo.

Os lábios de Thorne se curvaram e ele soltou uma risada seca.

— Mais ou menos um dia. Depende bastante. Por quê? Está nervoso, não é?

Lazarus grunhiu em vez de responder. Queria fazer logo aquilo e não perder mais tempo, ainda mais se Quinn fosse precisar descansar depois. Algumas coisas eram inevitáveis.

Thorne balançou a cabeça e sua expressão ficou séria mais uma vez.

— Como serei capaz de determinar a força das habilidades dela? — perguntou Lazarus. — Ela ainda não atingiu a ascensão. Acredito que será em breve. Ela mostra sinais de sobrecarga e manifesta o poder cada vez mais rápido.

A carranca de Thorne se aprofundou.

— A essa altura já deveria ter acontecido, Lazarus.

Cabelos escuros deslizaram contra sua bochecha bronzeada quando Lazarus virou o rosto para o homem gigante. Seus olhares se conectaram e permaneceram assim.

— O que está escondendo de mim, meu amigo? — indagou o líder.

Os lábios de Lazarus se apertaram antes de ele respirar fundo, preparando-se para oferecer um pedaço do passado de Quinn que ela não ficaria feliz por ele compartilhar, embora soubesse que ela se recusaria a se sentir envergonhada. Não, não era do feitio dela. Ela era muito honesta, muito direta… e, portanto, sem remorso quanto a isso.

— Quinn foi escrava do estado norcastano por vários anos. Por uma década ou mais, não sei ao certo. Acho que isso pode ter impedido sua ascensão.

Thorne sugou o ar com força e fez uma careta.

— Não aprovo o comércio de escravos, muito menos o de mulheres, Lazarus.

Lazarus concordou com a cabeça.

— Sei disso. Nem eu. Ela não é mais uma, óbvio. Está sob meu comando por vontade própria, posso assegurar.

Os olhos vermelhos se estreitaram por um momento, as sobrancelhas grossas franzidas em desaprovação. Lazarus nada mais disse enquanto esperava que o líder ciseano se manifestasse. Por fim, Thorne assentiu e respondeu à sua pergunta:

— Várias coisas acontecerão ao mesmo tempo, e isso deve ajudá-lo a ver. Primeiro, se a água escurecer ou começar a se agitar por conta própria, significa que o poder dela está acima da média. Não tenho dúvidas de que isso acontecerá, mas a força real é quase sempre medida pela pedra.

— Como?

— A pedra Servalis é clara. Quando a água escurecer, a pedra absorverá a cor. Quanto mais escura a pedra, mais forte o Maji — explicou Thorne.

Lazarus concordou, balançando a cabeça. Ouviu rumores sobre isso, mas não tinha certeza de *como* exatamente funcionava.

— Algo mais? — perguntou, já exausto – e o processo ainda nem havia

começado.

Thorne desviou olhar, voltando a observar seus parentes e compatriotas.

— Haverá dor.

— Explique — ordenou, franzindo a testa.

Thorne lançou um olhar sombrio, mas Lazarus não recuou. Encarou-o de volta, desafiando Thorne a testá-lo. Os lábios de Thorne se curvaram e o líder se virou para encará-lo.

— Está claro que sua *vassala* — ergueu uma sobrancelha ao proferir a última palavra — é mais do que uma Maji comum. Primeiro, ela é sombria. Segundo, é uma dobradora de medo. Independente da fonte, ela sobreviveu até a idade adulta e ainda não alcançou a ascensão. Isso é sem precedentes e você deverá ter extrema cautela ao lidar com ela.

O julgamento em sua expressão fez Lazarus ranger os dentes, mas se recusou a responder às provocações de Thorne sobre sua relação com Quinn.

— A aura dela me leva a acreditar que, nesta aldeia, ela é inigualável quando se trata de poder… até mesmo me incluindo — continuou. — Apesar do que ela é, não é por isso que sentirá dor, e sim pela enorme quantidade de magia que guarda dentro de si. Quando a pedra drenar seu poder, será incapacitante. A garota sentirá como se estivesse morrendo, como se toda a sua força vital estivesse sendo sugada para fora dela. Em alguns casos…

As palavras de Thorne sumiram quando seus olhos ficaram desfocados e sua garganta se contraiu.

— Em alguns casos, num passado distante — continuou após um momento —, houve registros da pedra e da cerimônia de fato fazerem isso. Porém, se você for cuidadoso, esse não deve ser o caso. No entanto, quanto mais forte um Maji é, mais dependente fica de sua magia. Muitas vezes não percebem isso até a ascensão, mas a pedra tem um efeito semelhante. Assim como a ascensão mata metade daqueles que passam por ela, nem todos os Majis sobrevivem à fonte. Ambos drenam por completo o portador da magia, e apenas aqueles que são fortes o suficiente para sobreviver a recebem de volta. Quanto mais poderoso o Maji que entra na água, mais dor sentirá quando a magia desaparecer.

Lazarus desviou o rosto do olhar de Thorne, franzindo a testa enquanto considerava suas opções. Não queria causar dor a ela, mas a fonte ciseana era

uma das maneiras mais fáceis e, no momento, a mais acessível de alcançar seu intento. Por outro lado, Quinn lidou com a remoção de suas marcas com bastante facilidade. Então talvez não fosse tão ruim. Se ela pudesse sobreviver a isso, não teria dúvidas sobre ela sobreviver à ascensão.

— Tudo bem — falou Lazarus, por fim. — Agradeço muito. Partiremos esta tarde. Vim para pegar a pedra e, saindo daqui, informarei meu braço esquerdo da minha partida.

Thorne se virou, levando Lazarus de volta para a cabana. Moveu-se para a entrada de uma pequena sala e estendeu o braço, impedindo Lazarus de entrar.

— Espere aqui — ordenou, desaparecendo lá dentro.

Lazarus esperou com paciência e, quando Thorne voltou, segurava uma pesada bolsa de couro.

— A pedra está aqui. Antes de entregá-la, desejo mais uma coisa.

Lazarus estreitou os olhos e esperou.

— Quando partir, insisto que leve Vaughn com você. Ele o guiará para fora das montanhas e atuará como um emissário do povo ciseano em sua futura corte.

— Se você quer oferecê-lo como um símbolo de nossa aliança, posso garantir que não é necessário — respondeu Lazarus.

— Com medo que ele possa tirar a garota de você? — Um brilho do humor natural de Thorne passou pelo rosto do ciseano.

Lazarus fez uma careta.

— Não é esse o caso.

Porque mataria Vaughn antes que chegasse a esse ponto. Não que fosse dizer em voz alta.

— Quer seja isso ou não — Thorne balançou a cabeça —, vou insistir desta vez, meu amigo. Não tenho dúvidas de que em alguns meses você estará no trono ou quase lá, e eu gostaria que a nossa amizade fosse uma que os outros vissem. Isso manterá certas partes longe das montanhas, assim como fará com que os pirralhos reais pensem duas vezes antes de ousar qualquer coisa. Entende? Só lhe darei a pedra se concordar com meus termos.

Lazarus sufocou um rosnado. Não gostava de ser comandado, ordenado

ou encurralado. Contudo, sabia que tinha pouca escolha no assunto agora. O menino com certeza seria uma distração, mas sua presença era irrelevante.

— Posso aceitar esses termos. — Concordou com um gesto.

Thorne esperou mais um momento antes de assentir e entregar a bolsa. Lazarus a pegou e se virou para sair, parando apenas quando a mão de Thorne se fechou sobre seu braço.

— Só mais uma coisa. Eu pediria que você mantivesse seu uso da fonte entre nós, meu amigo — pediu Thorne de maneira educada, mas o brilho em seus olhos fez com que Lazarus soubesse que não se tratava de um pedido. — Como líder eleito do meu povo, tenho certas permissões. Como meu amigo, meu aliado, posso lhe dar certas liberdades, mas não se engane: a fonte é sagrada para o povo ciseano. Somos guardiões dessas montanhas desde antes dos tempos antigos e alguns podem não aceitar de bom grado minha permissão de você usá-la para tal fim.

— Posso fazer isso.

— E o que quer que faça, *não* entre na água com ela — disse Thorne, seu tom baixando. — Se entrar, a pedra vai tirar de você também. Nas duas vezes que isso aconteceu, ninguém saiu vivo.

— Entendido. — Lazarus se virou e agarrou a mão do homem de maneira firme e assertiva. O movimento, a proximidade voluntária, assustou Thorne. — Farei o meu melhor para garantir que voltemos, e seu segredo… fica entre nós.

Thorne o encarou por um momento, avaliando a verdade nos olhos de Lazarus. O que quer que tenha visto ali deve ter acalmado suas preocupações, pois suspirou, assentiu e depois recuou, permitindo que Lazarus saísse da cabana.

Lazarus enfiou a bolsa de couro em sua capa sem olhar dentro. Quinn estaria no campo de treinamento feminino neste momento, então seguiu nessa direção. Sem dúvida, Draeven estaria em algum lugar por perto. Seu segundo em comando, seu braço esquerdo, tinha tomado para si a tarefa de vigiar a garota. Com o tempo, sua curiosidade aumentou na mesma proporção da desconfiança que sentia desde a primeira vez que a viu. Lazarus sabia que Draeven estava preocupado com Quinn, hesitante e, portanto, nunca a perdia de vista.

No momento em que Lazarus atravessou um renque de árvores e entrou

no campo de treinamento, viu o brilho de cabelos prateados pouco antes de Siva derrubá-la. Comprovando suas suspeitas anteriores, não muito longe do lugar onde as duas treinavam, Draeven estava de braços cruzados e olhos focados. Lazarus foi direto para ele, observando com uma carranca que o *garoto* também não estava longe. Na verdade, estava com seus olhos colados em Quinn enquanto, de sua posição caída no chão, ela falava com Siva.

Talvez sentindo sua presença, Draeven se virou para cumprimentá-lo assim que Quinn estendeu o braço e lançou Siva no ar. Esperou enquanto as duas mulheres conversavam um pouco mais em tons baixos, difíceis de ouvir acima dos grunhidos e confrontos de armas nas proximidades. Assim que ficou óbvio que elas terminaram, Draeven levantou a voz e a chamou.

Olhos azuis gelados se voltaram para ele, esfaqueando fundo em seu intestino e se enrolando em torno do órgão vil em seu peito que o mantinha vivo. Ela fechou seus dedos gélidos sobre aquela fonte vital e apertaram. Não fazia ideia, absolutamente nenhuma, mas Lazarus queria ver aquela escuridão em seus olhos ganhar vida. Queria que ela inflamasse e contaminasse tudo. Quando isso acontecesse, ele a transformaria na maior arma que o mundo já conheceu.

Capítulo 24

O bastão de uma guerreira

"As armas vêm em muitas formas, sendo a nossa mente a mais poderosa delas."

— Quinn Darkova, vassala da Casa Fierté e dobradora de medo.

O suor escorreu por seus olhos enquanto Quinn mantinha a postura, circulando Draeven, que a contornava também. Seus olhos violetas estavam afiados, analisando quando enfim cerrou a mandíbula e golpeou. Quinn desviou e ajoelhou, levantando a própria lâmina para deter a arma. Os olhos de Draeven se arregalaram quando puxou a arma de volta e se afastou. Quinn sabia que o guerreiro não esperava que ela fosse boa. Os homens sempre adoraram subestimá-la, esquecendo não apenas o que ela era, mas, nesse caso, de onde tinha vindo.

Quinn estendeu o pé e Draeven tropeçou antes de se endireitar. Ela se levantou e voltou a circular.

— A loba é forte — comentou Vaughn, parado do lado de fora do círculo, conversando com Dominicus.

O mestre de armas grunhiu, embora não fosse uma afirmação nem uma negação.

— Isso foi inteligente — elogiou Draeven. — Aproximar-se para despistar seu oponente.

Quinn arqueou uma sobrancelha e suspirou.

— Sim, eu sei — zombou. — Foi por isso que o fiz.

Ela golpeou com a espada e Draeven bloqueou com um braço enquanto o outro disparava e agarrava o pescoço de Quinn quando ela se aproximou demais.

Os olhos de Quinn se arregalaram e ela largou uma mão da espada para agarrar o pulso de Draeven quando ele a levantou um pouco do chão, deixando-a na ponta dos dedos dos pés.

— Não fique muito arrogante. — Ele abriu um sorriso malicioso.

Ela esfregaria a cara dele no chão depois disso.

Quinn estreitou os olhos, cravando as unhas na mão dele, e liberou um longo fio de medo. A coisa endureceu e deslizou pela mão de Draeven que a segurava. Xingando, ele a largou e tropeçou para trás. Quinn girou, balançando a espada e apontando para o pescoço dele. Antes que a lâmina pudesse encontrar a carne, Draeven brandiu a sua própria. As espadas colidiram, o estrondo ecoando pelo campo de treinamento.

Draeven grunhiu quando se afastou e golpeou outra vez, jogando tanto do seu peso que tudo o que Quinn podia fazer para evitar que sua mão se curvasse para trás era soltar a arma. A lâmina caiu de seu aperto e pousou no solo que havia sido varrido com esmero. Ela deu um passo para o lado e Draeven caiu, batendo de cara no chão bem onde ela o queria.

Ele rolou de lado e a encarou, cuspindo terra.

— Você poderia ter me decapitado — falou, se levantando.

— É um treinamento. — Quinn deu de ombros e se inclinou para pegar a espada. — Se alguém vier até você com uma espada, duvido que vá parar. — Ela se virou e começou a ir em direção ao final do campo.

— Sim. Bem, tenha mais cuidado da próxima vez! — gritou em resposta.

— Já você pode querer superar esse seu medo de animais rastejantes — retrucou, franzindo os lábios e olhando por cima do ombro.

— A loba Quinn é cruel no treinamento — disse Vaughn, se aproximando. — Corpo forte. Você daria uma boa esposa.

Quinn empalideceu e deixou a espada cair contra uma árvore próxima.

— Hã… Obrigada.

Siva, a esposa de Thorne, aproximou-se vestida com shorts de couro apertados e uma pequena faixa em volta dos seios. Sua barriga exposta era firme e bem definida, embora ainda tivesse as marcas sutis de ter carregado uma criança. Ela parou diante de Quinn.

— Onde aprendeu a lutar? — perguntou, seu norcastano muito melhor que o da maioria dos ciseanos.

— Onde quer que eu pudesse — respondeu Quinn de maneira vaga, dando de ombros.

Na verdade, ser uma escrava nas fronteiras de Norcasta significava que nunca estava sem companhia. Soldados de Jibreal e Bangratas ficavam com ela, e em troca de sua ajuda na tradução a ensinaram muito sobre lutar com mais do que mãos e dentes. Eles a instruíram a usar a espada, depois a adaga, e em pouco tempo ela progrediu para armas como a alabarda que o povo ciseano tanto amava.

Porém, a adaga sempre foi sua preferida. Um dia, ela voltaria à sua terra natal em busca de retribuição e, quando o fizesse, esfolaria as pessoas que tiveram a ideia de vendê-la como escrava. Mas isso ficaria para outra hora. Outro lugar.

Atrás deles, várias mulheres lutavam com alabardas, o barulho das armas ecoando no topo das árvores. Siva olhou para Quinn, avaliando-a.

— Por que pergunta? — Quinn a incitou a continuar.

Siva estendeu a mão atrás dela e pegou um pequeno bastão que havia sido preso à parte de trás do cinto.

— Você luta com isso?

Quinn pegou o bastão oferecido. Não era maior que seu antebraço. Franziu a testa para ele.

— Suponho que sim — respondeu. Havia treinado com várias armas, mas nunca com essa.

Siva assentiu e depois gesticulou para outra mulher. Uma loira com olhos castanhos escuros se aproximou e estendeu o próprio bastão. Draeven se moveu para o outro lado de Dominicus, embainhando a espada e cruzando os braços, observando do lado de fora.

Quinn abandonou sua espada e pegou o bastão pesado, o que era estranho para o tamanho. Em seguida, voltou para a área do campo de treino na qual havia lutado com Draeven momentos antes. Siva a seguiu, parando vários metros à sua frente e arqueando uma sobrancelha. Ela pressionou o polegar em um entalhe na ponta do bastão e o sacudiu uma vez. Quinn observou várias seções

saindo da parte inferior, deslizando para baixo e travando no lugar conforme a arma se transformava em um bastão maior.

Siva o segurou confortavelmente ao seu lado. Era uma arma que ela conhecia bem, observou Quinn, olhando para a sua. Seus dedos correram ao longo dos entalhes que cobriam a madeira. À primeira vista, ela os tinha considerado mera decoração. Encontrando o mesmo entalhe que Siva usou, pressionou e balançou o braço para o lado, e as seções escondidas dentro da haste menor deslizaram para fora e se encaixaram no lugar.

Quinn girou o bastão, franzindo a testa com a maneira como a arma ainda tinha o mesmo peso de antes, mas agora parecia mais equilibrada. Balançou para um lado e depois para o outro.

— Preparada? — perguntou Siva, que estava diante dela e esperando Quinn começar.

— Bom bastão — disse Quinn em resposta. — Posso ficar com ele depois que terminarmos?

— Se puder me derrotar em batalha, darei a você. — Siva arqueou uma sobrancelha.

— Combinado. — Quinn sorriu.

Deslizou para a posição, abaixando os ombros e soltando um suspiro reprimido enquanto Siva se esticava para trás e olhava. Depois de um momento, Quinn também ergueu uma sobrancelha.

— Você vai atacar?

— Não.

— Pensei que queria me ver lutar com essa coisa, não?

— Quero.

— Então por que não me ataca?

— Quando você vem para um campo de treino para lutar, um é o agressor e o outro não. Eu não sou a agressora.

— Então presumo que eu seja. É justo.

Siva não respondeu quando Quinn atacou, balançando o bastão como se fosse uma lâmina e apontando para sua cabeça.

Siva ergueu o bastão, a longa haste cilíndrica bloqueando a de Quinn e a enviando para cima da sua cabeça, depois de volta para a terra com um leve baque. Siva olhou para cima e apertou as mãos em volta da própria arma, parando entre Quinn e seu bastão.

— Você luta como se isso fosse uma espada. Não é. Tente de novo. — Siva soltou o bastão de Quinn e recuou, voltando no mesmo instante para sua posição original.

Quinn olhou para a outra mulher, desta vez enrolando os dedos em torno do ponto médio e girando a arma uma vez. Então avançou, movendo-se do mesmo jeito de antes, porém, observando enquanto Siva suspirava e prendia a ponta do bastão de Quinn no chão. Desta vez ela não perdeu o controle. Quinn se virou, dando uma cotovelada no rosto da mulher.

Siva tropeçou e Quinn agarrou o bastão de leve. Girando, ela o lançou na parte de trás dos joelhos da outra, mas Siva antecipou a ação. Saltou para trás, evitando o golpe pungente ao dar uma cambalhota no ar e pousar. Quinn, porém, não tinha terminado.

Golpeou, afastando a arma da outra mulher e avançando para a vitória. Contudo, não percebeu o brilho de satisfação nos olhos de Siva, que a teria alertado que algo estava errado. Assim como não notou o bastão que veio do nada e envolveu seu pescoço. Também não viu a mão de Siva, que subiu para segurá-la lá enquanto a madeira sacudia a base de seu crânio. Siva empurrou as pernas de Quinn debaixo dela e o segundo impacto, que veio forte, mandou Quinn direto para o chão. Ela caiu de costas, gemendo, com os ossos de sua coluna protestando contra o abuso.

Siva se levantou com um ar de tranquilidade enquanto Quinn permanecia caída. Inclinando-se para poder olhar Quinn nos olhos, Siva balançou a cabeça.

— Você precisa de mais prática com o bastão, mas é melhor do que a maioria.

Quinn olhou de volta para a mais velha e, em vez de ficar irritada por ter sido superada, sentiu respeito.

— Alguma sugestão?

— Sugestão? — Siva inclinou a cabeça para o lado, confusa.

— Conselho. De como usar melhor o bastão — esclareceu Quinn.

Ela gostou da arma. Era boa de manusear, não tão pesada quanto uma espada, mas ainda forte. A madeira era ágil. O peso, quase perfeito. Como bônus, poderia carregá-lo mesmo em seu tamanho completo, e presumiriam que era um cajado, embora pudesse causar algum dano. O melhor de tudo, era algo que ela ainda não havia dominado. O bastão era um desafio.

— Aprenda a usá-lo melhor como uma extensão do seu corpo — explicou Siva, após soltar uma risada. — Você o usa como se fosse uma arma mais curta, mas parece ter habilidade, como se tivesse praticado com algo assim antes. Você não hesita e usa toda sua força, por assim dizer, além de se guiar por seus instintos. O que precisa é de prática.

— Obrigada. — Quinn concordou com a cabeça.

Siva sorriu, mas sua risada logo desapareceu.

— Meu bastão, por favor?

— O quê? — Quinn franziu a testa, a mão apertando a madeira que segurava ao seu alcance. — Pensei que você tinha dito que eu poderia ficar com ele.

Siva negou com a cabeça, fios selvagens de seu cabelo loiro balançando com o movimento.

— Se você me vencesse — respondeu. — O que não fez.

Quinn não pensou, apenas deixou seu medo emergir. Os olhos de Siva se arregalaram como se visse o que estava por vir. Deu um passo para trás assim que Quinn lançou o bastão, mantendo a ponta baixa no chão. Com seu foco em Quinn, Siva não viu a ponta da arma até que fosse tarde demais. Ela grunhiu quando caiu de costas e bateu no chão, o ar sendo arrancado de seus pulmões.

Quinn se sentou e reposicionou o bastão em um ângulo, a ponta pressionando na garganta da mulher. Siva engoliu em seco, um sorriso puxando seus lábios.

— O que você tinha dito? — perguntou Quinn, deixando seu poder desaparecer tão rápido quanto o invocou.

Siva tossiu, sentando-se para observar a forma de Quinn. Depois de um momento de silêncio tenso, assentiu.

— Retiro o que disse. Pode ficar com ele.

Havia um brilho em seus olhos que dizia a Quinn que ela não estava *tão* irritada assim por ser derrotada. Além disso, Quinn queria de verdade praticar mais.

— Quinn! — O chamado abrupto de Draeven atraiu a atenção delas.

Logo atrás do homem insuportável havia um problema ainda maior com o qual Quinn não queria lidar hoje. Rangendo os dentes, ela se levantou devagar do chão e estendeu a mão livre para ajudar Siva a ficar de pé também.

— Seu mestre parece estar de mau humor — comentou Siva. — Thorne disse que o veria hoje. Talvez as conversas não tenham corrido bem. — Siva a encarou como se ela pudesse ser a causa do olhar sombrio que Lazarus atirava na direção de Quinn.

— Duvido que tenha sido Thorne — murmurou em resposta e caminhou de volta para o grupo.

Lazarus estava parado com os braços cruzados sobre o enorme peitoral, observando-a com olhos severos e sem emoção. Ela não tinha ideia da razão de ele parecer… *irritado* não era a palavra certa, mas, talvez, incomodado. Havia um fogo ardendo em seus olhos frios e Quinn tinha certeza de que, se estendesse a mão na direção dele de novo, poderia se queimar. Não faria isso. Não depois da noite que tiveram, porque claramente nenhum dos dois tinha planos de reconhecer o que estava se formando entre eles.

— O que você quer? — perguntou Quinn, com toda grosseria, olhando para o lado.

Siva pressionou o entalhe em seu cajado e depois empurrou a madeira para dentro, fazendo a arma voltar a ser um bastão menor, do tamanho do antebraço. Quinn manipulou seu próprio bastão até obter o mesmo resultado.

— Temos negócios a tratar — disse Lazarus. — Venha comigo.

Quinn se moveu para o lado e se inclinou para recuperar sua espada de treino também.

— Mesmo? E para onde estamos indo, *Vossa Alteza*? — zombou.

Lazarus fez uma careta, mas não disse nada quando se virou para Draeven.

— Fique aqui. Demoraremos alguns dias. Não mais. Partiremos para Ilvas quando eu voltar, então se certifique de que as coisas estejam prontas.

— Entendido. — Draeven assentiu.

— Eu não entendi — retrucou Quinn. — Para onde vamos?

Mais uma vez, Lazarus não respondeu. Apenas olhou para ela enquanto o suor escorria por sua pele. Quinn não tinha dúvidas de que suas bochechas estavam rosadas pelo sol e o esforço.

— Você pode querer se lavar antes de sairmos — disse ele. — Será uma jornada curta em comparação com nossas últimas semanas, mas vamos a pé. Sem cavalos.

Quinn lançou um olhar irritado a ele, que se virou e se afastou.

— Graças aos deuses por isso — resmungou baixinho, e o seguiu em um ritmo muito mais lento.

Capítulo 25

Verdades amargas

"É melhor estar intimamente familiarizado com a dor e suportar a pontada amarga da verdade em vez da doentia doçura de uma mentira."

– Quinn Darkova, vassala da Casa Fierté e dobradora de medo.

— Ainda falta muito? — gemeu Quinn, enxugando os olhos com as costas da mão.

Tinha se banhado antes de partirem, mas não adiantou de nada uma vez que começaram a subida íngreme até o topo da montanha. Mais da metade do dia se passou e Lazarus não diminuiu o ritmo nem por um segundo.

— Estamos a apenas algumas horas de distância agora — respondeu ele.

Estava impassível desde que pisaram na trilha acidentada, com marcas de ser usada com frequência. Não tinha certeza do motivo de ele estar tão mal-humorado, se foi o sonho que "não foi um sonho" ou as coisas que ocorreram na noite anterior que o tinham deixado tão sem paciência com ela agora, mas Lazarus mantinha distância. Quinn não gostou nada disso.

— Estou exausta — ofegou, arrastando as pernas devagar. A queimadura em suas coxas era real e fazia a dor de andar a cavalo parecer tolerável. — Podemos parar um pouco…?

— Não.

Quinn soltou um xingamento em n'skarano, sem notar a pequena rocha que se prendeu na ponta de sua bota e a fez cair. Suas mãos se ergueram, protegendo o rosto quando bateu com força nos cascalhos e pedras. O cheiro de cobre a fez torcer o nariz enquanto gemia e rolava. Apesar da leve ardência nas mãos, contentou-se em ficar deitada por apenas um momento. Mesmo com as

pontadas de desconforto em seu corpo e a sensação escorregadia de sangue na pele, nada disso diminuiu o alívio que suas pernas sentiram quando enfim receberam a pausa pela qual tanto imploravam.

— Pelos deuses… o quê? — A figura enorme de Lazarus encheu sua visão embaçada quando ele se ajoelhou. — Você fez isso de propósito, não fez?

— Aham, claro — gemeu Quinn, tossindo. Seus pulmões pareciam estar explodindo com todo o esforço, mas, na verdade, era apenas pelo exercício extenuante e o ar frio. — Com certeza caí porque quis, arranhando minhas mãos só para ter uma pausa. — Ergueu as mãos e o sangue escorreu por elas.

Lazarus olhou além delas para Quinn deitada na trilha.

— Eu nunca sei com você — murmurou, começando a limpar e enfaixar suas feridas.

Para ser sincera, Quinn teria caído mais cedo se soubesse que isso resultaria em uma pausa, mas manteve o pensamento para si quando os dedos calejados dele tocaram os seus.

Quando suas palmas foram limpas e envolvidas em pano seco, Lazarus a ajudou a se levantar e os dois recomeçaram a subida em um ritmo mais lento.

— Então, por que estamos praticamente correndo montanha acima como se raksasas estivessem nos perseguindo? — perguntou Quinn. Lazarus suspirou.

— Precisamos testar o quão forte você é — falou, arrastando as palavras. — E os ciseanos têm uma maneira de fazer isso.

— Então é verdade — murmurou, balançando a cabeça e atraindo a atenção dele.

— O que é verdade?

Quinn percebeu que até mesmo fazer aquilo provocava dor nele. Quaisquer que fossem os demônios que os perseguiam naquele dia, não eram os raksasas do reino das trevas.

— Os ciseanos têm uma caverna que pode revelar a força de um Maji… se você tiver as ferramentas certas. Não é? — falou, tentando aliviar a ardência nas palmas ao cerrar os punhos ao lado do corpo.

— Você sabe disso?

— Sei de muitas coisas, Lazarus. Não fique tão surpreso. — Um leve

sorriso se curvou nos cantos de seus lábios e sua expressão ficou séria.

— Então você sabe como funciona. Bom. Isso facilitará as coisas.

— Não foi o que eu disse. — Balançou a cabeça e depois gesticulou na direção de onde a trilha desaparecia atrás de uma ravina a centenas de metros acima. — Eu disse que ouvi falar da caverna. Há anos circulam rumores de que eles têm uma maneira de testar a magia, que poderia dizer se uma pessoa sobreviveria à ascensão… — A voz dela falhou e Quinn não deixou de notar a maneira como Lazarus enrijeceu. — É isso que viemos fazer aqui, não é? Você quer ter certeza de que está investindo seu tempo e recursos com sabedoria e que, quando chegar a hora, vou sobreviver.

Ela não disse e nem deixou transparecer, mas a insensibilidade disso tudo a magoou. Suspeitava de quais eram as intenções dele para com ela, mas ainda assim havia mais entre os dois… Qualquer que fosse essa coisa entre eles, devia ser mais do que essa indiferença impassível. Mesmo que nenhum dos dois quisesse admitir.

— Não é bem assim — disse Lazarus, franzindo os lábios. — Preciso ter uma ideia de com que estou lidando ao treiná-la, e a única maneira de fazer isso é testando seu poder. Infelizmente, não podíamos fazer isso antes de deixarmos Dumas…

— Porque você é o herdeiro do trono norcastano e as pessoas não gostam disso — acrescentou Quinn antes que ele pudesse continuar.

— Como eu disse antes, é muito mais complicado do que isso.

Quinn fez um som de escárnio porque sabia que ele não ia comentar mais em relação ao assunto.

— Mas sim — continuou —, tivemos que sair com pressa e este é o único lugar onde posso fazer isso sem muitos olhos.

— Por que isso é importante? — Quinn franziu a testa, cruzando os braços.

— Você é poderosa e o poder assusta aqueles que não o têm.

Quinn tropeçou quando a ponta da bota se prendeu em outra pedra e piscou duas vezes quando ele continuou a caminhar na frente dela. As pernas longas e grossas de Lazarus cobriam rápido a distância.

— Você acha que as pessoas tentariam me matar se soubessem o que eu

sou — falou Quinn. Não era uma pergunta, mas a esperança de obter algum tipo de resposta.

— Pelo *que* você é? — Lazarus parou. — Sem sombra de dúvida. É por isso que você mesma tentou esconder. — Fez uma pausa, olhando para trás. Olhos escuros e intensos se concentraram nela. — Mas pelo quão *forte* você é… algumas coisas são piores do que a morte. Você já foi uma escrava. Estou tentando me certificar de que isso não aconteça de novo.

O coração dela disparou porque ele entendia. Apesar de estar sempre a perturbando, cutucando e a puxando de um lado para o outro, ele entendia.

— Se as pessoas erradas descobrirem o quão forte sou antes que eu possa ascender, podem tentar me pegar — sussurrou Quinn.

Ele concordou com a cabeça.

— Não que fossem conseguir. Tenho a reputação de remover membros daqueles que roubam de mim.

Quinn poderia ter estremecido se fosse um ser inferior, mas a escuridão na voz dele teve o efeito oposto nela. Em vez de se sentir encurralada, sentiu-se segura. Protegida. Isso a chocou profundamente. Quinn sempre foi a protetora, o cão de guarda, a arma. Nunca havia sido protegida.

Ela avançou devagar, chegando ao lado dele.

— Vai doer? — perguntou. Seu rosto não revelava nada. Nem sequer o vestígio de uma dúvida. Nenhum indício de sentimento. Era a máscara que ele queria. A máscara que ela precisava.

— Sim — respondeu com sinceridade. — Deve emular a ascensão e drená-la por completo para poder medir o que você será depois.

Quinn franziu as sobrancelhas, encarando-o. Entendia a ascensão em termos gerais. Tinha visto as pessoas passarem por ela quando morava em N’skara, mas os Majis eram raros em Norcasta. Em parte porque eram menos frequentes. N’skara procriava para magia, enquanto Norcasta não. Também tinha o caso da maioria dos Majis, fossem da luz ou sombrios, escolherem permanecer escondidos, com receio do preconceito que sofreriam nos países do sul. Essa foi uma das razões pelas quais Quinn achou Lazarus tão interessante. Ele não era apenas um Maji sombrio: era também um nobre *e* na linha de sucessão ao trono.

— Acha que vou sobreviver? — indagou, afastando seus pensamentos.

Não estava com medo, mesmo sabendo que havia uma chance de que pudesse morrer. Havia maneiras piores de ceifar a vida. Sabia muito bem disso porque planejava usá-las naqueles que a prejudicaram um dia, *se* conseguisse sobreviver até lá.

— Sim — afirmou, sem hesitar. — Thorne disse que será doloroso, mas acredito de verdade que vai conseguir. Você é forte.

Quinn o encarou. As feições dele permaneceram impassíveis, sem nada revelar. Ela mirou aqueles olhos de ébano e viu a verdade neles. Lazarus acreditava naquilo, mas também estava preocupado.

Bom, pensou consigo mesma, passando por ele e continuando a subir a trilha. Isso significava que ele entendia não apenas o passado dela, mas o valor de sua vida. Poderia dar certo.

— O que vai fazer se eu for mais poderosa do que você? — perguntou em um tom distraído, depois que os sons dos passos pesados de Lazarus recomeçaram atrás dela, mais uma vez encurtando a distância que Quinn havia criado entre eles.

— Não tenho certeza se você quer saber a resposta — falou, e Quinn arqueou uma sobrancelha para incentivá-lo a continuar. — Se você for mais poderosa do que eu, posso não ser capaz de deixá-la ir.

Com isso, Quinn estremeceu, mas não por repulsa, ou medo. Não, estremeceu por outra coisa. Não queria ser pega ou presa por ninguém, mas de alguma forma sabia que, mesmo quando Lazarus mantinha controle sobre ela, era apenas uma fachada. A relação dos dois era diferente da que Lazarus tinha com seus outros vassalos. Enquanto os outros podiam reclamar sem nunca conseguir arrancar nada dele, Quinn aprendeu a drená-lo. Lazarus deu a ela pedaços que não queria que ninguém visse, mas ela viu. E com cada peça que ele dava, Quinn queria mais.

— O que te faz pensar que seria capaz de me impedir se eu decidisse partir? — questionou, não altiva, mas curiosa. A risada sombria dele a fez encará-lo quando ele passou.

— Você esquece, Quinn, que há muitas coisas sobre mim que ainda não sabe.

Quinn considerou isso e umedeceu os lábios enquanto ele continuava à frente.

Não, talvez não soubesse, mas algo dizia que descobriria. Além disso, se os sonhos de Lazarus fossem uma dica, o homem tinha demônios… E assim como o medo dela adorava o gosto dele, teve a sensação de que os demônios de Lazarus também ansiavam pelo dela.

Isso a agradava muito.

Capítulo 26

Uma aberração distorcida

"Viver sob a sombra da morte é não ter vivido nada."

– Quinn Darkova, vassala da Casa Fierté e dobradora de medo.

As pernas de Quinn queimavam pela subida até o monte repleto de árvores. Ficou tentada a perguntar se estavam quase lá, ainda mais após o crepúsculo começar a espalhar suas asas sobre o vasto céu, quando enfim saíram da linha das árvores e chegaram a uma entrada escura e irregular na encosta da montanha.

— É aqui? — perguntou ela quando Lazarus se aproximou.

— Acredito que sim.

— Tem certeza? Há muitas cavernas nessas montanhas. — Quinn se moveu para ficar ao lado dele, logo à sua direita.

Lazarus ergueu a mão e gesticulou para o arco da pedra que circulava a entrada. A cabeça de Quinn inclinou para trás e seus olhos pousaram nas gravuras escuras que não tinha notado ainda.

— O que diz? — Estreitou o olhar para as extremidades da rocha em busca de pistas.

— Eu não sei. Ninguém sabe — disse ele. — É uma língua antiga que se perdeu durante as guerras pelas montanhas. — Parou por um momento, respirando fundo e olhando para o céu escurecendo. Quinn começou a caminhar para a entrada quando Lazarus estendeu o braço para impedi-la. — Ainda não podemos entrar.

— O quê? — Ela congelou no lugar. — Por quê?

— Entraremos quando a lua estiver no alto — afirmou, virando-se. —

Por enquanto, vamos descansar. — Lazarus voltou a olhar para Quinn. — Você vai precisar.

Quinn franziu a testa, mas se virou para segui-lo de bom grado quando ele começou a acender uma fogueira. A vários metros da boca da caverna, Lazarus se acomodou no chão, as chamas cortando o ar frio da montanha, com as costas apoiadas contra um grande carvalho à espera do cair da noite. Quinn se abaixou na frente dele, deixando o silêncio confortá-la enquanto aguardavam.

Havia algo de errado com o lugar, aquelas montanhas. Nada substancial, nada que pudesse ser visto, mas sua pele formigava, seu poder vibrando sob a superfície. Não conseguia nomear a sensação em sua mente; mesmo assim, sentia.

— Então — começou Quinn, inclinando a cabeça para trás e a apoiando nos ombros, olhando para Lazarus —, você vai ser rei, hein?

Lazarus se mexeu e depois voltou a ficar parado contra o carvalho, fechando os olhos e respirando fundo.

— Talvez.

— Ou você será, ou não. — Quinn estreitou os olhos.

Lazarus inclinou a cabeça para trás contra a rocha ainda sem abrir os olhos e respondeu:

— Ainda não sou rei e a hora de assumir o trono ainda não chegou.

— Mas vai chegar, não vai?

— Só o tempo dirá. — Lazarus reabriu os olhos, observando o céu.

Quinn queria dizer mais, mas sentiu que havia algo além acontecendo sob a postura indiferente de Lazarus. Mordeu o lábio e olhou para ele: observando, analisando, tentando dissecar o que havia nele que chamava sua atenção. O que faria um homem como ele vacilar. Perder o controle. Quais eram suas motivações? Seus sonhos… Aspirações… *Medos.* Imaginou que já soubesse a resposta para aquela última. O sonho-não-sonho tinha, no mínimo, dado uma dica.

Mas apenas isso. As criaturas como tinta preta que vinham dele e desejavam devorá-lo não faziam sentido. Ela não sabia o que pensar quanto isso. Ainda não.

Enquanto Quinn ficou sentada lá, contemplando os segredos do homem de rosto impassível diante dela, o fogo começou a morrer aos poucos até que apenas um pequeno brilho vermelho emanava das cinzas oriundas das chamas que antes rugiam. O sangue do céu escureceu de laranja brilhante para vermelho e, por fim, para o cobertor de ébano que se estendia até onde os olhos podiam ver. Lazarus ergueu o torso enquanto a lua espiava por trás de algumas nuvens dispersas.

— Está na hora — disse, levantando-se. Pisou nas brasas já moribundas antes de se virar e apontar para a caverna. — Vamos.

Quinn se levantou e seguiu atrás dele, ambos caminhando em direção à caverna. Entraram juntos, o ar frio da noite caindo vários graus quase no mesmo instante. Os sons da floresta, do vento e da vida selvagem desapareceram quando algo *mais* surgiu. Magia dançou ao longo da espinha de Quinn. Este lugar, esta caverna, era *ancestral*. Bem além de qualquer lugar em que Quinn já esteve, e isso incluía o templo em N'skara. Talvez fosse a coisa mais velha que existia nestas terras, neste reino. Não que algum dia fosse saber com certeza.

Quinn respirou fundo quando sentiu um poder venerável infundir seus membros e seguiu Lazarus mais fundo nos recessos da caverna.

Chegaram ao fim de um curto túnel onde havia outra entrada, cercada pelas mesmas letras estranhas que tinham visto do lado de fora. Lazarus logo se espremeu através dela, com certa dificuldade, mas Quinn demorou um pouco para poder examinar as antigas inscrições. No chão, longas videiras enegrecidas marcavam o caminho, subindo pelas rachaduras na rocha até as pontas ficarem dependuradas sobre a entrada como uma espécie de cortina.

— Como vou saber que o processo terminou? — sussurrou Quinn.

Lazarus fez uma pausa, a mão estendida em direção a uma seção de videiras que pretendia afastar.

— Quando sua magia retornar ao seu corpo.

Quinn considerou isso por um momento, depois assentiu quando Lazarus enfim afastou a última barreira para o que a esperava. Os lábios de Quinn se separaram ao pisar no solo sagrado. O teto havia sido esculpido com delicadeza até culminar em um pequeno buraco irregular do tamanho de um escudo, abrindo a caverna para os elementos e, além dele, jazia a Lua. Ela pairava como um olho sobre a pequena piscina natural, observando de cima e esperando.

Não era o luar que iluminava a caverna – a luz era fraca demais para tanto –, mas a própria água. Um brilho iridescente vinha das piscinas, refletindo de leve nas exuberantes flores brancas que pontilhavam as videiras escuras descendo ao longo das paredes da caverna, alcançando a superfície úmida.

— Tire a roupa.

Quinn se virou de uma só vez e o encarou.

— O quê? — questionou, cruzando os braços.

No entanto, Lazarus não olhava para ela. Sua atenção estava fixa na grande piscina translúcida. Na verdade, na área acima dela, uma piscina menor que alimentava a maior por meio de uma cachoeira.

— Você não pode usar roupas na água — explicou, depois apertou a ponta do nariz. — Acredite em mim, não seria minha escolha, mas Thorne foi muito específico quanto ao que você tem que fazer.

Quinn franziu a testa, mas ele não estava agindo como alguém interessado em se aproveitar. Testemunhou e lidou com muitos homens assim, e Lazarus não era um deles. Embora soubesse que ele sentia *algo* em relação a ela, também tinha a nítida impressão de que não era disso que se tratava.

Suspirando, ela caminhou na direção da piscina inferior e começou a se despir. Despojou-se das armas primeiro: o bastão dado por Siva, sua espada que ela pegou de Draeven e as adagas que coletou ao longo dos anos, deixando tudo na beira da água com suas roupas. Quando ficou nua diante dele, virou-se um pouco, olhando para o homem por cima do ombro. Ele vasculhava a jaqueta.

Quinn sabia que deveria estar sentindo algum tipo de ansiedade, uma pequena dose de medo do que poderia acontecer, mas quanto mais o observava, menos preocupada ficava. Não era como se ele a estivesse forçando a fazer isso, não de verdade. Ela queria saber sobre seu poder tanto quanto Lazarus, se não mais. Ele estava lhe dando a chance de descobrir. Além disso, havia algo na caverna que a deixava em paz. Sabia que a dor estava por vir, que a magia em suas veias teria que deixá-la antes de poder retornar, e ainda assim era quase como se esta noite uma parte de si estivesse se encaixando. Uma parte que sempre deveria existir lá.

Lazarus pegou uma pequena bolsa de couro e a jogou para ela. Quinn a pegou com habilidade e desamarrou o topo, enfiando a mão e puxando uma pesada pedra do tamanho de uma palma, transparente de um lado ao outro.

— Isto — disse Lazarus, antes que ela pudesse perguntar — é uma pedra Servalis. Será acionada quando você entrar na água. — Gesticulou para a piscina mais alta, atrás dela. — Você precisará chegar ao topo, e rápido.

Quinn respirou fundo e assentiu, virando-se para a piscina inferior. Precisaria nadar por ela antes de poder subir até a de cima.

Segurando a pedra perto de seu peito com um braço, Quinn entrou na água, deixando o frio intenso tomar conta de sua pele, contraindo seus músculos ao se mover. Lazarus permaneceu à margem da piscina natural, um olhar sombrio cruzando seu rosto antes de voltar a usar sua máscara de neutralidade. Quinn se virou e mergulhou sob a água, tomando o cuidado de segurar a pedra acima dela ao nadar pelas águas rasas até que seus pés encontraram degraus submersos.

A água escorreu de sua pele conforme ela se içou para fora e subiu para a piscina superior. Um rápido olhar sobre o ombro nada disse; a expressão de Lazarus se mantinha impassível. Seus olhos se encontraram por um instante quando ela respirou fundo e pisou na borda da nascente superior. A água iridescente brilhava tão forte que quase doía. No mesmo instante, Quinn enrijeceu quando o calor a dominou. Foi tão repentino que quase se atrapalhou e deixou cair a pedra, mas seus dedos se fecharam ao redor dela no último momento e ela a puxou de volta ao peito antes que afundasse nas águas agitadas.

Do outro lado da caverna, o rosto de Lazarus parecia ter sido esculpido da mesma pedra da montanha, esperando que ela submergisse. Segurando a pedra com ambas as mãos, Quinn se abaixou na borda e deslizou para o azul-claro enquanto juntos, ela e Lazarus, esperavam pelo julgamento que se aproximava.

Quinn não tinha certeza de quanto tempo estava flutuando na piscina superior, a pedra pousada na base da barriga e segura por dedos rígidos, aguardando que acontecesse… Então percebeu que o processo já tinha iniciado. Desde que entrou na fonte mais alta, sua pele tinha começado aos poucos a formigar e pinicar. Em todos os lugares em que a água tocava, parecia que pontas de facas picavam sua carne, só tinha demorado para perceber. Quinn se mexeu, movendo-se para o lado, jogando o corpo para frente e gritando quando uma das “facas” penetrou na base da coluna.

Devagar, a pedra começou a mudar de incolor para um vazio opaco. O líquido quase translúcido se transformou em um cinza-escuro antes de se aprofundar ainda mais em um preto absoluto. Quinn balançou a cabeça quando

outra lâmina deslizou em seu abdômen e ela se dobrou tão rápido que sua cabeça quase afundou quando a água escura ficou voraz. Contorceu-se, ofegante, a dor aumentando. Sua pele parecia estar sendo descascada camada por camada à medida que a magia invisível era sugada dela. A energia girava em torno de seu corpo ao mesmo tempo em que ela permanecia parada no centro da piscina natural.

A magia começou a vazar de seus membros, além da que já estava sendo puxada. Esvaía de sua mente por conta própria, escapando com a mesma força de uma correnteza. A cada momento que passava, o corpo de Quinn cedia e sua respiração ficava irregular. A dor atacava suas costelas enquanto usava o resto de sua força para continuar de pé. Apesar do fogo a queimando, Quinn estremeceu como se sentisse frio. Era como se estivesse sendo drenada de seu sangue, a própria essência da vida sendo sugada.

A dor de algo afiado atravessou seu âmago. Quinn sacudiu uma das mãos e, sem perceber, pressionou contra seu último ferimento invisível apenas para ver que não havia sido cortada de verdade. Suas entranhas não estavam girando nas sombras escuras que a cercavam, embora a dor em seu corpo dissesse o contrário.

Engasgou-se quando os golpes vieram várias e várias vezes, atacando cada parte de seu corpo. Quinn cravou as unhas nas bordas da pedra, tentando mantê-la com ela enquanto a agonia se tornava avassaladora. Seus lábios se separaram em um grito silencioso quando o fogo lambeu sua espinha e depois se enrolou em sua garganta. Com os olhos arregalados, Quinn encontrou o olhar inabalável de Lazarus do outro lado da caverna.

Estava parado no mesmo lugar, na beirada, onde ela o havia deixado, a apenas um centímetro da água. Para todos os efeitos, Lazarus parecia apenas estar esperando que ela se levantasse e saísse. Se não fosse pelo fogo que queimava em seus olhos, Quinn pensaria que ele nem se importava.

Pontos pretos tomaram sua visão. Ofegou, procurando por ar, mas estava fraca demais para inflar os pulmões. Seus membros estavam fracos… quase esgotados. Quinn pressionou as costas contra a rocha para se manter ereta. Não podia afundar, porque no seu íntimo sabia que não voltaria se o fizesse. Estava tão perto do fim que podia sentir… podia *prová-lo*. Ainda assim, não foi o bastante.

Porque havia algo mais acontecendo ali… algo que ela não tinha se dado conta do que era. Não até aquele momento. Não até que fosse tarde demais.

Quinn nem percebeu quando suas pálpebras se fecharam. Não tinha mais energia para mantê-las abertas. Sua consciência se reduziu a um único ponto: a pedra Servalis que continha todo o seu ser… *e mais um pouco*.

Ela precisava se manter firme. Tinha que sobreviver. Precisava saber que poderia sobreviver e sair mais forte. Apertando o objeto entre as mãos, em silêncio, Quinn exigiu a verdade – e a pedra respondeu.

Um tentáculo de algo escuro alcançou a pedra e tocou seu peito, enrolando-se em torno de sua força vital em um forte aperto. Sua essência continuou a ser drenada depressa e Quinn sentiu como se uma espada tivesse atravessado seu estômago quando aquilo começou a puxar mais do que apenas magia.

Era algo errado. Algo distorcido… uma aberração.

Seus olhos se abriram e ela largou a pedra na base do redemoinho da fonte, mas era tarde demais. Seus braços não responderam, suas pernas cederam. A boca de Quinn se abriu, mas nenhum som saiu quando ela foi engolida pela água negra e afundou abaixo da superfície.

Quando sua consciência se dispersou no esquecimento, em seus pensamentos finais, Quinn se perguntou:

Morrer seria realmente tão fácil assim?

Capítulo 27

O sacrifício do basilisco

"Seres comuns raramente fazem história. São os raros, as aberrações, que transformam o mundo."

– Lazarus Fierté, Maji sombrio, herdeiro de Norcasta e mestre de homens.

Lazarus se moveu para a beira da água, as pontas de suas botas mal roçando a borda da superfície imóvel enquanto olhava através da caverna. O olho de Leviatã iluminou Quinn, que segurava a pedra Servalis contra o peito, aquele brilho transformando sua pele pálida em algo de outro mundo. Seus olhos estavam fechados com força, seus lábios retesados em agonia.

A escuridão escorria de sua pele, manchando as águas, agitando-as. Mesmo estando tão longe de Quinn, podia sentir o puro poder que emanava de lá. A preocupação começou a crescer em seu peito, fazendo sua fachada calma desmoronar aos poucos. Faíscas de alerta dispararam ao longo de seus nervos, sobrecarregando seus sentidos. Podia ouvir cada respiração aguda de Quinn, cada movimento que ela fazia para tentar ignorar a dor que rapidamente a dominava.

Podia sentir o leve toque de sal nas paredes da caverna misturado com o perfume sombrio das damas-da-noite espalhadas pelas videiras. Porém, havia algo contaminando os odores, como se uma pitada de sangue escorresse das pétalas.

Lazarus estava hipnotizado, todo o seu ser focado na mulher do outro lado do espaço tomado por água e pedra. Então, Quinn abriu a boca em um grito silencioso, as costas arqueadas. Lazarus lutou contra a vontade de ir até ela, contra o desejo de atravessar aquelas águas e arrancá-la desse pesadelo… porque ele não podia.

Apesar das respirações ofegantes e intensas que escapavam de seus lábios e dos movimentos lentos e trabalhosos de seu corpo ao lutar para se manter consciente, Quinn sobreviveria. Lazarus não aceitaria outro resultado. Quinn sobreviveria a isso e, portanto, mais tarde, sobreviveria também à sua ascensão. Ele não podia duvidar dela. Não aqui, não agora, quando seria tarde demais.

Então a pedra Servalis escorregou dos dedos dela, caindo no abismo de águas escuras que a cercavam. Lazarus franziu a testa, seus olhos afiados avaliando as bochechas pálidas de Quinn conforme ela batia as mãos contra a pedra. Não parecia estar ciente do que fazia. Sua expressão parecia preocupada.

Ela está… tentando sair da água?

Lazarus deu um passo à frente, a água límpida da piscina inferior pinicando seus tornozelos. O pavor floresceu dentro dele, lançando longos tentáculos como dedos que apertaram seu coração e garganta à medida que a dúvida tomava forma, apesar de seus melhores anseios.

Quinn olhou para cima, seus olhos encontrando os dele. Estavam tão desfocados, tão nublados, e Lazarus não estava mais confiante de que ela pudesse vê-lo além daquela cortina de dor. Seus lábios, agora quase azuis, se separaram, e então ela desabou.

Lazarus xingou baixinho quando ela afundou nas águas opacas. Aguardou, na esperança de que reaparecesse nos próximos segundos. Quando ela não o fez, xingou de novo, virando-se e tirando a capa de uma só vez.

Apesar do aviso de Thorne, teria que se arriscar e entrar na piscina. Quinn podia não morrer pela dor, mas com certeza poderia se afogar, e Lazarus não permitiria isso. Ela era importante demais. Claudius deixou claro que, sem ela, tudo seria em vão. Todo o seu futuro, seu império, seu trono… tudo dependia dela.

Assim, mesmo que ninguém tivesse resistido quando duas pessoas entraram na fonte antes, ele daria um jeito para que sobrevivessem. Não a deixaria morrer. Não importava o preço.

Lazarus mergulhou na piscina inferior, seus músculos o empurrando, seus membros atravessando a água com facilidade. Sua cabeça ressurgiu quando se aproximou da fonte mais alta, e ele subiu as escadas na base até o topo da pequena piscina.

Pressionando as palmas na borda, Lazarus olhou para as águas enegrecidas se agitando. Com uma carranca frustrada, estendeu a mão, tentando manter o resto de seu corpo longe das águas encantadas o máximo possível. Já podia sentir as gavinhas da magia da pedra se entendendo em busca da nova fonte de energia. Era algo faminto, cortando seu braço com violência enquanto ele procurava por Quinn.

Lazarus cerrou os dentes e afastou o braço. Buscou pela única criatura que poderia sobreviver a tal magia e lhe ganhar algum tempo. Precisava emergi-la para que, quando sua magia voltasse, não tentasse voltar para o corpo de um cadáver afogado. O basilisco respondeu ao seu chamado, deslizando sob sua pele, a criatura se tornando tangível na forma de um longo corpo com escamas malvas. Olhos de uma escuridão profunda encontraram os dele, e o animal curvou a cabeça. Lazarus enviou um comando mental e a criatura enrolou seu corpo ao redor dele como um escudo, movendo-se com ele enquanto Lazarus se erguia sobre a borda.

No mesmo instante, sentiu a força tentar drená-lo outra vez, embora tenha sido atenuada pela resistência natural do basilisco à magia. Sabia que, se continuasse assim, a criatura não duraria muito tempo, mas era a mais dispensável de suas posses. Abaixando-se, Lazarus encontrou um pulso esguio e o agarrou. A cabeça de Quinn despontou na superfície quando ele a puxou das profundezas. Seu corpo mole se agarrou às águas enquanto ele a içava em sua direção, lutando contra as ondas que ameaçavam levar os dois para baixo.

Os lábios dela estavam azuis-escuros, da cor do sangue da meia-noite. A mesma cor começava a afundar em suas maçãs do rosto e sob seus olhos. Quinn estava fria ao toque, sua pele um verdadeiro gelo. Lazarus a ergueu, tocando seu pescoço em busca de uma pulsação. Estava lá, mas tão fraca e frágil, apenas um pequeno pulsar contra seus dedos a cada poucos instantes.

Ele não podia tirá-la da fonte. Removê-la seria acabar com toda a possibilidade de sua magia responder. Ela precisava retornar ao corpo de Quinn antes de ele puxá-la para fora, ou então ela morreria do mesmo jeito.

O basilisco se enrolou com mais força em torno dos músculos de Lazarus, deixando-o saber que estava começando a sentir a dor da pedra Servalis o consumindo. Ele precisava encontrar aquela pedra. Levantando o corpo inconsciente de Quinn para mais perto do seu, Lazarus se inclinou e tateou o chão da nascente. Seus dedos a encontraram e se curvaram em torno de uma ponta afiada. O que fez com que a pedra mudasse de forma ele não sabia, mas

não perdeu tempo e a puxou de volta, para a superfície, pressionando-a contra o torso nu de Quinn.

— Respire, Quinn — ordenou, segurando-a de costas contra as paredes de pedra da fonte para manter ambos erguidos.

O basilisco se contorceu ao redor dele, deslizando entre Quinn e ele mesmo enquanto encolhia para melhor se adequar ao seu ambiente. A criatura sacudiu a língua e sibilou quando uma nova onda de energia a atingiu, drenando sua magia.

A piscina começou a assentar quando a agitação e o redemoinho pararam. Após vários momentos de calmaria, a superfície da água se tornou um espelho, refletindo sua imagem de volta para ele. Lazarus esperava que, com as águas se acalmando, o fim da cerimônia chegasse em breve. A magia de Quinn seria devolvida e, apesar do aviso de Thorne, ambos sobreviveriam. Recusava-se a acreditar no contrário.

Então veio a queimação. Como fogo em suas veias, aquela magia terrível disparou pela sua espinha. Picos afiados de chamas apunhalaram em um movimento curvo ao longo de suas costas, fazendo com que o basilisco guinchasse de dor, sua agonia ecoando até o teto da caverna. Com os olhos arregalados, Lazarus observou as escamas do basilisco ficarem pálidas e começarem a desaparecer. Não precisava olhar para suas costas para saber que a tatuagem da alma da criatura fazia o mesmo. O basilisco estava morrendo. Uma morte verdadeira.

Rajadas de cinzas roxas-escuras se ergueram no ar quando em um instante a água ficou imaculada e a opacidade absoluta da pedra Servalis passou a clarear aos poucos. A escuridão retornava a Quinn, rastejando pelo seu torso como uma nuvem de fumaça, entrando em suas narinas, boca e ouvidos. Ao fazer isso, a cor começou a voltar. O marfim de sua pele, antes tão antinatural, foi ficando rosado, e o brilho azulado em suas pálpebras e maçãs do rosto diminuiu.

Lazarus mordeu o interior da bochecha, esperando. A magia precisava retornar por completo, mas quanto mais tempo ele permanecesse na água com ela, mais rápido o basilisco se deterioraria. Seus gritos oscilavam em guinchos baixos e depois apenas silêncio quando Lazarus pegou alguns punhados da água ainda escura e aproximou de Quinn, deixando a escuridão se afastar do líquido e deslizar de volta para sua casa, dentro da mulher em seus braços.

Os olhos de Lazarus se estreitaram quando o cabelo dela também passou a absorver a escuridão. Tinha ouvido rumores do Maji mudar quando passava por um teste como esse, mas nada comparado a ver com os próprios olhos. Enquanto o poder dela era de uma escuridão tão pura, seu cabelo não era. Os fios prateados deslizaram contra a mão dele quando a estendeu e moveu as mechas para o lado, pressionando a palma em seu rosto.

Seu cabelo ainda era prateado na raiz, mas uma leve cor roxa se vertera nas extremidades e agora subia sem parar. Lazarus colocou os fios lisos para trás, observando o resto ficar lavanda. Suas sobrancelhas seguiram o exemplo.

Lazarus tentou alcançar a presença do basilisco, embora sua forma física já tivesse desaparecido há muito tempo. Estava lá em algum lugar… mas como fumaça ao vento, não algo que ele pudesse de fato alcançar.

Lazarus balançou a cabeça e baixou os olhos para a mulher adormecida em seus braços, o resto da água escura começando a clarear. Todavia, não foi apenas a magia de Quinn que a pedra tomou.

Seu basilisco havia desaparecido e ele sabia sem sombra de dúvida que a magia de Quinn o havia consumido. Ela não apenas recuperou seu próprio poder, mas também devorou um pedaço dele.

Ao longo de sua espinha Lazarus sentiu o vazio, a leveza de ser uma alma menor que antes. Seus músculos se contraíram quando ergueu Quinn e a tirou da água, as pernas dela sobre um braço e as costas contra o outro. O peso de Quinn era leve comparado ao dele, mas ainda assim demorou para carregá-la escada abaixo e através da piscina inferior. As águas translúcidas deslizaram contra seus quadris conforme ele caminhava até a costa rochosa e a colocava no chão.

Lazarus se inclinou sobre Quinn, pressionando os dedos contra a lateral do seu pescoço e suspirando de alívio ao sentir o ritmo de seus batimentos cardíacos voltando ao normal. Então recuou, esperando para ver se ela acordaria agora que sua magia havia sido restaurada. Depois de vários momentos tensos e silenciosos, Lazarus percebeu que isso não aconteceria logo.

Inclinou-se para frente, batendo de leve na bochecha dela. Os olhos de Quinn se abriram, turvos e desfocados.

— Quinn? Consegue me entender?

O corpo dela estremeceu, arrepios subindo e descendo por sua pele, seus

cílios tremulando.

— Quinn? — Lazarus repetiu seu nome e, mais uma vez, não recebeu resposta verbal.

Em vez disso, ela se moveu bruscamente, virando a bochecha e curvando as costas. A água jorrou de seus lábios, junto com tudo o que havia comido na subida da montanha, vomitando no chão da caverna. Lazarus tentou, mas não conseguiu ajudá-la a se sentar. Tremores atormentaram Quinn, que se encolheu com força antes de voltar a pressionar o corpo contra o dele. Estava óbvio que sua mente agia sem plena consciência de quem ela estava tocando ao procurar a única fonte de calor ao alcance.

Este é um resultado do teste?, Lazarus se perguntou. Sabia que ela era forte, isso estava claro. A pedra, outrora lisa, havia assumido o tom de ônix puro e crescido cristais que ainda permaneciam, mesmo na ausência do poder dela – e que poder magnífico tinha sido.

Quando Lazarus ergueu Quinn em seus braços mais uma vez após pegar suas roupas e envolvê-la na capa seca, olhou para trás. As águas da nascente se acalmaram, refletindo agora uma superfície serena, diferente do redemoinho escuro e frenético de poucos minutos antes. Embora soubesse, o ocorrido só serviu para estabelecer e confirmar suas suspeitas: Quinn não era uma Maji comum. Ela era muito mais.

E agora, fiel à sua palavra, Lazarus nunca a deixaria ir.

Capítulo 28

O entremundos

"Às vezes, a diferença entre o real e o falso é simplesmente uma mudança de perspectiva."

– Quinn Darkova, vassala da Casa Fierté e dobradora de medo.

Fumaça e sombras a cercavam. Vastidão e noite. A dor a consumiu de uma forma tão completa que Quinn perdeu tudo em que se segurar, e ainda assim se agarrou a esse pequeno pedaço de presença dentro dela. Aquela faísca de vida. Por mais destemida que fosse ao enfrentar a possibilidade, não estava pronta para morrer.

Ainda havia tanto que precisava fazer, tanto pelo qual tinha que lutar. Quando tudo foi arrancado, ela pairou à beira do esquecimento. Só havia uma coisa que a salvaria agora: o *rancor*.

Quinn sobreviveu a uma infância com monstros, não apenas com a criatura que vivia dentro dela, mas com aqueles que a criaram e depois a abandonaram da pior maneira possível. Viveu a adolescência como escrava e acabou encontrando a liberdade. Experimentou apenas os mais breves momentos de independência antes de Lazarus a encontrar, e descobriu que o que tinha não era liberdade. Não como a que ganhou por estar com ele. Uma velha que talvez não tivesse muito mais tempo neste mundo havia dito a ela que ninguém e nada eram livres de verdade, mas que as pessoas detinham o poder de escolher aquilo que as enjaulava.

Enfim começando a entender isso, Quinn se recusou a ficar sem tempo. *Não*. Ela aguentaria, porque nada neste mundo tinha conseguido quebrá-la e nada o faria agora. Sua vingança contra aqueles que tentaram destruí-la ainda fervia em suas veias, e um dia, se jogasse suas cartas direito, Lazarus lhe permitiria a retribuição que ela merecia. Ele não teria escolha, porque ser sua

vassala era ser protegida de tudo e todos, incluindo a lei. Bem, todos menos ele, e ele não era alguém de quem Quinn precisava de proteção.

Então, segurou-se a isso e esperou.

As espirais de fumaça preta flutuaram em sua direção, deslizando sob a pele. Sombras escuras se agarraram nela como gotas de água, buscando, procurando um caminho de volta. Ela as acolheu.

Puxou e arrancou até que cada essência da escuridão que a cercava tivesse sido extraída do ar e retornado a ela, porque, se fosse sobreviver, teria que pegá-la… por inteiro. Cada pedacinho daquela escuridão era dela para consumir. Precisava disso se quisesse viver. E, mais do que tudo, Quinn queria viver.

A respiração encheu seus pulmões incorpóreos quando os cortes invisíveis selaram e a dor desapareceu. Havia algo mais, no entanto, algo que antes não estava lá. Aquilo deslizou para dentro dela, tendo sido absorvido com a escuridão.

No vazio de sua própria mente os lábios de Quinn se separaram e ela sussurrou:

— Quem está aí?

Um sibilar encheu seus ouvidos e uma presença roçou sua mente. Quinn sentiu a dureza fria das escamas deslizando contra suas panturrilhas e, quando olhou para baixo, piscou. Uma cobra, facilmente com o dobro da sua altura, começou a se enrolar em torno de seus pés e pernas. Embora não houvesse nada sob eles, nenhum solo, nenhuma floresta, nenhum mundo tangível, a criatura ainda se movia como se existisse, assim como ela fazia ali, naquele lugar, no entremundos.

Quinn moveu o pé, esperando a reação do animal, mas ele apenas se ajustou com ela, procurando-a e se enrolando em seus membros.

Foi quando percebeu com um susto que a besta não estava ali para machucá-la.

Não… ela está me protegendo.

Quinn se inclinou devagar e a criatura virou a cabeça para encará-la. Os olhos como duas pedras de ônix a observaram de volta, tão límpidos e profundos… Era arrepiante como pareciam olhar direto para sua alma.

— Quem é você? — perguntou à criatura. Seus dedos pálidos tocaram as escamas do corpo da cobra e o animal estremeceu, mas não por medo.

A serpente abriu a boca e soltou outro sibilo, e desta vez ela o sentiu. Aquela leve cutucada contra sua mente. Não sabia como deixá-la entrar, apenas que precisava fazer isso se quisesse entendê-la. Caindo de joelhos, a cobra abriu espaço para ela se sentar antes de se enrolar nela mais uma vez. Quinn acariciou a cabeça da criatura e murmurou palavras de conforto.

Não conseguia explicar, mas se sentia conectada ao animal. Algo em relação à cobra ressoava dentro dela, fazia com que se sentisse possessiva com a criatura. E, por mais que tentasse, não conseguia entender o porquê.

— Quando você e eu sairmos daqui, faremos grandes coisas, não é? — perguntou, inclinando-se para o corpo forte que a segurava.

A cabeça da besta pousou em sua barriga e alguma parte dela sabia que não havia nada de normal nisso. A maioria dos animais temia Quinn, mas ali, no vazio do entremundos, estava grata por ter algo que não fugia dela.

Nem sequer pensou em olhar para baixo quando a cabeça da cobra passou por sua pele nua. Tudo o que ela sabia era que não estava sozinha. Então, o ouviu.

Onde estamos?

Enquanto a voz falava, Quinn notou que era distintamente masculina e rouca. Era antigo… *muito antigo*.

— Não tenho certeza — respondeu Quinn. — Perdi a consciência na fonte e acordei aqui. Acho… — Respirou fundo. — Acho que estamos no entremundos.

Você está perdida, disse a voz.

Quinn enrolou os dedos nas escamas dele, seu corpo começando a se mover devagar, deslizando sob sua pele.

— Estou — concordou —, mas não sei como sair.

Seus dedos se moveram por conta própria, alisando as escamas até que não houvesse mais nada para tocar. Quinn piscou e percebeu que a cobra havia desaparecido. Não, ele não se foi…

Eu vou te mostrar, falou a criatura.

As bordas de sua visão desapareceram e a única razão pela qual ela ficou ciente disso foi pelo preto a consumindo mais uma vez. Afinal, no nada, não havia cor.

— Quem é você? — perguntou de novo, procurando sem jeito por algo em que se segurar quando começou a cair.

Não havia nada lá, nada para entender além do ar vazio.

Eu sou o medo, disse a serpente. *E você é a minha mestra.*



Frio.

Essa foi a primeira coisa que Quinn sentiu quando sua consciência começou a voltar. Ela tremeu e sentiu o tremor até os ossos, a dureza do chão e o peso de seu corpo a arrastando de volta de onde quer que sua mente estivesse. Registrou o bater de dentes antes de perceber que aquilo estava vindo dela. Algo macio roçou sua pele e seus dedos o agarraram, apertando o tecido que proporcionava o leve calor como se sua vida dependesse disso.

O tempo diminuiu conforme ela apagava e despertava. Sentiu quando seu corpo se moveu e sua pele nua pressionou a de outra pessoa. Captou o calor irradiando de um corpo, mas não mais do que o toque impessoal de dedos a cutucando e examinando.

— Quinn? — uma voz a chamou. Não era aquela dentro dela, aquela que se autodenominou *medo*.

Não conseguia encontrar forças para mover os lábios, então aquela voz ficou sem resposta quando ela voltou para os confins confortáveis da escuridão. Foi lá que a cobra envolveu sua alma despedaçada, segurando-a perto enquanto ela flutuava pela vertigem do esquecimento.

Quinn estava tão contente em sua escuridão que, quando o frio desapareceu e o calor chegou, acordou mais uma vez. Depois de tanto tempo sentindo apenas frio e desolação, encolheu-se com aquele calor ardente. Seus olhos se abriram, procurando a fonte.

Embora fosse noite, o céu não parecia tão escuro quanto em seu sono inquieto. Os olhos de Leviatã brilharam sobre ela e Quinn seguiu essa iluminação até a fogueira a apenas alguns metros de onde estava deitada. Traços de laranja e vermelho se entrelaçavam na dança de um amante conforme brasas brilhavam e lançavam faíscas ao vento. Olhou para o fogo, ainda atordoada e desorientada, quando viu outra figura logo além dele.

Estava com as costas nuas e voltadas para ela, sua sombra delineada pelo luar e pelas árvores. Criaturas pintadas de preto e azul, dos roxos do crepúsculo e dos amarelos do amanhecer rastejavam sobre os músculos tensos de suas costas, entre as omoplatas e descendo pelo braço. Quinn piscou quando o que poderia jurar ser um dragão de fogo olhou para ela, seus olhos verdes tão inacreditavelmente vivos que a fizeram ofegar.

Lazarus enrijeceu e ela continuou piscando, confusa. Sentiu escamas sob os dedos, mas não estava ciente o bastante para entender.

Estou aqui, sussurrou a voz antiga de um homem em sua mente.

Quinn piscou, paralisada quando Lazarus se virou para ela, os olhos dele arregalados. Foi então que percebeu que as bestas que viu não estavam *em* sua pele – estavam *sob* ela, rastejando e deslizando embaixo de sua carne como se não fossem meras imagens, mas criaturas vivas.

— Quinn.

Houve uma familiaridade quando Lazarus falou seu nome, além de um alívio que ela mal percebeu antes que sua visão recomeçasse a escurecer.

Sua pele estava escorregadia de suor e tão quente, diferente das escamas da cobra, geladas. Quinn relaxou em seu abraço frio quando, mais uma vez, ficou pensando no que tinha visto.

Capítulo 29

Voto de silêncio

"Amizade é apenas mais uma palavra para favor, e nenhum dos dois é concedido sem razão."

– Lazarus Fierté, Maji sombrio, herdeiro de Norcasta e mestre de homens.

Lazarus ficou paralisado, observando o basilisco se enrolar em torno de uma Quinn caída. A criatura o encarou com olhos profundos e sábios. Não havia esquecido seu mestre anterior, mas parecia que havia encontrado outro. Uma mestra que, Lazarus notou com grande aborrecimento, a criatura estava mais do que feliz em servir, demonstrando um nível de lealdade que nunca tivera com ele.

— Você responde a ela? — perguntou à cobra, sabendo muito bem que, se a besta quisesse se comunicar com ele, ela o faria.

Sim, veio a resposta da serpente.

Lazarus assentiu. Assim como suspeitava, o basilisco não tinha apenas morrido ou desaparecido – tinha sido consumido, mas não da mesma maneira que Lazarus havia feito antes com o animal. De alguma forma, o basilisco se tornou um com ela, levando consigo uma parte ínfima da magia de Lazarus, o único fio que mantinha sua alma unida, impedindo-o de se desintegrar sem seu corpo original.

Lazarus deu um passo à frente e a cobra sibilou, inclinando a cabeça e mostrando as presas mortais.

— Ela está doente, criatura. Não posso ajudá-la se não puder tocá-la — disse, olhando para a enorme cobra, que começou a recuar e encolher bem devagar.

Estou vigiando, disse em sua mente, o aviso iminente.

Lazarus assentiu quando a coisa começou a se esgueirar para dentro de Quinn, deixando sua pele febril exposta aos elementos. Ela passou de trêmula a catatônica naquele primeiro dia, e permaneceu assim por mais um. Então a febre começou.

Três dias e eles ainda não tinham conseguido descer a montanha. Ela adoeceu naquele tempo e, embora Lazarus tivesse certeza que o corpo de Quinn havia retido sua magia, no momento não estava tão seguro de que ela sobreviveria a qualquer doença que a atormentava caso a tirasse de perto do fogo por muito tempo.

Assim, esperaram, e Lazarus sabia que estavam ficando sem tempo. A comida e a água que havia trazido estavam acabando após tantos dias. Ele encheu o cantil na fonte, mas só desceu um quarto do caminho antes de precisar parar.

Passou a mão no rosto, beliscou a ponte do nariz e respirou fundo. Um momento ou dois foi tudo o que ele se permitiu antes de tentar fazê-la beber. Teve sucesso variável nos últimos três dias, e esta foi a primeira vez que ela acordou com qualquer tipo de clareza. Esperou, para o bem de ambos, que fosse um sinal do fim da febre.

Os lábios de Quinn se separaram quando ele levantou seu torso e a ajeitou contra suas coxas. Um suspiro escapou dela quando Lazarus abriu o cantil e o colocou em seus lábios. Devagar, ele o inclinou, permitindo que o menor gotejamento de água fluísse. Quinn gemeu ao dar um pequeno gole, e depois começou a drenar o líquido.

Lazarus suspirou. De modo algum acreditaria ter sido o alívio que diminuiu a tensão em seus ombros quando os dedos de Quinn levantaram e se fecharam ao redor do cantil conforme ela bebia o resto da água.

Entretanto, jamais admitiria aquela preocupação que o dominava. Lazarus enxugou a pele suada de Quinn e a vestiu com as únicas roupas limpas que ela tinha. Gostasse ou não, precisavam descer a montanha ainda naquele dia. Ela precisava de nutrição e descanso adequados para superar os resquícios dos efeitos da fonte. Já ele tinha que conversar com Thorne sobre o ocorrido.

Puxando a camisa de juta limpa para cobrir a barriga exposta de Quinn, os nós dos seus dedos se apertaram quando ele se afastou. Ela era uma mulher madura, e uma que ele estava cada vez mais interessado em saber se desejava ou

não… Mas não havia qualquer relação com o corpo dela, embora nos últimos três dias tivesse notado suas curvas delicadas e pele pálida mais do que quisera admitir. No entanto, naquele momento, ela estava doente e inconsciente. A Quinn que o intrigava de verdade era a mulher que o atormentava a cada segundo com sua personalidade fascinante.

Virando-se, ele se vestiu, amarrando em si as armas de ambos antes de puxá-la para seus braços outra vez, a capa ainda apertada em volta dos ombros dela. Com alguns chutes de terra que apagaram o fogo restante, eles partiram.

Lazarus a carregou na descida, um braço apertado em volta das costas e o outro sob os joelhos. Os ventos chicotearam sua pele e viraram a capa em que ele a havia embrulhado. Lazarus enviou um comando silencioso para que se aquietassem. Em pouco tempo, o peso dela começou a afetá-lo e ele precisou chamar outra de suas criaturas. Permitiu que a força resistente de um troll inundasse suas veias, endurecendo sua pele e o mantendo em movimento. Canalizar magia para controlar as feras sob sua pele era ínfimo comparado às tensões físicas que o exauriam naquele momento, mas ele não tinha escolha.

No comando, o desespero e a determinação o obrigavam a avançar. Cada passo o drenava um pouco mais, e só a mais pura força de vontade o impelia a continuar descendo a montanha sem vacilar, nem mesmo por um instante.

Cisea surgiu diante dele depois de muito tempo. Os berros ecoaram pela aldeia quando Lazarus entrou aos tropeços no território, mascarando sua exaustão com passos lentos. Uma cabeça loira cinzenta apareceu na multidão que se formava enquanto gritos que falavam da loba chegavam aos seus ouvidos.

Draeven deu um passo à frente e seu rosto empalideceu ao perceber a forma inconsciente de Quinn.

— O que aconteceu? — indagou, seus olhos se estreitando com suspeita para Lazarus.

— Ela está viva — rosnou, respondendo à pergunta não dita, mas refletida nos olhos do seu segundo em comando.

Ele ignorou a pergunta que logo veio na mente de Draeven. Afinal, ainda não tinha certeza de como respondê-la, não quando ele mesmo mal entendia.

— Por pouco — respondeu Draeven, brusco.

Ele deu um passo à frente, começando a erguer os braços para tentar tirá-la de Lazarus quando Lorraine veio correndo pela multidão, com Dominicus não

muito atrás.

— Pelos deuses — proclamou a mulher. Ela empurrou a capa do rosto de Quinn e pressionou sua pequena mão na testa dela, depois na bochecha. — Ela está com febre. Precisamos levá-la para dentro…

— Dominicus — chamou Lazarus, virando-se para seu mestre de armas e erguendo os braços para entregá-la. — Leve-a para o quarto e fique de guarda. Lorraine, ela está doente, mas está se recuperando. Precisa de mais líquidos e uma poção de cura. Acha que consegue cuidar disso? — perguntou, enquanto Dominicus pegava Quinn e começava a andar.

— Sou uma curandeira, Lazarus, pelo amor dos deuses! É claro que posso cuidar dela — retrucou Lorraine, dando meia-volta.

Ele não gostava da maneira como seus companheiros o olhavam, como se a condição de Quinn fosse de alguma forma sua culpa, mas também não tinha tempo para ficar se justificando.

— Ah, Lorraine… — Esperou que ela parasse. — Se ela acordar, não faça muitas perguntas. Ela está desorientada e pode não reagir bem.

A resposta foi uma risada fria que ele tinha ouvido poucas vezes nos últimos dez anos.

— É a Quinn. Quando ela reage bem?

Lazarus não se incomodou com uma resposta, e ela se virou e correu atrás de Dominicus. O povo ciseano abriu caminho para eles, inúmeros olhos em tons de joia indo da mulher adormecida para ele, mal disfarçando a cruel hostilidade.

Thorne surgiu perto de uma fileira de árvores. Ele passou por Quinn, estreitando os olhos para ela, carregada por Dominicus, antes de se virar para Lazarus e fazer sinal para que se juntasse a ele em sua cabana.

— Vou com você desta vez — declarou Draeven. Lazarus apenas grunhiu.

Ter seu segundo em comando poderia ser melhor, dada a afinidade de Draeven com as pessoas. Isso pelo menos impediria Thorne de incomodá-lo com muitas perguntas – por enquanto. O homem não era tão atrevido na presença de outros.

Lazarus se virou e avançou através da multidão. Draeven seguiu logo

atrás. Thorne o esperava na cabana da árvore quando Lazarus chegou lá, a exaustão o fazendo se arrastar – não que demostrasse isso ao escalar a escada de corda. Fechando as grandes mãos nas bordas do piso de madeira, ele se içou.

— Você demorou mais do que o esperado — disse Thorne, antes mesmo de Draeven se juntar a eles. — *Meu amigo…* — acrescentou devagar, como se esse título pudesse ainda estar em debate.

— Houve complicações — respondeu Lazarus, cruzando as mãos nas costas, uma imagem de perfeita autoridade e controle não fosse pela túnica amassada e olheiras.

— Posso ver — disse Thorne, com a voz arrastada, seus olhos vagando de Lazarus para Draeven e depois de volta. — O cabelo e a aura dela mudaram de cor.

Lazarus assentiu, pois já suspeitava disso. A magia de Quinn consumiu o basilisco e a própria magia dele quando a pedra devolveu o poder. Só o tempo diria quanto, mas os fios lilás de seu cabelo o fizeram imaginar que a cobra não iria a lugar nenhum. O basilisco a havia escolhido para ser sua verdadeira mestra e Quinn, compreendendo isso ou não, também o escolheu.

— Isso não acontece com frequência? — perguntou Lazarus, sondando para ver o quanto Thorne poderia dizer antes de exigir ele mesmo algumas respostas.

O líder ciseano hesitou antes de dizer:

— No passado, só aconteceu duas vezes. Ambas quando alguém entrou nas águas… — Thorne balançou a cabeça como se estivesse preocupado com essas memórias. Lazarus podia entender o motivo após ver Quinn quase morrer. — Em ambos os casos, os Majis que entraram foram drenados por completo de sua magia e a pessoa que segurava a pedra recebeu a dos dois. Acontece que nossos corpos não são feitos para conter tanto, e a natureza intervém. Em poucos dias eles sucumbiram à doença e pereceram.

Ele não o revelaria, mas o gelo que congelou seu sangue seguiu direto para o centro de seu peito.

— Quinn está melhorando — disse Lazarus, sem saber se estava tentando convencer o homem ou a si mesmo.

Thorne concordou com a cabeça.

— As mortes aconteceram dias depois. Se ocorrer como suspeito, acho que sua vassala pode ser a primeira a sobreviver a tal experiência. A pergunta que tenho é: como *você* sobreviveu?

Lazarus desviou o olhar, balançando a cabeça devagar para si, ponderando como responder à pergunta. Thorne não era um homem ignorante, tampouco cego.

— Se eu contar o que aconteceu e como a salvei, você deve fazer um voto de silêncio e manter entre nós… *meu amigo* — disse Lazarus, sabendo que esse pequeno pedaço de verdade ajudaria bastante a manter Thorne apaziguado.

O canalha ruivo soltou uma risada.

— Tudo bem, Lazarus. O que for dito entre nós assim permanecerá. Do contrário, que Ramiel me mate.

Lazarus disfarçou seu sorriso malicioso quando Thorne invocou o voto de silêncio do Deus do Equilíbrio e da Justiça. Embora os imortais que criaram este reino e os Majis que o habitavam pudessem não andar mais entre eles, ainda tinham uma presença ali… Ainda possuíam poder. Invocar Ramiel e depois ignorar um voto era pedir para ser atingido por um raio onde quer que estivesse.

Não importava o que Lazarus contasse a ele agora, Thorne não diria uma palavra se não quisesse arriscar a ira de um Deus.

— Quinn fez tudo como você me instruiu. Tirou a roupa e levou a pedra para a água sob o olhar de Leviatã. As águas ficaram pretas e começaram a se agitar, então a dor veio e ela perdeu a consciência depois de alguns minutos…

— Minutos? — interrompeu Thorne.

— Sim.

O rosto do homem corou quando ele olhou primeiro para o teto, xingou e depois mirou o chão, antes de dizer:

— Não deveria ter aguentado tanto tempo. Em geral, a cerimônia é medida em segundos, não em minutos.

Lazarus balançou a cabeça, não tão surpreso, dado como o poder dela parecia surpreendê-los a cada passo.

— Bem, aconteceu e ela lutou até que seu corpo estivesse fraco demais para se sustentar. Temi que ela se afogasse, então decidi correr o risco e fui até

ela.

Atrás dele, Draeven permanecia em silêncio durante a conversa, mas era possível sentir seu braço esquerdo se agitando por dentro. A raiva que Draeven sempre se esforçava para manter sob controle borbulhava sob sua pele. Eles teriam sua própria conversa logo depois disso.

— Como você entrou na água e sobreviveu? — perguntou Thorne, inclinando-se para frente.

Lazarus deu um passo na direção dele e ergueu a bainha da túnica para mostrar o peito. Draeven não emitiu qualquer som, embora os olhos de Thorne tenham se arregalado com o que viu.

— *Você é um*…

— Sim.

O outro piscou duas vezes e se recostou – não nervoso, nem com medo, mas inquieto.

— Eu tinha um basilisco em minha posse até três dias atrás — começou Lazarus. — Eu o usei para evitar o poder da pedra, mas ela era mais forte do que previ e o basilisco foi consumido por sua magia. — Lazarus fez uma pausa, sabendo que, independente do que fosse dito aqui e agora, Thorne jamais poderia falar a respeito. Era melhor colocar tudo para fora e ver se ele tinha alguma informação para compartilhar quanto ao que aconteceria com ela. — Esse mesmo basilisco saiu da pele de Quinn ontem à noite, quando pensou que eu poderia tentar machucá-la.

— Ela agora é a detentora de sua alma? — perguntou Thorne, parecendo mais velho, abatido e desgastado do que quando Lazarus entrou em sua cabana poucos minutos antes.

— E de sua lealdade — disparou Lazarus. — Eles possuem uma ligação bem mais… profunda do que eu com minhas posses. Acho que, quando estava morrendo, de alguma forma o basilisco se fundiu com ela.

Thorne pareceu considerar isso por um momento antes de assentir.

— Faz sentido — começou. — A pedra Servalis tem o propósito de absorver toda a magia antes de devolvê-la ao seu portador da mesma forma que era antes. A magia de um Maji é tão vital para ele quanto o ar ou a água. Ser despojado disso significa a morte. Sendo assim, se a cobra foi atraída para esse

poder antes de ele ser colocado dentro dela, suspeito que ambos se tornaram algo que… se não novo, então que não é visto neste mundo há muito, muito tempo.

— E se a cobra morrer, o que seria de Quinn? — perguntou Draeven, se aproximando. Ele se virou para olhar entre Lazarus e Thorne, e ambos balançaram a cabeça em resposta.

— Não há como saber com certeza sem matar o basilisco, mas Quinn provavelmente morreria também — respondeu Thorne, suas palavras lentas. Os olhos de Draeven brilharam de um tom violeta para marrom, e o líder continuou, inclinando a cabeça em direção ao segundo em comando de Lazarus: — Tudo tem um preço, jovem ladrão de raiva.

Draeven cerrou a mandíbula. Não gostava que ninguém mencionasse quem ou o que ele era, por qualquer que fosse o motivo.

— Ela roubou um pedaço de magia que não era dela para possuir — explicou Thorne —, e a natureza sempre encontra uma maneira de equilibrar isso. Para a sorte de vocês dois, graças à sua resistência natural às forças mágicas, basiliscos são uma das criaturas mais difíceis de matar neste reino.

Draeven nada falou, mas o olhar que lançou a Lazarus deixou bem claro que a conversa iminente não seria agradável, mesmo que não dissesse isso na frente de Thorne.

Lazarus tirou a pedra Servalis da bolsa pendurada ao seu lado. A pedra clara, que antes era lisa, cresceu pontas irregulares e afiadas o suficiente para cortar a pele. Lazarus a ergueu e os raios de sol dispersos a atingiram, lançando uma série de feixes luminosos menores pela sala.

— E quanto a isso, o que acha que aconteceu?

Thorne se levantou do trono e deu um passo à frente para examinar o cristal de todos os ângulos. O silêncio encheu a sala por vários momentos. Então ele parou e voltou ao trono sem dizer uma palavra. Seu rosto estava contorcido em uma careta e seus lábios pressionados numa linha firme.

— O tipo de poder que a garota tem é imensurável. Há apenas rumores de algo parecido acontecendo com a pedra. Histórias… ou assim eu acreditava. Ouvi histórias de Majis de Cisea que passaram pelo processo e a própria pedra mudou, como aconteceu com ela… Mas depois de tudo o que vi agora, sei que não devo descartar essas lendas.

Lazarus não pôde evitar o formigamento de desconforto que o

atravessou, seguido por um arrepio de prazer. No dia em que a viu no mercado, soube de pronto que Quinn seria uma Maji impressionante, mas não estava preparado para as emoções conflitantes que o atravessavam, emoções que ele não podia – não *queria* – entender.

— Ela pode ser uma dobradora de medo, mas o que quer que tenha acontecido naquela fonte a transformou em algo além, e não demorará para que meu povo perceba. Seu cabelo já mudou, e se minhas suspeitas estiverem corretas, seus poderes podem ficar mais voláteis depois disso. Ela vai precisar de orientação se você não quiser perdê-la para a escuridão, Lazarus. Caso contrário, começará a trilhar caminhos que nem você ou eu sonharíamos.

Lazarus voltou a guardar a pedra enquanto Thorne falava, confirmando todas as suas suspeitas e muito mais.

— Quinn sempre foi volátil — disse Lazarus, pensativo. — A solução para ela não é restringir esse poder, mas aprender a redirecioná-lo para que não a destrua ou qualquer outra coisa que eu não queira para ela.

Draeven balançou a cabeça e a mandíbula de Thorne se apertou. Nenhum deles se importava com seus métodos, mas essa não era sua preocupação. Era por isso que não foram eles que assinaram um contrato de sangue com ela.

— Independente de como escolher lidar com ela, preciso pedir que você e seu grupo partam em breve. As mudanças da garota vão chamar uma atenção indesejada para mim e para as concessões que lhe dei. Embora meu pessoal pareça gostar dela, isso pode mudar se perceberem o que você fez.

— Esse não será um problema. — Lazarus curvou a cabeça de leve, o queixo abaixando.

— Que bom — respondeu Thorne, erguendo a mão para Lazarus esperar quando ele se virou para sair. — A outra razão pela qual você pode querer antecipar sua partida é que meus homens encontraram evidências de outros se movendo por estas montanhas. Eles se mantiveram escondidos, mas suas pegadas me levam a acreditar que não se trata de um grupo pequeno, e é bem provável que não estejam aqui por razões amigáveis.

Lazarus suspirou e amaldiçoou aqueles malditos pirralhos nobres. Não tinha dúvidas de que, se outro bando havia entrado nas montanhas, era porque enviaram um grupo de caça direto para ele. Claudius devia estar se deteriorando rápido para se mostrarem tão ousados.

— Obrigado pelo aviso — disse Lazarus. — Partiremos em breve. Certifique-se de que o garoto esteja pronto se ainda quiser que eu o leve.

Já estava contemplando o quão rápido seria capaz de colocar Quinn em um cavalo antes dessa reunião. Conversar com Thorne apenas solidificou de que aquele era o momento. Conseguiram o que queriam e mais um pouco, mas na condição de Quinn, a jornada para fora das montanhas não seria fácil.

— Sei que não gosta dele — Thorne riu —, mas ele o servirá bem nas próximas provações. — Fez uma pausa. — Tome cuidado com a garota. Não sei como isso vai acabar, mas estou interessado em ouvir os relatos de Vaughn acerca do que acontecerá daqui em diante.

Essa é uma maneira de ver as coisas, Lazarus pensou, irritado.

Draeven recuou um passo e se moveu para sair sem precisar ser mandado. Lazarus ergueu a mão para ele parar.

— Preciso que envie uma mensagem para Tritol — pediu. — Tenho a sensação de que traremos alguns hóspedes indesejados aos portões de lá.

— Considere feito — respondeu seu braço esquerdo, descendo a escada sem dizer mais nada. Embora sua raiva em torno da situação de Quinn pudesse ser problemática, seu segundo em comando sempre sabia o seu lugar.

— Agradecemos sua hospitalidade durante essa semana — disse Lazarus a Thorne, e o outro apenas balançou a cabeça.

— Não se esqueça da nossa aliança — falou Thorne. Lazarus assentiu e começou a descer quando ele voltou a falar: — E Lazarus… — Thorne fez uma pausa. — Que os deuses estejam com você, meu amigo. — Então, em um sussurro tão baixo que Lazarus quase não ouviu, acrescentou: — Para o bem de nós dois.

Capítulo 30

Neiss

“As pessoas dizem para nunca confiar em uma cobra, mas não é o animal em si que é o culpado, e sim o homem que escolheu encurralá-lo.”

– Quinn Darkova, vassala da Casa Fierté, dobradora de medo e Mestra de Medo.

Os olhos de Quinn se abriram e se concentraram no teto, feito de um trançado de vegetação parecida com palha. Seus músculos gritaram quando ela se moveu para se sentar, gemendo.

— Ah, não, querida, não se mova tão rápido. — Lorraine, que estava do outro lado da cabana na árvore arrumando rápido suas coisas, se virou e correu para o lado de Quinn.

— O quê… — Quinn parou e lambeu os lábios secos. Parecia que sua língua tinha inchado até o tamanho de uma andafruta.

Ela sentiu uma mão pressionando sua testa e então ouviu a voz de Lorraine.

— Sua febre baixou — disse ela, suspirando aliviada. — E bem a tempo também.

— A tempo de quê? — perguntou Quinn, piscando com furor e tentando focar no resto do lugar que estava claro demais. Quanto mais fazia isso, menos a luz parecia incomodá-la.

— Vamos deixar Cisea — avisou. — Mestre Lazarus desceu da montanha com você esta manhã. Ele está com Thorne e Draeven desde então.

Dominicus acabou de receber a notícia de que partiremos antes do crepúsculo.

Quinn balançou a cabeça e depois tirou as pernas de debaixo das cobertas que haviam empilhado sobre ela.

— Ah, não, não se levante ainda. Descanse o máximo que puder — Lorraine se apressou em dizer, empurrando as cobertas de volta. — Vamos andar a cavalo por várias horas hoje antes de pararmos. Levará pelo menos alguns dias para deixarmos as montanhas.

— Estou bem — insistiu Quinn, afastando as cobertas mais uma vez e se levantando. Olhou para a camisa de juta e calças pretas soltas, lançando um olhar para Lorraine, que suspirou e assentiu.

— Sim, troquei suas roupas — disse ela, respondendo à pergunta não dita.

Quinn estreitou os olhos e se mexeu.

— Obrigada — respondeu, desacostumada a dizer a palavra.

Sentiu a atenção de Lorraine enquanto desamarrava os cadarços das calças e os apertava mais forte, de modo que se prendessem aos quadris. Movendo-se, uma sensação mais estranha a tomou… como se houvesse algo sob sua pele. Inquieta, a coisa pinicou ao longo de sua espinha.

Quinn se mexeu de novo, notando que, junto àquela sensação de coceira, havia outra que incomodava e doía, quase como se ela tivesse sido queimada e depois curada. Conhecia muito bem essa sensação. Afinal, havia sido escrava e, como tal, fora marcada dezessete vezes com ferretes em brasa pressionados em sua pele para marcá-la como se não passasse de gado. Quinn prendeu a respiração por um momento, tentando se lembrar de tudo o que acontecera na montanha.

A pele abaixo do abdômen se contorcia, logo à esquerda do umbigo, enviando uma pontada de dor através dela. Quinn cerrou os dentes, a mandíbula apertada ao segurar a borda da camisa. Se encontrasse um estigma lá depois de tudo que ela e Lazarus passaram… Quinn não se permitiu terminar tal pensamento, mesmo quando a magia sombria e pungente começou a saturar o ar.

Levantando a túnica, Quinn prendeu a respiração e depois soltou uma pesada lufada de ar. Embora o pequeno estiramento da pele doesse quando se movia, não havia nada, nenhuma marca ou qualquer outra coisa.

— Por quanto tempo dormi? — perguntou, soltando o tecido e tentando ignorar as estranhas sensações em seu corpo.

— Eu não sei. Você e o Mestre Lazarus ficaram nas montanhas por dias — respondeu Lorraine. — Só voltaram hoje de manhã.

— Dias? — Quinn ficou boquiaberta. — Quantos?

— Quase quatro — disse Lorraine.

Não podia ser. Se fosse verdade, então Quinn teria ficado inconsciente por pelo menos três dias. Algo se agitou em sua visão periférica e ela virou a cabeça, tentando entender o que viu. Agarrando uma mecha de seu cabelo, Quinn o puxou todo por cima do ombro e o ergueu contra a luz.

— O quê, pelo reino das trevas…? — O cabelo estava roxo. Não um roxo-escuro, mas um lavanda-claro, bem diferente do branco-prateado que tinha sido.

— Você já apareceu assim — disse Lorraine em voz baixa.

Quinn olhou dos cabelos para a mulher que, um tanto inquieta, trocou o peso de um pé para o outro. Lorraine desviou o olhar para a porta onde Dominicus estava parado e Quinn sentiu que ela queria dizer mais, mas não deveria.

— O que aconteceu comigo? — sussurrou. Assim que as palavras saíram, tudo veio à tona. As memórias, os sonhos, a dor, a voz…

Você estava morrendo, disse uma voz em sua mente. O mesmo ser antigo que a ajudou através de seu delírio febril. *Nós dois estávamos.*

A respiração de Quinn acelerou enquanto ela esperava que Lorraine ou Dominicus respondessem, mas nenhum dos dois pareceu ouvir também.

Eles não conseguem ouvir? Quinn olhou entre eles com os olhos arregalados, vagando perigosamente perto do limite da loucura. *Se não conseguem, então só pode significar…*

— Não sei — disse Lorraine, sua expressão preocupada indo de Quinn para Dominicus. — Lazarus só nos disse que precisava testar sua magia, mas não disse como.

Quinn engoliu em seco e desviou o rosto. Ela tinha entrado na fonte sabendo o que poderia acontecer. Não o culpava pelo resultado porque, no

fundo, sem sombra de dúvida, Quinn sabia que ele também a salvou, apesar do que ele havia dito antes. A dor tinha se tornado demais e, quando ela não conseguiu mais aguentar, por fim cedeu às águas. Então, de alguma forma, seu corpo foi puxado para fora e trazido de volta. O resto era um tanto nebuloso, mas essas memórias ainda estavam à espreita, assim como a voz dentro dela.

— O que é você? — sussurrou Quinn.

— Com quem você está falando…? — começou Lorraine, mas Quinn ergueu a mão para silenciá-la.

Eu sou o medo, respondeu a voz, repetindo o que havia lhe dito antes. *E você é a minha mestra.*

Quinn se afastou de Lorraine, parando de frente à janela com vista para a floresta e dizendo:

— Mas esse não é o seu nome. Como posso te chamar?

— Quinn, o que você…?

Eu não tenho um nome. Tive uma vez, mas faz muito tempo desde que o Deus que me criou o proferiu.

Quinn ponderou aquelas palavras, ignorando a tagarelice de Lorraine enquanto levantava as mãos e erguia as mangas. Uma cauda roxa grossa envolvia seu pulso e circulava seu braço. Era o corpo de uma cobra, e a criatura se moveu. Quinn ergueu a mão e se virou para Lorraine.

— Sabe o que é isto? — perguntou, a voz tomada por uma calma mortal.

Os olhos de Lorraine se arregalaram e Quinn se voltou para Dominicus, que parecia igualmente sem palavras.

— Tenho um pressentimento do que seja — disse Lorraine, por fim.

Quinn concordou com a cabeça.

— Lazarus fez algo comigo, não fez? — perguntou. Não era bem uma acusação, mas uma demanda por respostas.

— Eu… — Lorraine parou quando o próprio homem feito de sombras surgiu através da porta onde Dominicus estava. O guarda se afastou sem dizer uma palavra para deixar Lazarus passar. Draeven veio logo atrás.

— Quinn — disse Lazarus, em uma entonação lenta.

Os olhos de Quinn brilharam quando a cauda da cobra começou a se separar de sua carne.

— O que aconteceu comigo, Lazarus? — perguntou quando a serpente escorregou por completo dela, se enrolando em torno de seu corpo.

O peso repentino da cobra enrolada a um braço, por cima do ombro e descendo pelas costas era mais do que ela esperava. Quinn tropeçou e a criatura que se chamava de “medo” saiu de debaixo de sua camisa, movendo-se para se colocar na frente dela e expandindo para mais do que o dobro do seu tamanho quando Lazarus e Draeven avançaram um passo. Se para ajudar ou não ela não sabia, o que significava que a cobra também não. O animal os encarou em advertência.

— Diga ao basilisco para se afastar — ordenou Lazarus em vez de responder a ela.

Quinn tropeçou na lateral da cama, colocando a mão na parede para evitar cair. Gostasse ou não, ela ainda estava fraca por causa da fonte.

— Como você sabe que eu posso falar com ele? — Quinn recuou, passando a mão suada pela camisa amassada antes de esfregar os olhos. Uma ponta grossa de uma cauda envolveu seu tornozelo e ela piscou. A cobra roçava nela, quase de maneira carinhosa.

— Não se preocupe, mestra. Eu vou te proteger.

Lazarus olhou para ela, depois para a cobra, como se quisesse deixar clara sua opinião quanto ao assunto. Lorraine, que antes estava a apenas alguns metros dela, recuou, assim como Draeven. Embora pudessem ter se acostumado com Quinn, parecia que o basilisco, como Lazarus se referiu a ele, era demais para os dois.

— Ele acha que sou sua mestra — disse Quinn através de um suspiro cansado. — Por que ele pensa isso?

— Porque você é — disse Lazarus, em um tom exasperado.

Quinn estreitou os olhos para ele e a criatura percebeu o movimento, crescendo em tamanho mais uma vez até que toda a largura de seu corpo pressionou contra as pernas dela e soltando um sibilo.

— Concordo com a cobra — disse Quinn, endireitando-se e se afastando da cama.

— Algo aconteceu quando você entrou na piscina e precisei usar o basilisco para salvá-la. A pedra arrancou a alma da criatura e agora ela reside em você. Para todos os efeitos, você é a mestra dele — rosnou Lazarus, o músculo de sua mandíbula pulsando.

As palavras que o basilisco havia dito voltaram à sua mente. *Você estava morrendo… nós dois estávamos.* No entanto, de alguma maneira, ambos sobreviveram.

— Espere um pouco. — Quinn sacudiu a cabeça. Sua mente se prendeu à única informação a qual ela tinha certeza de que Lazarus não queria que ela notasse. — Você *usou* o basilisco? Como? Você é um domador de bestas…?

— Não — Lazarus a interrompeu.

Um arrepio tomou conta dela, uma amostra daquele vento errante que acariciou seus ossos semanas atrás, no dia em que se conheceram. *Se ele não é um domador de bestas, mas pode controlar um basilisco, então o que ele é?*

— Esta não é uma conversa que eu queira ter aqui, Quinn — avisou. Os olhos de Lazarus se voltaram para a janela aberta atrás dela e Quinn compreendeu. — Precisamos conversar sobre o que aconteceu e vou responder às suas perguntas, mas primeiro precisamos sair destas montanhas.

Ela esperou. Todos o fizeram, tensos enquanto o basilisco erguia a cabeça, esperando um comando dela, pronto para atacar. A exaustão em seus ossos era profunda e, apesar de suas desconfianças, Lazarus a salvou e a carregou montanha abaixo.

— Completará uma semana em dois dias. Espero minha resposta quer estejamos fora das montanhas ou não — respondeu Quinn, dando um passo ao lado da cobra.

— Tudo bem, mas diga ao basilisco para se afastar e, como está se sentindo bem o suficiente para ser um pé no saco, desça as escadas e monte no cavalo. Vamos embora agora.

Lazarus se virou e caminhou até o alçapão, deslizando para baixo antes de desaparecer por completo. Como uma unidade, Draeven, Lorraine e Dominicus se viraram para olhar para Quinn e para a cobra, a criatura se envolvendo em sua forma trêmula. Quinn resistiu até Lazarus partir, mas seu corpo não aguentou muito mais. Embora pudesse estar acordada e capaz de se mover, não seria capaz de treinar por um tempo ainda. Até Dominicus, cujos

olhos azuis eram sempre tão penetrantes quando a observava, suspirou e balançou a cabeça.

— Você é incrível, garota. Devo admitir isso — disse ele, afastando o cabelo castanho-claro do rosto.

— As coisas seriam muito mais fáceis se ele não guardasse segredos. — Quinn suspirou, arrastando-se para a cama e notando entorpecida como o basilisco se enrolou em sua cintura e encolheu outra vez de tamanho.

Passos suaves se aproximaram e Lorraine se ajoelhou devagar aos seus pés, uma xícara fumegante na mão.

— Beba isto — disse ela. — Vai te ajudar a recuperar suas forças mais rápido.

— Você pode não querer fazer isso… — Draeven começou quando Quinn pegou a xícara e a bebeu de uma só vez. Seu peito estremeceu e ela soltou uma tosse estridente.

— O que tinha nisso? — resmungou. — Veneno?

— Remédio — respondeu Lorraine, sorrindo e pegando a xícara.

— Que é a mesma coisa — disparou Draeven do outro lado da sala, de onde a observava com hesitação.

— Você tem medo dele, não é? — perguntou Quinn, acariciando as lustrosas escamas malvas. Ela gostou da sensação.

— Err… — Draeven inclinou a cabeça de um lado para o outro. — Não sou fã de criaturas que podem me comer ou, no caso dessa, me matar com uma mordida.

Quinn balançou a cabeça com uma ligeira elevação no canto dos lábios.

— Vai conseguir andar em um cavalo esta tarde? — perguntou Draeven.

— Não tenho escolha, tenho? — Quinn suspirou e o ligeiro sorriso abandonou seu rosto. Draeven assentiu, a compreensão brilhando em seus olhos violetas.

— Lazarus não vai dizer isso, mas ele tem uma boa razão para partir hoje — contou, enquanto Lorraine se movia ao redor dela para começar a arrumar os pertences das duas.

— Ele sempre tem — respondeu Quinn.

— Sim, bem… — Draeven desviou o olhar de seus olhos afiados e cristalinos. — Me avise se precisar de uma pausa e verei o que posso fazer.

Com isso ele desapareceu, seguido por Dominicus, que gritou lá de baixo:

— Está na hora!

— Estamos indo! — Lorraine gritou em resposta, virando-se para dar a Quinn um sorriso simpático. — Você sabe como colocar a cobra de volta?

Quinn empalideceu.

— Eu… — Fez uma pausa. — Suponho que poderia apenas pedir.

Desta vez, Lorraine, que os deuses a abençoassem, não olhou para ela como se estivesse louca – apenas sorriu e assentiu, encorajando-a da única maneira que sabia.

— Por que não tenta? — sugeriu, dando um passo para trás.

Quinn assentiu e se virou para a cobra.

— Precisamos partir agora. Você pode… hum… voltar…? — Hesitou em dizer *para debaixo da minha pele,* mas o basilisco pareceu entender. A cabeça da criatura deslizou sob a bainha da camisa, a língua roçando de leve sua barriga antes que a cobra se dissolvesse sob sua pele. Quinn estremeceu quando arrepios irromperam em seus braços.

Você está bem?, o basilisco perguntou em sua mente. Quinn assentiu sem perceber que talvez a criatura não entendesse caso ela não falasse. *Posso ouvir seus pensamentos, jovem. Palavras não são necessárias.*

Entendo, pensou ela, testando. O sibilar baixo e rouco de prazer a surpreendeu. Parecia quase uma risada. *Você disse que não tem um nome, mas acho que se vamos ficar juntos agora, então talvez precise de um. Posso chamá-lo de Neiss?*

Houve uma pausa enquanto a cobra parecia considerar seu pedido.

Eu gostaria disso, respondeu.

Quinn sorriu e se levantou. Lorraine continuou lançando olhares desconcertantes conforme desciam a cabana e caminhavam até o grupo que as

aguardava. Quatro cabeças – Lazarus, Draeven, Dominicus e Vaughn à espera – se viraram em sua direção.

— Está pronta, loba? — perguntou o último.

Ela olhou para Lazarus, parado de boca fechada e orgulhoso, segurando as rédeas de Bastian.

— Estou pronta — disse, e desta vez, estava certa disso.

Capítulo 31

Compulsão da veracidade

"O medo não teme a si."

– Quinn Darkova, vassala da Casa Fierté, dobradora de medo e Mestra de Neiss.

As costas de Quinn doíam e sacudiam a cada batida dos cascos do cavalo. As árvores ficaram mais grossas ao redor deles antes de se tornarem mais espaçadas e, ainda assim, não tinham saído das montanhas. Lorraine não exagerou quando disse que levaria dias.

À frente, Lazarus e Vaughn pararam os cavalos devagar e Lazarus gritou:

— Faremos uma pausa aqui para descansar!

Quinn foi colocada de volta na montaria com Lorraine. Quanto mais tempo passava, mais dolorida ela se sentia, o que significava que sua paciência com as pessoas também estava cada vez mais por um fio, em especial com Lazarus. Ele manteve uma indiferença extrema desde que partiram de Cisea, sem trocar palavras ou olhares maliciosos com ela.

Em parte, isso teve a ver com Draeven e Dominicus estarem nervosos com Neiss. Tinham medo do basilisco, enquanto Lorraine, se temia, não demonstrava, o que, junto ao seu silêncio, já era um bom começo para aumentar a tolerância de Quinn para com ela. Lorraine não murmurou uma palavra de decoro ou boas maneiras por todo o caminho, embora seus lábios tivessem se contraído quando Quinn deslizou pela lateral do cavalo sem a menor graciosidade.

Dominicus, Lorraine e Draeven levaram os cavalos para um lado enquanto Lazarus e Vaughn conversavam em voz baixa. Era óbvio que Lazarus

estava descontente com o acordo de Vaughn se juntar ao grupo, mas ele dependia do guerreiro ciseano para obter informações nas montanhas. Quinn teve a impressão de que não era a primeira vez que Lazarus fazia aquele caminho, embora ele não tivesse o mesmo tipo de compreensão íntima de quem era criado lá. Apenas alguém com tal conhecimento poderia navegar por essas florestas sinuosas no tempo necessário.

— …outro passeio de um dia inteiro antes…

— Lazarus — disparou Quinn ao se aproximar, interrompendo o que quer que Vaughn estivesse dizendo. Vaughn se virou e a encarou concentrada em Lazarus. — Precisamos conversar.

— Agora não — respondeu ele, sem olhar para ela.

— Ah, sim, agora. — Estendendo a mão, Quinn agarrou seu braço. — Não gosto de ser ignorada, Lazarus. Vamos conversar e será *agora*. Esperei os dois dias. Seu tempo acabou.

O silêncio caiu sobre o grupo. Quinn não precisava olhar para trás para saber que todos haviam parado o que estavam fazendo. Quase podia sentir cada um dos olhos fixados nela. Quinn não se importou: aquilo era importante. Lazarus precisava saber que ela não recuaria e deixaria que ele adiasse a conversa. Ela já a havia deixado de lado durante toda a dura cavalgada, parando somente para breves períodos de descanso, comida e sono, apenas para começar tudo de novo. Nem uma vez ela reclamou apesar do cansaço que a atormentava. Nem uma vez pediu uma pausa, mesmo quando as cólicas se tornaram tão intensas que ela achou que desmaiaria. Quinn apenas se inclinara para a frente e descansara em Lorraine, rezando aos deuses para que a fraqueza em seus ossos a deixasse.

Aquele era o dia. Naquele momento, ela exigiria suas respostas e ele as daria.

Lazarus a encarou com um olhar frio e distante. Um momento de silêncio se estendeu entre eles antes que ele assentisse e se voltasse para Vaughn.

— Nos dê um momento.

Vaughn franziu a testa entre os dois, mas obedeceu e se afastou, indo ajudar Draeven com a fogueira. Lazarus voltou toda a força de seu olhar, bem desaprovador, para ela. Quinn soltou o braço dele, virou-se e caminhou para as árvores. Sabia que ele a seguiria e, um momento depois, ouviu o som revelador

de suas botas esmagando folhas secas.

Quando Quinn sentiu que já tinha ido longe o bastante, ela se virou e encarou o homem que a atraía tanto quanto a frustrava. Havia sentimentos sombrios em seu peito quando se tratava de Lazarus. Havia também coisas menos intensas, embora não fossem tão *menos* intensas assim. Tudo acerca de Lazarus era um mistério. Um homem partido em tantos pedaços que ela tinha apenas começado a juntar esses fragmentos.

— Quero respostas — demandou Quinn, cruzando os braços.

— Faça sua pergunta, então — disse Lazarus, parando alguns metros diante dela.

Quinn olhou para ele e depois baixou os braços. Começou a circulá-lo, movendo-se de maneira despreocupada. Ao menos pareceria assim se não fosse pela maneira predatória como observava a reação de Lazarus… ou melhor: a falta de uma.

— O que você está fazendo? — ele exigiu saber quando ela não fez sua pergunta de imediato.

Quinn se perguntou se isso o estava afetando. Esperava que sim. Afinal, Lazarus a afetava de maneiras que ela não queria admitir.

— Debatendo — respondeu Quinn, em um tom seco.

— E, por favor, diga, o que está debatendo?

— Essa é a sua pergunta?

— Essa é a sua?

Quinn parou quando voltou a ficar na frente dele, desta vez perto o suficiente para sentir o cheiro do suor e sujeira em sua pele.

— Você me salvou — afirmou ela.

— Isso não é uma pergunta. — A mandíbula de Lazarus endureceu.

— Você foi até a fonte e me puxou de lá — continuou Quinn. — Pelo que ouvi…

— Pelo que você ouviu? — repetiu, estreitando os olhos.

— Você não deveria ter feito isso. — Quinn revirou os olhos e acenou com a mão, ignorando de propósito a pergunta. Adorou a maneira como o

músculo em sua mandíbula se movia com frustração. — A fonte não permite que duas pessoas entrem ao mesmo tempo e saiam vivas, exceto que eu sobrevivi… e você também.

— Está tentando chegar a algum ponto? Uma *pergunta*?

— Quero te perguntar o que pelo reino das trevas aconteceu no topo daquela montanha… na fonte — disse Quinn.

— Se essa é a sua pergunta, então eu seria obrigado a…

— Mas tenho uma pergunta mais importante a fazer — disparou Quinn, interrompendo-o.

Lazarus congelou quando a mão dela se ergueu e seus dedos passaram pelo meio de seu peitoral. Mesmo delirando e queimando de febre, Quinn tivera a sensação de que sua visão de Lazarus sem a túnica fora real. Mais real do que aquele sonho… ou melhor, "não-sonho" que teve com ele. Lazarus cerrou os dentes e isso a fez querer sentir a pele de sua mandíbula, tocar o músculo e a força ali, e se maravilhar com isso.

— Faça. Sua. Pergunta. — Ele sibilou as palavras como se fossem dolorosas.

— Farei a minha pergunta… — começou ela. — E desta vez você não vai me dar uma maldita resposta evasiva, entendeu? — Seus olhos cristalinos encontraram o olhar sombrio dele. Ele acenou com a cabeça uma vez. — O que é você?

Lazarus devolveu o seu olhar e Quinn pôde sentir o mundo inteiro desaparecer – a floresta, o chão, os sons suaves de seu grupo à distância montando um acampamento temporário. A respiração dela suavizou. Sua frequência cardíaca acelerou. Finalmente ela teria essa resposta. Ela saberia.

— Deseja saber o que eu sou? A que tipo de Maji você se ligou pelos próximos cinco anos? — repetiu ele. Quinn não respondeu. Ele já sabia que era essa a sua vontade. — Tudo bem.

A mão de Quinn caiu quando Lazarus se aproximou e seus pequenos seios encostaram no peitoral dele. Quinn manteve o olhar fixo no dele. Lazarus se inclinou para perto, a boca a poucos centímetros de distância de sua orelha quando os lábios se separaram e a respiração quente roçou sua pele, enviando arrepios pela espinha.

Quinn podia sentir Neiss deslizando sob sua pele, mas a criatura não farejou nenhum perigo e voltou a cair no sono, a presença recuando para o fundo de sua mente.

— Eu sou aquilo do qual as pessoas criam lendas, pequena dobradora de medo — sussurrou. — Sou aquele que consome os vivos. Sou um devorador de almas.

Toda a respiração escapou de seu peito. Quinn piscou com força quando sua boca se abriu e Lazarus se afastou bem devagar para mais uma vez encontrar seu olhar. Sua garganta estava seca. Seus olhos, arregalados. Uma dormência se estendia e pinicava ao longo de seus membros.

— Um devorador de a-almas?

Mesmo quando morava em N’skara, um dos principais lugares para aprender sobre todos os tipos de Majis, os devoradores de almas só eram comentados em sussurros abafados. Eram mitos… lendas, como Lazarus disse. Não eram reais. Pelo menos ela não achava que fossem. Não até aquele momento.

— Sim — respondeu Lazarus, num tom sombrio. — Está com medo de mim agora?

Quinn controlou seu choque e ergueu a cabeça.

— Essa é a sua pergunta para mim?

Lazarus assentiu uma vez, mantendo sua expressão estoica e impassível.

Aproximando-se ainda mais para que seu peito voltasse a pressionar contra o dele, Quinn se ergueu na ponta dos pés e apoiou uma mão no ombro dele, sussurrando:

— Eu *sou* o medo. — O músculo na mandíbula de Lazarus pulsou quando a respiração dela o atingiu, fazendo-a sorrir com malícia. — Não tenho nada a temer.

Com isso, Quinn se afastou, trombando em seu ombro, as pontas de seu cabelo lavanda agora se erguendo com um leve vento enquanto se afastava. A raiva fervia em suas veias. Devorador de almas ou não, Lazarus deveria ter revelado antes. Isso explicava muita coisa… inúmeras. O silêncio dele podia não afastá-la, mas nada a impedia de ficar brava com ele. Quinn parou à beira da clareira escondida quando Lazarus falou mais uma vez:

— Suponho que saiba que divulgar essa informação anulará seu contrato comigo e as proteções que ele oferece — afirmou de maneira sucinta.

Quinn se virou e arqueou uma sobrancelha para ele.

— Tinha a impressão de que você já me conhecia o suficiente para saber que eu não faria isso — respondeu. — Sou uma dobradora de medo, não um canário.

Lazarus relaxou os ombros.

— No entanto… — disse ela. Os ombros dele ficaram tensos mais uma vez. Ver Lazarus assim, nervoso, divertia as partes sombrias e depravadas de sua alma, mesmo que apenas por um momento. — No futuro, pode ser conveniente que você compartilhe detalhes importantes como esse, ou o escopo completo de suas intenções e ações no que me diz respeito. Não posso contornar direito sua estupidez se você não me informar.

Lazarus ainda estava boquiaberto quando Quinn se virou e se afastou.

Capítulo 32

Intuições fantasmas

"As emoções são bestas inconstantes, indomáveis até mesmo para o mais poderoso dos mestres."

– Lazarus Fierté, Maji sombrio, herdeiro de Norcasta e devorador de almas.

Quinn mal falava com ele há dias e as vozes o estavam enlouquecendo. A última conversa deles passou por sua mente. Nem mesmo Draeven havia ousado falar com ele daquela maneira. Caso contrário, Lazarus o teria arrastado pela lama com seu próprio cavalo. Seria o mesmo para qualquer outro, homem ou mulher. No entanto, não podia fazer nada além de observar enquanto Quinn se afastava. Uma mulher como ela faria dele o maior rei da história do continente siriano, ou seria a morte dele.

Mal sentia falta da presença do basilisco, ainda mais quando o mero cheiro de Quinn deixava as almas que ele mantinha dentro de si tão atraídas que se debatiam e agitavam a cada minuto que ela não estava por perto. Quando estava, eram outros impulsos, os mais sombrios, que o instigavam. As últimas palavras dela ainda ecoavam sem parar em sua mente todas as noites em que acampavam, e ela apenas cuidava de seus afazeres, sem nem prestar atenção nele. Lazarus a respeitava por isso, embora fizesse sua crescente necessidade por ela piorar.

Sentia uma fome em suas veias que o deixava inquieto, quase como se seu predador interior estivesse desejando uma caçada selvagem – exceto que a presa que tanto queria ele não podia consumir. Por mais que gostasse da ideia de ter Quinn sob seu controle, *jamais* a quereria dessa forma, como uma criatura irracional sem desejos próprios. Seria isso o que ela se tornaria se ele consumisse sua alma, e mesmo que essa fosse sua intenção, Lazarus duvidava que

sobreviveria ao processo. Não, seu desejo real era bem pior, e vê-la treinar com o *garoto* matava uma parte dele.

— Ele é habilidoso — comentou Draeven ao seu lado.

Ambos estavam parados do lado oposto ao renque de árvores da qual Quinn insistiu que ela e Vaughn praticassem, sem dúvida querendo escapar de seus olhos sempre atentos.

— Ele é — concordou Lazarus, a contragosto, enquanto o guerreiro a circulava, a alabarda na mão.

Os olhos de Quinn estavam com uma venda desta vez, e quando Vaughn balançou a arma na direção de sua cabeça, Lazarus precisou lutar contra as almas que reagiam com uma indignação veemente. No entanto, Quinn não precisava da ajuda dele.

— Pelos deuses — murmurou Draeven quando Quinn pulou, torcendo o corpo no ar para lançar o pé na mão em que Vaughn segurava a alabarda.

O ciseano se encolheu, soltando a arma no instante em que Quinn pousou, girando sobre uma perna e dando a si o espaço que precisava para levantar a outra. Ela o atingiu na garganta com força suficiente para fazer o guerreiro cambalear – tudo sem usar os olhos.

— Mas não é bom o suficiente, ao que parece — apontou Lazarus, com bastante satisfação. Um sorriso malicioso puxou seus lábios, observando-a voltar para a posição inicial, ainda sem remover a venda.

— Não tenho certeza se um homem seria suficiente para lidar com aquela mulher — murmurou Draeven.

O sorriso desapareceu do rosto de Lazarus antes que seu braço esquerdo pudesse vê-lo. Ele tinha pensamentos muito diferentes quanto a esse assunto, mas não estava disposto a divulgá-los a ninguém, nem a Draeven.

— Ela é cruel, mesmo durante um treino — continuou Draeven. — Não sei se percebe que pode matá-lo de verdade a qualquer momento.

— Se ela o quisesse morto, ele estaria — retrucou Lazarus, nem um pouco preocupado.

De qualquer maneira, Quinn gostava muito do garoto, mesmo que boa parte da demonstração não passasse de fingimento para o irritar, Lazarus estava certo disso. Teria posto um fim a essas pequenas sessões se fosse algo mais.

O ciseano se moveu de novo, arrastando a ponta da alabarda a quase dois metros de distância atrás dele, em uma tentativa de enganá-la. Quinn se levantou, puxando o bastão que havia ganhado de Siva, as costas ficando retas como a própria arma. Suas mãos se moveram, e ele percebeu que andava praticando quando ela encontrou o entalhe no bastão e a segunda metade da arma se projetou para fora. Quinn começou a girá-la entre as mãos e Lazarus semicerrou os olhos.

Vaughn ficou parado, erguendo a alabarda do chão em silêncio, apenas para lançá-la no topo da cabeça de Quinn. Ou melhor, tentar.

O propulsor ganhou impulso suficiente para que o gancho na extremidade se prendesse, desviando do corpo de Quinn e escapando do alcance de Vaughn. Ela fez o bastão parar de maneira abrupta, pisando com a bota na ponta da arma, apenas alguns centímetros abaixo da mortal ponta curvada de metal.

— Não tinha como ela ter parado esse golpe sem saber onde ele estava — comentou Draeven.

— Talvez ela o tenha ouvido — observou Lazarus.

— Não com ele arrastando a alabarda atrás, não seria possível. Essa é a primeira vez que ele tenta isso e o movimento não a abalou nem um pouco. Ela está usando o campo de visão — constatou Draeven. Seu segundo em comando cruzou os braços e se inclinou para frente, apertando os olhos. — Mas não consigo ver a magia dela.

Interessante, pensou Lazarus. Podia ver os finos fios de medo e os passos cinzentos que ela deixava em seu rastro, mas nenhum campo. Presumiu que isso significava que ela não o estava usando ou já o havia colocado, embora Draeven não conseguisse ver nada. Isso o fez pensar.

Era possível que ela…? Não. Ele nem sequer ousaria considerar isso. Porém, não podia negar que o controle dela havia melhorado dez vezes.

Vaughn avançou na direção de Quinn, que se moveu com membros firmes, dando um passo para trás e lançando o bastão. O garoto o pegou entre as mãos apenas a um centímetro de seu rosto. Ambos permaneceram em um impasse, mas não por muito tempo. Quinn se virou para o lado, segurando o bastão com firmeza e se movendo para chutá-lo no peito. Vaughn percebeu e soltou uma das mãos na ponta do bastão para lhe agarrar a bota, segurando-a. Ele a forçou a se desequilibrar a empurrando de volta.

De alguma forma, o guerreiro não viu ou não ligou para a torção cruel dos lábios de Quinn e na maneira como sorriu ao cair. Suas costas bateram no chão com força, mas ela não se rendeu. Vaughn ainda segurava o pé dela, e ela usou isso para puxá-lo, tentando forçá-lo a cair em sua direção ou jogá-lo sobre a cabeça.

O guerreiro foi inteligente para soltar, mas não antes de perder o equilíbrio e o controle do bastão. Quinn passou a outra perna por baixo dele e Vaughn caiu ao lado dela. Ela rolou, trazendo o bastão de volta enquanto montava sobre a forma prostrada do garoto, então afastou as mãos e pressionou o bastão contra a garganta dele, segurando-o ali para bloquear sua respiração.

Vaughn conseguiu forçar algumas palavras roucas de seus lábios, que soaram muito como “misericórdia, minha loba”. Quinn sorriu, recostando-se e erguendo o bastão. Ela o colocou de lado e retirou a venda. Aquelas gemas cristalinas brilhavam com diversão e a adrenalina da luta.

— Você está bem aí, Laz? — perguntou Draeven.

— Estou. — Lazarus desviou os olhos de Quinn para seu melhor amigo, que o observava com certo prazer.

Seu braço esquerdo assentiu, embora, pelo tom, fosse óbvio que não acreditava. Draeven o olhou de cima a baixo, da inclinação do pescoço aos músculos tensos dos braços e, por fim, para os punhos cerrados com força, antes de falar:

— Odeio dizer, mas você mesmo causou isso. Quinn não é como seus pequenos caprichos passageiros. Você a trouxe com a intenção de fazer dela uma arma, e embora possa ser uma… ela é diferente. *Você* a vê diferente.

— Draeven, não estou com disposição para os seus…

— Estou ciente disso — respondeu o braço esquerdo, com um tom cortante. — Ela acordou em um estado frágil e você a empurrou… direto para *ele*. Então, faça o que fizer, não mate o garoto. Não só Thorne ficará chateado, mas o que é pior, ela também.

Lazarus cerrou os dentes, lutando para manter a boca fechada. Quinn não era a única a dominar seus pensamentos durante a travessia pela enorme região das montanhas ciseanas até Ilvas. Draeven, ao contrário dela, era a voz que controlava quando e onde ele devia escolher suas batalhas.

— Se o matar — continuou Draeven —, não limparei a bagunça. É você

quem vai lidar com ela caso enlouqueça e mande o basilisco atrás de alguém.

— Não vou matá-lo. — Lazarus suspirou.

— Bom, porque nunca te vi assim, e quando você fica imprevisível, pessoas tendem a morrer.

Eles mantiveram contato visual por um momento antes de Lazarus assentir e Draeven virar a cabeça de volta para a sessão de treino. A tensão entre eles se dissipou quando Quinn desmontou de Vaughn e levou a mão até a venda que agora pendia em seu pescoço, puxando-a de volta.

— De novo — ela comandou, e o garoto entrou em posição.

Lazarus e Draeven ficaram lá parados à medida que o sol baixava, desaparecendo no horizonte. Quando o céu mudou de cerúleo para cinza, e depois para o azul da meia-noite com apenas o olho de Leviatã para iluminar, Quinn enfim encerrou a sessão e começou a retornar para o acampamento. O garoto, Vaughn, ficou ali parado por alguns instantes e depois se virou, olhando para Draeven e Lazarus com olhos aguçados. Ele avançou, segurando sua alabarda com desleixo ao lado e atravessando a linha de árvores.

— Lembre-se do que você me disse — murmurou Draeven, virando-se para o acampamento.

Vaughn o observou partir, o rosto sem nenhum traço da diversão ou do brilho que ele tinha enquanto interagia com Quinn.

— Você observa a loba Quinn, mesmo quando ela não quer — disse o guerreiro. Seu norcastano ainda era travado, mas vinha melhorando aos poucos quanto mais tempo passava com eles.

— Eu observo todos os meus vassalos — respondeu Lazarus.

— Então sabe que ela mudou — disse o guerreiro. Seus olhos verdes pálidos observavam Lazarus com uma intensidade que poucos fariam. — A escuridão que existe nela cresce.

Lazarus franziu de leve as sobrancelhas, pressionando os lábios antes de dizer:

— O que exatamente isso significa?

O guerreiro desviou o olhar, engoliu em seco e olhou para o chão por um momento antes de voltar a encará-lo.

— Não sei — respondeu. — Mas eu… — Fez uma pausa, procurando as palavras. — Estou preocupado com ela. — Lazarus piscou, e Vaughn continuou: — Acredito que você também está.

Com isso, o garoto – o homem – se afastou, deixando Lazarus sozinho com seus pensamentos no ar fresco da noite, tentando entender o que acontecia com Quinn. Contudo, por mais que quisesse, não conseguia, assim como ela, mesmo que os sussurros dentro dele dissessem que algo não estava certo… que algo havia mudado.

Capítulo 33

A centelha da depravação

"O passado doloroso de uma alma torturada pode moldar o futuro de um homem com o desejo de ser bom."

– Quinn Darkova, vassala da Casa Fierté, dobradora de medo e Mestra de Neiss.

A escuridão havia caído depressa. Quinn enxugou o que conseguiu de seu suor e se sentou ao lado da lareira. Lorraine a esperava com tigelas de ensopado cheias de carne de coelho recém-capturado. Quinn pegou uma e voltou os olhos para a área ao redor. Na última semana, havia treinado por todos os minutos livres desde que deixaram Cisea e recuperou as forças. Lazarus sempre a observava, embora tentasse ficar longe o suficiente para que ela não o visse.

Homem estúpido, Quinn pensou consigo mesma. *Claro que te vejo*. Sempre o via, porque mantinha o campo de visão como companheiro constante. Por dias, houve algo em sua visão periférica que a deixou nervosa, mas quando deu uma abocanhada no ensopado e se virou para onde Vaughn e Draeven atravessaram as árvores, notou que Lazarus parou um pouco afastado e fez sinal para que Dominicus se juntasse a ele.

Nenhum dos dois lançou um olhar para o fogo ou para as pessoas ao redor enquanto desapareciam mais uma vez além das árvores. Quinn se perguntou se era a ausência imediata deles que a fez se sentir estranha, como se fosse pela vigia deles, ou se era apenas sua paranoia. Antes que pudesse pensar demais a respeito, Vaughn se agachou ao seu lado.

— Você se saiu bem, loba Quinn. Bom treino. Está se acostumando com o bastão — disse, sentando-se.

— Obrigada — respondeu ela, acenando com a cabeça. Em seguida,

Lorraine enfiou uma tigela e uma colher nas mãos de Vaughn.

— Concordo — comentou Draeven, sentando também. — Você parece ter dominado o campo de visão, disso tenho certeza.

— Sim. Acho que o treinamento está ajudando — falou Quinn de maneira vaga, levando a colher aos lábios. Essa não foi a única coisa da qual ela pegou o jeito.

Apesar de ter se empenhado, Quinn mal sentia o esforço do dia. Antes de Cisea, ficava sem fôlego e exaurida até os ossos quando encerrava um treino. Naquele dia, ela se esforçou além do que já tinha feito antes e ainda parecia que poderia se levantar e enfrentar outra rodada. Seus nervos, músculos e ossos vibravam de energia, e desde que melhorou da estranha doença se sentia melhor do que nunca.

A única coisa que ainda a incomodava era o ponto dolorido em seu abdômen, mesmo quando se sentava para jantar. Lembrou-se de ter verificado o local naquela manhã e encontrado algo escuro começando a se formar. Sabia que não era uma marca, mas também não tinha certeza do que mais poderia ser. Havia o contorno preto de um círculo com manchas daquela mesma escuridão rastejando em direção ao maior, mas não estava completo.

O grupo comeu em relativo silêncio, isso graças a Lorraine e seus comentários sobre o dia durante a refeição. Enquanto comiam, Quinn olhava para Draeven. Diferente dos outros, era provável que ele tivesse conhecimento quanto ao que o corpo dela estava passando, se o que ela suspeitava fosse verdade, mas como poderia perguntar a ele sem disparar nenhum sinal de alerta? Quinn mordeu o lábio inferior, observando-o em silêncio.

Com um suspiro, Draeven terminou o ensopado e pousou a tigela, erguendo a cabeça para encará-la. Era óbvio que ele estava ciente de seus olhares perspicazes; Quinn não era o tipo de pessoa que escondia seus atos sem uma boa razão. No momento, não tinha um bom motivo para esconder seu interesse, então apenas o encarou de volta, esperando que um deles, provável que ele, quebrasse o silêncio.

— O quê? — Draeven por fim cedeu.

— Só estou me perguntando uma coisa — admitiu, continuando a observá-lo.

— E o que seria?

Os olhos de Lorraine e Vaughn saltaram entre os dois.

— Você é um Maji, certo?

Enrijecendo, Draeven assentiu em resposta.

— Sou.

— De que tipo?

— Importa?

— Não, acho que não. — Quinn se mexeu e recostou num tronco próximo. — Só estou me perguntando como foi sua ascensão… Você já a teve, certo?

Os olhos de Draeven arregalaram e depois se estreitaram em confusão, como se conseguisse entender o porquê de ela levantar a questão.

— Sim, tive minha ascensão há vários anos.

Quinn mexeu a colher em sua tigela antes de movê-la para o lado e entregá-la a Vaughn, que a passou para Lorraine, antes de voltar sua atenção extasiada para os dois.

— Quando eu morava em N’skara — começou Quinn —, aprendi um pouco sobre isso, mas a maioria dos Majis que vivem lá são Majis de luz. Estou imaginando se é diferente com os outros. É por isso que perguntei que tipo de Maji você é.

Draeven se mexeu de novo, parecendo desconfortável ao responder:

— Cinza — disparou, como se a palavra em si tivesse sido forçada a sair de seus lábios.

— E como foi a ascensão para você? — perguntou Quinn, mantendo o rosto neutro, livre de quaisquer pistas ou sinais.

Draeven desviou o olhar, poupando Quinn da tarefa de manter sua fachada imparcial enquanto ela se virava por completo para ele e para longe de Lorraine e Vaughn.

— A ascensão é… difícil para qualquer Maji — começou Draeven. — Há muitos que não sobrevivem ao processo. Ou seu corpo é forte o suficiente para suportar todo o potencial de sua magia, ou não é.

Quinn concordou. Embora nunca tivesse testemunhado uma ascensão em

N’skara, tinha ouvido falar que alguns não conseguiram sobreviver. Aqueles que pereceram tinham sido fracos antes mesmo disso, seus corpos frágeis ou doentes.

— A ascensão age como algo que inflama uma chama, incendeia a verdade de uma alma. — Draeven virou o rosto para Quinn e seus olhos se perderam em algum lugar além dela, um que ela não podia ver. — É um processo doloroso. Alguns acreditam que é um teste dos deuses para ver se somos dignos de tal poder. — Draeven suspirou e se recostou, esticando o pescoço para olhar o céu noturno através das copas das árvores. — É por isso que há mudanças físicas na ascensão de um Maji.

— Mudanças físicas? — indagou Quinn, inclinando-se para a frente com atenção. — De que tipo?

Draeven arrastou o olhar para longe do céu e o fixou com curiosidade nela.

— Por que quer saber? — questionou, seus olhos se estreitando quando a suspeita enfim tomou conta de sua expressão.

Mantendo o próprio rosto impassível, Quinn encolheu os ombros.

— Já passei da idade da ascensão normal. Estou apenas curiosa. Creio que passarei por ela em breve.

Draeven a encarou por mais um momento antes de soltar uma pesada lufada de ar e voltar a olhar para as árvores e estrelas.

— Antes de eu ascender — começou ele, sua voz baixa —, eu não era muito grande.

Quinn arqueou uma sobrancelha, olhando para ele. Pelo canto do olho, viu que Lorraine também parecia confusa.

— Na verdade eu era uma criança bem pequena. Alguns podiam dizer até que eu era mirrado — continuou Draeven, ignorando o resto de sua audiência. — Uma noite, no final da minha adolescência, a ascensão me atingiu como um javali. Pensei que estava morrendo. A dor me despedaçou e me reconstruiu em um novo homem. Depois disso, meu corpo ganhou músculos como nada que eu, ou qualquer pessoa na minha aldeia, já tivesse visto. Num dia eu era pequeno como uma criança maltratada e faminta, e no mês seguinte pude correr e acompanhar homens que não haviam feito nada além de trabalho duro por toda a vida. Nos seis meses seguintes, minha altura disparou. Eu me senti invencível.

Seu tom poderia ter sido melancólico se não houvesse uma pontada cruel de animosidade cujo motivo Quinn não conseguia entender.

— A única diferença comigo — completou — foi que minha magia não começou a se formar de fato até o ano anterior à minha ascensão.

Quinn franziu a testa. Queria dizer que isso não era normal, mas a julgar pela expressão dele, Draeven já sabia.

— Sua ascensão foi difícil por causa disso?

Ela também era uma Maji de desenvolvimento tardio. Embora sua magia tivesse aparecido antes de qualquer uma de suas irmãs e ela estivesse brincando com seu poder há anos, também já tinha passado anos da idade normal em que um Maji entrava em sua ascensão.

Será que isso faria com que fosse mais doloroso? Talvez até…

— Durante a ascensão? — Os ombros de Draeven enrijeceram, puxando-a de volta ao presente. — Não. Minha família suspeitava do que eu era porque também eram Maji. Ao mesmo tempo, embora a magia corra no sangue, ela nem sempre escolhe os filhos de Maji. Às vezes, pode escolher os netos ou bisnetos. Minha mãe era uma mestra de poções, e meu pai um manipulador de luz. Eles sabiam o que esperar, e quando enfim comecei a mostrar sinais, mesmo que ainda não pudéssemos dizer o que eu era…

Draeven fez uma pausa, rangendo os dentes por um momento e inalando pelo nariz. Um forte pico de calor tomou conta do acampamento e Quinn teve certeza de que não vinha do fogo que morria aos poucos.

— Embora dolorosa, eu já sabia como a ascensão em si me afetaria — continuou após um momento breve, mas tenso. — Foi o que aconteceu depois que eu não esperava. — Draeven arrastou os olhos para longe do céu outra vez e o pousou em Quinn. — Diferente de você, não recebi minha magia até pouco antes. Não estava de forma alguma preparado para controlá-la. É por isso que você precisa aprender a controlar a sua o quanto antes.

Quinn abriu a boca para responder, mas foi Vaughn quem se inclinou para frente e falou em seguida:

— Você ainda não conhecia seu mestre?

Draeven virou a cabeça, piscando como se tivesse acabado de perceber que Lorraine e o ciseano ainda estavam presentes.

— Não. Lazarus não me encontrou até um ou dois anos depois.

— Um ano ou dois? Você não sabe? — Vaughn franziu as sobrancelhas.

Uma sombra escura caiu sobre Draeven quando ele se levantou e se afastou do fogo, encontrando sua esteira do outro lado da clareira.

— Os anos entre minha ascensão e o início do meu emprego com Lazarus estão eclipsados em minha mente — falou, sua voz pingando de escuridão. — Não me pergunte isso de novo.

A conversa morreu e Lorraine voltou a limpar a bagunça do jantar. Vaughn olhou para as costas imóveis de Draeven com um olhar concentrado e cheio de arrependimento. Quinn suspirou e alongou os membros. Se nada mais, a história de Draeven deu a ela outra dica.

Recostando-se nas palmas das mãos, ela fechou os olhos. Quando a escuridão da noite a chamou, Quinn deixou os tentáculos escorregarem de sua pele e deslizarem livres. Era quase fácil demais para ela formar o campo de visão. Não esperava encontrar nada, mas estava curiosa… Dominicus e Lazarus ainda não haviam retornado.

No entanto, o que viu em sua mente a fez enrijecer. Sem querer alertar Vaughn ou Lorraine, levantou-se devagar e se alongou de novo. Quando começou a chegar à beira da clareira, Lorraine a chamou, querendo saber para onde estava indo, e Quinn surpreendeu até a si quando mentiu sem nem sequer parar para pensar. Disse algo rápido sobre se aliviar antes de ir dormir e, depois de passar sob um galho baixo, se afastou.

Ah, sim… ela precisava se aliviar. Precisava aliviar a perversidade que crescia aos poucos em seu organismo, e suspeitava que Lazarus tinha exatamente o que ela necessitava.

Capítulo 34

Atormentador improvável

"Não são as palavras de um moribundo que expressam muito, mas seus olhos ao encarar o vazio."

– Lazarus Fierté, Maji sombrio, herdeiro de Norcasta e devorador de almas.

Lazarus apenas observava… esperando. Para variar, não eram as vozes das almas que ele devorou que o perseguiam, mas os inimigos que pensaram em matá-lo em seu sono.

— Tolos — murmurou para si.

Como se não fosse notar os oito homens que espreitavam nas sombras ao redor do acampamento. Ele os teria derrubado enquanto Quinn treinava, mas ainda estavam longe. Um deles poderia fugir se atacasse cedo demais, e com ele escaparia a notícia da mulher que Lazarus tentava manter em segredo. Não, precisava atraí-los. Deixá-los pensar que todos foram dormir. Precisava que o bando imaginasse que eram presas fáceis. Que *ele* era uma presa fácil. Então, quando menos esperassem, cortaria a garganta de cada um e os deixaria sufocar com o próprio sangue até a morte. Era exatamente isso que faria.

Acenou para Dominicus e seu mestre de armas adentrou a floresta sob o véu da noite. Sua silhueta furtiva entrava e saía das árvores, avançando muito além do que Lazarus podia ver, embora ainda sentisse sua presença. Captou cada uma das almas inimigas conforme o ex-mercenário se aproximava em silêncio e então despojava os homens de suas vidas. Não houve nenhum sussurro de suas últimas despedidas no escuro, nenhum grito de indignação. Apenas deixaram de existir – assim como os ratos deveriam ser tratados.

Um por um eles caíram e a presença de suas almas desapareceu… até que havia apenas três: Dominicus, seu alvo, e o desgraçado azarado que

alimentaria os demônios de Lazarus naquela noite.

Seguiu até o último, atravessando a floresta com o mesmo silêncio que seu assassino o ajudou a aprimorar anos atrás. *A escuridão era um vazio que ele conhecia bem,* Lazarus pensou ao puxar o espectro de sua pele.

A vil criatura já tinha sido um homem, um ladrão de raiva que enlouqueceu. Ele se matou, mas sua magia não estava pronta para retornar aos deuses, e um espectro nasceu. Uma criatura de dor que existia no entremundos, criada a partir da alma colhida de seu dono que não era forte o suficiente para conter toda a raiva que consumiu. Esse também tinha a capacidade de manipular as sombras e sentir o sofrimento alheio.

O que seria bem conveniente para Lazarus no momento, enquanto o envolvia em torno dele como uma capa e o levava para a escuridão. Animais se espalharam, incapazes de vê-lo, mas sentindo sua presença e a maldade do espectro, com sua maneira estranha de entender o que seus colegas humanos não conseguiam.

Como se para provar o seu ponto, o mercenário inimigo apareceu diante dele: um homem corpulento e musculoso. Era careca, com um cavanhaque escuro e bem cuidado. Lazarus não tinha visto o homem antes, o que significava que era novato ou incompetente demais para merecer atenção. Seu pressentimento dizia que era ambos. Poucos aceitariam um contrato para caçá-lo naqueles dias. Havia uma razão para tal, e ele planejava refrescar a memória de quem quer que os tivesse enviado.

Moveu-se como uma sombra, sua mão grossa e calejada já enrolada na nuca do homem antes que o tolo pudesse pronunciar uma palavra.

— Vamos dar uma volta — murmurou ao ouvido do suposto assassino. — Que tal? — O espectro se aproximou, alcançando o bandido enquanto ele tentava lutar antes de se dar conta de que seria inútil.

Com certo respeito, Lazarus notou que o homem não abriu a boca para implorar, suplicar ou chorar como muitos faziam quando capturados. Entretanto, ele encontraria sua morte de qualquer maneira. Os que mantinham sua palavra eram os mais difíceis de subjugar, então previu que aquilo não aconteceria de uma forma tranquila.

Lazarus olhou para as árvores e o céu, reconhecendo que, embora pudesse ser noite, havia outro se movendo das proximidades do acampamento em sua direção. Ele parou na clareira onde Dominicus o esperava.

Apontou o queixo em direção à floresta, ainda não reconhecendo a alma. Dominicus seguiu seu comando e partiu para as árvores assim que Lazarus empurrou sua presa de joelhos. O homem foi para o chão com facilidade e, quando o olhou nos olhos, Lazarus percebeu que ele sabia que sua morte estava chegando e tinha aceitado o destino.

Que revigorante, pensou.

— Você sabe como funciona — começou Lazarus. — Pode falar e ter uma morte rápida, ou prolongar isso e descobrir o quão desagradável posso ser. A escolha é sua. — Os lábios do homem se apertaram e ele baixou o olhar. Lazarus suspirou. — Que assim seja.

Ordenando que o espectro se afastasse, moveu-se para chamar uma besta diferente quando um baque e um xingamento roubaram sua atenção. Lazarus colocou uma mão em volta do ombro do homem e inclinou o corpo para ver Quinn avançando, seguida por Dominicus, que esfregava a mandíbula.

— Você tem um belo gancho de direita — grunhiu o guarda.

— Você apontou uma espada para a minha garganta, o que esperava…? — Quinn parou de falar quando o viu.

Seus olhos caíram e ela inclinou a cabeça, dando uma espiada no homem de quem ele precisava arrancar informações. Podia sentir a mudança nela – não era repulsa, mas algo bem mais interessante.

— O que está fazendo aqui, Quinn? — perguntou Lazarus.

Os olhos dela não deixaram o homem ajoelhado a seus pés enquanto caminhava lentamente até ele. Um certo brilho escuro tomou seu olhar.

— Quinn… — começou Dominicus, mais hesitante do que estivera há poucos momentos.

Tudo aconteceu rápido. Pelo canto do olho, Lazarus viu um lampejo de metal e se mexeu para desviar, sabendo que não conseguiria. Tinha se distraído demais com ela. Então Quinn fez o impensável.

Sua mão se contorceu e a escuridão avançou. Lazarus congelou, dando um passo para longe ao ver as gavinhas pretas como tinta enroladas no braço do homem. A adaga que o inimigo segurava caiu no chão, inútil, quando as gavinhas se apertaram e um som agudo encheu a clareira no momento em que os ossos do pulso quebraram.

— Você entrou na noite para matar um homem, sem saber o que o esperava. — Quinn estalou a língua, movendo-se em um ritmo lento e sinuoso.

Lazarus recuou um passo, tão incapaz de desviar o olhar quanto encantado demais para detê-la. Não tinha ideia do que Quinn planejava. Ela era imprevisível, mas algo naquele brilho em seus olhos dizia que um pedaço dela estava se ajustando, encaixando no devido lugar.

Seu cabelo cor de lavanda refletia o luar como se tivesse voltado a ser prateado. Quinn parou ao lado dele e se agachou, inclinando-se para a frente até que seu rosto ficasse a poucos centímetros do mercenário. Lazarus teve a impressão de que, apesar da dor que corou suas bochechas e da maneira como ele mordia o lábio, o homem poderia muito bem estar um tanto quanto hipnotizado por ela também.

— Lazarus, não sei se você deve deixá-la… — Dominicus parou quando Lazarus levantou a mão para silenciá-lo.

Ele tinha essa necessidade ardente de ver o que exatamente ela faria, esse desejo torturante, tão pervertido e errado em todos os sentidos. No entanto, não conseguia se importar.

— Diga-me — sussurrou ela —, do que você tem medo?

Sua voz tinha uma entonação assustadora, como se outra coisa a estivesse controlando, mas Lazarus sabia que não era o caso. Ele a tinha visto dessa forma apenas uma vez. Foi o que o atraiu para ela, no mercado.

— E-eu… — o homem de joelhos começou a falar. — Eu… — Estava tentando conter as palavras. Os segredos. Quinn sorriu como se soubesse disso e uma mão pálida acariciou a bochecha suja do homem.

— Está tudo bem — sussurrou, gentil. — Vou descobrir mesmo assim.

Ela torceu os dedos de leve e os tentáculos tangíveis do medo serpentearam pelo braço dele. O mercenário congelou, se de horror ou choque Lazarus não sabia dizer, mas foi preciso grande esforço para que ele desviasse o olhar de Quinn e o focasse nos tentáculos deslizando devagar sobre o ombro do suposto assassino, que sussurrou:

— Que magia sombria é essa?

Os ruídos de uma risada suave, tilintando como sinos de vento, espalharam-se pelo ar. O som deveria ter congelado o sangue de Lazarus em vez

de aquecê-lo. Os tentáculos rastejaram sobre o colarinho do homem e subiram pelo pescoço. Um verdadeiro terror começou a se enraizar. Quinn estalou a língua contra o céu da boca.

— Você deveria ter feito mais perguntas antes de vir atrás de mim e dos meus amigos, e agora pagará o preço.

As espirais de medo se entrelaçaram, roçando sobre a pele delicada entre o pescoço e orelha do mercenário. O peito do homem subiu e desceu com esforço conforme ele tentava, sem sucesso, se acalmar. Os fios escuros entravam aos poucos em seu ouvido e continuavam a se enterrar.

— Não — disse ele, contraindo o ombro. — *Por favor, não…* — Seu peito espasmou quando seus olhos começaram a revirar para trás antes de se fechar. — Não, não… — gemeu.

— Shh — sussurrou Quinn, os dedos enrolados no queixo dele. — Você não quis falar comigo. Agora já é tarde demais.

Era mesmo tarde, a julgar pelo sangue que passou a pingar e logo depois a escorrer de suas narinas. Ele soltou algo entre um gemido e um grito, o barulho nascido de uma dor indescritível. Quinn apenas piscou, nem um pouco afetada.

— Ahhh — murmurou ela. — Você tem sido um garoto mau, Gadmor. Muito mau.

Os lábios dele se separaram e o som de choro que escapou só a fez rir mais.

— Par… — Ele não conseguiu nem terminar a palavra antes do seu corpo começar a se debater. As unhas de Quinn perfuraram a carne de seu queixo, forçando sua cabeça a permanecer imóvel.

— Você gostaria de contar a eles? — perguntou Quinn. — Ou eu devo contar?

A única resposta que ele podia dar era um som de engasgo soluçado quando o sangue começou a vazar de seus ouvidos.

— Vão… m-matar e-eles — gaguejou, seu corpo convulsionando.

Quinn revirou os olhos e soltou o rosto dele. O corpo do homem se afastou e caiu em uma pilha de membros se contraindo.

— Eu sei — murmurou Quinn, os primeiros sinais de clareza entrando

em sua voz. — Mas você sabia o que estava fazendo quando decidiu vir para esta floresta. Agora, serão sua esposa e filho que precisarão arcar com as consequências do seu fracasso. — Sua voz passou de uma gentileza falsa e brincalhona para dura e clara como a pedra Servalis na bolsa de Lazarus.

Quinn se levantou e estendeu a mão. Os tentáculos de medo rastejaram de volta, saindo pela outra orelha e deslizando sobre o que restou do homem, agora caído e gemendo. Eles flutuaram no ar, pousando na pele de Quinn antes de afundar nela. Só então alguém falou:

— Não seremos capazes de interrogá-lo agora… — começou Dominicus. Seu tom estava carregado de frustração, mas os olhares cuidadosos na direção de Quinn significavam que não queria pressioná-la quando ela estivesse assim, não importando as consequências.

— Você não vai precisar — respondeu ela. — Ele temia por sua esposa e filho. Gadmor era um homem desesperado que não podia sustentar a família, então trocou tudo o que tinha para dar: a própria vida. — Suas mãos caíram para os lados e ela as cerrou em punhos. — Ele e os outros sete não vieram para matá-lo, embora não fossem hesitar em fazê-lo caso tivessem a chance. Vieram para distraí-lo, para que a verdadeira ameaça tivesse tempo de nos encontrar antes de chegarmos a Tritol… — Quinn fez uma pausa. — E antes que pergunte, não, eles não receberam o nome de quem os enviou. Quem quer que fosse teve o cuidado de não deixar rastros.

Lazarus xingou, mas tudo o que Quinn fez foi dar meia-volta e seguir para o acampamento.

— Precisamos partir. Agora. Só assim teremos chance de atravessar o resto de Ilvas antes que nos encontrem — disse ela sobre o ombro.

Dominicus cortou a garganta do homem em agonia e se virou para Lazarus.

— Não sei o que está acontecendo com ela, mas isso não é normal. Precisamos tratar desse assunto quando chegarmos a Tritol. Não sei se trazê-la para Nor…

— Vamos conversar, mas, por enquanto, ela está certa. Precisamos ir — disse Lazarus, antes de segui-la para a escuridão… onde ambos pertenciam.

Capítulo 35

À medida que o sol nasce

"Aquele que não precisa portar armas já é uma."

– Lazarus Fierté, Maji sombrio, herdeiro de Norcasta e devorador de almas.

Bastian carregava seu mestre e Lazarus se inclinava para frente sobre o pescoço do cavalo, incitando a besta a ir cada vez mais rápido. Haviam cavalgado por horas durante a noite. Mesmo para um cavaleiro experiente era um ritmo difícil de manter. Podia ouvir o arfar dos outros e, embora lutassem para manter o passo, nenhum deles disse uma palavra de reclamação. Seus companheiros também podiam sentir a crescente urgência como se os lobos das sombras do reino das trevas estivessem em seu encalço, prontos para rasgar seus corpos membro a membro e se banquetear em sua carne.

A paisagem se transformou enquanto cavalgavam, mudando de passagens estreitas através das florestas para planícies abertas. O renque de árvores ainda se estendia ao lado deles conforme as estradas se alargavam, obviamente construídas para carroças e carruagens, não cavaleiros solitários. Lazarus notou que Quinn cavalgava tão duro quanto os outros. Suas habilidades de montaria evoluíram significativamente desde o primeiro encontro, tanto que Lorraine estava agora ao lado, cavalgando com Dominicus.

Sua mais nova vassala com certeza havia mudado muito. Quando a conheceu, Lazarus pensou que Claudius já estava louco por pensar que uma Maji tão pequena e inexperiente poderia ser aquela que construiria ou arruinaria o seu império. Agora, no entanto, via algo diferente nela. Uma escuridão havia emergido, uma que ela abraçou por completo.

Do outro lado das planícies o sol começou a nascer devagar, sangrando os céus com o novo dia e fazendo a noite recuar. A terra se espalhava pelo

horizonte, além da planície, e o oceano se chocava contra penhascos distantes. O ar estava denso com o cheiro de sal e mar.

Se tivessem demorado como os viajantes em geral faziam, poderiam ter levado mais um dia inteiro para chegar. Estavam se aproximando, e não demoraria muito mais.

— Lá! — gritou Draeven. — Estou vendo!

Lazarus virou a cabeça e notou que ele estava certo. A capital de Ilvas se ergueu, uma única cidade brilhante ao longo das terras planas que faziam fronteira com a borda do oceano e a larga foz de um rio.

Tritol era a joia de Ilvas, com telhados de cobertura dourada e amplos edifícios com pilares, todos cercados por uma parede de arenito destinada a proteger a cidade dos saqueadores de terras. Lazarus cutucou Bastian com o calcanhar, acelerando um pouco mais o cavalo.

— Quando chegarmos à cidade, quero que pegue os outros e encontre alojamento. Vou direto me encontrar com Imogen — avisou.

— Vou acompanhá-lo. — Draeven virou a cabeça para o lado.

— Não. — Lazarus voltou a olhar para a frente mais uma vez. — Quinn vai me acompanhar.

— Mas…

— O que é aquilo?! — A voz de Dominicus se ergueu acima do bater dos cascos de seus cavalos na terra.

Draeven e Lazarus examinaram o horizonte em busca de qualquer coisa que ele tivesse visto. Adiante, cavalgando em direção a eles em um ritmo mais calmo, havia um pequeno batalhão de soldados ilvasianos vestidos de branco e azul. Lazarus ergueu o corpo e Bastian desacelerou.

— Devem ter recebido sua mensagem — disse Draeven, lançando um olhar ao mestre. Não havia como disfarçar a pequena sugestão de alívio na voz do homem.

— Sim. — Lazarus olhou, observando os soldados. — Thorne cumpriu a parte dele.

— Você duvidou do meu rei? — perguntou Vaughn, aproximando-se dos dois.

O cavalo de Lazarus parou e, com isso, os outros fizeram o mesmo. Atrás da tropa que avançava, as bandeiras de Ilvas tremulavam ao vento da manhã. Um cavalo relinchou. Com os olhos no horizonte observando os homens de uniforme, notou que, com exceção de Quinn, todos do seu grupo ofegavam com o esforço para chegar até ali. Algo parecia errado. Ele e os outros tinham mesmo conseguido escapar do inimigo?

O cavalo de Quinn se enfiou entre ele e Vaughn quando ela veio para o lado direito dele. Lazarus virou o olhar e a examinou. Os olhos dela, no entanto, permaneceram fixos à frente, suas costas retas.

Seria apenas ela?, Lazarus se perguntou. Algo o incomodava…

Os guardas de Ilvas foram se aproximando, provavelmente para oferecer a assistência que ele havia solicitado a Imogen.

— Algo não está certo. — A voz de Quinn era como seda em seus ouvidos… uma seda manchada de vermelho.

— O quê…

Antes que Draeven pudesse concluir a pergunta, uma flecha foi lançada e voou entre ele e Quinn. A flecha atingiu com perfeição o espaço vazio entre os dois, um aviso da luta iminente.

Quinn soltou um rosnado baixo, pegando as rédeas do cavalo. A criatura relinchou e bateu os cascos, parecendo ainda desconfortável com a cavaleira, mas o corpo de Quinn baixou ao longo das costas do cavalo como se os dois fossem um. Quinn permaneceu indiferente à reação do animal a ela, mantendo-se no controle – um controle que até há pouco tempo ela não possuía.

— Vão! — gritou Quinn. — Se nos agruparmos, seremos um alvo gigante!

De repente, como se todos tivessem acabado de perceber a verdade por trás da flecha lançada, fizeram o que ela disse. Lazarus incitou Bastian a seguir Quinn enquanto ela chutava os flancos do cavalo e mandava a criatura para trás e depois para frente.

— Lazarus! — Draeven chamou.

Lazarus virou a cabeça, respondendo à pergunta não dita do homem.

— Espalhem-se! — gritou de volta. — Esta é a única maneira de chegar a Tritol. Voltar não é uma opção.

Os olhos de Lazarus encontraram os de Dominicus e o mestre de armas assentiu. Ele protegeria Lorraine com sua vida. Não poderiam perder uma especialista em poções e curandeira tão boa.

— Quinn! — O cavalo de Lazarus deu um solavanco ao convergir para ela. — Siga…

— Precisamos atravessá-los — interrompeu ela, os olhos focados. — É o único jeito. — Os tentáculos de medo começavam a escorrer de sua pele, formando-se à sua volta como cobras enroladas para atacar, prontas e dispostas a proteger seu mestre. Como o basilisco.

Outra flecha foi lançada, e Lazarus e Quinn desviaram. Quinn rosnou baixo, o som violento e irritado na garganta. De repente, da mesma forma que o sol nascente iluminava o novo dia, a luz piscou e deixou de existir. Em um momento, os céus estavam rosados no azul da manhã, e no seguinte, um vasto oceano de céu negro se espalhou, descendo sobre eles e bloqueando toda a luz, exceto o que restava para visualizar os inimigos adiante.

Assim como o sol nasceu, a escuridão voltou a cair, conjurando uma premonição do fim que se aproximava de seus inimigos.

Capítulo 36

Sangue na terra

"E assim que as chamas da ascensão te consumirem, você renascerá de novo."

– Quinn Darkova, vassala da Casa Fierté, dobradora de medo e Mestre de Neiss.

Quinn chamou o medo dentro dela, deixando-o escapar e deslizar por sua pele. O poder formigou ao longo de suas terminações nervosas. Naquele momento, tinha quase certeza do que aquilo era… ainda mais após sua conversa com Draeven e as coisas que fez depois disso. Seu controle sobre o medo era quase perfeito. Na verdade, os tentáculos não passavam mais a sensação de serem algo separado, como se fossem uma entidade completamente diferente.

Os tentáculos que corriam ao longo de seus braços e se estendiam pelo céu, escurecendo-o e despertando o medo em seus inimigos, eram naquele instante como qualquer outro membro de seu corpo. O cavalo tremia entre suas coxas, as emoções do animal alimentando seu poder à medida que ela avançava.

Flechas caíram sobre eles em rápida sucessão, forçando-a a desviar algumas vezes ou aumentar a velocidade em outras. Lazarus disparava ao seu lado, o cheiro de sal e desespero como combustível para sua chama. Quinn estremeceu de alegria com o pavor que vinha dos inimigos, subindo em ondas e caindo sobre seus sentidos conforme a dominavam por completo.

A adrenalina em sua forma mais pura inundou seu organismo e, naquele momento, Quinn nunca se sentiu tão viva. Tão poderosa. Ela e Lazarus consumiram a distância entre eles e seus inimigos, e em um choque de metal e o estrondo de um trovão, atacaram. O céu, agora mais escuro que a noite, tornava difícil para a tropa enxergar. Embora carregassem tochas, aquelas chamas laranjas não ajudaram muito quando Quinn passou a espada pelo braço que

segurava uma delas. A chama caiu no solo, o fogo se espalhando quando o cavaleiro soltou um grito angustiado. Quinn já estava partindo para a próxima vítima, cortando e bloqueando os ataques que se aproximavam.

Perdida na névoa da batalha e com sede de sangue, Quinn descobriu aquela parte de si que sempre esteve faltando, então abraçou a sensação.

— Quinn! — O rugido de Lazarus a sacudiu e ela virou para encará-lo no instante em que uma flecha roçou sua bochecha.

Uma linha de sangue desceu até seu queixo. A picada lhe disse que ela havia sido cortada, mas não morta. Não como teria sido se não fosse o grito dele. Precisava ser mais cuidadosa.

Assim que o pensamento lhe ocorreu, dois cavaleiros se aproximaram, encontrando-a de frente. Eles se separaram, tentando alcançá-la pelos flancos e pressioná-la no meio. Quinn agarrou a espada, determinada, ainda que incapaz de impedir que o ataque acontecesse, mas quando passaram por ela, não foi Quinn que atacaram. Foi o cavalo.

Lâminas perversas cortaram as laterais da criatura, fazendo o cavalo tombar para a frente. Ele sacudiu com tanta violência que Quinn não teve chance de se segurar ao ser arremessada. O ar beijou sua pele quando voou das costas do animal e, no momento antes de pousar, viu o mundo em câmera lenta, a luta se intensificando.

Lazarus batalhava com tanta selvageria que ela teve a sensação de que, se estivesse sozinho, seria o único a sair vivo dali. No entanto, Draeven e Vaughn tinham se juntado à briga e enfrentavam vários homens de azul e branco. Eram mais habilidosos que seus atacantes, mas devido ao grande número de inimigos, em breve estariam em apuros – principalmente Dominicus, que lutava sozinho contra sete cavaleiros, e tinha Lorraine encolhida em suas costas o segurando com todas as forças, embora a expressão dela não fosse de terror.

Quinn viu tudo isso em um piscar de olhos antes que seu corpo atingisse o chão em uma intensidade de sacudir os ossos. Ela rolou, tentando diminuir o impulso, mas a dor aguda abaixo de seu abdômen era sufocante. O local que a atormentava na última semana, desde que deixaram Cisea, estava queimando. Quinn cerrou os dentes contra a dor e cuspiu a poeira da boca. Ignorando a saliva tingida de sangue, se levantou.

Cavalos a cercaram no mesmo instante, seus cavaleiros a procurando, assumindo que, por ter caído, estaria fraca.

— Neiss! — gritou ela. Um relâmpago cortou o céu quando sua serpente atendeu ao chamado.

A criatura deslizou de sua pele conforme os cavaleiros se aproximavam. Suas escamas cor de malva eram quase pretas sob o céu sem lua e sem sol que ela criou.

— O que é aquilo?! — Ela ouviu um deles gritar, a voz tingida de pânico.

— Acho que é…

O corpo de Neiss se expandiu, a largura chegando à metade da altura de Quinn. A compreensão do que estava diante deles parecia ecoar nas fileiras. Eles sabiam.

— Basilisco! — gritaram, tropeçando ao recuarem em uma tentativa de escapar da criatura. Porém, era tarde demais.

Nem os cavalos nem os cavaleiros tiveram chance quando Quinn sussurrou seu comando:

— Mate-os.

Com prazer, sibilou a serpente, juntando-se à batalha.

Flechas choveram sobre Neiss, rachando e estilhaçando no impacto. Espadas se chocaram inutilmente contra sua pele quase impenetrável. Foi só depois que dois dos cavaleiros morreram por estarem perto demais do basilisco enquanto ele se movia, esmagando-os sob seu enorme tamanho, que os outros entenderam a dica e começaram a recuar de verdade.

— Ah não, vocês não vão fugir — cuspiu Quinn.

Neiss deslizou, abaixando a cabeça na investida. A ponta do focinho se chocou contra Quinn e ela caiu entre os olhos dele.

Ajoelhe-se sobre mim, disse a ela.

Quinn recuou, lutando com a superfície lisa de suas escamas, mas conseguindo permanecer nela enquanto o basilisco abria as mandíbulas e mordia um arqueiro que mirava em sua direção. Quinn não sentiu nada além de um tipo doentio de alegria vindo de Neiss enquanto ele engolia o homem… com arco e tudo.

Isso não vai doer?, perguntou em pensamento.

É um lanche, jovem, respondeu Neiss, com diversão, ganhando terreno até a meia dúzia de soldados que fugiram e se dirigiram direto para Dominicus.

Atrás deles, ela insistiu e Neiss mergulhou. Desta vez, o impulso foi demais e o corpo de Quinn escorregou. Ela se levantou, e então estava no ar mais uma vez, mas não por muito tempo, percebeu, quando o final da cauda de Neiss envolveu o meio de seu torso, puxando-a. A criatura ganhou vantagem, aproximando-se dos homens quando Quinn percebeu seu erro.

Os animais, ao contrário daqueles que os montavam, sabiam quando fugir de um predador maior. Isso incluía os que carregavam as mesmas pessoas que ela estava tentando salvar.

Quinn se xingou quando o corcel que Dominicus tentava controlar considerou o basilisco como a maior ameaça. Naquele momento, Quinn viu toda a cena com clareza: os olhos arregalados de pânico do cavalo, o balançar de sua majestosa cabeça, e o inimigo adiante, virando um pouco para trás enquanto corriam.

— Neiss — disse ela, com uma voz em pânico. — Me ponha no chão.

A criatura obedeceu no mesmo instante, mas os cavalos continuaram correndo, e com Lorraine de costas para eles, desprotegida. Quinn sentiu algo borbulhar quando Neiss recuou e encolheu. Sabia o que Quinn precisava, mesmo quando ela não podia dizer.

Faça o que for preciso, minha senhora, disse, retornando para ela em um piscar de olhos e mais uma vez escorregando sob sua pele.

Ninguém prestou atenção nela quando um dos arqueiros parou e mirou. Ninguém além dela viu quando a flecha voou, e desta vez não havia vento errante para deslocá-la. Um grito saiu de seus lábios quando Quinn tentou avisá-los.

Porém, já era tarde demais. O dano que ela sem querer tinha causado custaria caro.

A flecha perfurou a carne de Lorraine e a túnica branca que ela usava escureceu quando o sangue escorreu. Seus olhos se encontraram ao longo da grande distância enquanto o rosto de Lorraine se contorcia de dor e ela gritava de surpresa e agonia. Dominicus contornou o cavalo, seus instintos captando a angústia da mulher, mas era tarde. A ação não podia ser desfeita.

O tempo desacelerou. Congelou. Parou por completo.

Quinn sentiu algo sombrio e destrutivo fervendo por dentro. Cerrou os punhos quando vários atacantes enfim notaram que ela havia chamado o basilisco de volta. Os olhos deles se concentraram no local em que Quinn agora estava completamente sozinha. Lazarus e Draeven estavam longe. Vaughn estava envolvido em sua própria luta e Dominicus corria para ajudar uma Lorraine ferida. Eles vieram atrás de Quinn quando aquele sussurro de algo antigo e muito sombrio despertou.

Quinn soube, enquanto seu lado queimava e a deixava em chamas, que ela estava certa em se perguntar esse tempo todo.

Os atacantes se viraram contra ela e Quinn levantou as mãos. Gavinhas de medo fluíram de sua pele e da deles, entrelaçando-se. Cerca de duas dúzias de homens que ainda restavam notaram quando os fios pretos começaram a se torcer e girar.

— Vocês a machucaram — sussurrou Quinn. A escuridão dentro dela atingiu seu ponto de ruptura e ela sabia que não haveria retorno se o fizesse. Um chicote estalou ao longe e Quinn congelou.

O tempo parou por apenas um momento. Um mero piscar de olhos.

O chicote estalou de novo e ela viu. Os cavaleiros que perseguiam Draeven e o sorriso cruel que usavam quando o puxaram de seu cavalo e começaram a espancá-lo. Ela viu Lorraine tombar das costas do cavalo quando Dominicus parou, lutando para pegá-la antes dos atacantes. Ela viu Vaughn, mesmo experiente como era, encurralado.

Já o último ela não viu. Lazarus estava às suas costas e ela não conseguia desviar o olhar, mesmo quando sentiu aquele poder sombrio dentro dele emergir, borbulhando.

Quinn não poderia explicar como sabia onde ele estava e o que estava sentindo. Mas ela sentiu, e foi essa *raiva* que a impulsionou.

Um último estalo dividiu o ar, e a barragem que a segurava enfim se rompeu.

— Ninguém machuca meu povo — disse ela, cruel.

Então Quinn Darkova ascendeu por completo.

Capítulo 37

Ascenção

"Quando a única coisa que resta a temer é o próprio medo, você ainda deve fugir, porque ela *vai te encontrar."*

– Lazarus Fierté, Maji sombrio, herdeiro de Norcasta, devorador de almas.

Em todos os lugares que ela ia, ele sabia sem nem sequer precisar olhar. Aquilo transcendia seu campo de visão, mas foi diferente quando algo mudou dentro de ambos, ao mesmo tempo. Ele não sabia o que era até que fosse tarde demais.

Lazarus não viu os sinais até que a gaiola que a segurava se despedaçou com a força bruta de seu poder.

Criaturas das sombras, seres feitos de medo, raiva e desespero, levantaram-se do chão e desceram sobre seus inimigos. Alguns dispararam para o céu, formando asas de obsidiana que cavalgavam no vento inexistente. Outros se transformaram em criaturas mutantes que não se pareciam com nada que ele já tinha visto. A pele deles era tão escura que se destacava do vazio que ela havia deixado cair sobre todos. Essas criaturas não tinham almas ou vontade própria.

Tudo o que eram e sempre seriam eram invenções de sua mente tornadas reais. De alguma forma, Quinn havia transformado os medos daqueles no campo de batalha em seres tangíveis. Eles saltaram do chão, ignorando os cavalos e se concentrando nos homens que já estavam gritando e tentando fugir. A carne foi arrancada de seus ossos e suas roupas rasgadas em pedaços até que houvesse apenas restos do inimigo.

Lazarus contou sessenta almas além das suas quando começou. Quinn eliminou mais da metade deles em minutos.

Ossos, tecidos e armas se espalharam pelo chão, mas nenhum corpo. As

feras que invocou os consumiram com uma crueldade que espelhava ela própria. Quando a carne com a qual se banqueteavam se foi, uma sensação desconfortável se espalhou em seu peito. As criaturas permaneceram, ainda caçando. As bestas de sombras pareciam saber quem era amigo e quem era inimigo, e nunca se aproximavam muito dele. Lazarus se virou, sabendo onde ela estava, trancada numa raiva tão fria que a mais quente das chamas poderia não ser capaz de a derreter.

Ele já a tinha visto brava, presa nas garras da loucura, mas nunca mergulhada tão fundo na raiva de forma que a consumisse. As criaturas que trouxe à vida caíram de joelhos diante dela. As que estavam no céu pousaram no chão e seguiram o exemplo enquanto ela apenas ficou lá, parada. As veias ao redor de seus olhos ficaram pretas, acentuando os contornos de suas maçãs do rosto e os traços de sua face. Os punhos de Quinn permaneceram cerrados ao lado do corpo, e ele podia sentir a batalha interna que ela travava ao tentar puxar de volta a força que acabara de desencadear.

Ela roubou o medo de dezenas para criar seu exército, e esse tipo de poder não seria desfeito tão facilmente. Lazarus sabia disso pelas almas que tomou. Cada um e todos que Quinn incorporasse custariam a ela o mesmo que haviam custado a ele. Precisava chegar até ela antes que o preço a pagar fosse alto demais… antes que a perdesse para sua própria loucura e ira.

— Quinn — chamou, parado no limiar de onde os lacaios dela estavam.

Quinn não respondeu, mas as criaturas se viraram de uma só vez, separando-se para formar um caminho direto até ela. Lazarus tomou isso como permissão suficiente para que não o destruíssem, embora seus passos fossem lentos ao adentrar na massa. Os olhos cor de lavanda das criaturas brilhavam, observando com lábios entreabertos e línguas igualmente escuras que lambiam os dentes, como se salivassem por um pedaço dele também.

Mesmo enquanto se autodestruía por dentro, Quinn os mantinha sob rédea curta. Thorne o avisou disso, que ela voltaria diferente e que o tipo de capricho violento que poderia ter seria devastador em comparação com o que ele já havia lidado. Lazarus não tinha dado ouvidos a Thorne porque achava que a conhecia melhor do que ele. Bem, ele estava ouvindo agora.

A última das criaturas das sombras se afastou e ele parou diante dela. Quinn não se moveu, não se contorceu enquanto mantinha todos eles nesse reino sombrio que ela criou a partir de nada além do medo nos corações dos seus inimigos.

— Quinn — sussurrou, procurando em sua expressão por algo, qualquer coisa que pudesse lhe dizer como fazer aquilo. — Preciso que os mande embora agora, dobradora de medo — rosnou, pensando que talvez o comando pudesse tirá-la do transe.

Seus olhos deslizaram na direção dele. Refletido ali, havia uma espécie de crueldade fria, uma que Quinn usava tão lindamente.

— Quem é você para me comandar? — perguntou ela com uma voz distante. Algo se agitou em seu olhar azul. Um poder que espreitava lá no fundo, com tanta fúria que Lazarus sabia que os comandos não funcionariam desta vez. Precisava ser cuidadoso.

— Não é um comando. É um pedido.

— Por quê? — Ela nem piscou com as palavras dele, só inclinou a cabeça para o lado. — Gosto bastante das minhas criaturas. São parte de mim. São… *meus.*

Lazarus mordeu o interior da bochecha, enfim entendendo não apenas a visão de Claudius, mas os avisos de Draeven e Thorne, assim como sabia sem sombra de dúvida que Quinn havia ascendido. Se tivesse que adivinhar o momento, diria que foi na fonte. Agora fazia todo o sentido ela quase ter morrido. Quinn já estava vazando magia, não porque não conseguia segurar, mas porque os deuses a estavam drenando para ver se era forte o suficiente para conter todo o seu poder. Ela tinha conseguido. Quinn sobreviveu não apenas a isso, mas à pedra.

Todos os sinais estavam lá se ele soubesse o que procurar, se suspeitasse de algo. No entanto, Lazarus não fez nada disso e agora lhe custaria caro se não pudesse trazê-la de volta.

— Eles são seus — disse, arrastando as palavras. — Assim como o basilisco. Porém, ao contrário do basilisco, essas criaturas não possuem uma alma, Quinn. Estão usando centelhas da sua para permanecerem assim, e se você as segurar por muito tempo, podem querer mantê-las — falou com palavras seguras, firmes e baixas. Ditas apenas para os ouvidos dela. — Você tem que se agarrar à sua alma, o que significa que precisa tirar esses pedaços da posse delas.

— Como você sabe? — perguntou ela, seus lábios se separando.

— Porque eu vejo almas e eles só possuem a sua.

Os lábios de Quinn voltaram a se unir. Ela parecia ponderar suas

palavras.

— Por que você quer que eu tenha uma alma? É para que possa tirá-la de mim?

Algo se retorceu dentro dele por um momento, fazendo seu sangue disparar e suas palmas suarem. Levou apenas um segundo para perceber que era ela manipulando seus medos.

Comandá-la não estava funcionando; ser gentil também não. Lazarus precisava tentar uma abordagem diferente, algo que ela não poderia distorcer.

— Sinto seu medo, Lazarus. Você se preocupa que um dia não poderá resistir e vai acabar a tomando — disse Quinn, parecendo indiferente ao que exatamente essas palavras significavam. — Não me diga que não. *Eu sei.*

Não é real, ele disse a si. *Ela está te manipulando.*

Lazarus respirou fundo e tentou conter o pânico crescente. Ao erguer uma mão para a lateral do rosto dela, as sobrancelhas de Quinn se uniram, o menor toque de clareza em sua expressão. Então os dedos dele se fecharam em seu cabelo lavanda, agarrando-o com firmeza e puxando sua cabeça para trás. Lazarus se inclinou e sussurrou uma verdade que nunca quis dar, mas que ela precisava ouvir.

— Você está certa. Temo perder o controle com você. — Seus lábios roçaram a mandíbula dela e ele a sentiu estremecer. — Porque eu *quero* você… muito mais do que sua magia. — A respiração dela falhou e ele sentiu aquele poder recuar enquanto outra coisa avançava. — Odeio que o poder que exerce sobre essas criaturas seja o mesmo que tem sobre mim, porque se fosse qualquer outra pessoa eu *esmagaria* se ousasse agir assim comigo. Você é uma mulher cruel e perversa.

Lazarus fez uma pausa, os lábios quase tocando os dela.

— Porém, você é a única que eu acho que me entende de verdade. Você abraça a escuridão, como eu — continuou. — Você brinca com as feras que ninguém ousaria tocar. É destemida e *magnífica* como é… e é por isso que temo perder o controle. Se eu tomasse sua alma, você não seria nenhuma dessas coisas. Portanto, você precisa dessas peças de volta, para que não se torne apenas uma criatura.

Quinn virou a cabeça somente uma fração, mas foi o suficiente para que seus lábios encontrassem os dele. Ela congelou quando ele separou os dela.

Lazarus grunhiu e o som pareceu tirá-la da beira de um ponto sem retorno. Os lábios de Quinn pressionaram contra os dele, e ele fechou a mão em seus cabelos enquanto ela o beijava com fervor. Um por um, os pedaços começaram a voltar para ela. Ainda assim, ele a beijou. Incapaz de se conter. Incapaz de se afastar da beira do abismo conforme respirava o cheiro dela e envolvia a mão em sua garganta. Incapaz de negar a si o ato possessivo. Fraco demais para afastá-la, mesmo quando sentiu os últimos pedaços de sua alma deslizarem de volta.

As mãos de Quinn agarraram as tiras que seguravam as armas dele e puxaram, pressionando-o contra si. Sempre cuidadoso, calculista e controlado, Lazarus jogou a cautela ao vento e a deixou agir. As unhas dela roçaram o pano da sua túnica, arranhando com muita força para ser acidental. Quinn mordeu seu lábio inferior, arrancando um gemido dele. *Pelos deuses*, ele se amaldiçoou. Sua língua brincava com a dele, perversa e enlouquecedora como a própria mulher. Lazarus apertou de leve a garganta de Quinn e ela gemeu. Ele passou o outro braço em volta de sua cintura, puxando-a para mais perto…

Uma trompa soou do outro lado, vindo de Tritol. A mudança nela foi instantânea quando o empurrou com uma força que antes não possuía.

— Mentiroso — rosnou, gavinhas saindo dela como fumaça ao levantar a mão e cerrar o punho.

Um pavor absoluto o invadiu. A fatalidade iminente se instalou em seu estômago enquanto a ansiedade subia por sua garganta, seus joelhos ameaçando desabar.

— Quinn, não menti para você…

Ela puxou o poder com mais força e o ar deixou os pulmões dele quando o terror cravou as garras em seu peito. Imagens de coisas terríveis encheram sua mente, coisas pavorosas.

— Você tentou me distrair — disse ela, com a mesma voz sem emoção. — Não cometerei esse erro outra vez.

— Quinn — gemeu ele, quando um lampejo de prata chamou sua atenção. Ela ergueu a adaga acima da cabeça, pronta para atacar. — Não faça isso.

— Que Belphor te abrace, Lazarus — sussurrou.

Porém, já era tarde demais.

Capítulo 38

Axe

"Tudo tem um custo, quer você escolha pagá-lo ou não."

– Quinn Darkova, vassala da Casa Fierté, dobradora de medo e Mestre de Neiss.

A mão dela parou, a adaga pairando acima do corpo caído de Lazarus. A escuridão a controlava, aquelas gavinhas sombrias de medo sussurrando coisas doces aos seus ouvidos. Disseram a ela que não podia confiar em ninguém, que tudo terminaria em correntes. Quinn não seria uma escrava. *Nunca mais.* Morreria antes de seguir esse caminho.

Mas matar Lazarus… mesmo quando eles a pressionavam repetidamente, algo a segurou. Algo a fez deter a mão, mesmo quando o bater dos cascos se aproximava. Ela não queria esfaqueá-lo.

Matar ou ser morta, disseram a Quinn, aqueles tentáculos mortais se alimentando da raiva dentro dela.

Seu braço tremeu com o esforço de permanecer imóvel e não fazer o que ordenavam. O suor escorria por suas têmporas, traçando a linha de sua mandíbula antes de cair. Ainda assim, ela lutou. Batalhou com tudo o que tinha contra seus próprios demônios.

Não serei escrava de nada. Quinn falava sério, e isso incluía o próprio medo.

O medo era a sua droga. Seu vício. Ele lhe dava poder, mas ceder a ele também o tirava, e Quinn não podia permitir isso.

— Você. Não. Me. Controla! — gritou ela quando a adaga começou a

escorregar de seus dedos. Seus olhos se arregalaram no momento em que uma mão apertou seu pulso. — O quê…

Sua raiva foi drenada, deixando-a tonta. Cambaleou por um momento, seu olhar subindo por um braço bronzeado para encontrar os olhos violetas do homem de cabelos claros que a deteve.

— D-draeven? — gaguejou, sua magia se estabelecendo de uma vez, sem mais raiva para alimentá-la.

A mandíbula de Draeven ficou tensa e a contração de seu olho lhe disse que ele batalhava contra algo quando soltou a mão dela e recuou.

— Drae…

— Não — suspirou Lazarus. Ele rolou de lado antes de se levantar. — Draeven roubou sua raiva para impedi-la de fazer algo que acabaria com nós dois, mas os demônios que você enfrentou agora estão nas costas dele. Deixe-o lidar com eles sozinho.

Lazarus estendeu a mão para pará-la e ela se maravilhou com aquilo por um momento, olhando para Draeven e depois para a mão que a tocou.

— Você tem medo de mim agora? — perguntou a ele. O vazio que ela criou começou a se quebrar em pedaços e cair antes de desaparecer por completo, permitindo que a luz intensa de um novo dia os banhasse.

Lazarus desviou o olhar de Quinn para o sol nascente e os cavaleiros que se aproximavam.

— Acho que não teria medo de você mesmo que me matasse, Quinn — respondeu, e por um momento Quinn ficou tensa. — Há muitas coisas que sinto por você, mas medo não é uma delas.

Quinn abriu a boca, sem saber o que dizer. Então permaneceu parada, em silêncio, quando ele começou a caminhar em direção à meia dúzia de pessoas que se aproximavam. Seu andar descontraído a manteve à distância enquanto ela olhava de volta para Dominicus, que carregava Lorraine, e Vaughn se arrastando logo atrás.

Os cavalos pararam diante de Lazarus e o grupo permaneceu tenso por um momento antes que a pessoa na retaguarda se aproximasse. O corcel em si era uma fera, mas a garota em cima dele poderia ser arrancada de lá com um sopro. Se não fosse pelo cabelo ruivo flamejante trançado com contas e tecidos,

ela dificilmente mereceria atenção. Seu rosto era jovem, bem mais do que Quinn, mas observando o grupo e os ossos ao redor, seu olhar era o de alguém muito além de sua idade.

— Vocês têm cinco segundos para me dizer quem, pelo reino das trevas, pensam que são para travar uma guerra fora da cidade da minha mãe — falou a jovem em ilvanês, uma língua que Quinn conhecia.

Por outro lado, parecia que Lazarus não o entendia ao responder:

— Viemos de Cisea para falar com Imogen. Eu sou Lazarus Fierté, amigo de Ilvas.

A garota estreitou os olhos e, assim que Quinn abriu a boca para dizer algo, ela sorriu.

— Lazarus — disse ela, em um norcastano muito melhor do que Vaughn poderia falar. O sotaque era quase indistinguível. — Ela está esperando por você. Thorne das montanhas enviou uma mensagem, mas estávamos lidando com uma pequena situação de Norcasta que você teve a gentileza de resolver para nós. — Ela deu a ele um olhar de avaliação. — Diga-me, quem você trouxe para a cidade da rainha pirata?

— Eu sou Vaughn — disse o guerreiro, antes que Lazarus pudesse responder, e Quinn percebeu que isso o irritou.

— Emissário de Cisea, presumo? — perguntou ela, sugando o ar entre os dentes enquanto ele assentia.

— Dominicus é meu guarda e, como pode ver, Lorraine, uma de minhas vassalas, foi ferida e precisa urgente de um curandeiro — disse Lazarus.

A garota fez um gesto com a mão e um dos soldados desmontou para ajudar Dominicus e Lorraine.

— Patch e Poppet — disse ela. — Vocês vão com eles então. Certifiquem-se de que ela receba a ajuda que precisa e avise à minha mãe que nossos convidados chegaram.

Dois dos cavaleiros se afastaram da formação e escoltaram Dominicus até a cidade à distância.

— E quanto a esses dois? — perguntou a jovem, acenando com um machado, que Quinn não havia notado antes, na direção dela e de Draeven.

— Draeven é meu braço esquerdo e segundo em comando — respondeu Lazarus com firmeza.

— Ele não era para ser seu braço direito?

— Ele é muito gentil para ser meu braço direito.

A garota considerou isso por um momento antes de assentir.

— E você? Você vem dos cretinos hipócritas do outro lado da fronteira, não é? — A antipatia dela por N'skara ficou clara pela severidade com que apertou os lábios.

— Ela está comigo…

— Isso é óbvio — respondeu a garota, interrompendo-o.

Quinn se aproximou, guardando a lâmina antes de voltar sua atenção para a garota.

— Eu sou Quinn, o braço direito dele — afirmou.

Acima, um pássaro, preto como o vazio que ela havia criado, abriu as asas e lançou uma sombra sobre ela. Quinn apertou os olhos, colocando a mão sobre a testa para enxergar através da claridade quando a besta virou a cabeça e soltou um grasnido tão alto que até os deuses deviam ter ouvido. Quinn franziu a testa quando uma única pena prateada flutuou no vento antes da criatura virar para o oeste. Em direção à N'skara. Em direção à casa dela.

Quinn olhou de volta para a jovem ruiva, que apenas piscou e depois sorriu com arrogância.

— Eu sou Axe, filha adotiva de Imogen, a rainha pirata. Estou ansiosa para ouvir tudo sobre como você se juntou ao próximo rei de Norcasta.

Continua…

Sobre a Autora



Kel Carpenter é mestra em werdz. Quando não está lendo ou escrevendo, ela está viajando pelo mundo, importunando amorosamente seu coautor e passando tempo com sua família. Ela está sempre em busca dos bons tacos e da melhor pizza. Ela mora em Maryland e tenta desesperadamente evitar o trânsito.